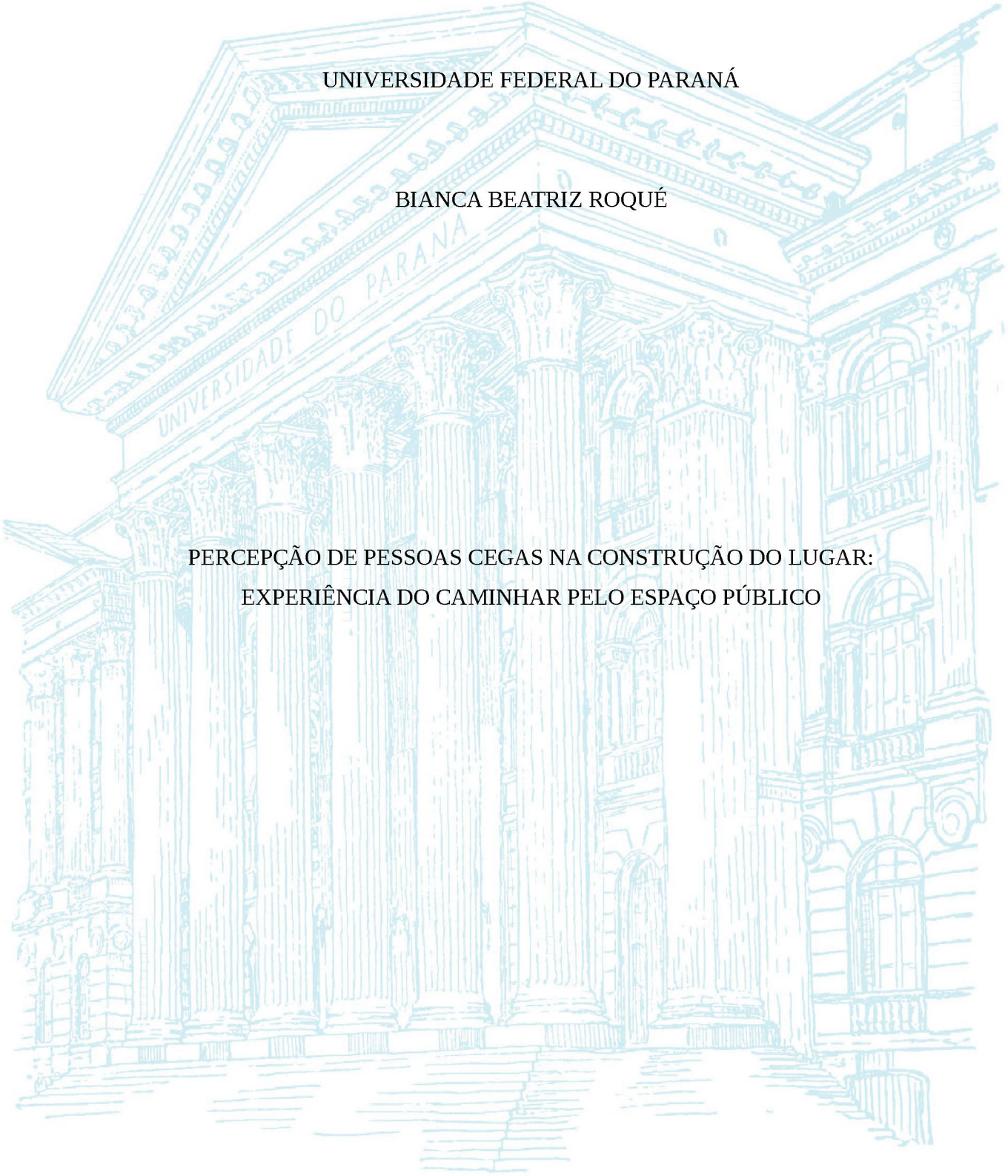
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BIANCA BEATRIZ ROQUÉ



PERCEPÇÃO DE PESSOAS CEGAS NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR: EXPERIÊNCIA DO CAMINHAR PELO ESPAÇO PÚBLICO

CURITIBA

2020

BIANCA BEATRIZ ROQUÉ

PERCEPÇÃO DE PESSOAS CEGAS NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR: EXPERIÊNCIA DO CAMINHAR PELO ESPAÇO PÚBLICO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Doutorado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Filla Rosaneli

CURITIBA
2020

Catalogação na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

R786p Roqué, Bianca Beatriz
Percepção de pessoas cegas na construção do lugar: experiência do caminhar pelo espaço público [recurso eletrônico] / Bianca Beatriz Roqué – Curitiba, 2020.

Tese - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-graduação em Geografia.
Orientador: Prof. Dr. Alessandro Filla Rosaneli

1. Espaços públicos. 2. Pessoas cegas. 3. Imagens mentais. I. Universidade Federal do Paraná. II. Rosaneli, Alessandro Filla. III. Título.

CDD: 711.55

Bibliotecária: Roseny Rivelini Morciani CRB-9/1585

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **BIANCA BEATRIZ ROQUE** intitulada: **PERCEPÇÃO DE PESSOAS CEGAS NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR: EXPERIÊNCIA DO CAMINHAR PELO ESPAÇO PÚBLICO.**, sob orientação do Prof. Dr. ALESSANDRO FILLA ROSANELI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 24 de Junho de 2020.

Assinatura Eletrônica
24/06/2020 17:07:12.0
ALESSANDRO FILLA ROSANELI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
24/06/2020 17:09:23.0
LETÍCIA CAROLINA TEIXEIRA PÁDUA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI)

Assinatura Eletrônica
24/06/2020 17:05:43.0
MARCOS ALBERTO TORRES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
25/06/2020 21:20:16.0
PAULO RICARDO ROSS
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - DEPLAE)

Assinatura Eletrônica
24/06/2020 15:25:15.0
SYLVIO FAUSTO GIL FILHO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador Alessandro Filla Rosaneli, por toda dedicação durante quatro anos em seu árduo trabalho de ensinar a produzir pesquisas e desenvolver outros trabalhos no laboratório. Agradeço também a todos os membros do Observatório do Espaço Público e demais laboratórios que participei: o Labfeno, coordenado pelo professor Adriano Holanda, e ao Latecre.

Agradeço a Capes , pois "o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001", o que possibilitou a dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos professores da minha banca de qualificação Paulo Ross, Marcos Torres e Sylvio Fausto que contribuíram para o aprimoramento de meu trabalho. Ao professor Roberto Filizola que permitiu meu estágio a docência.

Aos membros do GHUM, pelas conversas com Lívia de Oliveira, Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Virgínia Palhares, Jamile Lima, Hugo Marandola, que contribuíram formal ou informalmente com este trabalho. Especialmente a professora Letícia Pádua, que aceitou o convite para a participação da banca de defesa.

Aos meus amigos da UFPR, Cláudia Deina, Carol Bilhalva, Marcinha Alves, Flávio Lima, Rodrigo Cuevas, Reginaldo Corrêa, Elcio Skulni, José Luiz Carvalho, Gabi Bortolozzo, Júlia Gesser, Renata Klos, Clotilde Zai, Vânia Rodrigues, Lauro Moraes, Marina Ferreira, Denise Caxias, Ricardo Silveira, Cadu Cinelli, José Maria, Wagner Gabardo que tornaram meus dias mais felizes em momentos de estudo, conversas e confraternização.

Ao Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica (CAPA) da UFPR e todas as pessoas que ajudaram na revisão de meus textos com um trabalho tão comprometido e atencioso. A Marcela do mestrado em Informática, que recuperou meus arquivos.

Aos participantes da minha pesquisa, sem os quais meu trabalho não seria possível.

Aos funcionários da UFPR Alexandra, Adriana e Zem, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Helô e Zezinho, da Secretaria do curso de Graduação em Geografia e a Gilse, do Comitê de Ética, obrigada pela paciência e simpatia em todas as vezes que fui tirar dúvidas.

Em especial ao Tiago Vieira Cavalcante, que além de estar ao meu lado, auxiliou nas correções, nas discussões e acompanhou o desenvolvimento de meu trabalho com tanto carinho.

Eu ando pelo mundo
Prestando atenção em cores
Que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo
Cores!

Passeio pelo escuro
Eu presto muita atenção
No que meu irmão ouve
E como uma segunda pele
Um calo, uma casca
Uma cápsula protetora
Ai, Eu quero chegar antes
Pra sinalizar
O estar de cada coisa
Filtrar seus graus

(Adriana Calcanhotto, 1992)

RESUMO

A Geografia, enquanto ciência que estuda o espaço geográfico, pode compreendê-lo a partir dos sentidos humanos, como audição, olfato, paladar, tato e visão. Esta forma de conceber o espaço, que considera as subjetividades, já vem sido discutida desde a institucionalização da disciplina, porém, ainda encontra-se marginalizada. Nas últimas décadas, alguns geógrafos buscaram evidenciar as dimensões sensíveis do espaço, as quais denominamos aqui como Geografia Sensível. Considerando o sentido da visão como hegemônico em grande parte das culturas, a pesquisa com pessoas cegas permite focar a atenção nos demais sentidos. Nesta pesquisa, busca-se compreender a partir da fenomenologia como pessoas cegas percebem e formulam imagens mentais a partir de seus sentidos remanescentes ao caminhar pelo espaço público, e, assim, constroem o Sentido de Lugar. O conceito de Lugar é discutido, buscando evidenciar alguns elementos que o definem. Os trajetos apresentam a perspectiva do Lugar enquanto movimento, fluidez, sendo este concebido não somente enquanto pontos ou áreas, mas também enquanto linhas. A experiência do lugar resulta em sentimentos topofílicos, topofóbicos, ou até de lugares sem lugaridade. Vê-se, portanto, que lugares não são vistos apenas como espaços felizes. Quanto mais experiências são vivenciadas nos lugares, mais cria-se familiaridade, o que implica na criação de laços afetivos. Os espaços públicos podem ser considerados a essência das cidades, e são locais de encontro, por excelência. Entende-se que os lugares também são as pessoas, que, espacializadas, afetam e são afetadas por outrem. Através da pesquisa empírica, busca-se a imersão no cotidiano dos participantes, tanto em relação ao trajeto imaginado, quanto ao vivenciado, acompanhando-os no momento em que caminham. Como resultados, são geradas crônicas urbanas a partir das narrativas, convidando, assim, o leitor a percorrer os caminhos trilhados e a participar das experiências vivenciadas ao longo da pesquisa. Para complementar, são apresentadas ilustrações cartográficas vinculadas a fotografias de pontos citados pelos caminhantes. Com isto, pretende-se demonstrar que as percepções e imagens mentais ajudam a formar o Sentido de Lugar.

Palavras-Chave: Percepção. Imagens Mentais. Pessoas cegas. Espaços Públicos. Sentido de Lugar.

ABSTRACT

Geography, as a science that studies the geographic space, can understand and approach it from the human senses, such as hearing, smell, taste, touch and vision. This way of conceiving space, which considers subjectivities, has been discussed since the discipline was institutionalized, but it is still marginalized. In the last few decades, some geographers have tried to highlight the sensitive dimension of space, which we call here as *Sensuous Geography*. Considering the sense of vision as hegemonic in Western culture, research with blind people allows us to focus our attention on the other senses. In this research, we seek to understand from a phenomenological perspective how blind people perceive and formulate mental images from their remaining senses when walking through public space, and, thus, build the Sense of Place. The concept of Place is discussed, seeking to highlight some elements that define it. The paths present the perspective of the Place as movement, fluidity, being conceived not only as points or areas, but also as lines. The experience of the place results in topophilic or topophobic feelings, or even feelings of placelessness. It is observed, therefore, that places are not only seen as happy spaces. Affective bonds are created through experience; the more one lives in a given place, the more familiarity is attached to such place. Public spaces can be considered the essence of cities, and are meeting places, par excellence. It is understood that places are also people, who, spatially, affect and are affected by others. Through empirical research, we seek immersion in the participants' daily lives, both in relation to the imagined path and to the experience, accompanying them while they walk. As a result, urban chronicles are generated from the narratives, thus inviting the reader to walk the paths and participate in the experiences lived throughout the research. In addition, cartographic illustrations linked to photographs of points mentioned by walkers are presented. With this, we intend to demonstrate that perceptions and mental images help to form the Sense of Place.

Keywords: Perception. Mental images. Blind people. Public spaces. Sense of Place.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR EM ÁREAS URBANAS…….... 103
FIGURA 2 – TOPOFILIA, TOPOFOBIA E LUGAR SEM LUGARIDADE……..… 114
FIGURA 3 – TRAJETOS DA PESQUISA PERCORRIDOS NO CENTRO DA CIDADE... 178
FIGURA 4 – CROQUI DO TRAJETO DE LUA...……..……. 202
FIGURA 5 – MAPA DE PALITOS DE SORVETE……...……... 206
FIGURA 6 – IMAGEM MENTAL DE LUA…….. 207
FIGURA 7 – CROQUI DO TRAJETO DE MARIANO……...…….. 222
FIGURA 8 – IMAGEM MENTAL DE MARIANO…… 224
FIGURA 9 – CROQUI DO TRAJETO DE LILIANE…….…… 233
FIGURA 10 – IMAGEM MENTAL DE LILIANE……. 235
FIGURA 11 – CROQUI DO TRAJETO DE ALICE……. 242
FIGURA 12 – IMAGEM MENTAL DE ALICE…… 244
FIGURA 13 – CROQUI DO TRAJETO DE BÁRBARA ANTES DO ÔNIBUS…….. 249
FIGURA 14 – CROQUI DO TRAJETO DE BÁRBARA APÓS O ÔNIBUS…… 250
FIGURA 15 – IMAGEM MENTAL DE BÁRBARA…….. 252
FIGURA 16 – PERCEPÇÃO, IMAGEM MENTAL E SENTIDO DE LUGAR……. 265

SUMÁRIO

ANTES DA PESQUISA, UMA PESQUISADORA.....11
CONTRIBUIÇÕES DE CAMINHANTES CEGOS PARA A GEOGRAFIA HUMANISTA 15
1 GEOGRAFIA SENSÍVEL E SUAS ORIGENS NA ESTÉTICA.....21
1.1 A GEOGRAFIA INSTITUCIONALIZADA E A ESTÉTICA NA LINHA AMBIENTAL.....25
1.2 A GEOGRAFIA NORTEAMERICANA E A ESTÉTICA NA PERSPECTIVA SUBJETIVA 30
1.3 PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DOS SENTIDOS EM PESQUISAS RECENTES. .37
1.3.1 Visão e cegueira: a hegemonia cultural de um modo de ser.....48
1.3.2 Abertura ao mundo das nuances sonoras.....54
1.3.3 Odores que pairam no ar sem fronteiras.....63
1.3.4 O sentido do corpo inteiro.....68
1.4 GEOGRAFIA E SENTIDOS: POR UMA ESTÉTICA DOS LUGARES.....75
2 IMAGENS MENTAIS: A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR.....80
2.1 A ESCALA DA PERCEPÇÃO E DAS IMAGENS MENTAIS.....86
2.2 IMAGENS MENTAIS DE PESSOAS CEGAS.....91
2.3 TRILHAS E DESLOCAMENTOS: LOCALIZAÇÕES E REFERÊNCIAS.....98
2.4 TOPOFILIA, TOPOFOBIA E LUGAR SEM LUGARIDADE: AFETAÇÕES.....109
2.5 A FAMILIARIDADE COM O LUGAR.....115
2.6 O LUGAR NA EXPERIÊNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.....121
2.7 OS LUGARES SÃO TAMBÉM PESSOAS: AS RELAÇÕES SOCIAIS.....132
3 FENOMENOLOGIA: TEORIA E MÉTODO.....140
3.1 RELAÇÕES DA TEORIA COM A PESQUISA.....145
3.2 IMPLICAÇÕES ÉTICAS DA PESQUISA.....148
3.3 CAMINHOS E PASSEIOS ACOMPANHADOS: A METODOLOGIA.....152
3.4 CRÍTICAS AO MÉTODO DE KEVIN LYNCH E A BUSCA DE SUPERAÇÕES.....158
3.5 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....162
3.5.1 Lua e as cores da imaginação.....163
3.5.2 Mariano: minha cegueira é a cegueira das ruas.....165
3.5.3 Liliane contando histórias da vida.....167
3.5.4 Alice: um longo trajeto para os estudos.....169

3.5.5 Bárbara e seu mundo tecnológico.....171
3.6 DA CRÔNICA URBANA AO CROQUI.....173
4 CARTOGRAFIAS PESSOAIS DAS EXPERIÊNCIAS.....177
4.1 ENTRE ÁGUAS DE CHAFARIZES E A TRAVESSIA DO MAR.....179
4.1.1 A imagem mental antes e depois do trajeto: O que ficou da experiência.....203
4.2 A CONSTANTE CONSCIÊNCIA ESPACIAL.....208
4.2.1 O trajeto mental de Mariano.....223
4.3 NO MEIO DO TRAJETO, UMA BREVE VISITA À IGREJA.....225
4.3.1 As impressões do trajeto na memória.....234
4.4 COTIDIANO CRONOMETRADO E O ENCONTRO COM DESCONHECIDOS.....236
4.4.1 Depois de muito tempo, Alice se lembrou.....243
4.5 TRAJETOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS MEDIADOS POR ESPAÇOS VIRTUAIS.....245
4.5.1 Imagem mental do percurso a pé.....251
4.6 ENTRE EMPIRIA E TEORIA: OS ENTRELAÇAMENTOS.....253
ESSÊNCIAS DA EXPERIÊNCIA DE UMA TESE.....260
REFERÊNCIAS.....266

ANTES DA PESQUISA, UMA PESQUISADORA

> Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 2).

Por trás de uma pesquisa, existe uma pessoa que pesquisa. Que tem histórias, desejos, fantasias, devaneios. Que chora, ri e já viveu tantas experiências na vida quanto as que irão influenciar na pesquisa. A ciência, como propõe os moldes racionalistas: objetiva, imparcial, isenta… não existe (DARTIGUES, 2008, p. 60). Toda pesquisa que se diz objetiva parte de um pesquisador, que é constituído por subjetividades. Porém, tais constatações não implicam em um trabalho sem rigor científico. O cotidiano, as narrativas das experiências, das descrições de um mundo percebido e vivido, partilhado pelo *alter ego*, estão em conformidade com a proposta epistemológica de Merleau-Ponty, o retorno às origens para conhecer. Esqueçamos, por um momento, todos os autores estudados, as teorias formuladas, as aulas da universidade, e vivamos! Caminhar pelas ruas, conversar sobre amenidades, ouvir, cheirar, sentir. Mas esqueçamos apenas por um momento. A suspensão não significa rejeitar ou invalidar. Depois, retornamos aos livros e é hora de pensar, refletir. Assim, pode-se construir uma pesquisa com suporte da fenomenologia.

Toda pesquisa acadêmica pode ser ancorada em justificativas que possuem três dimensões: a científica, a social e a pessoal. Na primeira, o pesquisador colocaria o estado da arte sobre o tema, ou seja, realizaria uma busca de trabalhos já desenvolvidos e apontaria lacunas científicas, provando que seu trabalho pode suprir essas lacunas. Na segunda, o pesquisador apontaria a importância de dar um retorno à sociedade com sua pesquisa científica. Já na justificativa pessoal, envolvem-se as emoções, as paixões, a subjetividade do pesquisador. Esta última mostra o quanto o pesquisador estaria envolvido com aquilo que pesquisa e o fator motivacional de pesquisar.

Portanto, a trajetória pessoal influencia nas escolhas científicas e justifica as escolhas de pesquisa, ainda mais em se tratando de uma pesquisa fenomenológica. Assim, antes de iniciar a tese, permita-me uma breve apresentação, em primeira pessoa e linguagem informal, dos caminhos de vida que conduziram à pesquisa, entre histórias e geografias, tempos e espaços que se entrelaçam e cruzam as entrelinhas das páginas a seguir.

Em 2002, iniciei o curso técnico em Turismo com habilitação em Guia de Turismo Regional pela Escola Municipal Tancredo de Almeida Neves, em Ubatuba – SP. A atuação como guia de turismo não é uma mera repetição de conhecimentos sobre a cidade e seus atrativos turísticos. Conduzir grupos de diversas idades, níveis de ensino e regiões do país exige uma explanação sobre aspectos ecológicos, sociais, históricos e geográficos da cidade, com uma linguagem adaptada ao tipo de público e ao objetivo da visita. A criatividade na elaboração do roteiro torna as informações interessantes, desperta o interesse do grupo de uma forma que a visita torne-se prazerosa, divertida e lúdica. Além disso, os guias de turismo têm uma relação intrínseca com a cidade, por ser seu lugar de vivência, de relações de pertencimento. A atividade de guia de turismo assemelha-se a de um professor, com a diferença de o trabalho ser desenvolvido fora de sala de aula, caracterizado pela educação não-formal. Muitas dessas visitas tinham fins educacionais, quando escolas contratavam o trabalho do guia, com o acompanhamento das professoras, para tratar de assuntos específicos. Assim, surgiu em mim o interesse pela pesquisa em Educação.

Não sou geógrafa, mas espero ser um dia. Sou graduada em Administração com Habilitação em Turismo e Hotelaria, na Universidade de Taubaté, campus Ubatuba. Minha orientadora de iniciação científica, Juliana Bussolotti, graduou-se em Artes Cênicas e fez mestrado em Ciências Ambientais. Por coincidência, também cursou doutorado em Geografia, após eu ter me graduado. Na Iniciação Científica, elaborei um projeto para construir uma maquete da cidade inteira de Ubatuba em escala 1:50.000, com 6 metros de comprimento por 3 de largura, utilizando papelão, jornal, cola, areia e tinta. O trabalho envolveu alunos de escolas públicas de várias séries, com saídas de campo aliadas ao processo de ensino-aprendizagem, identificando, na maquete, os trajetos percorridos. Essa maquete permaneceu no Centro de Informações Turísticas, em exposição, servindo como localização e obra artística, com cartazes demonstrando todo o processo de construção.

Estagiei no Parque Estadual da Ilha Anchieta, onde havia um presídio que funcionou de 1908 a 1954 e, naquela época, moradores se instalaram nas vilas civis e militares ao seu redor. No ano de 1952, houve uma grande rebelião, na qual morreram muitas pessoas. Todos os anos, no dia 20 de julho, é realizado um evento denominado “os filhos da ilha”, quando são reunidos todos os antigos moradores que sobreviveram à citada rebelião. Nesse evento, era realizado um trabalho de pesquisa para resgate da memória coletiva, em que as pessoas formavam uma roda e contavam

histórias da época em que lá moravam, seus hábitos, suas vivências. As conversas eram gravadas, transcritas e depois analisadas. Durante meu período de estágio, eu ajudei a desenvolver essa pesquisa, o que despertou em mim o interesse pela investigação científica sobre Cultura e Memória.

O mestrado em Geografia foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), sob orientação do professor Sandro Pitano, que é geógrafo, mas enveredou pelos ramos da Educação em seu mestrado e doutorado. Minha dissertação foi desenvolvida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na qual analisei a concepção dos bolsistas quanto ao uso de maquetes no processo de ensino-aprendizagem da Geografia a partir de suas percepções em sala de aula. Ofereci uma oficina de maquetes aos bolsistas, que, após confeccionadas, foram levadas para mediação das aulas. Cada participante relatou sua experiência antes, durante e após a utilização das maquetes como recurso didático.

Durante meu mestrado, fui convidada pela professora Rosa Elena Noal, da Universidade Federal de Pelotas, a compor um grupo de ministrantes para o curso de formação de professores em Cartografia Tátil, quando passei a, além de ministrar aulas, desenvolver pesquisas teóricas e empíricas com alunos com deficiência visual. O grupo era composto por professores de diversas áreas, como Pedagogia, Geografia, Artes Visuais, Psicologia. Durante o planejamento do curso e das aulas, aprendíamos uns com os outros. Eu era responsável por ministrar as aulas de confecção de maquetes, mas aprendi com a equipe a ler e escrever em Braille e a lidar com pessoas com deficiência visual. Confeccionávamos materiais e íamos ao Instituto Louis Braille, escola para pessoas com deficiência visual, praticar com os alunos. Muito mais que ensinar, aprendemos. E daí surgiu o interesse em dar continuidade à carreira acadêmica trabalhando nessa área.

Em 2013, ingressei para o curso de graduação Licenciatura em Geografia, e também para o PIBID, não mais como pesquisadora, mas como bolsista, quando desenvolvi atividades de iniciação à docência. Fui aprovada no processo seletivo de mobilidade acadêmica para estudar um semestre na Universidade de Coimbra, em Portugal, com a bolsa de estudos Santander. Tive a oportunidade de cursar a disciplina de Geografia Cultural, quando encontrei referências do arquiteto Kevin Lynch, consagrado por geógrafos humanistas-culturais, cuja metodologia utilizo para a pesquisa desta tese.

Ao regressar, realizei outro semestre de mobilidade acadêmica na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde, ao cursar disciplinas da área de Educação, conheci o professor Paulo

Ross, que realiza pesquisas na área de deficiências, principalmente na de Deficiência Visual. Passei a desenvolver pesquisas em parceria com o professor, tendo a oportunidade de conhecer várias pessoas com deficiência visual na cidade de Curitiba. Não concluí a graduação em Geografia, mas pretendo dar continuidade ao curso. Primeiro, pelo orgulho de poder declarar-me geógrafa. Segundo, porque, apesar de a academia pregar tanto a ideia de (inter) (trans) (multi) disciplinaridade, os editais dos concursos ainda exigem que as pessoas se enquadrem nas caixinhas da formação acadêmica.

Ingressei no Doutorado na Universidade Federal do Paraná, em 2016. Meu orientador do doutorado, Alessandro Filla Rosaneli, é arquiteto e urbanista. Ao cursar sua disciplina, de Espaços Públicos na Metrópole contemporânea, decidi que esse seria o recorte da pesquisa. Como dizia o poeta Vinicius de Moraes, "a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida". Os autores das páginas a seguir fundamentam que o espaço público é, por excelência, o lugar do encontro. Além do mais, promove a autonomia e liberdade do caminhar enquanto prática que cria vínculos, conquista espaços que se transformam em lugares.

Retomando as histórias e geografias da pesquisadora: tantas pessoas, tantos tempos, tantos espaços, tantas áreas de conhecimento. No que isso resultou? Talvez em uma visão mais ampla do mundo. As mudanças, as convivências, sacodem a consciência, tiram da zona de conforto e impelem a uma reorganização das verdades construídas.

A experiência relatada até o momento resulta na atual proposta de pesquisa: as relações de pertencimento com a cidade, que se traduzem em termos de lugar e topofilia, as coletas de narrativas, transcrições e análises que permitem estar em contato direto com as pessoas, os estudos em percepção, os conhecimentos na Cartografia Escolar, a multidisciplinaridade, que possibilita a busca do conhecimento em diversas áreas, e o enfoque Humanista-Cultural, compõem os capítulos a seguir.

Certo dia, em uma de suas aulas, em disciplina que cursei na UFPR como aluna especial antes de ingressar para o doutorado, o professor Sylvio Fausto Gil Filho disse que a fenomenologia é saltar de um penhasco sem paraquedas, e não saber onde vai cair. A partir daquele momento, tive a certeza de que gostaria de trabalhar com essa abordagem. Adoro aventuras, explorações e descobertas. Gosto de me arriscar no desconhecido. Eis aqui o meu salto.

CONTRIBUIÇÕES DE CAMINHANTES CEGOS PARA A GEOGRAFIA HUMANISTA

> Que elementos da cultura, da sociedade e do ambiente físico afetam as habilidades espaciais e o conhecimento das pessoas? Que condições encorajam as pessoas a experienciar seu meio ambiente e ter consciência dele ao ponto de procurarem captar sua essência em palavras e mapas? (TUAN, 2013, p. 101)

O Espaço Geográfico, objeto de estudo da Geografia, não é apenas aquilo que é mensurável, palpável, tangível. Muito além dos aspectos materiais, o espaço é composto por aspectos não capturáveis pelo olhar. Os sons, os cheiros, as texturas, as lembranças e as imaginações estão presentes no modo como cada pessoa percebe os espaços.

Na Geografia, os estudos que consideram esses aspectos mais subjetivos ainda carecem de conquistar seus espaços, agora, não mais no sentido conceitual, mas no sentido figurado. Essas questões já são levadas em consideração desde a institucionalização da Geografia enquanto ciência. Porém, ainda hoje, sobretudo na Geografia brasileira, há um rol de temáticas consideradas Geografias Marginais (KOZEL, 2013).

Sendo a visão um sentido hegemônico em grande parte das culturas, busca-se compreender como ocorre a percepção de pessoas cegas, as quais, a partir de seus sentidos remanescentes, vivenciam experiências nos espaços públicos da cidade e constroem o seu sentido de lugar. Assim, considera-se que as percepções consistem no momento presente em que se tem contato com os objetos, com o mundo. Em momento posterior, quando se presentificam as recordações das experiências, conceitua-se como imagens mentais, e esse é um dos possíveis caminhos para se investigar o sentido de lugar. As pessoas cegas também percebem, constituem imagens mentais e são afetadas pelos lugares onde transitam e, portanto, essas imagens mentais não necessitam ser visuais, bem como o conceito de lugar não requer o sentido da visão.

Ao pensar no conceito de lugar, um dos geógrafos mais referenciados é Yi-Fu Tuan. Na década de 1970, o autor impulsionou estudos na, então recente, Geografia Humanista, e seu legado perpetuou no tempo e no espaço. As transformações ocorridas no mundo configuraram hodiernas lugaridades e espacialidades. Novas mentes pensantes, contextualizadas em outras situações, passaram a reconfigurar o conceito, que está em constante transmutação, assim como o mundo. Tuan tinha como característica de suas obras “uma procura para encontrar os sentidos universais nas experiências particulares” (PÁDUA, 2013, p. 15). No excerto apresentado na

epígrafe, o autor não especifica a cultura, a sociedade, o ambiente físico e as pessoas a quem dirige seus questionamentos. A tarefa das pesquisas de experiências particulares fica a cargo dos inúmeros exemplos citados por ele, advindos de estudos realizados por outros pesquisadores no mundo inteiro, abrangendo diferentes tempos e espaços, desde as grandes metrópoles até tribos isoladas, desde os tempos mais remotos aos mais recentes.

Cada pesquisa empírica, com seus recortes, encontra como resultados singularidades, subjetividades inerentes a uma realidade própria, uma das diversas facetas que compõem o cenário da vida em pequenas experiências singelas e cotidianas. Nesse contexto, a presente pesquisa, recorte de uma experiência particular específica, pode gerar uma pequena contribuição para discussões teóricas no âmbito da Geografia Humanista e, assim, ajudar a responder as indagações de Tuan. Ao investigar as percepções das pessoas cegas na experiência de caminhar por espaços públicos, demonstra-se como os sentidos, as percepções, as imagens mentais e as experiências auxiliam a refletir nas discussões sobre o conceito de lugar.

As habilidades espaciais e conhecimento das pessoas são constituídas ao longo da vida, pelo acúmulo de experiências, que permanecem retidas na memória, de forma consciente ou inconsciente. Ao recordar lugares, trajetos percorridos, os referenciais e sensações vividos no passado, a experiência é trazida para o presente e ressignificada. Tal presentificação é o que se compreende por imagem mental.

O ambiente físico, recorte espacial da pesquisa, é o espaço público, caracterizado por ruas, praças e parques, lugares de encontro e (con)vivência da diversidade de pessoas que partilham um mesmo ambiente. Lugar da liberdade, do novo, do inesperado, do movimento, das expressões artísticas e arquitetônicas que caracterizam a identidade das cidades.

Um dos elementos da cultura e da sociedade predominantemente urbana é caracterizado pela hegemonia do sentido da visão expresso nos meios de comunicação, na linguagem, nas formas arquitetônicas, nos modos de vida. Tal fato pode resultar em dificuldades para a pessoa com deficiência visual desenvolver suas habilidades espaciais e sociais.

A pesquisa empírica, portanto, compreende em solicitar que pessoas cegas relatem seus trajetos cotidianos por espaços públicos, evidenciando assim suas imagens mentais. Depois, acompanhar pessoas cegas por esses mesmos trajetos, questionando as percepções obtidas por seus sentidos remanescentes, buscando, dessa forma, “captar sua essência em palavras”, como propõe Tuan na citação da epígrafe.

A partir das delimitações apresentadas, a tese é dividida em 4 capítulos que se complementam, tecendo o desenho da pesquisa, que parte das percepções, discorre sobre a formulação das imagens mentais a partir de percepções, apresenta a metodologia e a pesquisa de campo, para, por fim, compreender como se constrói o sentido de lugar a partir do caminhar por espaços públicos.

O primeiro capítulo, relacionado ao estado da arte, busca investigar as origens da Geografia Sensível, tradução proposta para o termo em inglês *Sensuous Geography*, demonstrando como o conceito foi pensado desde Kant até os dias atuais. Os estudos sobre sentidos possuem uma relação com o conceito filosófico de Estética. Assim como uma das vertentes da Estética é a atração ou repulsão pelas obras de arte, propõe-se uma Estética dos Lugares, de modo que tal conceito contribua para pensar a atração ou repulsão que as pessoas constroem pelos espaços. É apresentado um aporte teórico sobre o que se entende por percepção e as subseções enfatizam cada um dos sentidos e suas relações com a cidade.

Somente nas últimas décadas, têm-se, efetivamente, dedicado pesquisas empíricas para investigação das relações dos sentidos e do sensível com as cidades. Sobre a visão, busca-se apontar como se contrapõe à cegueira; em relação à audição, apontam-se os sons percebidos nos espaços públicos e como esses auxiliam no processo de orientação; os sentidos do olfato e do paladar foram atrelados, denominados olfato-gustativos, considerando que, ao sentir cheiros de alimentos, são provocadas sensações gustativas, apesar de não enfatizar esse sentido na pesquisa. Por fim, o sentido do tato mostra que está relacionado ao corpo todo, cuja pele que recobre intermedeia o contato com todo o ambiente, e a sola dos pés, ainda que calçada, percebe o chão.

Em cada um desses subcapítulos são citados alguns exemplos de trabalhos já realizados, sem a intenção de ser levantado o estado da arte de cada um. Ao final do capítulo, é possível concluir que, desde os primórdios da institucionalização da ciência geográfica, geógrafos de diversas correntes teóricas apontam para a importância de uma perspectiva mais sensível sobre os espaços. Sendo assim, a palavra sentido possui uma dupla acepção: o de sentir fisicamente, com os órgãos dos sentidos, e o de atribuir significados às percepções.

O segundo capítulo busca responder como pessoas cegas formulam as imagens mentais na experiência de caminhar por espaços públicos. O processo cognitivo inicia pelos sentidos, transforma-se em percepção e, depois, em imagens mentais. As imagens mentais, formuladas da cidade ao caminhar pelo espaço público, contribuem para conformar a experiência do lugar. Tais

imagens não precisam ser, necessariamente, visuais, visto que todos os sentidos contribuem para essa composição perceptiva. Podem, portanto, ser criadas a partir dos sentidos remanescentes das pessoas cegas. Algumas falas das pessoas participantes da pesquisa já aparecem nesse capítulo, a fim de exemplificar a teoria, apesar de a pesquisa de campo ser apresentada mais adiante. Todos os nomes dos participantes são fictícios e foram escolhidos por eles próprios.

Nesse capítulo, discute-se também o conceito de escala. Na Geografia, esse conceito adquire duas ramificações. A escala cartográfica refere-se às escalas dos mapas, o número de vezes que o espaço real foi dividido para ser representado. Já a escala de análise refere-se à abrangência da área de estudo em uma pesquisa: mundial, nacional, regional, local, até a escala do corpo, que são as pessoas compreendidas enquanto espaço. Além dessas possibilidades, discute-se aqui a escala da percepção. Alguns sentidos são de longo alcance, como a visão e a audição. Outros são de curto alcance, como o tato. Dessa forma, as imagens mentais formuladas a partir das percepções também possuem escalas. É possível presentificar um pequeno objeto, totalmente apreensível pelo tato, ou pensar em uma cidade repleta de estruturas, pessoas e movimentos. As imagens mentais ocorrem de súbito e sintetizam todas as experiências anteriores a um só instante e, nesse momento, pode ser encontrada a essência do sentido de lugar.

Pesavento (2007, p. 21) afirma que “não há memória que se efetive sem o recurso às imagens mentais. O que vemos e que constitui imagem graças ao órgão da visão — a imagem visual, portanto, fruto de um dos sentidos básicos do ser humano”. A autora atribui a formação de imagens mentais ao sentido da visão, pensamento partilhado pelo senso comum. No presente trabalho, demonstra-se a importância de outros sentidos, sem diminuir a importância do sentido da visão. Percebe-se que tal hegemonia não possui um status científico, mas é culturalmente construída. Assim, ao deixar de lado as verdades preconcebidas, são abertos caminhos para repensar novas possibilidades de apreciação do mundo.

A presente análise procura desvendar sentido de lugar a partir do sentimento de afetividade, vinculado aos conceitos de topofilia, topofobia ou lugar sem lugaridade. A partir desse capítulo, é possível concluir que o ato de caminhar por espaços públicos cotidianamente contribui para o exercício da liberdade humana, em seus aspectos físicos e mentais. Cria, portanto, um elo da pessoa com o espaço percorrido que conforma o sentido de lugar a partir da mobilidade humana. Para Santos (2013, p. 3), “o deslocamento nos diferentes espaços proporcionará ao indivíduo cego estímulos da memória e da organização espaço-temporal, a fim

de propiciar maior interação com a sociedade, evitando o seu isolamento e oportunizando movimentos do corpo." Além disso, afetividade, relacionada ao conceito de lugar, não adquire apenas uma conotação positiva. A palavra afeto não é relacionada tão somente à afetividade, mas também à afetação, podendo ser de maneira positiva, negativa ou neutra.

O terceiro capítulo aponta as teorias e metodologias de pesquisa de campo a partir de uma aproximação com a fenomenologia, que busca compreender as vivências e experiências humanas. O método denominado *passeio acompanhado* consiste em caminhar pelos espaços públicos junto com os participantes da pesquisa, em seus trajetos cotidianos, e conversar sobre suas percepções. Após a transcrição e análise das conversas, são escritas crônicas urbanas e desenhados croquis que identificam os pontos nos trajetos referenciados pelos participantes da pesquisa, associando-os a fotografias dos locais. Os resultados gerados a partir dessas metodologias são apresentados no quarto capítulo. Assim, convida-se o leitor a percorrer junto os caminhos trilhados e a participar das experiências vivenciadas ao longo da pesquisa. As percepções de mundo são subjetivas, mas, apesar de serem individuais e específicas, podem ser partilhadas pela intersubjetividade, excluindo um caráter solipsista e abrindo a possibilidade para uma objetividade que se dá no particular.

Há possibilidade de investigar narrativas de pessoas cegas em fontes primárias (pesquisas empíricas) e secundárias, como em filmes, documentários, artigos científicos, blogs, literatura e pesquisas empíricas de outros trabalhos científicos, descrições textuais, notícias de jornal. Mesmo que o cinema e a literatura sejam espaços imaginários, são formas de linguagens que ajudam a tecer um imaginário de lugares onde nunca se pisou. Dessa maneira, é possível buscar, nesses relatos, narrativas de outras pessoas que expressam suas formas de perceber o mundo.

Tais fontes secundárias podem fazer parte de uma primeira fase da pesquisa prévia exploratória, conduzindo o pesquisador a uma aproximação com o tema. Ao tomar contato com tais materiais, a imersão no mundo da pessoa cega cria, no imaginário das pessoas videntes, uma aproximação, permitindo a tomada de conhecimento de outras perspectivas de apreciação do espaço. Tuan (2012, p. 78; 2013, p. 200) aponta a literatura como uma forma de expressar diferentes visões de mundo, sem qual as experiências de outro modo passariam desapercebidas.

O diálogo entre a base teórica e os textos não científicos é colocado no mesmo plano, de forma a enriquecer os conceitos com exemplos do mundo vivido. A cegueira e a baixa visão convocam outro modo de se mover e se relacionar com o espaço. Nesse sentido, Pozzana e

Kastrup (2017, p. 371) propõem possibilitar à pessoa cega que "experimente o movimento, com seus ritmos e extensões pelo espaço, perceba obstáculos e aberturas no contexto, [...] para criar corporalmente confiança no mundo, produzindo assim uma aprendizagem efetiva, um conhecimento corporificado".

No contexto da pesquisa, vale destacar dois artigos que se aproximam da presente proposta ao abordarem a cegueira, Geografia, Fenomenologia e percepção dos espaços públicos, escritos por geógrafos pouco conhecidos. O primeiro é da geógrafa Miriam Helen Hill, intitulado *Bound to the environment: Towards a phenomenology of sightlessness*, publicado no livro *Dwelling, place and environment towards a phenomenology of person and world*, organizado por David Seamon e Robert Mugerauer, no ano de 1985. A autora é professora do Departamento de Geociências da *Jacksonville State University*, Alabama.

O segundo é o artigo do geógrafo Cook Pow, intitulado *"Sense and sensibility": social-spatial experiences of the visually-impaired in Singapore*, publicado no ano 2000. O autor é professor do Departamento de Geografia da *National University of Singapore*, Singapura. Ambos os artigos demonstram que tais temáticas não são uma discussão inédita na Geografia, já foram pensadas em âmbito internacional há mais de 20 anos.

O objetivo geral desta tese é compreender as percepções e imagens mentais de pessoas cegas que caminham por espaços públicos e refletir sobre a construção do sentido de lugar. Os objetivos específicos são: i) investigar as origens da Geografia sensível e apontar exemplos de trabalhos já desenvolvidos, ii) compreender como as pessoas cegas formulam imagens mentais e constroem o sentido de lugar, iii) propor metodologias para compreender as percepções e imagens mentais sobre os espaços públicos da cidade. Assim, defende-se a tese de que a partir da diversidade de percepções e sentidos que conformam imagens mentais, é constituído o sentido de lugar.

Nos espaços públicos, pessoas que andam desatentas, imersas em si, estabelecem frouxos laços afetivos com o ambiente que as rodeia, com as cidades. Ao chamar a atenção para detalhes e nuances singelos que compõem o cenário vivido e habitado cotidianamente, é possível revelar fenômenos antes despercebidos. No atual contexto histórico e político, em que muitas pessoas demonstram-se tão insensíveis, violentas, frias e desumanas, acredita-se que tais discussões possam abrir um caminho para que os sentidos e as sensibilidades permitam um (re)pensar sobre as práticas humanas que impactam e são impactadas, nos âmbitos material e simbólico.

1 GEOGRAFIA SENSÍVEL E SUAS ORIGENS NA ESTÉTICA

> Ao estudar o encaixe entre o sensível e o social, atualizar os esquemas de percepção cultural, escrever uma história das sensibilidades, tirar as medidas do espaço vivido, desenhar uma arquitetura pelas sensações, revisitar o lugar dos sentidos no pensamento filosófico ou fazer cair por terra a percepção comum através da performance artística, sempre haverá referências à experiência e se dará atenção especial aos registros sensoriais. (THIBAUD, 2012, p. 3)

A hegemonia do sentido visual atribuída pela sociedade reflete-se na ciência. O conceito de espaço geográfico, bem como seus derivados (paisagem, lugar, território, região), são usualmente discutidos a partir de uma perspectiva imagética, que dá ênfase às formas em detrimento de uma perspectiva mais ampla, que englobe todos os sentidos fisiológicos (visão, audição, olfato, paladar), levando em conta os significados simbólicos, relativos aos sentimentos suscitados ao serem afetados pelo ambiente circundante.

Dornelles (2015) é uma pessoa cega, mestre em Geografia. Ao seguir a carreira acadêmica e constatar que a visão permeava a construção dos conceitos acadêmicos, dedicou-se a demonstrar como essa prática exclui diferentes formas de sentir o mundo, construindo conceitos a partir da maneira de pensar essencialmente visual. O autor mostra como Elali (2010) conceitua as barreiras vivenciadas a partir da cegueira: barreiras físicas, sociais e atitudinais. Acrescenta ainda a barreira conceitual, demonstrando como a ciência também é imbuída de preconceitos e causa a exclusão social. Seria a Geografia uma ciência essencialmente visual? Para se tornar um geógrafo, é imprescindível dispor da visão?

Na Universidade de Coimbra, uma das mais antigas do mundo, exige-se, como pré-requisito para ingressar no curso de Geografia, que se disponha da visão[1]. Os próprios conceitos geográficos adquirem uma certa conotação visual. No Brasil, não existe esse pré-requisito, porém, implicitamente, a academia é revestida de preconceitos. Tuan (1979, p. 413) admite que "perhaps geographers take the supremacy of the eye for granted. Blindness makes a geographical career virtually impossible, whereas it presents no insurmountable barrier to wisdom. "[2]

[1] Informação disponível em: http://www.uc.pt/candidatos-internacionais/oportunidades/1ciclo/pre-requisitos/Pre-requisitos-cursos.pdf

[2] Talvez os geógrafos tomem como certa a supremacia do olho. A cegueira torna uma carreira geográfica virtualmente impossível, ao passo que não apresenta uma barreira intransponível para a sabedoria.

Ainda que as discussões sobre os sentidos na ciência geográfica sejam marginalizadas, não são recentes. Desde a década de 20, do século passado, alguns teóricos já apontavam a relação entre as pessoas e os ambientes, nas quais as percepções humanas que derivam dos sentidos exercem um papel primordial para compreender a maneira como as pessoas podem afetar e serem afetadas pelos espaços.

O presente capítulo tem por objetivo traçar um panorama geral sobre como espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia, foi analisado esteticamente, a partir de autores e temas que discutem e/ou aplicam a percepção e os sentidos humanos na formulação de suas pesquisas na Geografia e em outras áreas de estudo em comum, buscando identificar as raízes dessas discussões, bem como trazer exemplos a respeito de suas repercussões nos trabalhos atuais. A abordagem humanista e fenomenológica considera as percepções das pessoas para a análise espacial, constituindo uma relação, uma via de mão dupla em que o fenômeno está no entremeio percebido-percipiente, e não somente um espaço *em-si*, desprovido de alguém que lhe possa atribuir significados. Como afirma Dardel (2015, p. 8), "esse espaço material não é, de forma alguma, uma "coisa" indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar".

Pode-se afirmar que existe uma aproximação entre Geografia e Filosofia, já que as explorações sobre os sentidos humanos têm origem no conceito filosófico de Estética, termo cunhado pelo alemão Alexander Gottieb Baumgarten (1714-1762), em 1735, definido como "ciência do conhecimento sensível" (FIGURELLI, 2007, p. 13-14). Almeida (2000) aponta que a trajetória da estética inicia com uma teoria do belo, passa pela teoria do gosto e culmina com a filosofia da arte, esta última, com julgamentos, sentimentos e valores. Para o autor, os objetos estéticos provocam em nós uma experiência estética e resulta em juízos estéticos. Porteous (1996) traz a origem da palavra Estética e aponta sua relação com a percepção sensível:

> The word 'aesthetics' derives from the Greek aisthanesbai, 'to perceive' and aisthea 'things perceptible', as contrasted with things immaterial. Hence the Oxford English Dictionary is correct in defining aesthetics as knowledge derived from the senses'. A related definition, that of the philosopher Kant, regards aesthetics as 'the science of the conditions of sensuous perception'.[3] (PORTEOUS, 1996, p. 19)

[3] A palavra 'estética' deriva do grego aisthanesbai, 'perceber' e aisthea 'coisas perceptíveis', em contraste com as coisas imateriais. Por isso, o Oxford English Dictionary está correto ao definir estética como conhecimento derivado dos sentidos. Uma definição relacionada, a do filósofo Kant, considera a estética como 'a ciência das condições da percepção sensível

Entretanto, Madenfort (1974, p. 5) evidencia que o termo Estética não se aplica somente ao conhecimento sensível, "*Though this is the predominant meaning of the term, it has been put to other uses; especially in talk about art when the reference is to 'formal' or 'artistic*.'"[4]. O objeto de estudo da Estética é, predominantemente, arte, uma das formas de expressão dos sentimentos humanos. As investigações em relação à estética englobam tanto o estudo dos objetos artísticos quanto os efeitos que provocam nos observadores.

A Estética é a área da Filosofia que estuda racionalmente o belo e o sentimento que desperta nas pessoas. Os tipos de valores pelos quais os objetos são julgados, na filosofia são o belo, aquilo que causa atração, e o feio, aquilo que causa repulsão. A princípio, o conceito de Estética é associado somente ao belo. Mas Name (2010, p. 175) lembra que há "uma desmesurada e não admitida valorização do sentido estético da paisagem, que se resume à noção de beleza – esquecendo-se que uma paisagem pode ser 'esteticamente repulsiva'", sendo possível, portanto, associar a Estética também ao feio. Apesar de a arte ser um dos objetos de estudo da Estética, não significa que é o único.

Nota-se, aqui, que a palavra "sentido" possui uma dupla acepção: a primeira, dos sentidos humanos fisiológicos (visão, audição, tato, olfato, paladar, entre outros), percebida com os órgãos dos sentidos; a segunda, de atribuir significados às percepções, de modo a ser afetado pelos ambientes circundantes. Para Rodaway (2002, p. 5), "a ambiguidade do termo "sentido" - referindo-se a órgãos sensoriais específicos (sensação) e construções mentais mais amplas (significado) - é também um relacionamento entre a experiência imediata e a extrapolação metafórica"[5].

Ainda que se aponte a Estética relacionada aos sentidos, vale ressaltar que existem ramificações da Estética. Porteous (1996, p. 22) denomina essa diferença respectivamente por Estética Sensorial e Estética Simbólica, já explicitadas, e acrescenta uma nova, a qual denomina Estética formal:

> A estética sensorial é preocupada com o prazer das sensações que se recebe do Ambiente; preocupa-se com sons, cores, texturas e cheiros. A estética formal está mais preocupada com a apreciação das formas, ritmos, complexidades e sequências do mundo visual. Estética Simbólica envolve a apreciação dos significados dos ambientes que dão prazer às pessoas.

[4] Embora esse seja o significado predominante do termo, foi colocado para outros usos; especialmente em falar de arte quando a referência é 'formal' ou 'artístico'.

[5] The ambiguity of the term 'sense'—referring to specific sense organs (sensation) and broader mental constructs (meaning)—is also a relationship between the immediate experience and metaphorical extrapolation.

A partir dessas diferenciações sobre possíveis análises em Estética, é possível explorar como a temática foi trabalhada nos diferentes paradigmas da Geografia. Até a década de 1960, predominou a corrente positivista, e, a partir da década de 1970, houve a emergência da Geografia Humanista e Cultural (HOLZER, 2016). Sendo assim, a temática da estética e dos sentidos perpassou as duas correntes, mas cada uma analisou a questão sob diferentes enfoques. O livro intitulado *Landscape Aesthetics and Geography* foi escrito pelos autores Kennedy, Sell & Zube (1988), atuantes na universidade do Arizona, sendo os dois primeiros geógrafos, e o terceiro arquiteto. Os autores apontam que a Estética da paisagem foi dividida em um grupo mais "objetivo" e outro mais "subjetivo", também chamada de aproximação experimental ou intuitiva (KENNEDY, SELL & ZUBE, 1988. p. 40-41).

A primeira linha, voltada para a linha ambiental com esforços mais descritivos, atribui a Estética ao ambiente como "exterior" ao indivíduo, como se o espaço fosse dotado de uma Estética independente do observador. Sendo assim, é como se o espaço já possuísse uma estética *a priori*, sendo função do pesquisador a sua análise, prevalecendo o que Porteous classificou como estética formal. Dentre os autores, podem ser destacados Immanuel Kant, Alexander von Humboldt, Vaughan Cornish, Jay Appleton e Carl Sauer (RODAWAY, 2002). Embora muitos autores não abordassem o espaço embasado por uma teoria da Estética, o modo como o espaço era analisado, a partir de uma linguagem repleta de adjetivos, pode ser caracterizado como uma análise espacial Estética. Os conceitos geográficos mais enfatizados sob essa perspectiva foram os de paisagem e ambiente.

A segunda linha, voltada para a percepção humana com influência da fenomenologia, é a da Geografia Humanista, desenvolvida, principalmente, no cenário norte-americano, a partir das décadas de 60 e 70. Essa corrente busca compreender a Estética a partir da percepção das pessoas, ou seja, a partir dos sentidos, e privilegia os conceitos de espaço e lugar. Dentre os autores que se destacam nesse viés, pode-se citar John Kirtland Wright, Anne Buttimer, John Douglas Porteous, Douglas Pocock, Edward Relph, Yi-fu Tuan e Donald William Meinig.

Ao traçar um panorama a respeito de todos os autores supracitados, que imergiram ou tangenciaram a temática, e compreender o modo como empregaram o conceito de estética, é possível pensar nos horizontes da Geografia Sensível, aqui proposta, a partir dos aportes teóricos já consolidados. Ambas as linhas citadas serão detalhadas, respectivamente, nos itens a seguir.

1.1 A GEOGRAFIA INSTITUCIONALIZADA E A ESTÉTICA NA LINHA AMBIENTAL

No debate filosófico racionalismo x empirismo, a primeira corrente afirma que o conhecimento provém de verdades universais e da razão *a priori*, enquanto a segunda alega que deriva da experiência e dos sentidos. O filósofo Immanuel Kant (1724-1804) buscou superar a dicotomia da epistemologia, propondo que o conhecimento é derivado de ambas as fontes. O autor apropriou-se do termo Estética em sua obra *Crítica da Razão Pura* (1991 [1781]), ao conceituar Estética transcendental como "uma ciência de todos os princípios da sensibilidade a priori". Kant já se preocupava em destacar a ambiguidade da dupla acepção da palavra "sensação", já destacada, como aponta Madenfort:

> Kant [p. 39-40] chama a nossa atenção para a confusão muito comum na ambiguidade do termo sensação. Quando nos referimos a sensação para significar um prazer particular, nós estamos nos referindo a algo bem diferente da sensação como o efeito de um fenômeno de um objeto como é passivamente recebido pelo faculdades cognitivas através dos sentidos. Neste último caso, o fenômeno é experienciado como pertencente ao objeto; no primeiro, simplesmente ao assunto. (MADENFORT, 1974, p. 5)

Assim, o termo *Experiência Estética*, designado por Kant (1991), refere-se ao modo empírico como as pessoas percebem o mundo, de forma subjetiva. Já a Estética transcendental, refere-se a uma universalidade que se obtém a partir da experiência empírica, relativa aos prazeres provocados pela percepção do objeto. Ribas e Vitte (2009, p. 111) consideram que "nas páginas de sua Crítica do Juízo, Kant concede o primeiro passo em direção da possibilidade de encontrar o universal no singular mediante a "experiência estética". Kant, na verdade, inventa a estética moderna!".

Com o surgimento da Geografia Moderna, no século XVIII, parte do mundo ainda era desconhecido, ou pouco explorado. Ainda que os geógrafos viajantes não abordassem a Estética da paisagem de forma conceitual, suas obras científicas descreviam a paisagem com detalhes, atribuindo adjetivos às suas descrições de modo que os sons, as sensações táteis e olfativas estavam presentes de modo quase literário em seus relatos de viagens, enfatizando suas qualidades Estéticas. Dardel (2015, p. 81-82) expõe que "no século XVIII, de onde surgirá a primeira geografia científica, existe uma geografia sentimental e emotiva que, amplificada pela

imaginação, tende para a expressão literária. A geografia como experiência afetiva e desfrute estético, torna-se uma expressão do homem".

Alexander von Humboldt (1769-1859), geógrafo viajante, ávido por explorações, aventuras e descobertas carregava consigo a ânsia de conhecer o mundo e as terras nunca antes exploradas. Para Vitte e Silveira (2010b, p. 613), seus registros utilizaram-se de uma linguagem que misturava o formal científico com o poético artístico e, além de seus estudos sobre os aspectos naturais, dedicava-se à Geografia Humana, considerando que "o homem é meio entre razão e sensibilidade". Sua maneira de fazer ciência "enfatizou a unidade de impressões e emoções produzidas por nosso ambiente físico, bem como a complexidade das interações." (KENNEDY, SELL & ZUBE, 1988, p. 33)[6].

Com a institucionalização da Geografia em algumas cátedras de universidades europeias, no final do século XIX, começam a surgir novos nomes de pesquisadores marcados pela influência de Kant, Humboldt e Ritter. O confronto da Teoria do conhecimento refletiu na ciência geográfica, resultando na divisão da Geografia Geral ou nomotética (que busca a generalização), e na Geografia Regional ou idiográfica (baseado na descrição de singularidades). Cosgrove (1984 p. 17) aponta os principais geógrafos que buscaram os laços afetivos entre a pessoa e o ambiente e serão pormenorizados a seguir:

> Os filósofos e escritores ingleses da estética do século XVIII, baseando-se na teoria psicológica predominante, debateram ferozmente a natureza e as origens dos laços afetivos entre o sujeito consciente e seus arredores naturais visíveis. Seus esforços, que foram ocasionados pelo uso artístico e literário da paisagem, foram continuados na geografia de Humboldt (1948) a Vaughan Cornish (1928) e, mais recentemente, Jay Appleton (1975) e Edward Relph (1976, 1981).[7]

O geógrafo inglês Vaughan Cornish (1862-1948) foi um dos pioneiros a abordar estudos em percepção em Geografia, nos quais destacou a experiência em arte e a apreciação do mundo através dos sentidos interpretado pela mente (RODAWAY, 2002, p. 14). Cornish (1928a; 1928b; 1933b) diferencia a arquitetura de paisagens rurais e urbanas, contrapondo a apreciação visual de ambientes naturais e construídos. Aponta para o planejamento e gestão pública, enfatizando a

[6] emphasized the unity of impressions and emotions produced by our physical surroundings as well as the complexity of the interactions.

[7] Eighteenth-century Enghish philosophers and writers on aesthetics, drawing upon prevailing psycological theory, fiercely debated the nature and origins of the affetive bonds between the concious subject and its visible natural surrounds. Their efforts, which were occasioned by the artistic and literary usage of landscape, have been continued some measure in geography from Humboldt (1948) to Vaughan Cornish (1928) and most recently Jay Appleton (1975) and Edward Relph (1976, 1981).

preservação da beleza cênica, e, entre as alternativas, defende a criação de parques nacionais. Passou a dedicar-se a estudos em estética ambiental no final de sua carreira, na década de 1920. Após focar suas pesquisas em outras linhas temáticas, o autor afirma "eu sou capaz de ver muita beleza no mundo para o qual antigamente meus olhos estavam cegos" (CORNISH, 1933a, p. 306).

Em 1935, Cornish lançou o livro intitulado *Scenery and the Sense of Sight* em que aponta as propriedades de tom, cor, textura, agrupamento e movimento que afetam a percepção humana, resultando na apreciação da beleza do cenário a partir de suas experiências pessoais de viagens. No prefácio de seu livro, Cornish (1935, p. xi) descreve sua obra como "um trabalho puramente analítico de traçar impressões estéticas do cenário para os hábitos inconscientes do olho"[8]. Nessa obra, Cornish apoia-se em suas próprias observações como metodologia de pesquisa e fotografa as impressões sobre os cenários relatadas no livro. Goudie (1972, p. 10) considera que, nesse livro, "as questões colocadas por Cornish são impressionantemente semelhantes aos apresentados por A. von Humboldt em seu ensaio sobre geografia vegetal", e, portanto, recebeu grandes influências de seu precedente.

Jay Appleton (1919-2015) foi um geógrafo britânico, referenciado no âmbito da Geografia Humanista por suas obras *Experience of Landscape*, publicado em 1975, *e The Symbolism of Habitat: An Interpretation of Landscape in the Arts, de* 1990. Na primeira obra, Appleton (1975, p. viii) afirma existir um limite para alterar o ambiente, substituindo o natural pelo artificial, sem que destrua a experiência estética. Os mecanismos que promovem as sensações são inatos dos seres humanos, mas podem ser potencializados pela prática da experiência ambiental. Sendo assim, se a pessoa quiser experienciar o ambiente esteticamente, deve resgatar algo do seu primitivo relacionamento com o habitat.

No terceiro capítulo, o autor trabalha com uma abordagem bio-histórica, na qual elaborou a teoria do prospecto-refúgio em que "sugere simplesmente que os seres humanos experimentam prazer e satisfação com paisagens, na medida em que esses ambientes são percebidos serem propícios para a realização de suas necessidades biológicas" (PORTEOUS 1996, p. 25). A teoria de Appleton também é citada pelo arquiteto Pallasmaa (2013, p. 44), de modo que os sentidos humanos adquirem um caráter instintivo, e exemplifica que "o apelo sensorial e mental do fogo certamente reflete experiências de prazer profundas e primordiais similares". Porteous (1996, p.

[8] the purely analytical work of tracing aesthetic impressions of scenery to the unconscious habits of the eye.

25) aponta que o foco dos estudos de Appleton nessa obra é voltado para paisagens não-urbanas e pré-civilizadas, em que a sensorialidade era utilizada para sobrevivência.

Na segunda obra, escrita 15 anos depois, Appleton (1990) reconhece que a ideia de origem de valores estéticos em outros campos de conhecimento, como encontrados na biologia e no comportamentalismo, causou profundas divergências de opiniões. Assim, o autor volta seus estudos para o simbolismo nas artes e aponta a distinção para os dois tipos de simbolismo na paisagem (APPLETON, 1990, p. xi-xii). A partir de tais afirmações, é possível perceber que, em sua primeira obra, apesar de já haver um incipiente debate sobre a geografia humanista e cultural, o autor apresenta um pensamento determinista e uma visão behaviorista em seus estudos, enfatizando a evolução da sobrevivência humana, embasado em uma abordagem empiricista, na qual critica os modos culturais de apreciação da paisagem. Já na segunda obra, há uma mudança de concepção em consequência do pensamento vigente naquele contexto, sob a significante influência do geógrafo cultural britânico Denis Cosgrove (1948-2008).

Posteriormente, o autor inovou seu pensamento, aproximando-se das discussões atuais em Geografia Humanista e Cultural. Em seu artigo intitulado *Running before we can walk: are we ready to map 'beauty'?*, Appleton (1994) aponta para a possibilidade de cartografar experiências estéticas, provocando seus leitores a avaliarem se estão prontos para mapearem a beleza e os julgamentos qualitativos. Também desenvolveu, em seu artigo intitulado *Nature as Honorary art*, uma metodologia para análise literária de narrativas de filósofos da natureza que utilizam a linguagem como simbolismo, e assim, examina as fronteiras entre as artes e a ciência. Para Cosgrove (1984, p. 18), "A 'geografia Estética' de Vaughan Cornish e a 'teoria do habitat' de Jay Appleton baseiam-se no pressuposto de que a experiência da paisagem é a de percepção individual e resposta a uma cena individual"[9].

Ao deixar de lado o cenário europeu como predominante na institucionalização da Geografia, tal ciência avança para o continente norte-americano, destacando o nome de Carl Sauer (1889-1975). Goudie (1972, p. 1) aponta que Sauer citou Vaughan Cornish como um dos seis 'autores geográficos que "por si próprios forneceriam uma educação geográfica verdadeiramente liberal'". Os estudos em geografia humanista têm suas raízes a partir da Geografia Cultural desenvolvida na Escola de Berkeley, com forte influência positivista. Porém, o próprio Sauer (1983, p. 344) admite que:

---

[9] *Vaughan Cornish's 'aesthetic geography, and Jay Appleton's 'habitat theory' are both predicated on the assumption that the experience of landscape is that of individual perception and response to an individual scene.*

> A melhor geografia nunca deixou de contemplar as qualidades estéticas da paisagem, para a qual não conhecemos outro método que não seja o subjetivo. A "fisionomia" de Humboldt, a "alma" de Banse, o "ritmo" de Volz, a "harmonia" da paisagem de Gradmann, todas estão além da ciência. Estes escritores parecem ter descoberto uma qualidade sinfônica na contemplação da cena territorial procedendo a um noviciado completo em estudos científicos e, ainda, à parte destes. Para alguns, tudo o que é mítico é abominável.

O autor desenvolveu seus estudos voltados para a Estética ambiental, entretanto, em uma fase em que já apontava para a transição de estudos mais subjetivos. Apesar de ter sido enquadrado no presente texto como um representante da Estética ambiental, foi um divisor de águas para a passagem humanista. O autor considera que "há uma morfologia estética do conjunto de formas, uma morfologia Estética da paisagem, frequentemente violada pela civilização" (SAUER, 1963, p. 403-4). Kennedy, Sell & Zube (1988, p. 34) acrescentam que "Sauer forneceu um foco inicial para a tradição de estudos da paisagem na geografia americana. Ele também, no entanto, excluiu a possibilidade de abordar as qualidades estéticas da paisagem de uma maneira racional."

Atualmente, a Estética ambiental não deixou de existir, continua coexistindo com o enfoque mais subjetivo, abordado a seguir. A exemplo, Deborah Dixon, que atua no *Institute of Geography and Earth Sciences*, *Aberystwyth University*, escreveu, juntamente com Hawkins e Straughan o artigo intitulado *Wonder-full geomorphology: Sublime aesthetics and the place of art* (DIXON et. al. 2013) no qual demonstra como a disciplina de geomorfologia pode ser estudada através de um viés artístico, poético, em que os pesquisadores apresentam as belezas da paisagem investigadas por suas percepções corporais. As autoras apontam para um atual retorno dos estudos de Estética na geografia, do qual fazem parte. Na mesma linha, Hawkins e Straughan (2015) publicaram o livro *Geographical aesthetics: imagining space, staging encounters*, que também traça um histórico sobre o tema.

O conceito de Estética é desdobrado em subdivisões, as quais podem ser denominadas: Estética ambiental, Estética da paisagem, Estética da natureza, Estética dos ambientes naturais, Estética dos ambientes urbanos, Estética dos ambientes humanos, paisagens sensoriais (LAW, 2001; RODAWAY, 1994). Diante dessas terminologias, é possível vislumbrar as possibilidades de analisar os espaços sob uma perspectiva Estética, e assim aproximar a Geografia da Filosofia.

1.2 A GEOGRAFIA NORTEAMERICANA E A ESTÉTICA NA PERSPECTIVA SUBJETIVA

Após o final da Segunda Guerra Mundial, iniciaram-se, nos Estados Unidos, estudos que iriam consolidar uma nova corrente da Geografia: a Geografia Humanista. Tal paradigma iria romper com os postulados clássicos, vigentes até então, de uma ciência dura, pautada no positivismo. A Geografia Humanista nasceu a partir de estudos de percepção ambiental e sofreu grande influência da fenomenologia (HOLZER, 2016).

Nessa perspectiva, o foco dos estudos deixou de ser o ambiente, e passou a ser a mente humana. Na prática, significou introduzir um caráter mais subjetivo às investigações, em que a Estética não era mais concebida como uma característica do ambiente, mas conformada pelas pessoas que o percebiam. Assim, os humanistas propunham um olhar mais sensível aos valores humanos em detrimento de uma ciência pautada em uma racionalidade exacerbada, que se utilizava de modelos quantitativos e mecanicistas.

Dentre os autores que se destacam nesse viés, podemos citar John Kirtland Wright, Anne Buttimer, John Douglas Porteous, Douglas Pocock, Yi-fu Tuan e Donald William Meinig. Todos esses autores foram contemporâneos, e alguns ainda permanecem atuantes na carreira acadêmica, ainda que aposentados.

John Kirtland Wright (1891-1969) foi um geógrafo norte-americano, formado na Universidade de Harvard. O autor era mais conhecido por seus trabalhos na área da cartografia e história da geografia americana, no entanto, seu artigo, publicado em 1947, intitulado *Terrae Incognitae: the place imagination in geography*, tornou-o uma grande influência na Geografia Humanista, por sua repercussão.

Nessa publicação, Wright (2014 [1947]) traz o conceito Geosofia, que diferencia o estudo da geografia e o estudo do conhecimento geográfico. Neste último, o autor propõe que não é apenas sistematizado por geógrafos, mas por pessoas de todas as áreas do conhecimento. Como, à época, não havia um termo para designá-lo, no texto, é proposto o termo geosofia, oriundo de “geo”, que significa terra, e “sofia”, que significa conhecimento (WRIGHT, 2014, p. 14). Sendo assim, o autor defende que não há ideias geográficas verdadeiras ou falsas, e, portanto, não faz distinção entre experiências vividas de fato e experiências imaginadas, pois ambas expressam a subjetividade das pessoas na conformação do conhecimento geográfico.

Dentro desse conceito maior, aborda a imaginação Estética. Assim, considera que o papel do geógrafo não é puramente descritivo e racional, mas deve ser tingido por uma subjetividade

intuitiva. Wright alerta que, na Geografia, ela é vista com desconfiança por não ser considerada científica, não possuir funcionalidade e pela falta de habilidade dos geógrafos em dar expressão a sensibilidades. No entanto, o autor refuta todas essas afirmações, defendendo que a imaginação Estética é essencial para o trabalho do geógrafo, pois o modo sensível de apreciar o mundo tece as percepções com fantasias, revelando as impressões dos pesquisadores para seu leitor, de modo a "fazê-lo ver e sentir através de nossos olhos e sentimentos" (WRIGHT, 2014, p. 12).

Anne Buttimer (1938-2017) é uma geógrafa irlandesa. Apesar de não ter focado sua experiência acadêmica em estudos sobre Estética, suas reflexões foram o germe que inaugurou uma nova maneira de pensar a Estética, embasada na fenomenologia e nas questões do corpo, da intersubjetividade e do *espace et le monde vécu*, ou espaço e o mundo vivido, relacionando os sentidos às capacidades simbólicas humanas. Em uma das passagens, Buttimer diferencia as concepções de mundo de pessoas que vivem no Ocidente em relação ao Oriente, apontando para a hegemonia do sentido visual ocidental e para a valorização de faculdades estéticas, emocionais e volitivas de outras civilizações:

> Already, superficial evidence seems to suggest that what sets the West apart from other civilizations in its journey toward wholeness is (a) emphasis on the intellectual and rational; (b) visual perception as somehow more reliable than the other senses; and (c) mythological grounds for a hierarchical conception of power in the design and dynamism of reality. In other civilizations, one finds a blending of the intellectual with aesthetic, emotional, and volitional faculties of understanding wholeness [10] (BUTTIMER, 1985, p. 264-265)

Em algumas publicações, relatou suas experiências pessoais para fundamentar seus aparatos teóricos, e aponta seus sentidos físicos na constituição do sentido de lugar, ao afirmar: "[...] lembro-me da sensação da grama nos pés descalços, os cheiros e sons das várias estações, os lugares e tempos em que eu conheci amigos nas caminhadas, a decadência diária e o fluxo da hora da ordenha, refeições, leituras e pensamentos, dormidas e despertares." (BUTTIMER, 2015 [1970], p. 10). Assim, a autora coloca os fundamentos sensoriais como um dos elementos que compõem a experiência vivida e precedem o conhecimento intelectual:

> Existential phenomenologists have tried to use the phenomenological method to penetrate this lived world context within which experience is construed. They

[10] Já evidências superficiais parecem sugerir que o que diferencia o Ocidente de outras civilizações em sua jornada em direção à totalidade é (a) ênfase no intelectual e no racional; b) percepção visual de alguma forma mais confiável que os outros sentidos; e (c) bases mitológicas para uma concepção hierárquica de poder ao conceber o dinamismo da realidade. Em outras civilizações, encontra-se uma mistura do intelectual com faculdades estéticas, emocionais e volitivas de entendimento da totalidade

> have recognized, too, that lived experience involves more than cognitive understanding, and have explored the vast variety of preconscious, organic, and sensory foundations which precede intellectual knowledge per se. [11] (BUTTIMER, 1976, p. 280)

A autora também se dedicou a pesquisas voltadas para a história da Geografia. Buttimer (2001; 2004) analisou a Estética poética na ciência de Humboldt e apresenta uma tabela com alguns autores filósofos contemporâneos do geógrafo, traça um breve relato sobre suas viagens pelas Américas e apresenta um novo quadro constando os anos, a idade de Humboldt e seus interesses de pesquisa ao longo de sua carreira, mostrando um comparativo com os interesses de Goethe. Buttimer (2001) e Vitte e Silveira (2010a) afirmam que a influência humanista de Humboldt deve-se a seus diálogos com Goethe.

Douglas Pocock, nascido em 1935, é um geógrafo britânico que trabalhou no departamento de Geografia da *University of Durham-UK*. Dedicou grande parte de seus trabalhos a estudos voltados para a geografia literária. Entretanto, também publicou pesquisas vinculadas aos estudos dos sentidos. Pocock (1989) apontou a dimensão sonora, negligenciada nos estudos geográficos dos ambientes estéticos, por causa do domínio do sentido visual. O autor enfatiza que as paisagens sonoras necessitam de um tempo maior para serem apreciadas do que as paisagens visuais. Além disso, traz uma série de exemplos sobre experiências ambientais em que a audição pode captar um fenômeno antes da visão, como a tempestade que se aproxima, os motores dos veículos, o voo de um avião. Com os sons, os lugares podem ganhar uma atmosfera particular. Assim, cria um novo conceito. Como aponta Palhares (2019, p. 43), "todo tipo de som, natural e sintético e variando de lugar para lugar, constitui o que Pocock (1989) denomina de *música da geografia*. O som revela o que está para além das aparências" (grifo do autor).

Em seu artigo, *The senses in focus*, Pocock (1993, p. 11) afirma que "o trabalho sensorial da microescala, há muito atrasado na Geografia, pode levar a mudanças na percepção, no comportamento e, assim, para uma reformulação do nosso mundo.", porém, ressalta que esses estudos ainda são periféricos na Geografia. O autor enfatiza que os sentidos medeiam a relação do ecológico com o espiritual, e provoca a conexão dos seres humanos com o mundo por uma base experiencial, enfatizando a importância desses estudos para a criação de ambientes mais

[11] Fenomenologistas existenciais tentaram usar o método fenomenológico para penetrar no contexto do mundo vivido no qual a experiência é interpretada. Eles têm reconhecido, também, que a experiência vivida envolve mais do que a compreensão cognitiva, e têm explorado a vasta variedade de pré-conscientes, orgânicos, e fundamentos sensoriais que precedem o conhecimento intelectual em si.

humanizados. No discorrer de seu texto, aborda os sentidos sonoros, visuais, táteis e olfativos, citando autores e publicações que contribuíram para essa temática. Porém, Palhares (2019, p. 45) faz a ressalva de que "Pocock se dedicou à visão e à audição na geografia. Os demais sentidos foram apenas mencionados, merecendo aprofundar nas suas reflexões." Ainda assim, o autor foi um dos pioneiros da Geografia Humanista a aprofundar estudos na Geografia sensível.

Edward Relph, nascido em 1944, estudou geografia na Universidade de Londres e, posteriormente, passou a lecionar na Universidade de Toronto, no Canadá. Relph (1976) publicou o renomado livro *Place and placelessness*, com tradução, no Brasil, de Lugar sem lugaridade. No livro, o autor considera que o espaço primitivo, aquele que se desenvolve na infância, é estruturado inconscientemente, a partir das experiências individuais, a partir do movimento do corpo e com os sentidos (RELPH, 1976, p. 9). Para o autor, as sensações são indissociáveis da experiência e cada uma dessas irá influenciar novas experiências vividas, imputando o julgamento de valores estéticos a novos ambientes, a partir das vivências anteriores:

> Mas é claro que coisas como pradarias ou casas não são experienciadas de alguma maneira isolada - intencionalmente meramente direciona a experiência e as experiências reais são compostas por complexas sensações visuais, auditivas e olfativas, circunstâncias e propósitos presentes, experiências e associações passadas, a sequência de desdobramentos de vistas e os vários critérios culturais e estéticos pelos quais julgamos edifícios e paisagens[12]. (RELPH, 1976, p. 17)

Ao dissertar sobre as bases fenomenológicas da Geografia, Relph (1979, p. 8) afirma que alguns fenômenos não podem ser compreendidos somente com a observação, mas é preciso viver, envolver-se com a experiência. E isso é possível pois "através de nossos sentidos estamos ligados ao espaço – nós penetramos e olhamos dentro dele, movemo-nos através dele, ouvimos e cheiramos através dele." Sendo assim, os sentidos são essenciais para compreender estudos que se utilizam da fenomenologia como base.

Quatro décadas depois, em 2016, foi lançado o livro *Place and Placelessness Revisited*, organizado por geógrafos australianos, composto por artigos de diversos autores que desenvolveram trabalhos com aplicações práticas na atualidade, a partir dos postulados de Relph, em sua clássica obra. Relph (2016) renova seu pensamento, no capítulo intitulado *The Paradox of Place and the Evolution of Placelessness*, no qual aponta que o movimento modernista dos

[12] But of course such things as prairies or houses are not experienced in some isolated way – intentionaly merely gives direction to experience and the actual experiences are composed of whole complexes of visual, auditory, and olfactory sensations, present circumstances and purposes, past experiences and associations, the unfolding sequence of vistas and the various cultural and aesthetic criteria by which we judge buildings and landscapes.

anos 50 e 60, baseado nas inovações tecnológicas e na produção em massa, refletiu nos valores estéticos e produziu muitos lugares sem lugaridade, isto é, ambientes nos espaços públicos que repeliam as pessoas, em vez de serem convidativos e aconchegantes. Porém, a partir da década de 90, Relph considera que esse tipo de ambiente inóspito decresceu, de modo a mudar as paisagens das cidades, tornando os espaços públicos mais agradáveis. O autor atribui esse fato às atrações de mobilidade e comunicação, que encontraram maneiras de reconectarem com novos lugares. Sendo assim, reflete em uma outra mudança: a experiência do lugar deixou de ser uma questão de raízes e heranças e passou a ser um modo de maximizar a experiência do lugar.

O geógrafo humanista Yi-fu Tuan nasceu em 1930, na China. Construiu sua carreira acadêmica nos Estados Unidos, sendo considerado, hoje, sino-americano. Aposentou-se na última instituição que atuou, Universidade de Wisconsin, em Madison, mas continua atuando como professor emérito. O autor desenvolveu conceitualmente o termo Topofilia, cunhado por Bachelard. No decorrer de suas escritas, é explícito que a afetividade desenvolvida pelo ambiente está associada aos sentidos, por exemplo, quando o autor afirma que "o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias, e ideias." (TUAN, 2012, p. 161). Assim, Tuan (2013, p. 21) faz o questionamento e arrisca uma resposta: "quais são os órgãos sensoriais e experiências que permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais? Resposta: sinestesia visão e tato". Entretanto, nesse ponto, discorda-se do autor. Todos os sentimentos contribuem para sentimentos intensos, e cada pessoa desenvolve suas preferências por um ou outro, com maior ou menor intensidade.

Pádua (2013) realizou pesquisa sobre suas obras, sua carreira e influência na Geografia Humanista e aponta a Estética e os sentidos como uma das temáticas trabalhadas por Tuan. Dez anos após a publicação da obra Topofilia, o autor requalifica os demais sentidos e reconhece a importância desses na criação de elos afetivos com os espaços, ao afirmar que:

> Audição, olfato, paladar e tato são todos sentidos proximais. Os mundos conhecidos por meio deles tendem a ser aconchegantes e afetuosos. [...] A visão é o nosso mais ativo sentido cognitivo. Também parece ser o menos emotivo – o mais "frio" – dos sentidos, talvez em parte porque o campo visual não nos envolve. (TUAN, 1984, *apud* PÁDUA, 2013, p. 91)

Para ele, os sentidos não são apenas de ordem biológica, mas podem, também, ser influenciados por fatores culturais, pois "[...] embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos similares, o modo como suas capacidades são usadas e desenvolvidas começa a divergir numa idade bem precoce." (TUAN, 2012, p. 30). Isso ocorre devido a forma que são induzidos, desde a infância, a focar suas atenções em sentidos específicos. Por isso, de forma geral, a cultura ocidental valoriza mais o sentido da visão, em detrimento dos demais sentidos. Embora o autor não tenha realizado pesquisas empíricas, embasa-se em múltiplos exemplos de pesquisas realizadas por outros pesquisadores, em diversas culturas, em distintos tempos e espaços.

Em seu livro, intitulado *Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature, and Culture*, o autor inicia a narrativa do primeiro capítulo, que se refere à Estética na vida e na cultura, em tom espirituoso. Para Tuan (1993), o som dos pássaros e a fragrância da manhã são envolventes. Mas, essa fase logo passa, quando se assume as demandas do dia, e assim, o primeiro lugar que transforma o animal em pessoa sociável é o banheiro, onde os cosméticos dão ordem à selvageria dos cabelos. Na cozinha, alimenta-se, e no escritório, as pessoas adquirem outro tipo de expressão facial, gestos e comportamento. Assim, o impulso estético entende como 'sentidos vêm a vida', em diferenças de atenção para suas raízes com a natureza. Logo, a biologia é colorida pela cultura, ao apreciar as belezas e significados do ambiente.

O geógrafo norte-americano Donald William Meinig, nascido em 1924, professor emérito da *Syracuse University*, dedica-se, entre outros temas, a pesquisas na interpretação de paisagens e geografia cultural. O autor aborda a paisagem como lugar e aponta o uso dos sentidos físicos e simbólicos para sua percepção, conceituando que

> É a paisagem como ambiente, que abrange tudo o que vivenciamos e que, como consequência, faz com que o observador cultive a sensibilidade para o detalhe, para a textura, a cor, todas as nuanças das relações visuais, e mais, porque o ambiente ocupa todos os sentidos, também os sons e odores e um inefável sentido de lugar como algo proveitoso. Tal observador procura apreender os aspectos comuns para apreciar o sabor de tudo o que encontra (MEINIG, 2002, p. 44)

Quando aborda a paisagem como Estética, faz uma análise da "qualidade artística" da paisagem, demonstrando como pode ser representada na pintura e afirma que "esta também é uma visão penetrante, que procura os significados que não são expressos em formas comuns. Ela

se apóia na crença de que na paisagem há algo próximo à essência, à beleza e à verdade" (MEINIG, 2002, p. 45).

John Douglas Porteous, nascido em 1943, na Inglaterra, é, atualmente, professor na *University of Victoria*, Canadá, no departamento de Geografia, e dedicou sua carreira majoritariamente a estudos sobre Estética. Porteous (1986a, p. 2) aponta "o uso metafórico da imagética corporal em relação a paisagem", traçando uma analogia entre o corpo e as explicações geográficas do planeta. Porteous (1986b) intitulou seu artigo de *Intimate Sensing*, difundindo assim o uso do termo que diversos outros autores resolveram adotar. No artigo, o autor enfatizou a importância dos sentidos íntimos na Geografia, em detrimento dos aparatos técnicos utilizados na compreensão do espaço.

Em uma de suas obras mais recentes, o livro *Enviromental Aesthetics: Ideas, Politics and Planning* (1996), aborda a estética sob vários vieses, dedicando quatro capítulos para as abordagens humanista, experimentalista, ativista e para planejadores, o autor trata da estética nos âmbitos teórico e metodológicos.

Porteous aponta que, a partir da década de 1980, o filósofo Monroe Beardsley propõe uma nova concepção sobre Estética que poderia ser denominada "ativismo estético". "Estas Noções têm imediatamente aplicações práticas. Bem-estar estético sugere que algum esforço deve ser feito para corrigir o desequilíbrio nas cidades modernas entre os bairros da riqueza estética e os da pobreza estética." (PORTEOUS, 1996, p. 22). A partir de Laing, o autor promove a reflexão: "[...] estamos muito mais fora de contato até com as aproximações mais próximas dos alcances infinitos do espaço interior do que estamos agora com os alcances do exterior espaço ... o que aconteceria se alguns de nós começassem a ver, ouvir, tocar, cheirar e saborear coisas?" (Laing 1967 *apud* Porteous 1990: xvi). Assim, Porteous (1990) faz a análise dos quatro sentidos (tátil, olfativo, auditivo e visual) e suas contribuições para a Geografia, tanto no âmbito literal quanto metafórico.

> Parece haver dois modos básicos de percepção (Schachtel, 1959). Sentidos autocêntricos (centrados no sujeito) combinam qualidade sensorial e prazer; a preocupação aqui é como as pessoas se sentem. Em contraste, alocêntrica (centrada no objeto) os sentidos estão preocupados com a objetivação e conhecimento; esses sentidos envolvem atenção e direcionalidade. (PORTEOUS, 1996, p. 31)

Porteous (1985) dedicou um artigo para a análise do sentido olfativo e suas implicações geográficas, adotando o termo *smellscapes*, que faz uma analogia ao termo *landscape*, que é um conceito geográfico. Assim, as paisagens olfativas são a relação entre cheiros, odores ou aromas que permeiam o ambiente. O autor afirma que "Cheiros podem ser espacialmente ordenados e relacionados ao lugar" (PORTEOUS 1985, p, 369). Afirma ainda que o cheiro está mais relacionado à lembrança dos lugares do que com sua estruturação espacial e pode remeter a memórias de infância.

Outro trabalho do autor, intitulado *Soundscape*, estuda as paisagens sonoras, buscando compreender os sons do ambiente ou formular imagens sonoras da paisagem, e sugere a sonoridade como um objeto estético (PORTEOUS e MASTIN, 1985). Os autores enfatizam que o dinamismo das paisagens sonoras dificulta ou impossibilita um “mapeamento” dos sons percebidos no ambiente, que se misturam, produzindo cacofonia.

Após discorrer sobre diversos autores que abordaram a questão dos sentidos e da Estética em distintos paradigmas, faz-se necessário recapitular os nomes dos que primeiro introduziram e cunharam conceitos, para, depois, propor a tradução do conceito que identifique esses estudos na língua portuguesa. Assim, estudos acerca da temática dos sentidos, desenvolvidos no âmbito da Geografia, podem inserir-se em um aporte teórico-conceitual discutido internacionalmente.

1.3 PERCEPÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DOS SENTIDOS EM PESQUISAS RECENTES

Como já discutido, desde que a Geografia foi institucionalizada enquanto ciência, diversos autores de diferentes correntes teóricas apontavam para a importância de uma perspectiva mais sensível sobre os espaços. Entretanto, somente nas últimas décadas, tem-se efetivamente dedicado pesquisas empíricas na investigação das relações dos sentidos e do sensível com as cidades. Rodaway veio consolidar e definir o conceito *Sensuous Geographies* em seu livro homônimo, lançado em 2002, ao afirmar que “Geografia sensível procura descrever algumas das características de uma geografia do sentidos e oferecer algumas explicações possíveis sobre a mudança do papel do sentidos em experiências cotidianas de espaço e lugar” (RODAWAY, 2002, p. 3, tradução nossa). Nesta seção, serão apresentados exemplos de pesquisas que abordam a percepção das paisagens através de cada sentido. Porém, não têm a intenção de construir um estado da arte de cada um, apenas traçar um panorama geral.

O termo “percepção”, na Geografia, vem sempre acompanhado de “paisagem”, “meio ambiente” ou “espaço”. Para Del Rio (1995, p. 98), “o conceito de paisagem acaba confundindo-se com o conceito de lugar; a paisagem vivenciada torna-se lugar enquanto síntese da experiência localizada”. Ao longo dos últimos anos, o conceito de paisagem, na Geografia Humanista Cultural, vem incorporando a presença desses sentidos em sua composição, ao criar conceitos como: *smellscapes*, (PORTEOUS,1985); *soundscapes*, (SCHAFER, 2011), *walkscapes* (CARERI, 2013), *Landscapes of Touch* (CLASSEN, 2005, p. 76), já sendo traduzidas para a língua portuguesa por Gaspar (2001).

Meinig (2002, p. 35) e Le Breton (2016, p. 94) concordam que a paisagem não é apenas a materialidade exterior, mas também composta pela consciência e somente faz sentido a partir da apreciação humana. Percorrer a paisagem é um ato tanto exterior, do corpo em movimento, apreciação do mundo, quanto interior, em que o mundo percorre a consciência. Portanto, a paisagem é constituída a partir do que se pode captar pelos sentidos e também aos significados que são atribuídos aos elementos subjetivos que compõem o mundo exterior, relativos à memória e ao juízo de valor de cada indivíduo. E assim, propõe-se a investigar o a percepção e os sentidos, voltado para o conceito de Lugar.

Essas discussões aproximam-se de outras áreas do conhecimento que pesquisam questões semelhantes. O sociólogo e planejador urbano francês Jean-Paul Thibaud (2012, p. 4) aponta três correntes que identifica como abordagens sensíveis sobre a cidade: estética ambiental, estética da modernidade e estética das ambiências. A última pode ser entendida como “a noção de ambiência restitui o lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos; ela permite caracterizar nossas formas de experienciar a vida urbana; ela auxilia também a imaginar e criar espaços urbanos e arquitetônicos.” (THIBAUD, 2012, p. 10). As três correntes possuem em comum a abordagem sensível da cidade, com pesquisas recentes que valorizam as sensações e o corpo. Assim, o pensamento do autor possui uma intensa aproximação com as questões geográficas que vinculam sensibilidades, afetividade e ambiente, sobretudo, com o espaço público urbano.

A percepção é composta pelos sentidos, de modo que cada um não pode ser apreendido separadamente, isolando-os, mas somente em sua totalidade. Todos os sentidos são assimilados “de um só golpe”, nas palavras de Merleau-Ponty (2011, p. 25-26). Porém, é possível focar a atenção em um dos sentidos, na realização de tarefas diárias, a exemplo da mobilidade. A importância atribuída a cada um dos sentidos advém parte de uma herança cultural, parte de uma

escala de alcance que permite apreciar ambientes e objetos mais próximos ou mais distantes do corpo. Assim, pensando tais questões na relação da pessoa com os espaços públicos de ambientes urbanos, os estímulos sensoriais vivenciados podem afetar a construção do sentido de lugar.

Como aponta Rodaway (2002, p. 4) "as geografias de sentido identificadas são categorias analíticas convenientes projetado para focar a atenção nas qualidades específicas que cada sentido dá compreensão geográfica e não sugerem alternativas independentes ou os mundos." (RODAWAY, 2002, p. 4, tradução nossa). Merleau-Ponty (2004 [1948], p. 1), Pallasmaa (2006, p. 43), Le Breton (2016, p. 59) e Tuan (2013, p. 22) apontam para a totalidade dos sentidos no ato de percepção, sendo que o último enfatiza:

> O paladar, olfato, a sensibilidade da pele e audição não podem individualmente (nem sequer talvez juntos) tornar-nos cientes de um mundo exterior habitado por objetos. No entanto, em combinação com as faculdades "especializantes" da visão e do tato, esses sentidos essencialmente não distanciadores enriquecem muito nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo

Não é possível isolá-los para examinar separadamente, nem os somar para compor a totalidade, e é neste sentido que Merleau-Ponty (2011) faz sua crítica à concepção clássica das sensações, no primeiro capítulo de sua obra, *Fenomenologia da percepção*. Sendo assim, os sentidos e a percepção estão envolvidos no contexto da experiência vivida, e só podem ser apreendidos por meio do corpo.

Apesar de não ser possível "separar" os sentidos, nas tarefas diárias da vida cotidiana, é possível focar a atenção em alguns. Tuan (2012, p. 18) escreve que "percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados". Enquanto algumas pessoas podem focar a atenção em determinadas sensações, outras pessoas podem concentrar-se em outras, entrando o papel das subjetividades nas percepções do meio ambiente. Da mesma forma, uma mesma pessoa pode voltar sua atenção para distintos elementos em diferentes ocasiões quando se depara com um mesmo ambiente. O que Merleau-Ponty (2011) chama de figura-fundo, enquanto para uma pessoa pode ser figura, para uma pessoa pode ser fundo.

Porém, a valorização dada à percepção de cada sentido não advém apenas das individualidades, mas também da maneira como somos ensinados a ler o mundo. Sendo assim, há uma aponta, uma conotação cultural dos sentidos, como aponta Le Breton (2016, p. 15), que "as

coisas não existem em si, elas são sempre investidas de um olhar, de um valor que as torna dignas de ser percebidas". O mesmo autor observa ainda que "uma cultura determina um campo de possibilidades do visível e do invisível, do tátil e do intocável, do olfativo e do inodoro, do sabor e da sen-saboria, do límpido e do nebuloso, etc.(...) cada sociedade elabora assim um 'modelo sensorial'" (LE BRETON, 2016, p 17).

O espaço que habitamos e a herança cultural de aprendizagem de percepção do espaço leva as pessoas a atribuírem maior ou menor ênfase em determinados sentidos. Tuan (2014, p. 7) aponta que "seres humanos são corpo e mente. O corpo é equipado com os sentidos do paladar, tato, olfato, audição e visão. Por meio deles fazemos contato com o ambiente e, com o tempo, tornamo-nos fortemente ligados a ele." E para comprovar o quanto a percepção está impregnada por uma carga cultural, Tuan nos faz imaginar um ambiente completamente diferente do habitual, como o modo de vida dos esquimós, que vivem em paisagens cobertas por gelo; para quem vive em centros urbanos, é difícil imaginar como se orientar, considerando que não há placas, ruas, cores, construções. Um exemplo citado por três autores é da tribo Aiviliks, apontada por Tuan (2012, p. 89). Le Breton também faz referência a esse grupo, apontando que:

> Os Aiviliks recorrem a uma sensorialidade múltipla ao longo de seus deslocamentos, mas jamais se sentem perdidos não obstante as transformações às vezes repentinas das condições atmosféricas. O barulho, os odores, a direção e a força do ventolhes fornece informações preciosas. Eles decidem seu caminho através de inúmeros elementos de orientação (LE BRETON, 2016, p. 22)

A partir do exemplo citado por Tuan, fica claro que algumas culturas compreendem os espaços de maneira diferente dos ocidentais. Le Breton (2016, p. 23) explica que esse grupo cultural compreende o espaço de maneira diferente, pois "seu conceito de geografia é movente e diferente da geografia fechada e visual dos ocidentais (...) O conhecimento do espaço é sinestésico, ele mistura a todo instante a totalidade da sensorialidade". Dardel (2015, p. 60) faz a mesma referência aos povos primitivos, ressaltando que conseguem se movimentar com facilidade pela floresta e pela mata, utilizando seu instinto.

As ênfases atribuídas a cada sentido conforme as diferentes culturas influenciam na escala da percepção do mundo. A escala, enquanto conceito geográfico, pode ser conceituada em distintas perspectivas. Pode-se falar em escala cartográfica, escala de análise, escala de percepção

e escala de experiência, pois, segundo Marandola Jr. (2016, p. 456), “a experiência é a escala epistemológica para a qual a fenomenologia está voltada”.

Os sentidos da visão e audição são de longo alcance, conforme coloca Pearce (1982), Hill (1985, p. 101) e Okamoto (2002, p. 116), ou seja, não necessitam ter sua origem próxima ou em contato com o corpo para serem percebidos. Hall (2005, p. 51) denomina receptores remotos os olhos, ouvidos e nariz pois “ocupam-se do exame de objetos distantes” e receptores imediatos o tato e os músculos pois “são usados para examinar o mundo de muito perto”. A grosso modo, poderíamos dizer que existe uma hierarquia de distâncias que os sentidos são capazes de captar. Com a visão, podemos acessar milhas, com a audição, quilômetros, com o olfato metros, e com o tato, o contanto imediato. Tuan (2013, p. 24) cita o sentido da audição, refletindo sobre seu alcance:

> O sentido de distância e de espaço se origina da capacidade auditiva? O mundo do som parece estar espacialmente estruturado, embora sem a agudeza do mundo visual. É possível que o cego que pode ouvir, mas não tem mãos e apenas pode mover-se, careça de sentido de espaço; talvez para tais pessoas todos os sons sejam sensações corporais e não indicações sobre o caráter de um meio ambiente.(…) Os sons, embora vagamente localizados, podem transmitir um acentuado sentido de tamanho (volume) e de distância.

Com a visão, podemos alcançar a lua e as estrelas. Lusseyran (1983) concorda que a visão é o sentido que alcança maior amplitude do universo. Tuan (2013, p. 178) concorda que a distância entre o objeto percebido e a pessoa que percebe cria a impressão de “fora”. Nas palavras de Le Breton (2016, p. 69), a visão “cobre toda distância, e a distância busca suas percepções”. Pallasmaa (2006, p. 25) acrescenta que “a crescente hegemonia do olho parece ir em paralelo com o desenvolvimento da autoconsciência ocidental e a separação cada vez maior entre o eu e o mundo, a vista nos separa do mundo enquanto o resto dos sentidos nos une a ele”.

Um objeto pequeno pode ser inteiramente apreendido através do tato. Já um grande ambiente, como uma cena urbana que envolve vários elementos, devido à sua amplitude e dinamicidade, não pode ser apreendida em sua totalidade com o tato. Sendo assim, Hill (1985, p. 100) explicita a importância de se realizar pesquisas com pessoas cegas:

> os outros sentidos alcançam um mundo e se aproximam dele, vindo assim conhecer essas outras dimensões do mundo mais intimamente. O resultado é que aqueles indivíduos nascidos totalmente cegos podem servir como auxílios inestimáveis investigação dos laços não visuais com o meio ambiente, porque

> sua periência proporciona um ponto de vista de outra forma obscurecido pelo despotismo os olhos. (HILL, 1985, p. 100)

O sentido do tato necessita do toque, do manejo, da proximidade com o corpo, da sensibilidade (LE BRETON, 2016, p. 208). Sendo assim, os elementos conhecidos pelo tato são formados na consciência de maneira sucessiva, descontínua, à medida que se toca, que se explora, ao contrário da visão, que percebe no instante em que se olha (LE BRETON, 2016, p. 246).

Por não implicar em relações de distância, Tuan (2013, p. 23-24) acredita que contribui de forma limitada para a experiência espacial do homem. Tempo e Espaço são categorias geográficas também influenciadas pela questão dos sentidos. Tuan (2013, p. 21) indaga se "podem outros sentidos além da visão e do tato, proporcionar o mundo espacialmente organizado? é possível argumentar que o paladar, o odor e mesmo a audição nos dão por si mesmos a sensação de espaço".

A condição da cegueira irá implicar na percepção dessas duas categorias, e consequentemente, nas imagens mentais formuladas dos lugares. Montagu (1988, p. 185) considera que "para os cegos de nascença as coisas não têm distância espacial e por isso eles são incapazes de julgar a distância". Sacks (2006, p. 128) apresenta um pensamento semelhante ao de Sacks e Montagu:

> Nós, com a totalidade dos sentidos, vivemos no espaço e no tempo; os cegos vivem num mundo só de tempo. Porque os cegos constroem seus mundos a partir de sequências de impressões (táteis, auditivas, olfativas) e não sendo capazes, como as pessoas com visão, de uma percepção visual simultânea, de conceber uma cena visual instantânea.

Entretanto, aqui, discorda-se dos autores. Apesar de tal afirmação, considera-se que as pessoas cegas também formulam suas concepções de espaço. E essa formulação ocorre justamente pelo fato de percorrerem o espaço, percebendo-o através do sentido da motricidade. Como já citado, o "mapa na mente" dos trajetos é capaz de formular noções de distância. Para as pessoas cegas, a exploração do mundo, do ambiente, ocorre em um tempo mais lento que as pessoas videntes. Sendo assim, possuem uma percepção mais pormenorizada, em que detalhes mais sutis emergem na atenção direcionada. Por manterem contato com objetos que estão próximos de seu corpo, a cada vez que vão a um lugar, mesmo que já o tenha frequentado

inúmeras vezes, sempre descobrem coisas novas. Da mesma forma que a falta do sentido da visão pode limitar a percepção da distância, a visão também pode limitar a percepção de detalhes, como bem aponta Jerônimo:

> O vidente compreende a cidade até os limites de alcance de sua visão, já a pessoa cega compreende a cidade nos seus pormenores nas suas especificidades até onde sua mão, seu pé, os seus ouvidos podem alcançar. Se um buraco para nós é só mais um elemento que compõe ou altera a paisagem urbana, para o cego ele é a representação máxima dessa paisagem, ele é o marco divisor do caminho que ele pode ou não traçar. (JERÔNIMO, 2014, p. 31)

Sendo assim, a experiência espacial é composta por diversas escalas. Dependendo do tamanho do objeto, sua apreensão pode ser reduzida ou ampliada pelos órgãos dos sentidos. Em relação ao tato, para exemplificar, Le Breton apresenta a narrativa de Villey: "a cadeira surge em bloco na consciência. Seus elementos diversos aí coexistem com perfeita nitidez. Ela aí se constrói com uma real complexidade. Eu não saberia mais dizer em qual ordem as diversas peças foram percebidas, e me é igualmente fácil detalhá-las numa ordem diferente" (VILLEY *apud* LE BRETON, 2016, p. 245). Ao compreender que os sentidos implicam em diferentes escalas de percepção, é imprescindível compreender também que os sentidos acarretam na construção do sentido de lugar, que será discutida em capítulo posterior. Assim, Tuan afirma que

> Audição, olfato, paladar e tato são todos sentidos proximais. Os mundos conhecidos por meio deles tendem a ser aconchegantes e afetuosos. Todos os quatro sentidos envolvem o indivíduo intimamente com o lugar – com o ambiente imediato da pessoa [...] A visão é o nosso mais ativo sentido cognitivo. Também parece ser o menos emotivo – o mais "frio" – dos sentidos, talvez em parte porque o campo visual não nos envolve. Vemos apenas o que está em frente; nós necessariamente estamos à margem do nosso próprio campo visual (TUAN, 1984, *apud* PÁDUA, 2013, p. 91)

Talvez as pessoas cegas possam ser muito mais conectadas ao mundo que as videntes, já que "o olho é o órgão da distância e da separação, enquanto o tato é o da proximidade, da intimidade e o afeto (…) Durante experiências emocionais esmagadoras tendemos a fechar o sentido distanciante da visão. Fechamos os olhos quando sonhamos, quando escutamos música ou acariciamos a nossos entes queridos" (PALLASMAA, 2006, p. 47).

Cada evocação de objetos, de experiências ou de ambientes é carregada de juízos de valores, ou seja, suscita sentimentos bons, ruins ou neutros. Enquanto alguns sentidos podem

trazer bons sentimentos, outros podem trazer a sensação de desconforto, medo ou repúdio. A afetividade, portanto, é construída ao longo do tempo, à medida em que os sentidos captam do ambiente, sensações que podem ser julgadas prazerosas, que levam a um estado de espírito positivo, conduzindo ao sentido de lugar. Esses estímulos sensoriais podem afetar ou não a pessoa. Tuan (2012, p. 161) afirma que eles propiciam a conformação da topofilia:

> O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias, e ideias. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época.

Como lembra o mesmo autor, em outra obra (TUAN, 2012, p. 28), "uma pessoa que simplesmente "vê" é um espectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena. O mundo percebido pelos olhos é mais abstrato que o conhecido por nós por meio dos sentidos". Le Breton (2016, p. 248) faz afirmação semelhante:

> As trajetórias do cego opõem-se à hipertrofia do olho da grande maioria dos transeuntes, e relembram igualmente como, quando não usadas, muitas indicações sensoriais caem na rotina e deixam de ser percebidas. A fruição do mundo do cego radica-se numa dimensão do real diferente daquela do vidente. Se a noção de "belo dia" é antes uma noção visual, para o cego ela encerra outra tonalidade, por exemplo, sensorial, olfativa ou tátil.

A percepção do meio se dá através de todos os sentidos, e atribuir a devida atenção a todos os estímulos é muito mais envolvente que o olhar. O que se busca compreender é a percepção sem o predomínio da visão, e não especificamente a cegueira. Nesse contexto, encontra-se um dos objetivos desta tese, que seja identificar como cada sentido da pessoa cega contribui para a percepção do ambiente e significações do lugar.

Dessa forma, com a perda de um órgão sensorial, no caso da visão, como se reconfigura a percepção? Intensificam-se os sentidos remanescentes? Sendo assim, partindo de uma premissa fenomenológica, os universos interior/exterior, consciência/mundo fundem-se, sem que haja distinção entre ambos. Merleau-Ponty (2011) busca um contraponto entre o fisiológico e o vivido e pondera sobre o conceito de esquema corporal, o modo como o corpo e suas relações biológicas medeiam a interação da pessoa com o mundo.

Diferentes pessoas podem variar suas percepções, ainda que partilhem das mesmas condições biológicas. Existe um certo grau de variação, conforme a cultura e conhecimento de cada pessoa, mas os seres humanos conseguem interagir, pois possuem uma mesma estrutura de pensamento, ou seja, certa intersubjetividade que torna possível a aproximação de generalizações. Para Dardel (2015, p. 87), é "impossível, a partir do observador, suprimir inteiramente o "ponto de vista" de onde abarca a realidade geográfica, de apagar, consequentemente, a subjetividade do sujeito para quem a realidade se torna realidade", confirmando que as percepções não são puramente objetivas nem puramente subjetivas.

É comum ouvir falar em 5 sentidos, mais difundidos popularmente: tato, visão, audição, olfato e paladar são chamados de "sentidos fundamentais" por Aristóteles. Há outros, como o sentido de orientação, que não faz parte desse grupo, mas perpassa todos os outros, pois a orientação ocorre a partir de referenciais sensórios. Exemplo de autores que tratam tal sentido é Pallasmaa (2006, p. 43), citando James J. Gibson e Rudolf Steiner. As sensações, como calor e de frio, o vento, o chão, a poeira, a vegetação, os sons, odores e texturas compõem a paisagem percebida fisicamente. Evidenciar determinada sensação vinculada a um ponto do trajeto não significa que as demais não estão presentes, mas sim que, naquele instante do caminhar, a atenção foi focada em um ponto específico. Mas, para além da atenção no ambiente, a pessoa pode voltar sua atenção para si e permanecer imersa em seus próprios pensamentos, sentimentos e sensações, como evidencia Pozzana e Kastrup (2017, p. 375)

> Propomos um relacionamento entre corpo e espaço que não se separa de um movimento de possessão recíproca. Há uma estética em jogo, composição de forças no mundo. Ora a atenção está mais voltada para a detecção de signos objetivos no mundo, como perceber um ruído que sinaliza a proximidade de um carro ou a presença de um degrau, ora a atenção está mais voltada para signos subjetivos, um frio na barriga, um não sei quê que me faz devanear.

A pessoa pode estar presente com o corpo, mas o espírito vagueia pela imensidão que o mundo pode oferecer. A pessoa cega sabe que deve estar atenta ao ambiente para sua localização nos espaços públicos, desviar de obstáculos, evitar acidentes. Assim, está sempre mais atenta a pequenos sinais que possam fornecer informações. De Paula (2011, p. 109) chama a atenção para o fato de que "a desatenção que muitas vezes temos à cidade é contraditoriamente garantida pelo envolvimento e familiaridade que estabelecemos com ela. Quase um pacto". Sendo assim, a pessoa cega, pelo fato de se sentir mais vulnerável, acaba se atentando mais para o ambiente.

Marandola Jr. (2008, p. 145) chama de “efeito túnel” esse distanciamento da pessoa com o ambiente que a circunda:

> […] nos trajetos cresce o efeito “túnel” nas viagens diárias. As pessoas trafegam por grandes distâncias sem estabelecer nenhum contato com o longo espaço metropolitano que fica entre os dois pontos. Às vezes, nem mesmo o contato visual, pois cansados por acordar cedo ou por ter trabalhado o dia todo, viajam cochilando cabisbaixos até o ponto de parada. Todo esse espaço indiscriminado que não faz parte da experiência intencional das pessoas é potencialmente perigoso, pois ali o homem não goza dos mecanismos de proteção ligados ao lugar e à comunidade. Ali o homem está “solto no mundo” (contraposição ao enraizamento do lugar e da comunidade), potencialmente mais vulnerável. Uma das formas de lidar com esta vulnerabilidade é levar seu mundo circundante consigo.

A desvinculação do interno com o externo, da cidade com o corpo, é apontada como um problema atual por Hissa e Magalhães (2013) e por Hillman (1993, p. 41). Os autores indicam a necessidade de levar o corpo para a vida diária da cidade, em que a lentidão amplia a percepção para saberes invisíveis. Além disso, o fato de caminhar pela cidade possibilita vivê-la em sentido pleno, exercer sua cidadania, partilhar de experiências com outros transeuntes, o que o automóvel não possibilita, concordando com Hissa e Magalhães (2013, p. 69) que “do interior do automóvel, não tomamos contato com a micropolítica urbana, com seus desvios e acasos, seus personagens, sua desrazão poética e, tampouco, entramos em contato com trechos de paisagens sonoras, pequenos fios de conversa, diálogos urbanos inscritos em cantos diversos.” Solnit (2016, p. 290) também trata do assunto, afirmando que “a palavra cidadão está ligada às cidades, e a cidade ideal se organiza em torno da cidadania, em torno da participação na vida pública”. A autora complementa que “o caminhar divide com o criar e o trabalhar esse elemento crucial de entrosamento do corpo e da mente com o mundo, de conhecer o mundo por meio do corpo e o corpo por meio do mundo” (SOLNIT, 2016, p. 59).

Existem sentidos intencionais e não intencionais. Para quem enxerga, basta fechar os olhos para não ver. É possível escolher os alimentos a apreciar no sentido gustativo. Os ouvidos podem ser fechados apenas tapando-os com as mãos ou outro objeto. Tuan (2012, p. 25) indica que “não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar nossos olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons”. Já o tato é o sentido ativo a todo instante, pelo fato do corpo estar em contato com a roupa, com o solo, com o ar. Schafer (2011, p. 29) também chama a atenção para a

passividade humana em relação aos sons, apontando que o recurso humano de focar a atenção é a maneira intencional de escolha:

> O sentido da audição não pode ser desligado à vontade. Não existem pálpebras auditivas. Quando dormimos, nossa percepção de sons é a última porta a se fechar e é também a primeira a se abrir quando acordamos. (...). A única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis, para se concentrar no que é desejável. Os olhos apontam para fora; os ouvidos, para dentro. Eles absorvem informação.

A investigação dos sentidos na vida cotidiana, durante muito tempo, não foi considerada "científico" aos moldes do modo tradicional de se fazer ciência, já que os sentidos não são passíveis de medição e quantificação, sendo mensurados apenas qualitativamente (OKAMOTO, 2002, p. 113-114; LE BRETON, 2016, p. 61-62). Pensando nisso, Dardel (2015, p. 23) questiona: "quem tem razão aqui, a ciência que tende a reduzir o mundo a um mecanismo ou a experiência vivida que se apropria do mundo exterior ao nível do fenômeno?" Tal indagação é retórica, pois autor busca estimular a reflexão, demonstrando a importância da investigação na experiência vivida para compreender o mundo, e, para tanto, é preciso sensibilizar as pessoas, não só as envolvidas no meio acadêmico como as demais, a fim de demonstrar que há uma realidade menos fria e dura quanto a comumente vivenciada.

Apontar para novas realidades a serem percebidas pode levar o leitor a descobrir um mundo novo, no "velho" espaço público. No sentido afetivo, conduz ao ato de se tornar empático, solidário, comovido. E, com esse intuito, Sá (2004, p. 11) faz uma proposta: "ampliar canais de percepção que já existem em nós e que estão entorpecidos por todo esse contexto em que a visão predomina, não seria uma imposição natural? Não nos tornaríamos assim mais integrados e capazes de interpretar o mundo e reagir a ele?" Provavelmente, cada vez que o mesmo percurso fosse repetido, seriam percebidos outros odores, sons e sensações táteis.

Para pessoas cegas, as experiências têm escalas distintas, visto que não é possível apreciar elementos distantes alcançados pela visão, os objetos ao alcance do corpo tornam-se o foco da atenção, sendo percebidos em detalhes, como as texturas dos pisos, os sons que formam diferentes ritmos, os cheiros dos lugares que provocam sensações gustativas e as interações com as pessoas.

Sennet (2003, p. 15) traça um histórico das relações do corpo com as cidades e aponta o paradoxo de que "essa carência dos sentidos tornou-se ainda mais notável nos tempos modernos

em que tanto se privilegiam as sensações do corpo e a liberdade de movimentos". As relações das pessoas com o mundo, que ocorriam de forma intuitiva, natural e até mesmo visceral, foram se perdendo e agora existe a necessidade desse resgate, apontando para uma questão que, há algumas décadas, seria considerada banal para a ciência. Para Sennet (2003, p. 17), "as relações entre os corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam".

Nas palavras de Merleau-Ponty (2011, p. 105), "olhar um objeto é vir habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele". Assim, a imersão nesse universo das experiências das pessoas cegas no espaço público faz com que as pessoas videntes façam descobertas que antes não eram percebidas, por não haver uma percepção mais profunda do ambiente em que vivemos. Para ver a cidade, não basta observar com o olhar, é necessário interagir com o ambiente, estar presente, sentir, vivenciar.

1.3.1 Visão e cegueira: a hegemonia cultural de um modo de ser

Segundo o censo do IBGE de 2010, das pessoas com deficiência no Brasil, o índice mais alto foi o de pessoas com deficiência visual, com 18,6% da população, o que representava 35 milhões de pessoas. A questão do questionário relativa à acuidade visual avaliava se a pessoa conseguia enxergar com "alguma dificuldade", "grande dificuldade" ou "não consegue de modo algum". Essa avaliação é realizada considerando o uso de óculos ou lentes de contato. A população do Estado do Paraná que respondeu à questão na classificação "não consegue de modo algum" foi de 26.155 pessoas. Dessas, 6.784 residem na cidade de Curitiba. Esse questionário do censo foi coletado em forma de amostra, portanto, é um número aproximado. Tais números podem ajudar a evidenciar a importância de realização de pesquisas acadêmicas sobre pessoas cegas. Entretanto, a perspectiva da pesquisa não propõe um objetivo para ajudar de forma direta as pessoas cegas, mas busca compreender um outro modo de ser no mundo, interpretando a cegueira enquanto cultura, em que números não seriam necessários. Além disso, a presente pesquisa requer pessoas que possuem autonomia para caminharem sozinhas por espaços públicos, e não há dados e pesquisas que apontem o número de pessoas deficientes visuais com tal característica.

Não há dúvida de que, na cultura ocidental, existe uma hegemonia do sentido da visão em detrimento dos outros sentidos para exercer atividades da vida social e individual, se deslocar e

desempenhar funções. Essa opinião é partilhada por autores das áreas da Geografia, Antropologia, Arquitetura e Artes Visuais, como Tuan (2012, p. 22), Gomes (2013, p. 23), Le Breton (2016, p. 67) e Pallasmaa (2006, p. 16). Mocarzel (2008, 6'), no documentário *Sentidos a Flor da Pele*, entrevista Antony Moraes, que perdeu a visão após aposentar-se. Em um dos trechos, este afirma que "a visão é o sentido mais forte que a pessoa tem, se sobrepõe a tudo. Quando a gente enxerga, a gente não presta muita atenção nas outras coisas. A visão dá todas as informações que a gente precisa". Para os cegos, o mundo urde-se num universo de sons ou contatos com as coisas, mas, para quem usufrui do sentido da visão, a abertura ao mundo opera-se primeiramente pelos olhos, sem imaginar outras aberturas (LE BRETON, 2016, p. 68-69). Essa valorização social e cultural do sentido da visão pode contribuir para a desvalorização e exclusão da pessoa cega na sociedade, tanto no âmbito material quanto simbólico, como aponta Porteous:

> A visão é o sentido dominante em humanos, fornecendo muito mais informação do que todos os outros sentidos combinados. Sua dominância relativa varia com a cultura. Nas culturas ocidentais, no entanto, é claro que, em comparação com os outros sentidos, a visão é ativa, fria e distante. (PORTEOUS, 1996, p. 32)

Essa supremacia da visão não é comprovada por meios científicos, mas possui uma conotação cultural difundida no Ocidente. As preconcepções sobre a cegueira apontam para a falta de conhecimento das pessoas videntes em relação às pessoas cegas. A visão, assim como os demais sentidos, necessita de um processo de aprendizagem que se configura desde o nascimento. Na linguagem, também permanece o predomínio da cultura visual, até mesmo na comunicação com/entre pessoas cegas. A condição da cegueira, em certos casos, pode provocar o medo nos/dos espaços públicos.

Pelo senso comum de pessoas videntes são construídas preconcepções sobre a cegueira que não condizem com o que as pessoas cegas pensam de si, inferindo-lhes atributos que não condizem com a realidade, o que se poderia chamar de "mitos". Não pode ser reproduzida na experiência de vendar os olhos, pois as pessoas cegas e videntes têm diferentes percepções, devido às suas vivências, resultando em distintas imagens mentais. Se uma pessoa que enxerga vendasse os olhos e tentasse experienciar as vivências de uma pessoa cega, como caminhar pelas ruas sozinha, desenvolver atividades domésticas, reconhecer objetos pelo tato ou o humor das

pessoas pelo tom de voz, provavelmente não conseguiria, pois é uma condição temporária de não enxergar. Queiroz (1986, p. 83-84) relata como se sentia na condição da cegueira:

> Quando tinha paciência, tentava explicar que, apesar de ser algo que não desejasse a ninguém, a cegueira não tinha a dimensão sentida pelas pessoas. Elas tentam imaginar o que é ser cego, fechando os olhos um minuto. É lógico, que muito pouco pode ser feito. Visto que a pessoa não tem prática, nem a necessidade constante de se virar sem a visão […] A desinibição, a curiosidade, a prática e principalmente a necessidade ensinam

A pessoa que constitui sua existência a partir da visão pode considerar a experiência de vendar os olhos assustadora. Não basta fechar os olhos, já que necessita do treino, que só é desenvolvido com o tempo. A cegueira não é uma condição, mas um modo de ser, ou, nas palavras de Marandola (2005, p. 49), "experiência e existência são indissociáveis". Como evidenciado por Queiroz, as pessoas cegas desenvolvem essas habilidades ao longo da vida devido à apuração de suas percepções, focadas nos outros sentidos, sendo capazes de perceberem detalhes despercebidos por pessoas videntes. Por isso, a cegueira aqui não é analisada enquanto uma deficiência ou inferioridade, condição comumente atribuída pelo senso comum (QUEIROZ, 1986, p. 85), mas um modo diferente de ser no mundo. A percepção das pessoas cegas pode revelar a infinidade de estímulos que só elas são capazes de perceber, em detrimento de sua sensibilidade.

Uma das concepções sobre a cegueira que não condiz com o que as pessoas cegas pensam de si é a ideia de que elas possuem os outros sentidos mais apurados. Esse fato ocorre devido à prática corriqueira, o que Merleau-Ponty (2011, p. 210) associa ao conceito de hábito, que "é ao mesmo tempo motor e perceptivo". Tuan (2013, p. 91) também menciona o conceito de hábito, ressaltando que as pessoas agem inconscientemente:

> Fazemos muitas coisas eficientemente sem ter que pensar, por puro hábito. É estranho observar as pessoas atuarem com habilidade e propósito evidente e, no entanto, saber que elas agem inconscientemente, tal como acontece com os processos fisiológicos que se adaptam às mudanças do ambiente sem nosso controle consciente.

As pessoas aprendem mais rápido por conta de necessidades, e os sentidos passam a ser mais desenvolvidos pela prática ao longo da experiência de vida. Um *sommelier*, que consegue distinguir sutis nuances de cheiros e sabores, ou um músico, que identifica notas musicais com

facilidade apenas ouvindo. Ambos não nasceram com os sentidos gusto-olfativo e auditivo mais apurados, mas foram, ao longo do tempo, exercitando esses sentidos da percepção, passando a desenvolver tais sensibilidades. Assim acontece com a pessoa que perde a visão, passa a exercitar mais intensamente os outros sentidos pela necessidade da localização. O entrevistado no documentário *Sentidos a flor da pele*, dirigido por Mocarzel (2008) relata: "a gente precisa se localizar e então a gente perde a visão e começa a usar sentidos que não precisava usar, porque a visão supria tudo. Sem querer eu fui aos poucos me acostumando ao que eu ouvia, o que a audição me informava, o que o olfato me informava."

Para que se possa ver, é preciso que a pessoa passe primeiro por um processo de aprendizagem. Significa que, desde o nascimento, com a prática constante da visão, a pessoa aprende a distinguir imagens. Como tal aprendizagem ocorre desde os primeiros meses de vida, ocorre de forma natural. É necessária, portanto, a experiência de ver, como expõe Diderot (2006, p. 62): "acho que a primeira vez que os olhos do cego de nascença se abrirem para a luz, ele não vai perceber absolutamente nada; vai ser necessário algum tempo para seu olho se experimentar; mas que vai experimentar por si mesmo sem a ajuda do tato". Gregory (1979, p. 190) demonstra como os filósofos Descartes (1596-1650), John Locke (1632-1704) e George Berkeley (1685-1753) concordam que, após a recuperação da visão, pessoas que nunca enxergaram necessitam de um tempo para a readaptação à nova condição. E, para ilustrar o caso, relata a história de um homem de 52 anos que passou a enxergar após uma cirurgia, mas entrou em depressão, que o levou a falecer 3 anos depois. Segundo o autor, durante seu tempo de vida como não vidente, o homem aprendeu a reconhecer pelo tato as letras maiúsculas e alto-relevo. Quando passou a enxergar, de prontidão passou a reconhecer as letras de forma visual (GREGORY, 1979, p. 194). Entretanto, apesar da evidência empírica apresentada pelo autor, Le Breton (2016, p. 85) apresenta uma opinião divergente sobre o caso. Ele considera que:

> Um cego de nascença, tendo aprendido a diferenciar pelo tato uma esfera de um cubo de igual tamanho, seria ele capaz de diferenciá-los se a visão lhe fosse restituída aos vinte anos de idade? Uma resposta positiva à questão repousa sobre a ideia de uma transferência de conhecimentos de uma modalidade sensorial à outra: o que se conhece pelo tato o seria de imediato pela visão. Molyneux duvida dessa conclusão, e postula que a transferência do saber tátil ao da visão requer uma experiência. A figura que se toca e a que se vê não são as mesmas.

Apesar da oposição de opiniões entre os autores, a questão é que não é possível criar uma generalização para os casos de transferência de sentido para pessoas que, após a idade adulta, recuperam a visão, tendo em vista que esse tipo de situação é pouco comum. Cada pessoa possui suas particularidades. Na opinião de Tuan (2012, p. 22-25), nesses casos, as pessoas "têm dificuldade de reconhecer os objetos, e, mais ainda de vê-los tridimensionalmente", já que, segundo o mesmo autor, seu "conhecimento do espaço deriva de indicadores auditivos e táteis".

É comum pessoas videntes pensarem que é desejo de todas as pessoas cegas voltarem a enxergar, ou que as pessoas cegas sentem tristeza profunda devido a sua condição. Esse fato não é verídico. No documentário *Sentidos a Flor da Pele* (2008), uma menina cantora de 18 anos diz que construiu sua imagem tão íntima e particular do mundo a partir da cegueira, que, se um dia houvesse a oportunidade de voltar a enxergar, talvez faria isso para alegrar os pais dela, mas não por sua vontade. Da mesma forma, Oliver Sacks (2006) retrata o caso de uma pessoa que recuperou a visão após os 50 anos, ao passar toda a sua vida cego. Como sua cegueira era congênita, teve que aprender a ver. Só conseguia distinguir objetos ao tocá-los e confundia sombras com buracos. Os casos apresentados mostram que, geralmente, a pessoa "se perde num emaranhado de formas e cores dispostas sobre um mesmo plano colocado aos olhos" e, por esse motivo, "se sentem aliviados ao retornar à cegueira" (LE BRETON 2016, p. 88).

Tal hegemonia é expressa também por intermédio da linguagem. A pessoa cega, ao interagir com pessoas videntes, adapta o uso da linguagem, mesmo que para ela não tenha significado, para se adequar ao seu meio social. Como exemplo, a palavra "ver" pode adquirir diferentes significados conforme o contexto. Ao perguntar a alguém "você viu tal pessoa?", a palavra "ver" significa ter alguma forma de contato. As pessoas cegas apropriam-se do vocabulário, atribuindo a si mesmas o sentido de ver. Nesse sentido, "ver", não significa propriamente estar atrelado ao sentido da visão, podendo afirmar que as pessoas cegas enxergam com o corpo todo.

Wells (2014), em seu conto intitulado *O país dos cegos*, narra a história de uma comunidade de pessoas cegas que permaneceu isolada por quatorze gerações, e assim, construiu seu mundo próprio. Com o passar dos anos, palavras relativas à visão, como "ver", "cego", "aqui", "lá", foram perdendo o significado, até que foram esquecidas. Certo dia, um montanhista, por acidente, caiu na aldeia. Ao proferir tais palavras, os cegos consideraram que ele estava louco. Tal conto remete à análise de Le Breton (2016, p. 16), quando aponta que "o uso corrente

da noção de visão de mundo para designar um sistema de representação (ainda uma metáfora visual) ou um sistema simbólico próprio a uma sociedade traduz a hegemonia da visão em nossas sociedades ocidentais". Hill (1985, p. 101) afirma que "o vocabulário que pessoas totalmente cegas podem ternomeie ou defina inadequadamente sua experiência, levando à incerteza, inexatidão e frustração"

Em uma situação real, Queiroz (1986, p. 77) relata um caso que vivenciou. Enquanto um casal lhe ajudava a atravessar a rua, iam discutindo. A mulher disse ao homem que ele estava "completamente cego" referindo-se como um modo de expressão, querendo dizer que não estava se dando conta da situação que passava. Quando se lembrou que guiava uma pessoa literalmente cega, pediu desculpas, embaraçada.

Di Felice (2009, p. 128) enfatiza o olhar da paisagem urbana sob a pós-modernidade e pondera que as relações humanas nas cidades podem ocorrer no nível do olhar, com olhares e expressões, sem necessariamente uma troca de palavras, ao afirmar que "a maneira de se apropriar do espaço e de interagir com o ambiente torna-se predominantemente visual". Entretanto, tal forma de comunicação não é possível com pessoas cegas, logo, a linguagem falada seria o modo mais conveniente. As formas gestuais que acompanham a linguagem também revelam uma forma visual de comunicação, que, muitas vezes, são utilizadas de forma inadequada com as pessoas cegas que solicitam informações nas ruas. É comum que as pessoas informantes digam expressões como "aqui", "ali", "lá, "essa", apontando para os lugares. A pessoa cega se dá conta de que está sendo apontado, mas não sabe para qual direção. Um exemplo dessa situação ocorreu durante a pesquisa de campo de Roqué, Ross e Bill (2016), quando Paulo Ross solicitou informações em uma banca de jornal, localizada no terminal Guadalupe, para simular como as pessoas cegas recebem informações, caso ele estivesse sozinho. O informante agiu da maneira acima citada, dizendo "você precisa ir naquela direção", apontando com o dedo. Isso demonstra como as pessoas cegas geralmente recebem informações.

Em certas situações, a falta de visão pode provocar medo. Em uma situação informal, vivenciada junto de duas pessoas cegas em um ponto de ônibus, conversava-se tranquilamente, quando dois homens, no meio da rua, começaram a agredir a um terceiro a pauladas. Na hora, houve confusão, tumulto, correria e alguns transeuntes correram para prestar socorro ao homem agredido. As pessoas cegas foram comunicadas para ficarem tranquilas, pois a situação já estava sob controle. Comentaram que em situações como essas, como brigas, confusões, tiroteio,

acidentes, em espaços públicos, quando estão desacompanhadas, sentem-se desprotegidas, pois não sabem para onde correr, nem o que fazer. Nesse sentido, Le Breton (2016, p. 124) comenta que “ter os olhos despojados do olhar, os ouvidos entregues aos indícios sonoros impossíveis de identificar, facilmente induz ao medo, expõe à imaginação do pior. O indivíduo fica à mercê exclusivamente das percepções auditivas sem poder vinculá-las a qualquer coisa de concreto”.

Oliveira (2016, p. 27-35) também vivenciou e relatou uma situação em que sentiu medo. A garota viajava de barco pelo Rio Amazonas, quando houve um acidente e o barco começou a afundar. Alguns passageiros pularam nas águas, desesperados nadando até a margem. O barco afundava lentamente quando ela encontrou um homem que a tranquilizou e orientou a permanecer no barco, até que afundasse completamente. Quando ela se preparava para pular na água e nadar até a margem, um barco de resgate chegou para socorrer. A partir do relato encontrado em seu livro, é intrigante imaginar que os espaços públicos configuram-se de diferentes formas, nas diversas regiões do país, onde as experiências adquirem conjunturas inimagináveis a pessoas que vivem em outras realidades.

As questões apresentadas irão influenciar, de forma direta ou indireta, as relações sociais, o modo de vida e a forma de ser e estar nos espaços públicos.

1.3.2 Abertura ao mundo das nuances sonoras

Nesta seção, apresentam-se alguns trabalhos já produzidos relacionados à paisagem sonora, bem como a forma que as pessoas cegas percebem as diversas sonoridades, e citam-se alguns exemplos de sons dos espaços públicos, percebidos por pessoas cegas. Em áreas do conhecimento como Geografia, Arquitetura e Urbanismo, Design, Música e outras têm sido desenvolvidas pesquisas envolvendo as paisagens sonoras, e algumas são apresentadas nesta seção para exemplificar como o tema vem sendo tratado. Além disso, buscou-se investigar como os sons podem auxiliar a locomoção das pessoas cegas e suas percepções do mundo.

Porteous (1996, p. 33) afirma que o som é o único sentido extensivamente estudado em estética, já que o espaço acústico é não-locacional, esférico e sem fronteiras. ou seja, pode ser percebido em qualquer lugar em torno da pessoa. Por isso, tende para enfatizar o espaço em si, em vez de objetos no espaço. Sons, comparados com as coisas vistas, são mais transitórios, mais fluidos, mais desfocados, mais carentes no contexto, menos precisos em termos de orientação e localização, e menos capturável. Assim, a audição é um sentido bastante passivo.

Os sons também podem ajudar a construir o sentido de lugar, pois “estamos fortemente excitados por gritos, música e trovão; nós somos acalmados pelos sons da água, folhas, vento na grama (...) Perda de audição reduz nossa percepção da progressão do tempo e contratos nossa sensação de espaço, pois normalmente podemos ouvir mais do que podemos ver” (PORTEOUS, 1996, p. 35). Os sons percebidos no espaço público podem ter características distintas. Pallasmaa (2006, p. 50) considera que “o sentido da visão implica exterioridade, mas o sentido do som cria uma sensação de interioridade”. Sem a visão, a audição pode provocar sensações mais intensas e afetar a pessoa emocionalmente. O mesmo autor complementa que “a experiência auditiva mais primordial criada pela arquitetura é a tranquilidade” (PALLASMAA, 2006, p. 52).

No âmbito mundial, Murray Schafer (2011), compositor canadense, foi o primeiro autor a cunhar o termo paisagem sonora. No Brasil, alguns trabalhos vêm sendo publicados recentemente, como na arquitetura (ROÇA, 2014), na música (NAKAHODO, 2014), na Geografia (TORRES, 2014 2009; SKULNI, 2018; MALANSKI, 2018). Em destaque, Nakahodo desenvolveu um mapa das paisagens sonoras de Curitiba, trabalho divulgado no jornal Gazeta do Povo (COSTA, 2016). A autora desse trabalho desenvolveu, no dia 01 de outubro de 2016, com alunos do Laboratório Território, Cultura e Representação – LATECRE, do Departamento de Geografia da UFPR, uma oficina intitulada *Soundwalk*.

Consistiu em uma breve conversa sobre as sonoridades da cidade, depois uma caminhada pelo calçadão da Rua XV de Novembro, partindo da Praça Osório. Cada participante colocava fones de ouvido, carregando um microfone amplificador, por cerca de 10 minutos durante a caminhada. Em cada pessoa que participava da experiência, percebia-se a expressão de êxtase e admiração. A amplificação de sons quase imperceptíveis do cotidiano possibilitou a abertura para um mundo de riqueza infinita de nuances sonoras. Sons de pássaros em árvores distantes, a vassoura do gari varrendo as ruas, os passos dos caminhares, variando em intensidade e ritmo conforme as personalidades e tipos de calçados, o som do vento, das águas do chafariz e até mesmo a invasão de privacidade, de ouvir fofocas íntimas de pessoas que sussurravam pensando não estarem sendo ouvidas.

Talvez tenha sido a mesma sensação de Bernie Krause (2013), ao enveredar por sua experiência que resultou no livro *A grande orquestra da natureza*, considerada como um marco nas pesquisas sobre paisagens sonoras. O autor acompanhou as paisagens sonoras, mas, em vez de ambientes urbanos, preferiu ambientes naturais. Sua pesquisa foi reveladora ao constatar que a

interferência do homem provocava o desaparecimento dos sons produzidos por várias espécies animais. Krause (2002) classifica os sons em três tipos: *Geophony*, que compreende todos os sons da natureza não viva; *Biophony,* provindo de todos os seres vivos não humanos e *Antropophony*, que resulta da atividade humana. Quanto ao último, o autor salienta que é diferente nas áreas urbanas e rurais, o som de anos atrás e os atuais que ganharam a característica digital. Na prática, não existe tal clareza da classificação. Por exemplo, em um chafariz o som da água compreende um som da *Geophony*, mas é uma construção humana, podendo ser também classificado como *Antropophony.*

Neves e Sobral (2019, p. 50) e Porteous (1996, p. 35-36) consideram que, nas cidades, os sons predominantes vão deixando de ser naturais e adquirindo uma característica cada vez mais antrópica. Além disso, outro ponto não discutido por Krause é que a tecnologia passou a produzir sons específicos, que encobrem as outras modalidades, estando cada vez mais presentes na paisagem sonora-urbana ocidental. Por isso, o "Rugido de tráfego cada vez mais se afoga os sons de natureza, bem como música pública e sons informativos, (...) em sua demanda por lixo tecnológico barulhento, estão pagando o alto preço do crescimento sensorial privação" (PORTEOUS, 1996, p. 35-36). Schafer (1991, p. 188) apresenta uma reflexão semelhante:

> "Os motores são os sons dominantes da paisagem sonora do mundo. Todos os motores compartilham um aspecto importante: são todos de baixa informação, altamente redundantes. Isso quer dizer que, a despeito da intensidade de suas vozes, as mensagens que falam são repetitivas e, em última análise, aborrecidas. (...) Do mesmo modo que a máquina nos deu a linha longa nas roupas, assim também o som do motor nos deu a linha contínua no som"

As experiências vivenciadas na oficina e o relato na obra de Krause lembraram as palavras de Le Breton (2016, p. 135-136) e Tuan (2012, p. 25), ao destacarem que a visão capta informações mais precisas e detalhadas do ambiente, mas os sons sensibilizam as pessoas mais que os outros sentidos, pois são intimamente ligados à afetividade a quem se permite colocar a escuta do mundo. Em pequenas áreas dos espaços públicos, as mudanças nas predominâncias e intensidades dos sons variam perceptivelmente.

A sensibilidade auditiva das pessoas cegas em relação às pessoas videntes, apontada por Tuan (2013, p. 25) e Le Breton (2016, p. 132), é mais desenvolvida, pois as informações sonoras contribuem para a orientação no meio ambiente, à medida em que avaliam as ressonâncias, reverberações e ecos produzidos por suas vibrações ao entrarem em contato com as superfícies.

Quando as pessoas cegas recebem aulas de orientação e mobilidade, há um treinamento auditivo no qual a pessoa aprende a reconhecer a localização do som, identificando sua origem para a tomada de decisões; o alinhamento do som, relacionado à sua localização, tempo e movimento, como o tráfego de veículos; a discriminação do som, referente ao seu reconhecimento; e a reflexão auditiva, que consiste em perceber obstáculos antes do contato com os mesmos; (CURI, 1982 *apud* NOVI, 1996, p. 36-37). Além do som ser um aliado na locomoção, acrescenta-se a capacidade de afetar as pessoas, provocando sentimentos em relação ao lugar.

Ao perceber os sons do ambiente durante a locomoção, esses podem ajudar, fornecendo pistas, ou atrapalhar, se sobrepor a outros sons. Um ambiente com muitos ruídos causa a poluição sonora, resultando na sensação de perigo, estresse para a pessoa cega, dificultando localizar, alinhar e discriminar os sons. Um exemplo é a queda sobre o guarda-chuva, próximo à cabeça, que causa a perda da audição de referências já existentes no percurso. O atrito dos pneus na pista inundada também altera a propagação de sons paralelos.

Como exemplos de localização do som, em Curitiba, podem ser citadas as paradas de ônibus, chamadas de estação tubo, que possuem catracas para entrada e saída. As pessoas cegas utilizam como referência o som produzido pelo giro dessas catracas para dirigir-se à entrada. Há um funcionário sentado ao lado da catraca, que cobra as passagens de entrada, e pode também fornecer informações e ajuda, quando necessário. O fato de estar próximo a esse equipamento público conhecido confere à pessoa cega certo bem-estar, sentimento de segurança, pois, se a pessoa necessitar de apoio, irá até ao responsável por aquele serviço. Outros exemplos são lojas de roupas e acessórios que fazem uso de músicas em alto volume para atrair clientes, pessoas falando, barulho de motor funcionando. Queiroz (1986, p. 74) aponta como conseguiu localizar a padaria e a lotérica pelo barulho, porém, o antiquário, lugar silencioso, não é possível localizar pelo som:

> O barulho e o cheiro de pão me avisaram que estava em frente a padaria, já perto da minha portaria. Só faltavam o antiquário, a loteria e o bar, e eu estaria em casa. O antiquário não produzia nenhum barulho característico, mas a loteria sim e, além disso, o desnível na calçada em frente a ela me assustou. Tudo bem, aquele desnível seria fundamental quando o comércio estivesse fechado… O bar não tinha erro: o barulho das xícaras de café e copos era inconfundível. Acabando aquele barulho seria a portaria. Cheguei suado, nervoso, mas feliz. Consegui! Em todo o percurso só fui abordado por um senhor que se ofereceu para me atravessar a rua.

O alinhamento do som é relacionado à sua localização, tempo e movimento. Os sons podem estar próximos e ir para longe, ou podem estar distantes e se aproximarem. Como coloca Le Breton (p. 132-134), a visão sempre ocorre a partir da perspectiva direcionada pela pessoa. Já a sonoridade irradia sem fronteiras, permite a imersão, cujas sucessões e ritmos e cortes são sentidos na trama e no ecoamento do tempo. Pelo som, é possível calcular a velocidade do objeto em movimento.

O exemplo mais comum são os produzidos pelo tráfego de automóveis, que se movimentam de um lado a outro, ou permanecem parados enquanto o sinal está fechado. São os elementos que merecem maior atenção, pois oferecem o maior risco ao pedestre, ao atravessar as ruas nos espaços públicos. À medida que as pessoas se aproximam de esquinas, percebem de modo mais intenso os sons dos motores dos veículos. Os modelos de carros antigos faziam grande barulho no motor, já os novos são cada vez mais silenciosos. Se por um lado causam menos poluição sonora, por outro, dificultam a travessia de ruas pelo referencial sonoro.

> A audição é outra linha de orientação pelo viés da intensidade e da direção dos sons: ruídos de viaturas, da circulação ou sonoridades particulares de alguns locais como cafés, lojas, canteiros de obras, rios, riachos, nascentes, etc. Mas o cego prova dificuldades maiores quando as informações sonoras lhe afluem profusamente, embaralhando sua identificação, em razão, por exemplo, de uma forte chuva numa avenida movimentada, ou quando o entorno silencia ou emite sons abafados por ocasião de uma nevasca.(...) Uma infinidade de dados silenciosos interpõe-se entre o cego e o mundo, sem oferecer-lhe nenhuma referência. Inúmeras balizas olfativas igualmente acompanham seus deslocamentos, mesmo que suas origens sejam mais imprecisas. Às vezes podem ser duráveis: presença de uma padaria, de uma peixaria, de uma venda de flores, de uma mercearia. Às vezes provisórias: dependentes das estações e florações. (LE BRETON, 2016, p. 248)

Quanto à discriminação do som, as pessoas cegas conseguem identificar tanto o objeto que produz o som, quanto o outro elemento que suporta o objeto. Para exemplificar, em entrevista concedida a Jerônimo (2014, p. 73), a entrevistada diz “eu mesmo conheço o ônibus pelo barulho, é ônibus de viagem tem um barulho, o ônibus da cidade o coletivo tem outro barulho né, caminhoneta tem um barulho, esses carros baixos tem outro”. Apesar de ambos serem barulhos de motor, produzem sonoridades diferentes, de acordo com o tamanho do veículo. É possível distinguir as qualidades táteis de uma superfície, de acordo com as sonoridades produzidas. “O som tem uma qualidade tátil, sua recepção não se dá apenas pelo tímpano, mas pelo nosso maior órgão, a pele. Nesse sentido, a audição1 é uma operação corporal.” (NEVES E

SOBRAL, 2019, P. 51). Por exemplo, um carro que circula por rua de asfalto ou rua de paralelepípedo, como Merleau Ponty (2011, p. 309) afirma:

> no ruído de um automóvel ouço a dureza e a desigualdade dos paralelepípedos, e com razão fala-se em um ruído "frouxo", "embaçado" ou "seco". Se se pode duvidar de que a audição nos dê verdadeiras "coisas", pelo menos é certo que ela nos oferece, para além dos sons no espaço, algo que "rumoreja" e, através disso, ela se comunica com os outros sentidos.

Em algumas áreas, a arquitetura dos espaços privados ao redor pode produzir mais ou menos eco. Rasmussen (1986, p. 219) aponta que “recintos de formatos e materiais diferentes reverberam de modos diversos”. Sendo assim, a pessoa cega consegue distinguir localizações e texturas dos ambientes de acordo com o som produzido pelas bengalas batendo no chão, que propicia às pessoas cegas uma noção da distância dos objetos. Hill (1985, p. 103) aponta que aberturas como janelas, escadarias e corredores eram facilmente localizados por seus participantes. Porém, muitos deles declaravam não gostar de áreas abertas, pois não são referências sonoras e táteis, visto que o som não reverbera.

> O cego é treinado para perceber a presença de túneis, pois o local fica mais fechado, muda o som, formando-se ecos; a presença de paredes, de obstáculos grandes e sólidos no espaço, percebendo que existe alguma coisa na frente; quando os espaços são abertos, sentem que ficou mais claro ou que a brisa ficou mais forte etc. (NOVI, 1996, p. 38)

Ao passar em frente a uma porta grande, nas calçadas, o som é diferenciado dos demais espaços pelo eco provocado. Para os que usam a bengala, o som produzido ao bater no chão ressoa no ambiente, trazendo a noção do que está ao redor.

As pessoas conversando nas ruas são vozes constantes. Vendedores ambulantes oferecendo seus produtos, pessoas com microfones nas lojas apresentando as ofertas, crianças brincando, até mesmo conversas particulares que, por ventura, podem ser ouvidas, pessoas que puxam assunto com desconhecidos, pedidos de informações. As relações sociais também conformam a percepção do ambiente, da paisagem, do lugar. As interações se dão principalmente através da linguagem em que “o ouvido é o vínculo unificador do vínculo social enquanto a voz humana recolhe a palavra do outro” (LE BRETON, 2016, p. 130).

Para explicar a reflexão auditiva, é preciso compreender um conceito *Blindsight*, Cegueira Cortical ou visão cega. A pessoa, mesmo sem enxergar, sabe intuitivamente a localização dos

objetos. Essa é uma das questões de investigações sobre a experiência consciente, pesquisada, no âmbito da fenomenologia, por profissionais de diversas áreas do conhecimento (CESCON, 2013, p. 17). Sacks (2010, p. 205) traz a narrativa do filósofo Martin Milligan, que relatou-lhe ser capaz de "ouvir objetos" mesmo que esses sejam silenciosos, pois "absorvem e/ou ecoam os sons" que podem ser produzidos pela própria pessoa ou por outras fontes.

Esse fenômeno é conhecido também como "sentido facial", pois há maior facilidade de reconhecer objetos a altura da cabeça, já que "as correntes de ar, os objetos que irradiam calor ou frio duplicam as informações auditivas a táteis e oferecem indicações preciosas ao longo dos deslocamentos, tanto em casa quanto na rua" (LE BRETON, 2016, p. 246). Mas, para se chegar a esse nível de apreciação, demanda tempo de experiência, a pessoa exercita-se ao longo de sua vida. Muitas pessoas cegas podem ter esse tipo de percepção inconscientemente. Segundo Pallasmaa (2006, p. 52), "um espaço se entende e aprecia tanto por meio de seu eco ou sua forma visual, mas a percepção acústica normalmente permanece como uma experiência inconsciente de fundo". Assim, a pessoa cega consegue trazer a percepção do eco para a consciência, ou nas palavras de Merleau-Ponty, torna-se figura, e não mais fundo. Palhares demonstra em Poccock como uma sonoridade pode ser característica de uma localidade:

> Os sons ouvidos constantemente - o zumbido do trânsito, o bramido do mar, o canto das cigarras - são normalmente ignorados ou não percebidos. Se eles são conscientemente ouvidos, então eles são levantados do chão para simbolizar o sinal. Esses sons em primeiro plano atraem a atenção para si mesmos - sinos, relógios, trens." Um sinal particularmente notado, ou único, é chamado de *soundmark*, um som da comunidade especialmente considerado por seu pessoal (POCOCK, 1989, p. 196 *apud* PALHARES, 2019, p. 44).

Algumas pessoas cegas podem desenvolver uma técnica denominada ecolocalização, que consiste em provocar ruídos com seu corpo (pés, mãos e boca) para avaliar sua posição no ambiente e dos objetos que o cercam, inclusive estimando suas distâncias (LE BRETON, 2016, p. 131; 245). É o caso de Daniel Kish, um homem cego norte-americano que desenvolveu a técnica desde a infância e, atualmente, é capaz de "enxergar" através dos sons. Ele foi entrevistado pelo jornal O Globo, que explica sua prática:

> Fazendo "cliques" com a boca, ele consegue criar imagens mentais sobre o ambiente, que o permitem realizar tarefas consideradas difíceis para pessoas cegas, como andar de bicicleta ou caminhar por trilhas desconhecidas (…) Kish explica que o som funciona para ele da mesma forma que a luz para os videntes.

> Ao fazer cliques com a boca, seu cérebro interpreta o eco para criar uma representação espacial do ambiente. (MATSUURA, 2017, np)

É pertinente observar que o conceito de imagens mentais, nesse caso, é utilizado na referência de uma experiência do momento presente. Entretanto, como o sentido da visão está ausente, a expressão é empregada no sentido de reconstrução do ambiente na mente, a partir de outros sentidos que não a visão. Sacks (2010, p. 206) também cita o caso de desenvolvimento de ecolocalização de Ben Underwood, afirmando que "desenvolveu uma espantosa estratégia semelhante à dos golfinhos: emitia estalos regulares com a boca e interpretava acuradamente os ecos resultantes dos objetos próximos".

Há ainda a chuva, capaz de construir uma imagem mental de uma paisagem pelo som, ao entrar em contato com as superfícies, produzindo diferentes tipos de sons simultaneamente, recobrindo o ambiente por completo, já que "o som aumenta a nossa consciência, incluindo áreas que estão atrás de nossa cabeça e não podem ser vistas. E o que é mais importante: o som dramatiza a experiência espacial" (TUAN, 2013, p. 26). Para comprovar, o personagem cego do filme *Notes on Blindness* dirigido por Peter Middleton (2016) relata sua experiência:

> Uma nota sobre a experiência de ouvir a chuva caindo. Esta tarde, eu saí pela porta da frente da casa e estava chovendo. Fiquei parado por alguns minutos, perdido na beleza daquilo. A chuva traz todos os contornos que está ao seu redor… à medida que introduz um cobertor de um som diferenciado e especializado… que preenche todo o ambiente sonoro.

Como a visão e a audição são os únicos sentidos de longo alcance (PEARCE, 1982), a pessoa cega conta apenas com o sentido da audição. É como se a pessoa construísse uma imagem do ambiente através do som. Para ela, tanto o barulho quanto o silêncio podem provocar sensações positivas ou negativas, ser agradáveis ou desagradáveis. Le Breton (2016, p. 146-147) revela que o termo inglês *noise* pode estar associado ao latim *nausea*, de modo que o barulho irrita e provoca um "estado de alerta sofrível" de estresse, mal-estar e "impede a plena fruição do espaço". Pallasmaa (2006, p. 50) considera que "o sentido da visão implica exterioridade, mas o sentido do som cria uma sensação de interioridade". Sem a visão, a audição pode provocar sensações mais intensas e afetar a pessoa emocionalmente, tanto em aspectos positivos quanto negativos. Pallasmaa (2006, p. 52) complementa que "a experiência auditiva mais primordial criada pela arquitetura é a tranquilidade".

O espaço público torna-se um lugar de sociabilização. O comércio de mercadorias, a circulação de pessoas e de produtos e serviços determinam a renovação constante dos ambientes, resultando em ganhos e perdas em termos de acessibilidade, segurança e liberdade, pois causa a sensação de segurança pela movimentação de pessoas.

Nas praças, pela falta de circulação de pessoas, há mais silêncio. Por um lado, ambientes como esse trazem calmaria, no entanto, causa insegurança, pelo ambiente desumanizado. O movimento de pessoas confere a possibilidade de, a qualquer momento, solicitar ajuda, caso a pessoa necessite. Sinal da permanência dos outros perto de si tranquiliza-o, lembrando que, para além da existência do indivíduo, o mundo continua a existir (LE BRETON, 2016, p. 161). Por outro lado, há locais mais barulhentos, com intensa movimentação e pessoas, motor de ônibus, causam agitação, onde a pessoa perde outros referenciais auditivos em meio a tantos sons misturados. Nas palavras de Le Breton (2016, p. 160), “o barulho sempre se identifica muito claramente a uma fonte, já o silêncio inunda o espaço e deixa a significação em suspense. Os que temem o silêncio ficam à espreita de um som que humaniza os ambientes”.

No caso de pessoas cegas, é comum ouvir comentários a seu respeito. Crianças curiosas perguntam aos pais por que aquela pessoa usa bengala. Logo em seguida, vem o silêncio, e o clima de repreensão do pai pela questão “constrangedora”. As pessoas cegas, de maneira geral, não se importam com a curiosidade infantil, mas sim com a atitude dos adultos, que poderiam tratar o assunto com naturalidade.

As sonoridades proporcionam percepções do tempo e do espaço de uma forma comparada à visão, quanto a sua intensidade. Entretanto, a cultura predominante visual encobre as possibilidades de deixar-se embalar pelas nuances sonoras, que revelam as sutilezas do mundo.

Para concluir, pesquisas em paisagens sonoras têm sido desenvolvidas nos últimos anos em distintas áreas. Os sons das ruas provêm da natureza viva, da natureza não viva e dos seres humanos, conforme classificação de Krause (2002). A amplificação dos sons transporta a um mundo nunca antes percebido, de modo que a oportunidade de viver a experiência auditiva amplificada imerge na riqueza das nuances sonoras. O silêncio total e o barulho intensos podem provocar desconfortos no ambiente. O primeiro por transmitir a sensação de desumanização, e o segundo por causar agitação. A localização do som, alinhamento e reflexão auditiva são os elementos que servem como referenciais no ato de locomoção.

1.3.3 Odores que pairam no ar sem fronteiras

As pessoas que não enxergam e não ouvem são denominadas, respectivamente, de cegas e surdas. E as pessoas que não sentem cheiro? Anosmático. A palavra incomum e pouco conhecida demonstra que a deficiência olfato-gustativa não é considerada de fato, uma deficiência. Apesar disso, essa condição pode prejudicar o desenvolvimento de tarefas básicas do cotidiano. Sentir cheiro é uma forma de proteção do ser humano, além de provocar alterações no paladar.

O filme *Perfume de Mulher* (1993) apresenta um personagem cego com o olfato extremamente desenvolvido, que é capaz de distinguir o perfume de uma mulher à distância. O cinema, a literatura, as obras de arte em geral, contribuem para a construção de um imaginário social que, em muitos casos, pode ser exagerado ou distorcido. Le Breton (2016, p. 328) afirma que “obviamente, nem todos os cegos dispõem de um sentido olfativo a tal ponto desenvolvido. Como para o tato ou a audição, importa primeiro refinar as capacidades e, ao longo da experiência, estar à altura de um sólido conhecimento do mundo por essa via”.

O olfato atua como ponte entre os sentidos de distância e proximidade e está orientado a perceber tanto o exterior, como o interior, a exemplo da ingestão de alimentos, que também é percebida pelo sentido olfativo e confundido com o paladar (TAFALLA, 2015, p. 118), e possui um certo estatuto de inferioridade entre os sentidos. Com as práticas higienistas, as cidades foram, aos poucos, perdendo os cheiros. O cheiro ruim emanava das ruas, no período de industrialização da Inglaterra. Paris, uma cidade tão glamourosa e reconhecida mundialmente por seus perfumes, emana um cheiro fétido dos metrôs. Porteous (1996, p. 37) aponta que o “empobrecimento sensorial governa em um mundo seletivamente "higienizado para sua proteção". Cada cidade possui um cheiro particular. Neves e Sobral destacam a importância dos cheiros característicos das cidades:

> O cheiro é um elemento de ordenação espacial, temporal e de relação com o lugar, pois auxilia na complementação das imagens visuais e sonoras. As cidades possuem cheiros e eles são facilmente identificáveis, podendo, inclusive, tornassem marcadores da identidade urbana de algumas cidades e virar símbolos em alguns casos. O cheiro também tem sua função comunicativa assim como os outros sentidos urbanos. (NEVES E SOBRAL, 2019, p. 53)

No Brasil, Yamaki (2001) lembra que “o urbanismo sanitarista de Saturnino de Brito, nas primeiras décadas do século XX, podem ser considerados também estratégias de desodorização”.

Mas essa questão não é específica do Brasil, é um fenômeno que ocorre em escala mundial. Porteous (1996, p. 37) aponta que "a investigação de cheiros é quase totalmente dedicada à poluição por odores. A qualidade do ar interior e os odores do trânsito têm despertado considerável interesse; sobre metade de todas as reclamações sobre poluição do ar envolvem cheiros".

Quais as particularidades do sentido do olfato em relação aos demais sentidos? Que cheiros possuem as cidades? Quais os cheiros característicos das pequenas porções dos espaços públicos? Os cheiros das cidades podem ser efêmeros ou estarem sempre presentes em determinadas localidades. Os cheiros são fatores característicos dos trajetos da cidade, que também podem servir como referenciais para a locomoção nos espaços públicos e na formulação da imagem da cidade. Podem estar associados a pequenas ou grandes porções da cidade, em que "cada região possui seus odores próprios ligados à vegetação, às estações, aos animais ou às indústrias locais que impregnam o espaço com seus eflúvios propícios ou nefastos" (LE BRETON, 2016, p. 307).

Henshaw (2014) aventurou-se a mapear os cheiros de várias cidades, lançando o livro *Urban Smellscapes*. A autora também mantém um site[13], no qual posta notícias relacionadas a eventos, publicações e trabalhos científicos relacionados aos cheiros da cidade. Ela inicia abordando aspectos históricos sobre os cheiros nas cidades, depois aborda as qualidades das percepções e denomina "smellwalk" um estudo de caso na Inglaterra, que mapeou as paisagens olfativas. Por último, aponta os cheiros mais característicos da cidade na atualidade, ressaltando aspectos como a qualidade do ar e o cheiro de comida, de vegetação, entre outros. Malnic (2008) também disserta sobre os cheiros do cotidiano que afetam emoções e despertam comportamentos, impactando a vida das pessoas.

No Brasil, Yamaki (2001, p. 205-206) faz um estudo das paisagens olfativas da cidade de Londrina, e cita como exemplos de cheiros característicos da cidade "cheiro de Café Cacique, cheiro de menta da Braswey, e quem sabe os ventos do Igarapó que atravessam os fundos de vale". Okamoto (2002) cita dois exemplos sobre o marketing do cheiro ocorridos na cidade de Curitiba, no ano de 1993, quando a Pizza Hut lançou "16 outdoors com fotos de pizzas que espalhariam o cheiro por cerca de dez metros, borrifado no ar por um aparelho espargidor instalado no cartaz (Folha de S. Paulo, 21 set. 1993 *apud* Okamoto, 2002, p. 128). O outro caso

[13]https://smellandthecity.wordpress.com/

ocorreu “em agosto de 1996, a Espetinhos Mimi espalhou outdoors com cheiro de churrasco nas principais avenidas de São Paulo e em mais de 33 cidades (O Estado de S. Paulo, 13 ago. 1996 *apud* Okamoto 2002, p. 129).

Okamoto (2002, p. 126), Dardel (2015, p. 26-27) e Le Breton (2016, p. 302) indicam que o odor pode tornar-se qualidade de regiões ou de estações, sendo característicos de um ambiente, de modo a provocar um clima afetivo, atrativo, ou o desejo de repulsa, ojeriza, de evadir-se, quando o lugar é ofensivo ao nariz, fazendo com que a pessoa estabeleça um contato com o mundo, criando um apelo emocional, como aponta Porteous (1996, p. 36):

> Ambientalmente, o cheiro é ainda mais pobre em informação e rico em emoções do que o som. Smellscape é um envelope, não estruturado, muitas vezes sem direção espaço; o mundo do cheiro é "difuso, incipiente, transitório e emocional. Odores despertar sentimentos de prazer, bem-estar, nostalgia, afeição e repulsa.

Apesar disso, falar de um “bom” ou “mau” cheiro é uma opinião largamente pessoal. Trata-se de uma percepção eminentemente subjetiva, tanto no valor de sua percepção quanto em sua identificação ou evocação (LE BRETON, 2016, p. 305). Apesar de Pearce (1982) apontar que apenas os sentidos da visão e audição implicam na questão da distância, para Tuan (2013, p. 23) “o nariz do homem também pode discernir direção e calcular distância relativa mediante a intensidade do cheiro”.

Uma das formas das pessoas de exprimirem suas percepções é a linguagem falada. Diante disso, há um fator específico do sentido do olfato. As cores e as texturas, em sua maioria, têm um nome característico. Os cheiros são sempre comparados e associados a outras coisas, referindo-se ao “cheiro de...” Assim, a pessoa necessita sempre reportar-se a alguma coisa para especificar o cheiro, ou seja, busca associar a algo presente no ambiente. Le Breton lembra-nos que “o olfato é o sentido menos diversificado na língua. Mesmo sendo o homem suscetível de discriminar milhares de odores, ele tropeça nos termos ao descrevê-lo ou transmiti-los aos outros (LE BRETON, 2016, p. 306). A falta de diversificação na língua influencia diretamente na capacidade das pessoas em diferenciarem uma variedade de odores.

Em uma linguagem coloquial, diz-se que “nos acostumamos” com os cheiros, ou seja, deixam de ser percebidos à medida do tempo em que se permanece cheirando. “Volátil, o odor se enfraquece na medida em que o homem se demora nos mesmos lugares ou em suas proximidades.” (LE BRETON, 2016 , p. 306).

O sentido olfativo também contribui para a orientação e locomoção das pessoas cegas nos espaços públicos. Dalhuisen (2017, p. 70) escreveu sua dissertação de mestrado acerca da percepção olfativa de pessoas com cegueira. A entrevistada Renata Aschar considera que o olfato auxilia na localização, pois através desse sentido "a pessoa com cegueira reconhece pessoas, objetos e caminhos". Novi, em seu livro sobre orientação e mobilidade, confirma, afirmando que:

> Muitas vezes o cheiro de pão, livros, couro, fazenda, podem indicar as proximidades de uma padaria, livraria, de um sapateiro ou de uma casa comercial, servindo, assim, de referência para as pessoas cegas. Um odor pode, portanto, constituir-se, em determinadas circunstâncias, no único fator de orientação para o cego. (NOVI, 1996, p. 39)

Os cheiros percebidos nas ruas, com frequência, são emanados dos espaços privados e pairam no ar sem fronteiras. Estabelecimentos alimentícios possuem o cheiro constante em seus horários de funcionamento. O sentido do olfato está diretamente relacionado ao sentido do paladar, podendo ser denominado sentido olfato-gustativo, como apontam Neves e Sobral (2019, p. 53):

> O cheiro da cidade ou de lugares da cidade, com sua carga simbólica, remete também a imagens ou imaginários afetivos dos indivíduos evocando memórias e sentidos. O sentido do paladar está muito ligado também à paisagem olfativa, os sabores da comida estão diretamente entrelaçados com o cheiro que eles emitem.

É comum, ao passar por estabelecimentos alimentícios, ter o paladar aguçado pelo cheiro. O cheiro de comida exala dos espaços privados, podendo ser estabelecimentos comerciais ou residenciais. Envolvem as narinas e aguçam o paladar, ou causam repulsa, caso o alimento que exala o odor não seja do agrado daquele que cheira. Hill (1985, p. 104) também identificou, em sua pesquisa, as questões olfativas apontadas pelos participantes, e expõe que:

> participantes falaram da importância de cheiro, pelo menos em algumas situações. Laura, por exemplo, mencionou o uso de odores provenientes da mercearia, loja de donuts, loja de sapatos e loja de nozes como um meio para localizá-los. Tanto ela como Susan mencionaram que eles foram treinados para usar essa habilidade. Por outro lado, Jody não conseguiu sobre os odores do peixe e chip restaurante em uma esquina (HILL, 1985, p. 104)

Há outros exemplos de cheiros percebidos nos espaços públicos. Em muitos pontos, é comum perceber o odor de urina, locais onde há muitas pessoas em situação de rua. Muitos cantos menos visíveis são utilizados por pessoas como banheiros públicos, pela falta desses. Um outro odor menos comum, mas também percebido, é o de animais mortos. Pombas, ratos, passarinhos, cachorros e gatos que morrem nos espaços públicos e passam dias nas ruas sem serem recolhidos. Outro cheiro reconhecido facilmente é o de esgoto, advindo de bueiros, boca de lobo, rios poluídos ou de áreas sem saneamento básico.

Mas há também cheiros agradáveis de lojas, que emanam cheiros de perfumes, incenso, produtos de limpeza e cera. As lojas emanam cheiros de produtos novos, como calçados, livros, roupas, entre outros, que são facilmente reconhecíveis pelas pessoas cegas. Os estabelecimentos farmacêuticos, de forma geral, sofreram transformações que influenciaram em seu odor característico, passíveis de serem identificados ao caminhar pelas calçadas. Atualmente, apresentam cheiro de sabonete e de perfume. Tempos atrás, era notório o cheiro de remédio, éter, álcool.

Os cheiros emanados das pessoas também são bastante comuns nos espaços públicos, como os cheiros de cigarros, o qual grande parte das pessoas considera uma sensação desagradável. Ao caminhar pelas calçadas, se há pessoas caminhando e fumando à frente, a fumaça é levada para trás. Ao parar no cruzamento de uma rua para aguardar a travessia, por ora, pode parar ao lado uma pessoa que esteja fumando.

Pallasmaa (2006, p. 55), Le Breton (2016, p. 315), Tuan (2012, p. 27) e Okamoto (2002, p. 125-126) admitem que o olfato é o sentido que tem maior capacidade de ser gravado na memória e provocar lembranças detalhadas, carregadas de emoções, mesmo após muito tempo. Entretanto, Le Breton ressalva que não é possível evocar um odor por uma imagem mental, já que o autor considera ser possível somente fixar imagens visuais. Assim, os odores são relembrados quando, ocasionalmente, são novamente aspirados.

Os odores nas cidades podem caracterizar os lugares, quando são constantes, e podem provocar sensações, quando são efêmeros. As pesquisas envolvendo odores mostram que é possível a criação de mapas olfativos a partir das percepções das pessoas. Utilizados inclusive como estratégia de marketing, podem ter sua fonte em espaços privados e espaços públicos, dando destaque para produtos alimentícios que aguçam o sentido do paladar. A linguagem para referir-se aos cheiros é limitada, sendo associados sempre a outras coisas.

1.3.4 O sentido do corpo inteiro

Como sentir a cidade através do tato? Quais autores discorrem sobre a temática? É possível citar como exemplo duas linhas que trabalham com “paisagens táteis” ou “paisagens do tato” no Brasil. A primeira delas refere-se à criação de maquetes para o processo de ensino-aprendizagem de pessoas cegas. A pessoa cega congênita não consegue entender a paisagem em sua totalidade, isto é, como se fosse uma visão à distância. Ou seja, o rio serpenteando em meio às montanhas, a linha do horizonte, uma grande floresta, onde as cores e texturas se misturam, uma estrada, onde as linhas retas ou curvas perdem de vista. A pessoa pode ir até os locais e tocar, mas não tem como formar a imagem mental da visão do todo. Para isso, trabalhos de construção de maquetes táteis podem ser desenvolvidos em universidades para que sejam utilizadas em aulas para pessoas cegas. É o caso do trabalho de Roqué (2014), desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Ribeiro et. al. (2016), desenvolvido pelo grupo PET de Geografia, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Outra possibilidade são as trilhas sensoriais para o estímulo de sentidos de pessoas cegas e videntes. Um exemplo é no Jardim Botânico de Curitiba, onde há diversas plantas colocadas em vasos à altura das mãos, e, ao lado, informações em braile sobre elas. Nessa perspectiva, também consiste na construção de algo a ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem. Esse tipo de trabalho é de notória importância, já que “uma criança cega que não aprende a tocar permanece à margem do mundo na necessidade de ser assistida pelos outros. Ela sente-se assim saturada por suas mãos, não por uma carência biológica, mas por um defeito educacional” (LE BRETON, 2016, p. 217). Tal carência pode ser elucidada a partir da análise de Classen (2012, p. 180). A autora demonstra que a experiência tátil nas áreas urbanas é bem menor do que nas áreas rurais, sendo que, nas cidades modernas, as experiências com a natureza estão nos parques, espaços mais propícios para recreação.

Montagu (1988, p. 21) e Palaasmaa (2006, p. 42) consideram todos os sentidos, incluindo a vista, como prolongamentos do sentido do tato, já que todas as experiências sensoriais são modos de tocar. Este último autor aponta a conexão da cidade com o corpo através dos sentidos, em que “a cidade e meu corpo se complementam e se definem um ao outro. Habito na cidade e a cidade habita em mim”. O tato não consiste necessariamente em tocar, também é possível através das vibrações, temperaturas, sensações do vento, da poeira. Instância de separação, ele envolve a

individualidade, mas é simultaneamente lugar de intercâmbio com o mundo, deixando transitar por ele o calor, a luz, a fruição ou a dor. (LE BRETON, 2016, p. 207).

A propriocepção é outro conceito que se aproxima ao tato. Ao caminhar nas ruas da cidade, a pessoa está em constante movimento e são registrados na memória corporal os movimentos que realiza para caminhar no espaço. Assim, Pozzana e Kastrup colocam que:

> A propriocepção é dada na relação do movimento com a posição corporal. O tempo todo, ao fazer algo, mudamos de posição e o espaço se reconfigura. O próprio espaço também se move. A propriocepção é sempre dinâmica e nos acompanha. Para trabalhar com o cultivo e o desenvolvimento da propriocepção é preciso, portanto, despertar uma atenção que acompanha e articula apropriadamente o corpo no espaço. (POZZANA E KASTRUP, 2017, p. 372)

Okamoto (2002, p. 140) acrescenta que "o espaço tátil é percebido pelo corpo todo na medida em que só dessa maneira é possível ter a noção da tridimensionalidade". O corpo, portanto, passa a compensar o sentido visual para a pessoa cega. O corpo desenvolve maior sensibilidade e torna-se essencial na percepção, como aponta Sousa:

> O perceber, dentro do não-ver, exibe, pois, uma transação. Uma transação permanente entre o corpo, o espaço e os eventos do mundo. O perceber, dentro do não-ver, é um permanente trabalho, envolvendo o contato com a experiência, os fenômenos do mundo, em um aparelho neurosensóriomotor crucialmente dependente de um modo tátil de pensar/perceber [...]. (SOUSA, 2009, p. 183)

Ao caminhar, mesmo utilizando calçados, com a sola dos pés é possível diferenciar as variedades de texturas, que se tornam um dos referenciais para locomoção. Novi (1996, p. 39) aponta que "(...) é através dos pés e da ponta da bengala que vão perceber a diferença dos pisos pelas depressões, a natureza das coisas existentes no caminho por onde passam, tais como muros, árvores, portões, meios-fios, gramas, etc." Por esse motivo, o tipo de calçado e de bengala que a pessoa utiliza influencia também na percepção. Ainda assim, "mesmo que os sapatos sejam usados, é possível distinguir qualidades (soft, duro, liso, áspero) e tipos (grama, pedras, areia, calçadão) de superfície. (PORTEOUS, 1996, p. 38). Pallasmaa (2006, p. 59) afirma que "a gravidade se mede pelo extremo do pé, rastreamos a densidade e a textura da terra através da planta de nossos pés."

Os materiais escolhidos para a construção de uma cidade interagem e se comunicam com as pessoas através de seus corpos. Para Neves e Sobral (2019, p. 54), "texturas também revelam a

cidade. O concreto, o asfalto, o cimento são símbolos da vida urbana e as suas superfícies denotam a urbanidade. Também por meio do tato o sujeito percebe o mundo, sente a cidade." E não apenas as texturas dos pisos, mas outros elementos que nele se encontram tornam-se perceptíveis aos pés. Os tipos de piso variam e podem ser percebidos às pessoas cegas, que têm "consciência do solo ou da calçada (areia, asfalto, pedras, barro etc.); reconhecimento das bocas de lobo, dos limites da rua" (LE BRETON, 2016, p. 247).

Pisos como o petit-pavé geralmente são escorregadios, principalmente quando estão molhados. A polêmica em relação ao piso já foi apresentada no jornal Gazeta do Povo, por Vicente (2006), em que há um embate em relação a preservação do patrimônio histórico. Algumas calçadas que possuem piso de asfalto são confortáveis para caminhar, porém, a pessoa cega, às vezes, têm dificuldades para diferenciar se está na calçada ou na via. Os buracos nas calçadas podem provocar tropeções, e por vezes, acumulam água da chuva, formando poças, as quais são difíceis serem identificadas pelas pessoas cegas, que acabam pisando e molhando os pés. Os pisos táteis conferem segurança no caminhar, mas, como muitas vezes são colocados inadequadamente, a pessoa perde a confiança.

Mas não é apenas com a sola dos pés que se percebe o sentido tátil. O tato é sentido com o corpo inteiro. Porteous (1996, p. 37) indica que "a tactilidade, o sentido háptico, produz uma paisagem de toque. A pele é a nossa maior órgão sensorial, e é extremamente sensível" . "Seu conceito de mundividência tátil diz respeito a uma transação entre mente, corpo, espaço e ambiente. O modo de uma pessoa cega estar no mundo e percebê-lo tatilmente explicita a relação entre o corpo e o ato de conhecer." (POZZANA E KASTRUP, 2017, p. 371-372)

O tato também pode ser experienciado através das mãos. Entretanto, essa parte do corpo não costuma explorar muito a cidade já que "poderia ser considerado o modo como a cultura impede o sujeito de experimentar efetivamente a vivência da cidade pelo tato – não tocar algo por que é/está sujo, ou por que é sinônimo de má educação, ou por outro motivo, é um enunciado comum." (NEVES E SOBRAL, 2019, p. 52)

> A tactilidade está claramente relacionada com os sentidos subsidiários da cinestesia e sensação de temperatura e movimento do ar. O primeiro envolve a velocidade de movimento do corpo, a nitidez de ângulos e curvas, a taxa de direcional mudança, declividade, escorregadio e mudanças na orientação do corpo (PORTEOUS, 1996, p. 38)

É interessante refletir que seria possível viver sem os outros sentidos: audição, visão, olfato, paladar…, mas não seria possível viver sem o tato (LE BRETON, 2016, p. 206; TUAN, 2012, p. 24; MONTAGU, 1988, p. 259). Existem doenças de pele que provocam a perda de sensibilidade local, mas não existe uma pessoa com total ausência de tato. Le Breton (2016, p. 210) e Diderot (2006, p. 58) afirmam que o toque atesta a veracidade, a concretude e as modificações de qualidades imperceptíveis aos olhos, havendo uma "mistura de significados literais e metafóricos que fazem do toque uma figura de sentimento, relacionamento e conhecimento" (BELLACASA, 2009, p. 299). Pallasmaa (2010, p. 10) acrescenta que "a nossa pele, na realidade, é capaz de distinguir uma série de cores, e mais, vemos através da pele".

Ales Bello (2006, p.35) afirma que "a delimitação física do nosso corpo não é percebida através da visão, mas através do tato. Podemos fazer a experiência fechando os olhos. Temos a sensação corpórea, e também a distinção entre o nosso corpo e aquilo sobre o que estamos sentados, ou sobre o qual caminhamos"

> O tato, segundo Husserl, é o sentido mais importante em absoluto, porque através dele registramos os confins físicos do nosso corpo, que permite orientarmo-nos no espaço. O tato nos dá, portanto, a sensação do nosso corpo e do corpo externo ao mesmo tempo. Não só a distinção, mas também a conexão e a conexão do nosso corpo e do corpo diverso (ALES BELLO, 2006, p.37)

Ainda segundo a autora, é a partir desse pensamento de Husserl que Merleau-Ponty desenvolve sua tese sobre a corporeidade, em Fenomenologia da percepção.

Pensando nas pessoas cegas, que, sem a possibilidade do uso da visão, passam a utilizar mais o tato, pela necessidade, tornando-se mais sensíveis a ele. Um exemplo de sentido de escala no tato, a escrita em braile, na qual a pessoa desenvolve uma sensibilidade capaz de distinguir a posição dos pontos, em que a saliência é tão sutil, que exige uma destreza na prática para sua percepção. Seria possível dizer que é uma microescala de percepção tátil, que, além de se perceber as saliências, percebe-se também a sequência de seis pontos alinhados (e a falta deles) que formam letras, e a sequência de letras que forma palavras. As pessoas cegas mais ágeis na leitura podem fazê-lo com a velocidade das pessoas que leem com os olhos.

Em uma passagem da *Carta sobre os Cegos*, Diderot (2006, p. 21) supõe que "a pessoa cega preferiria aperfeiçoar o sentido do tato, aumentando o tamanho dos seus braços para poder tocar todos os objetos, do que recuperar a visão, argumentando que os olhos cessam antes de ver

do que as mãos de tocar". As mãos exploram com lentidão, buscando os detalhes, propiciando uma relação mais íntima. Para o olhar, bastam alguns segundos para julgar conhecer o objeto por completo.

Merleau-Ponty (2011, p. 422) e Le Breton (2016, p. 203; 216-217) diferenciam o tato passivo do tato ativo (ou tato cognoscente). O primeiro ocorre ao entrar em contato com as partes de nosso corpo encobertas, ou apenas encostadas na superfície tátil, sem que haja movimento. O segundo refere-se ao tato com as mãos, no qual há intencionalidade em tocar e explorar. Isso faz com que o sentido tátil das mãos seja superior ao resto do corpo, proporcionando não apenas a percepção das características, mas também qualidades designadas por cinestesia, como temperatura, volume, peso, consistência, textura e solidez.

O tato também pode ser denominado sentido háptico ou cinestésico, que tem sua origem na palavra grega *haptikós*, que se diferencia por estar mais relacionada ao tato ativo, e, portanto, ser um termo mais empregado a pessoas cegas, pois "é através da percepção tátil-cinestésica que a pessoa cega toma conhecimento das coisas que a cercam do mundo em geral, por isso falamos que 'a mão é o olho do cego'" (NOVI, 1996, p. 38-39) O sentido háptico é uma ampliação do sentido tátil , conforme esclarece Montagu (1988, p. 31):

> O termo háptico é usado para descrever o sentido do tato em sua extensão mental, desencadeada diante da experiência total de se viver e agir no espaço. Nossa percepção do mundo visual, por exemplo, de fato mescla o que já sentimos em associações passadas com o que já vimos ou com a cena à nossa frente. O sentido háptico é adquirido, pois se aplica a objetos vistos que tenham sido tocados ou usados em manipulações.

Outro tipo de sensação tátil está relacionado ao sentido cinestésico, à memória muscular devido à repetição, que torna os movimentos automáticos. Aclives e declives, mesmo que muito sutis, são percebidos por pessoas cegas, como aponta Le Breton (2016, p. 247), enquanto são despercebidos por videntes. Okamoto (2002, p. 154) relaciona o sentido de equilíbrio à audição, mas também ao sentido cinestésico, pois "movimenta inúmeros músculos que exigem uma complexa coordenação de movimento e posturas para que seja possível atuar nas diversas atividades sem esbarrar nos objetos ao seu redor". A arquitetura está imbuída de mensagens simbólicas impressas em suas estruturas, transmitidas de forma visível e não visível.

Pensando no sentido do tato, Merleau-Ponty (2004, p. 29; 2011, p. 198-199; 211) mostra como a bengala passa a ser uma extensão do corpo da pessoa cega, deixando de ser um mero

objeto que, com o hábito do uso, torna-se cada vez mais familiar, passa a fazer parte do volume de seu corpo e comparado ao olhar. Sendo assim, " não é um instrumento que o cego percebe, mas sim com o qual percebe", ou seja, "(...) uma pessoa cega usando uma bengala não percebe vibração e pressão em sua mão, mas o mundo real dos objetos localizados na ponta da bengala" (POWELL, 2012, p. 191). Sacks (2010, p. 206) concorda e acrescenta que "muitos cegos dizem que usar a bengala ajuda-os a "enxergar" o ambiente onde estão, pois o tato, a ação e o som são imediatamente transformados em um quadro 'visual'". Martins (2006, p. 155) afirma que "a bengala opera como uma extensão da percepção táctil da pessoa cega, permitindo-lhe antecipar obstáculos, reconhecer referências no caminho, constituindo igualmente uma forma de se assinalar para os demais a presença de alguém invisual".

Um exemplo de relato sobre o uso da bengala é o de Queiroz (1986, p. 74), autor do livro S*opro no Corpo*. Ele narra a situação da primeira vez que saiu sozinho na rua após se tornar cego. Ia caminhando com a bengala, quando se deparou com um carro estacionado na calçada. Assustou-se quando a bengala bateu no para-choque metálico e utilizou a mão para tatear o carro e passar por ele. Entretanto, não havia espaço entre o carro e o muro para a passagem. Nesse caso, a mão foi utilizada pela falta de experiência com a bengala. Na primeira vez que saiu sozinho, um mundo novo estava à sua espera para ser reaprendido.

Na cidade de Curitiba, existe grande número parques, praças com áreas verdes, gramado, arborização, áreas de lazer, onde as pessoas cegas não costumam adentrar ou frequentar desacompanhadas, desviando desses lugares durante os trajetos. De maneira geral, o fazem por não se sentirem confortáveis devido à falta de sinalização e segurança. Acabam contornando as praças pelo lado de fora, onde o espaço público torna-se um mero local de passagem. Assim, não detêm conhecimento sobre o que há dentro das praças e deixam de apreciá-las enquanto um espaço de bem-estar e lazer. Tuan (2012, p. 139) lembra-nos que "na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais. Fora da crescente população rural, o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional."

Outra questão nos espaços públicos são os objetos que a bengala não é capaz de detectar, ocasionando que a pessoa cega se choque, já que realizam o movimento de varredura com a bengala na altura do chão. O exemplo mais clássico são os telefones públicos, cujo formato não permite que sua cabine seja constatada antes do contato com a cabeça. Cullen (1984) aponta que

o mobiliário da cidade, em certos casos, pode prejudicar o caminhar do pedestre. Nas ruas, há necessidade de mobiliário e infraestrutura: lixeiras, placas de sinalização, arborização, poste, telefones públicos, bancos, floreiras, entre outros, desde que estejam fixadas no local correto, podem cumprir suas funções, sem comprometerem a movimentação dos pedestres. As dificuldades advêm da falta de estruturas, que, se existissem, proporcionariam segurança e referência.

Monteiro (2012, p. 12) realizou entrevistas com pessoas cegas que caminham por espaços públicos, questionando sobre a acessibilidade, e revela que "todos os entrevistados mencionaram que há postes, lixeiras, telefones públicos, árvores e veículos estacionados sobre as calçadas, e que estes obstáculos dificultam a mobilidade e depõem contra a integridade física dos cegos, visto que há risco de quedas e colisões." Um fato narrado por Queiroz (1986, p. 74) relata, de forma sátira, sua primeira experiência ao colidir com uma árvore de galhos baixos, após tornar-se cego

> Repentinamente, um pedaço de pau na minha cabeça. Por aquela eu não estava esperando: uma árvore com galho baixo. A bengala não me avisava do espaço aéreo que eu tinha 1,82m de altura. O que fazer? Usar um capacete de motoqueiro? Achei que um cego de capacete na rua seria demais… OK, não seria sempre que encontraria galhos baixos por aí.

A partir de sua narrativa, com alto grau de detalhamento, é possível se colocar no lugar da pessoa, como se vivenciasse junto a situação. A pessoa que é surpreendida no rosto com uma sensação tátil que não esperava, acaba criando uma expectativa de situação que pode acontecer a qualquer momento. Hill afirma que

> Muitas vezes, a referência ao toque relaciona-se com contato com objetos físicos, por exemplo, a forma de uma torneira ou porta botão, a textura de uma calçada, o desnível de um meio-fio, a presença de uma inclinação ou alterações nos revestimentos do piso. Outras vezes, no entanto, o link de contato com o meio ambiente envolve uma descrição mais ambígua tato com o meio ambiente: uma espécie de rede invisível de consciência que atinge para fora da pessoa cega e sente a coisa lá. (HILL, 1985, p. 103)

Há ocasiões em que as pessoas, acidentalmente, chocam-se com elementos assentados nos espaços públicos. Ocorre uma percepção tátil com o corpo, não intencional. O caso ocorre com telefones públicos, postes, lixeiras, floreiras, bancos, carrinhos parados de gêneros alimentícios, jornal, e árvores com galhos baixos, ou até mesmo atropelamentos. A experiência, obviamente, não é agradável, podendo causar apenas sustos ou graves lesões. Esse tipo de incidente pode

contribuir para o sentimento de topofobia. O piso tátil alerta é específico para sinalizar obstáculos, mas nem sempre é utilizado, ou, por vezes, é colocado inadequadamente e se apresenta fragmentado pela cidade.

As paisagens táteis são exploradas no contexto da produção de maquetes e trilhas sensoriais. Entretanto, apontamos a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas nos ambientes urbanos, já que é um sentido presente no corpo todo, como extensão da pele. As texturas do chão estão sempre em contato com os pés, percebidas mesmo com o uso de calçados. A percepção do espaço com o sentido do tato ocorre de forma descontínua, em que a escala de percepção abrange apenas o que está em contato com o corpo. O tato pode ser ativo ou passivo, com a diferença que o primeiro é dotado de intencionalidade, e o segundo pode estar mais associado com os sentidos hápticos e cinestésicos, ligados à memória muscular.

1.4 GEOGRAFIA E SENTIDOS: POR UMA ESTÉTICA DOS LUGARES

A partir do exposto, foi possível compreender que, nos primórdios da institucionalização da Geografia enquanto ciência, aspectos físicos e humanos eram explorados conjuntamente, a exemplo de Kant, Humboldt, Ritter. Aos poucos, a fenda que abria a cisão entre duas geografias foi tomando maiores vultos. A compartimentação e especialização de áreas da ciência foi, aos poucos, dividindo a Geografia em duas: a física e a humana. Por trás da dicotomia homem/natureza existem questões filosóficas e metodológicas, pois as leis que regem a natureza não se aplicam às sociedades, cuja mente é muito mais complexa e imprevisível.

Kant foi o primeiro professor a ministrar Geografia, na Universidade de Konigsberg. Dentre os conteúdos que abordava em suas aulas, Elden (2011, p. 6) ressalta que "tanto a geografia quanto a antropologia foram ensinadas por Kant por causa de sua dimensão "pragmática" (…) a geografia física é sobre o mundo como um "objeto de sentido externo"; e antropologia como um 'objeto do sentido interior'"[14]. O filósofo foi o primeiro a abordar a questão Estética em sua vinculação com a ciência geográfica.

Posteriormente, Humboldt também engajou seus estudos nessa área, e "forneceu a base para uma tradição estética na geografia" ao explicitar as experiências humanas" (BUNKSE, 1981, p. 127). Entretanto, o primeiro autor a utilizar a expressão "Geografia Estética" foi o inglês

[14] Both geography and anthropology were taught by Kant because of their "pragmatic" dimension, (…) physical geography is about the world as an "object of external sense"; and anthropology as an "object of inner sense.

Vaughan Cornish, na década de 1920. Segundo Cosgrove (1984, p. 266), "Cornish escreveu uma série de livros e artigos promovendo o que ele referenciou como 'geografia estética', fora das técnicas específicas com as quais a geografia poderia produzir". Como exemplo, pode ser citado o artigo de Cornish, intitulado *Harmonies of scenery. An Outline of Aesthetic Geography*, publicado em 1928.

Mais de oitenta anos depois, já sob influência da Geografia Humanista, o conceito *Sensuous Geographies* foi desenvolvido no livro homônimo, por Paul Rodaway, com primeira edição no ano de 1994. O autor refere-se a "uma compreensão geográfica que surge do estímulo dos, ou apreensão pelos, sentidos"[15] (RODAWAY, 2002, p. 5). Rodaway é professor na Edge Hill University, Inglaterra. Suas pesquisas focam a experiência cotidiana nos espaços urbano e rural (PILE E THIRFT, 1995). O termo já havia sido usado por Pocock (1989), na conclusão de seu artigo, porém, escreveu-o entre aspas, caracterizando-o como um conceito ainda não desenvolvido.

A partir do panorama geral traçado sobre os estudos em Estética na linha ambiental e na linha mais subjetiva, percebe-se que os estudos em percepção ambiental unificaram homem/natureza, interior/exterior. A percepção é um atributo exclusivamente humano. Parte de uma consciência que percebe, mediada pelos órgãos dos sentidos. As mediações corporais e culturais no ato da percepção são indissociáveis. Ao mesmo tempo que se percebe pelos sentidos, atribui-se sentido e significado. O ambiente, esse espaço que circunda os seres humanos, emite os estímulos sonoros, olfativos, táteis, visuais, os quais já existem em si, independentemente de serem percebidos, mas se tornam passíveis de percepção a partir da existência humana.

Nesse contexto, o campo científico sempre estabelece um objeto a ser estudado: o ambiente ou a pessoa. A fenomenologia surge nesse entremeio, nessa relação, e o objeto de estudo passa a ser ancorado nem em um polo nem em outro, mas no fenômeno. Mas todos os estudos que abordam a questão dos sentidos, da percepção ambiental, com o passar do tempo, foram sofrendo influências de várias correntes teóricas, e não é possível definir claramente se o enfoque está na pessoa, no ambiente ou no entremeio. Em um primeiro momento, os estudos em percepção estavam predominantemente vinculados aos conceitos geográficos de espaço, meio ambiente e paisagem. Com o advento da Geografia Humanista, passou a ser valorizado o conceito de lugar.

---

[15] 'Sensuous geography' therefore refers to a study of the geographical understanding which arises out of the stimulation of, or apprehension by, the senses.

Assim, foram apresentados alguns exemplos de estudos em Geografia que têm por base o uso dos sentidos. Essa temática ainda é incipiente em pesquisas brasileiras e, por conseguinte, ainda não há a consolidação de um termo na língua portuguesa que designe esses estudos. Sendo assim, propõe-se pensar aqui qual seria sua melhor tradução, a fim de consolidar um termo que possa padronizar as discussões teóricas. Observa-se que, apesar de algumas pesquisas buscarem compreender os sentidos por uma pesquisa geográfica, no Brasil, ainda não há uma discussão teórica da *Sensuous Geography* enquanto um conceito.

Se o termo de Rodaway fosse traduzido literalmente para a língua portuguesa, seria Geografias Sensuais. Sensual, segundo o dicionário *Michaelis* (1998, p. 1919), significa "1 Pertencente ou relativo aos sentidos ou à sensação física, sensitivo. 2 Que afeta os órgãos dos sentidos, perceptível ou percebido pelo aparelho sensorial. 3 Concernente aos prazeres da carne. 4 muito dado dos prazeres dos sentidos ou à satisfação do apetite carnal". Apesar de os dois significados apontados pelo dicionário serem o mesmo para o termo em inglês, *Sensuous*, o contexto semântico do termo em língua portuguesa está usualmente associado ao significado libidinoso, concernente a terceira e quarta definições. Portanto, a tradução de Geografias Sensuais poderia ser mal interpretada, à primeira vista.

Outra tradução possível seria Geografias Sensoriais. Segundo o dicionário *Michaelis* (1998, p. 1919), a palavra sensorial significa "1 pertencente ou relativo ao sensório. 2 relativo ou pertencente aos sentidos ou à sensação; sensório; sensitivo". Porém, já existe a área da geografia denominada Sensoriamento Remoto, que visa coletar informações sobre a superfície da terra através de sensores distantes. Novamente, essa segunda denominação poderia gerar uma dupla interpretação. Optou-se, portanto, em traduzir o termo para Geografia Sensível. O verbete sensível do dicionário *Michaelis* (1998, p. 1919) significa "1 Que é dotado de sensibilidade 2 Capaz de receber impressões de agentes exteriores pelos órgãos dos sentidos 3 Que tem facilidade em experimentar impressões emocionais 4 Capaz de ser percebido pelos sentidos 5 Perceptível a mente".

Alguns geógrafos brasileiros já utilizaram o termo, como Dantas e Morais (2018), Nunes e Rego (2011) e Vitte (2010), ainda que nenhum deles tenha-o especificado enquanto um conceito já consolidado. O último autor, professor atuante na área de Epistemologia da Geografia na Universidade Estadual de Campinas, faz um levantamento da etimologia da palavra, e aponta que:

> Segundo o dicionário Houaiss (2009) o vocábulo sensível surgiu no século XIV, derivado do latim sensibilis e originalmente dizia respeito ao que está sujeito aos sentidos. Corresponde a um adjetivo de dois gêneros, que sente, que tem sensibilidade, que recebe facilmente as impressões. Já o vocábulo sensibilidade surgiu no século XVII (1672-1693) e dizia respeito à qualidade do que é sensível. Ainda segundo Houaiss (2009), sensibilidade é um substantivo feminino, que na filosofia kantiana está ligada a faculdade responsável pela recepção das informações sensoriais, determinando os fundamentos empíricos do processo cognitivo que o sujeito estabelece com os objetos do mundo. Por sua vez, o vocábulo sensibilização surgiu por volta de 1877 e está associado à ação de sensibilizar. (VITTE, 2010, p. 8)

A exposição do autor sintetiza a opção da escolha da palavra “sensível” para designar uma geografia que apreende o espaço por meio de todos os sentidos, ao mesmo tempo em que permite às pessoas expressarem-se sensivelmente, por meio da fala, da escrita, das expressões corporais, da arte. A geografia sensível compreende, portanto, modos de perceber o mundo e de exteriorizar as afetações provenientes de experiências vividas.

Para concluir, questiona-se: qual a relevância da exploração dos sentidos para uma contribuição de forma geral na ciência e na sociedade? Sente-se todos os dias. De fora para dentro, são absorvidos o mundo pelos órgãos dos sentidos. Cheiros, sons, texturas, gostos. Sente-se de dentro para fora, sentimentos são externalizados em ações. Os primeiros sentidos provocam os segundos, que são devolvidos ao mundo, retornam, no eterno processo mútuo. Sentir parece uma banalidade, um cotidiano tão corriqueiro e trivial que nem valeria a pena ser mencionado. Mas sentir é o que mantém a vida. Diferentes pessoas podem variar suas percepções, ainda que partilhem das mesmas condições biológicas. Existe um certo grau de variação, conforme a cultura e conhecimento de cada pessoa, mas os seres humanos conseguem interagir, pois possuem uma mesma estrutura de pensamento, ou seja, certa intersubjetividade que torna possível a aproximação de generalizações.

Foi demonstrado que sensibilizar pode adquirir duas dimensões: a biológica, que capta o mundo através dos órgãos dos sentidos, e a psicológica, que cria um sentimento a partir daquilo que se percebe com o corpo, sendo, assim, um julgamento por parte do percipiente. O primeiro sentido conduz ao segundo, instantaneamente, de modo que, ao sentir, o (des)prazer corporal, a partir daquilo que se percebe, conduz as pessoas a atribuírem significados simbólicos, relativos aos sentimentos suscitados. Mostrou-se também que, apesar de a Arte caracterizar-se o objeto de estudo da estética, o espaço geográfico também pode ser analisado a partir da perspectiva estética.

O sentimento de atração pela obra de arte é conceituado como belo, e o contrário, sentimento de repulsão, como feio. Na geografia, o sentimento de atração pelo espaço é denominado por Dardel (2015) de Geograficidade, e por Tuan (2013) de topofilia, termos que não são sinônimos, mas se aproximam em sua essência de uma (re)ligação entre as pessoas e o meio que as envolve. O contrário, sentimento de repulsão pelo espaço, foi denominado por Reph (1976) de topofobia, a partir do neologismo do termo de Tuan. O mesmo autor insere uma outra possibilidade de se pensar o espaço por uma perspectiva neutra, à qual atribuiu o nome de lugar sem lugaridade, tradução de *placelessness*. Sendo assim, propõe-se, aqui, pensar as aproximações possíveis em relação aos estudos em Estética, e estudos sobre o Lugar para a Geografia.

A partir dos estudos sobre percepção ambiental, analisar o espaço geográfico a partir de uma perspectiva estética. Quais elementos causam atração pelo espaço? Quais causam repulsão? O que torna os espaços indiferentes? A partir dessas indagações, é possível pensar a maneira como as pessoas constroem elos, afetam e são afetadas pelos espaços, estabelecendo assim, o sentido de lugar.

2 IMAGENS MENTAIS: A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR

> Temos a capacidade inata de recordar e imaginar lugares. A percepção, a memória e a imaginação estão em constante interação; o domínio da presença se fusiona em imagens de memória e fantasia. Seguimos construindo uma imensa cidade de evocação e recordação e todas as cidades que visitamos são recintos de metrópoles da mente (PALLASMAA, 2006, p. 68)

Perceber, sentir, recordar, imaginar. Verbos distintos com significados ora distantes, ora próximos, a depender do autor que os embasa e da corrente teórica que segue. Deixam de ser apenas verbos e se tornam conceitos. Ao trazer os conceitos filosóficos para a ciência geográfica, busca-se compreender como ocorrem as percepções, recordações e imaginações do espaço geográfico, objeto de estudo dessa ciência. Após permear a questão da Geografia Sensível, no capítulo anterior, parte-se para a discussão sobre imagens mentais, já que "construímos nossa imagem do mundo com dados tomados de nossos sentidos" (LYNCH, 1972, p. 187). Acrescenta-se, aqui, que não apenas com os dados dos sentidos. Jerônimo (2014, p. 32-33), a partir de uma entrevista realizada com uma pessoa cega, aponta para uma outra dimensão da percepção:

> Mas ela nos fala também da percepção do impalpável, do intangível, do não sensível ao tátil, daquilo que muitas vezes só pode ser acessado por meio da imaginação, criada através das descrições e informações obtidas através daqueles que ao seu modo também aprenderam um jeito particular de enxergar a cidade e seus espaços para torná-los acessíveis para aqueles que não os enxergam. O que reforça o fato de que ver, assim como os outros sentidos também passa por um processo de aprendizado social e cultural.

A participante da pesquisa, acima descrita, refere-se intuitivamente aos atos simbólicos da percepção. Todos os dias, novas experiências são vividas e recordadas as já vivenciadas, recentes ou longínquas, livros são lidos, filmes assistidos, histórias ouvidas. Essa bagagem de informações, reais ou imaginárias, que povoam mentes, agregam à composição dos lugares que cada um carrega dentro de si. As experiências não vividas também compõem a imaginação e a percepção dos lugares. Em outras palavras, Lowenthal (1961, p. 260) ajuda a compreender o papel da imaginação e da memória nas experiências de lugares:

> Cada imagem e ideia acerca do mundo é composta, então, da experiência pessoal, do aprendizado, da imaginação e da memória. Os lugares em que

> vivemos, aqueles que visitamos ou percorremos, os mundos sobre os quais lemos ou vemos em trabalhos artísticos, e os domínios da imaginação e da fantasia, contribuem, cada um, para as nossas imagens da natureza e do homem. Todos os tipos de experiência, desde aquelas mais intimamente ligadas ao nosso mundo cotidiano até aquelas que parecem mais remotamente afastadas, juntam-se para formar uma imagem mais individual da realidade.

Mas como se pensa aquilo que se pensa? Como sentem-se, percebem-se e recordam-se os espaços? Como essas imagens-recordações chegam à consciência e ajudam a conformar simbolicamente fatos, ações, percepções evocadas a um só instante? Quais as relações das imagens mentais com o conceito de sentido de lugar, para a Geografia? Tais inquietações conduzem aos objetivos desta seção. Primeiro, é discutido o conceito de escala e a sua relação com as percepções e as imagens mentais. Depois, são apresentadas possibilidades de imagens mentais de pessoas cegas, a partir da discussão de Oliver Sacks. Parte-se, então, para elencar e refletir sobre elementos que podem compor a construção do sentido de lugar: os deslocamentos, as afetações, os espaços públicos, a familiaridade e as pessoas.

Antes de pensar os conceitos na Geografia, convém relembrar alguns antecedentes filosóficos que auxiliam na compreensão do ponto de partida gnosiológico. O embate idealismo x empirismo, travado no ramo da filosofia, conhecido por Teoria do Conhecimento (ou Epistemologia) formula concepções divergentes sobre percepção, sensação, imaginação e memória. Uma das perguntas centrais nessa discussão pode ser tomada de Sacks (2010, p. 179): "até que ponto somos os autores, os criadores de nossas sensações? Quanto elas são predeterminadas pelo cérebro ou pelos sentidos com que nascemos, e em que medida moldamos nosso cérebro pelo que vivenciamos?". Após relatar diversas histórias que ajudam a refletir sobre tal questão, Sacks (2010, p. 198) aponta que a resposta independe do sentido da visão, ao afirmar que "quando falo com uma pessoa, cega ou não, ou quando tento pensar em minhas representações internas, não sei se palavras, símbolos e imagens de vários tipos são as principais ferramentas de pensamento ou se existem formas de pensamento que antecedem tudo isso". As respostas para esse questionamento podem variar, de acordo com as correntes filosóficas.

Para os empiristas, as sensações dependem de estímulos externos, passivos, que agem sobre nossos sentidos. Para os intelectualistas, o sujeito é ativo no processo de conhecimento e a sensação e a percepção são realizadas por um ato do intelecto (CHAUÍ, 1995, p. 151-152). A fenomenologia refuta as duas concepções, ao mesmo tempo que considera ambos os processos na construção do conhecimento. Tal dicotomia entre as correntes começou a ser superada pelo

criticismo de Kant e, posteriormente, por demais filósofos que passaram a dedicar seus estudos embasados na corrente fenomenológica, dentre os quais o francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), que buscou demonstrar não haver dicotomias entre sujeito/objeto, interno/externo, universal/particular a priori/a posteriori, tão debatidas até então (LIMA, 2014).

Merleau-Ponty (2011, p.287) demonstra como as duas correntes consideram a percepção distinta da sensação, enquanto sua teoria, apoiada na *Gestalt*[16], não faz tal distinção e considera a percepção enquanto "consciência de", enfatizando que a percepção não se dá pela soma dos sentidos, mas esses são "instrumentos da excitação corporal e não da própria percepção". Sendo assim, "os sentidos não existem, mas apenas a consciência" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 293).

O corpo humano, para Merleau-Ponty, torna-se basilar para a percepção, de modo que "a teoria do esquema corporal é implicitamente uma teoria da percepção". (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 278). Mas isso não significa que o autor não considere também os aspectos simbólicos do ato perceptivo. As percepções, geralmente, são atos irrefletidos, nos quais não se costuma pensar sobre o próprio pensamento. Mas, apesar de agir-se na cotidianidade sem a necessidade de problematizar e refletir sobre as ações, não significa que as pessoas, de forma geral, não sejam capazes de fazê-lo, caso solicitado.

Um exemplo dessa concepção do senso comum é narrada no trecho do livro autobiográfico de Marco Antônio de Queiroz (1986), um morador da cidade do Rio de Janeiro que se tornou cego, na década de 80, e escreveu sua história, narrando o processo antes, durante e após ficar cego, e faz uma reflexão sobre suas preconcepções a respeito da cegueira:

> Já me diverti muito com Jô Soares, ao representar papel de cego em seu programa, fazendo confusão de uma coisa com a outra, na maior cara-de-pau. Inclusive com as partes do corpo. Não é difícil imaginar que o corpo seja uma das coisas mais bem conhecidas de uma pessoa cega, posto que está mais perto de suas mãos e de seu próprio ser. Mesmo uma pessoa que não seja cega, num escuro total, não confunde um joelho com um nariz, muito menos um pé com uma barriga. O corpo humano é algo óbvio, bastante conhecido, não só pela visão. (…) Jô Soares consegue fazer graça do absurdo não só nesse quadro (que, aliás, não existe mais), mas em todos eles. Fiquei temeroso que as pessoas acreditassem que um cego pudesse ser tão confuso.

O autor faz um relato em linguagem informal e descontraída, no qual é possível compreender que o "corpo próprio", expressão de Merleau-Ponty, não é algo exterior à pessoa,

[16] "A Gestalt, portanto, implica a relação de um corpo perceptivo com um mundo sensível" (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 193)

mas sim constituinte do ser da pessoa. A maneira como o comediante Jô Soares referia-se ao corpo atribuía um caráter exterior ao indivíduo que o percebia, confundindo as próprias partes. Ao compreender que a consciência está em todo o corpo, e não apenas na mente, é possível concluir que o ser humano é um corpo, e não tem um corpo.

Da mesma forma que relata Queiroz, Hill (1985, p. 105), geógrafa que realizou pesquisa com pessoas cegas na década de 80, traz a narrativa de uma das pesquisadas, que afirma já terem perguntado a ela como encontra a boca com o garfo. Tais relatos demonstram que, para o senso comum, o conceito de corpo-sujeito não é tão óbvio quanto parece. Por isso, Merleau-Ponty (2011, p. 278; 378) é enfático ao afirmar que não se percebe o corpo da mesma forma que os demais objetos são percebidos, já que o corpo "está sempre conosco e porque nós somos corpo. Da mesma maneira, será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo". Assim, o autor propõe que se faça o exercício de perceber o ambiente como uma extensão do corpo, como um todo orgânico, mesma sugestão de Hill (1985, p. 105).

Influenciados pelo pensamento de Merleau-Ponty, Oliveira (2004, p.191), Le Breton (2016, p. 25), Chauí (1995, P. 22-23) e Pallasmaa (2006, p. 11), respectivamente uma geógrafa, um antropólogo, uma filósofa e um arquiteto, concordam que o corpo medeia as relações dos indivíduos com o mundo por meio dos órgãos sensoriais. À percepção, é acrescido o conhecimento, que permite conceber uma significação, e um sentimento, que proporciona a (inter)ação com/no mundo vivido. Essa é a "dimensão do espaço simbólico pleno de proposições e juízos de valor, criado pelo homem, no qual vive deslocando-se de um lado para outro" (OKAMOTO, 2002, p. 150).

Tal significação, para de Le Breton (2016, p. 13) e Cassirer (1994), é um *sistema simbólico*, em que as pessoas se distinguem pela cultura de sua natureza puramente biológica. A história pessoal e o meio social de cada indivíduo proporcionam a partilha dos símbolos entre os membros da comunidade. Esse acréscimo da dimensão simbólica à percepção é um atributo exclusivamente humano, que a transforma em cognição (KOZEL, 2007; OLIVEIRA, 2017, 2004, 2002). Ocorre um processo mútuo, no qual os conhecimentos são gerados a partir de percepções, e essas, por sua vez, ajudam a compreender as percepções. Assim, "os sentidos não só transmitem informação para o juízo do intelecto; também são meios de inflamar a imaginação e de articular o pensamento sensorial" (PALLASMAA, 2006, p. 47).

Considera-se, aqui, percepção o momento presente, em que a pessoa está em contato direto e imediato com o objeto real, e a imagem mental, o momento posterior à presença, a evocação do objeto quando não se está mais presente, das memórias retidas de coisas, pessoas e lugares. Introduz-se aqui um novo conceito, diferente dos anteriormente mencionados, mas que deriva do "conceito de imaginação, que vem sempre acompanhado de uma família de conceitos interligados, tais como os de imagem, imaginário, fantasia e representação mental" (SAES, 2010, p. 9-10). Uma interfere na outra mutuamente, considerando que "os mundos mentais são aprimorados por intermédio de experiências sensoriais e cinestésicas" (TUAN, 2013, p. 97).

As lembranças podem ser visuais, sonoras, táteis, olfativas ou gustativas, "a diferença está no grau de força e na vividez com que se apresentam na mente e mobilizam o nosso pensamento e consciência." (TAVARES, 2003, p. 33). Conforme apresentado no capítulo anterior, as imagens mentais advêm das percepções que ficam registradas na memória, e são acrescidas da imaginação. Em artigo mais recente, Tuan (2014, p. 11) faz uma reflexão sobre o assunto:

> Recorrer à memória ou à imaginação? A primeira é carregada de sensações táteis, gostos e odores, a última é altamente visual. A primeira é "pesada", a segunda "leve", mas qualquer que seja a direção que escolhermos devemos notar que a memória não é necessariamente mais verdadeira que a imaginação, uma vez que o que é lembrado é uma reconstrução imaginária em si mesma.

Os conceitos de imagem mental e percepção, aqui apresentados, são denominados por David Hume (2001, p. 25; 2004, p. 34), filósofo defensor do empirismo, respectivamente por pensamentos ou ideias (as percepções menos fortes), e impressões (as percepções mais vívidas). Apesar disso, o filósofo classifica seus dois conceitos enquanto percepções.

A pessoa toma contato com o objeto e o percebe. Posteriormente, ao evocar, tem-se a imagem mental do objeto. Em um novo contato direto, pode-se ter novas percepções, que não se teve na vez anterior, e evocar novamente o objeto, a imagem mental pode conter elementos de todas as percepções anteriores. Concorda-se com Tuan (2013, p. 181), quando afirma que "o pensamento cria a distância destrói a proximidade da experiência direta; é, no entanto, por meio do pensamento reflexivo que os momentos fugidos do passado são trazidos para perto de nós na realidade presente e ganham certa permanência."

Recordar uma experiência não tem a mesma veemência que a vivenciar de fato. Vários elementos podem ser esquecidos, ou a pessoa pode ter "lembranças falsas", confundindo-se com outras situações. Hume (2004, p. 33) enfatiza que trazer a sensação à memória pode "imitar ou

copiar as percepções dos sentidos, mas jamais podem atingir a força e a vivacidade da experiência original". A imagem mental pode ser constituída a partir do imaginário sem que haja necessariamente um correlato "de um tipo muito mais abstrato e visionário, imagens de algo que nunca foi visto pelo olho físico mas que podem ser conjuradas pela imaginação criativa e servem de modelo para investigar a realidade", como aponta Sacks (2010, p. 197). Nesse sentido, Tuan faz uma analogia entre a imaginação e os conceitos de espaço e lugar:

> Por outro lado, também temos a mente: com ela somos capazes de perambular imaginativamente em outros mundos e realidades. Nesse sentido, portanto, podemos considerar nosso corpo como "lugar" e nossa mente como "espaço". Quando pensamos, estamos fora do corpo, fora do lugar e, de fato, fora dos nossos sentidos. (TUAN, 2014, p. 8)

Porém, a construção da imaginação está sempre correlata ao que existe no mundo, e o pensamento tem "a capacidade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que os sentidos e as experiências nos fornecem" (HUME, 2004, p. 35). A partir do mundo conhecido é possível criar novas composições pela variação imaginativa. Para Dardel (2015, p. 15), "(...) a consciência imaginante irrealiza um objeto, que transforma em imaginário. A operação vale tanto para o produtor das imagens, o que imagina o seu amigo ausente, quanto para o observador que recompõe as figuras de um quadro". Quando a pessoa presentifica (se recorda e simboliza), ressignifica suas vivências, constituindo novas vivências. O termo presentificação, portanto, não é recente. Vem sendo discutido desde 1913 por Husserl, que explica:

> Em sua própria essência fenomenológica, a presentificação remete à percepção: por exemplo, recordar-se de algo passado implica – como já anteriormente observamos -, 'ter percebido'; portanto, de certa maneira, a percepção 'correspondente' (percepção do mesmo núcleo de sentido) é trazida à consciência na recordação, mas não efetivamente nela contida. A recordação é, precisamente em sua essência própria, 'modificação de' percepção. Correlativamente, o caracterizado como passado se dá em si mesmo como 'tendo sido presente', portanto, como uma modificação do 'presente', que, enquanto não-modificado, é precisamente o 'originário', o 'presente em carne e osso' da percepção. (HUSSERL, 2006, p. 230)

Assim, compreende-se que as imagens mentais são presentificações de experiências acrescidas de imaginações. A partir do exposto, acrescenta-se outra discussão: tanto a percepção quanto as imagens mentais possuem escalas. Os micro e macro espaços são apreendidos pela consciência de acordo com as experiências já vivenciadas junto ao fenômeno. E quando ocorre a presentificação, os fenômenos aparecem para a consciência como uma totalidade instantânea.

2.1 A ESCALA DA PERCEPÇÃO E DAS IMAGENS MENTAIS

Outro conceito geográfico que pode ser pensado a partir de uma abordagem fenomenológica é o de escala. Existem diversos tipos de escala. A escala cartográfica, utilizada em mapas, a escala de análise, relativa à abrangência espacial do fenômeno estudado pelo pesquisador, e a escala da percepção. Esta última refere-se aos modos de perceber espaços e objetos a partir do lugar de origem, que é o corpo e seu posicionamento no mundo que o cerca, suas projeções e formas de compreender o espaço. Assim, Merleau-Ponty propõe:

> É superação da ontologia do Em-si, - e exprime-a em têrmos de em si - Escala (graduação): noção projetiva: imagina-se um ser em si descrito num plano em si, onde figura transposto segundo tal proporção que as representações dele em diversas escalas são diferentes "quadros visuais" do mesmo em si - Dá-se um passo mais suprimindo o Em si modelo: não restam mais do que representações em escalas diferentes. Mas elas permanecem na ordem do "quadro visual" ou do em si por inevitável inconseqüência, isso, enquanto não se tiver acesso à problemática da filosofia (MERLEAU-PONTY, 2014. p. 208).

Merleau-Ponty utiliza, em suas obras, exemplificações, metáforas e comparações a fim de tornar um pouco mais didático um pensamento repleto de complexidades. Um dos exemplos mais clássicos utilizado por Merleau-Ponty, em sua obra fenomenologia da percepção, é o cubo, citado também por Cerbone (2012). Ao imaginar um cubo e pensar quantas faces possui, logo responderiam que são seis. Entretanto, não é possível visualizar seis faces do cubo ao mesmo tempo. Dependendo do ângulo de visão, é possível ver uma, duas ou, no máximo, três faces simultaneamente. Para visualizar as demais, é necessário girar o cubo. Isso significa que a imagem mental não é fixa, estática, congelada, como se fosse capturada uma fotografia e armazenada na memória. Merleau-Ponty explica a percepção do cubo:

> À medida que giro em torno dele, vejo a face frontal, que era um quadrado, deformar-se, depois desaparecer, enquanto os outros lados aparecem e tornam-se cada um, por sua vez, quadrados. Mas para mim o desenrolar dessa experiência é apenas a ocasião de pensar o cubo total com suas seis faces iguais e simultâneas, a estrutura inteligível que lhe dá razão. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 274)

Para melhor compreender as diversas escalas das imagens mentais, é apresentada aqui uma série de exemplos que partem da escala do corpo, passando pela escala da casa até a da cidade. Ao pensar em uma pessoa qualquer, como um familiar, ou um amigo, a imagem mental da pessoa não corresponde apenas à suas características físicas, como a cor de seus olhos, a cor de

seus cabelos, sua altura. A imagem mental também é composta por sua personalidade, seu jeito de ser, modo de vestir, seus hábitos e costumes, sua voz, seu humor. Ao elucidar a imagem mental, além das características físicas e pessoais, também são trazidas à consciência todas as vivências junto da pessoa imaginada: situações, viagens, cotidiano, encontros, conversas. Isso significa que a imagem mental não contempla apenas a aparência física das coisas, acessadas pelos sentidos, em especial o da visão, mas também as dimensões simbólicas e afetivas, que incorporam sentimentos e a maneira como as pessoas são afetadas por outras pessoas, objetos ou ambientes. Por outro lado, a imagem mental também não pode ser comparada a uma espécie de "filme" armazenado na consciência.

A partir da lógica de pensamento do autor, busca-se refletir sobre maneiras como formulam-se imagens mentais de ambientes, lugares e espaços, de modo a pensar as categorias de análise geográficas, através de um viés fenomenológico. Ao pensar em uma escala maior que as já citadas, do cubo e da pessoa, a saber, a escala da casa. Quando se imagina a casa que se vive, qual a imagem mental vem à consciência? A imagem não é de apenas um dos cômodos, como se fosse observado de um ângulo.

A imagem mental também não é semelhante a uma planta da casa, vista de cima, em que todos os ambientes podem ser visualizados de uma única vez. A imagem mental é como se todos os ambientes estivessem presentes à consciência de uma única vez, e fossem percebidos em um só instante. Da mesma forma que o exemplo anterior, acrescentam-se as características simbólicas e afetivas em relação à casa. Ambientes em que já foram vivenciadas situações afetivas ou desafetivas que ficaram registradas na memória, o canto favorito para estar nas horas de descanso, a mesa de refeições onde são ativadas memórias gustativas, os cheiros dos ambientes, que podem variar em cada ponto específico.

> Evidentemente, posso sobrevoar o apartamento em pensamento, imaginá-lo ou desenhar sua planta no papel, mas mesmo então eu não poderia apreender a unidade do objeto sem a mediação da experiência corporal, pois aquilo que chamo de uma planta é apenas uma perspectiva mais ampla: é o apartamento "visto de cima", e, se posso resumir nela todas as perspectivas costumeiras, é sob a condição de saber que um mesmo sujeito encarnado pode ver alternadamente de diferentes posições. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 273)

Ao diminuir ainda mais a escala e se pensar na imagem mental constituída de uma cidade, a complexidade vai se tornando cada vez maior. Englobam-se muitas pessoas, casas, trajetos,

vivências, trajetos percorridos por vários modais: a pé, de ônibus, de bicicleta, de carro. E, da mesma forma que nos exemplos anteriores, ao pensar em uma cidade, vêm à mente diversas localidades, trajetos, arquiteturas, clima, vivências e sentimentos cultivados. Merleau-Ponty (2011, p. 377-378) expõe a forma como percebe a cidade em que ele vivia: "Paris não é para mim um objeto com mil facetas, uma soma de percepções, nem tampouco a lei de todas essas percepções." Isso significa que, ao perceber a cidade, mesmo que a percepção seja focada em um objeto, todos os objetos ao redor são percebidos simultaneamente. Assim, o autor conclui que "o conteúdo da minha percepção, microfenômeno, e a visão em grande escala dos fenômenos-envólucros não são duas projeções do Em si: o Ser é a sua membrura comum. Cada campo é uma dimensionalidade e o Ser é a própria dimensionalidade." (MERLEAU-PONTY, 2014. p. 209)

É possível concluir que a percepção, nas diversas escalas apresentadas, e as imagens mentais formuladas a partir das percepções são uma síntese de todas as experiências já vividas anteriormente. Por isso, o tempo também constitui um fator importante na experiência do lugar. A quantidade, intensidade e duração das experiências são fatores fundamentais para a concepção das imagens mentais. Quanto mais tempo se tem contato com um objeto, mais se modifica a imagem mental feita dele. Um objeto pode ser observado a partir de infinitos ângulos, infinitas luminosidades, infinitas distâncias e, se forem combinadas as três características exemplificadas, a infinidade de possibilidades aumenta ainda mais. Por isso, Buttimer (2015, p. 9) afirma que "para discutir lugar, temos que congelar um processo, que é dinâmico, em um momento imaginário, com o objetivo de fazer uma imagem estática". Em outras palavras, Merleau-Ponty apresenta uma reflexão que ajuda a compreender as relações da percepção com a paisagem:

> sentir, ao contrário, investe a qualidade de um valor vital; primeiramente a apreende em sua significação para nós, para esta massa pesada que é nosso corpo, e daí provém que ele sempre comporte uma referência ao corpo. O problema é compreender estas relações singulares que se tecem entre as partes da paisagem ou entre a paisagem e mim enquanto sujeito encarnado, e pelas quais um objeto percebido pode concentrar em si toda uma cena, ou tornar-se a imago de todo um segmento de vida. O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 84)

Aprofundando esse pensamento, coloca-se que, além das implicações ambientais, diferenças de estado de espírito da pessoa que observa também influenciam as percepções sobre o objeto. Pensando na casa ou na cidade, que possuem objetos, pessoas, dinâmicas, movimentos, as

possibilidades de diversidades de situações vivenciadas multiplicam-se em relação aos objetos. Portanto, pelo tempo que a pessoa mora na cidade seria de pressupor que foram vividas mais experiências, mas essa relação nem sempre é verdadeira. A pessoa pode viver a maior parte do tempo dentro de casa, de espaços privados, isolada do contato com o ambiente mais amplo. Ainda que tenha o hábito de se locomover de carro, a qualidade da experiência é ínfima, perto do que poderia ser uma caminhada a pé.

Foi possível compreender que a percepção e todas as outras formas de consciência do mundo que dela podem derivar estão ancoradas na discussão filosófica idealismo *versus* empirismo. Ao analisar os conceitos aplicados para a Geografia, cujo objeto de estudo é o espaço geográfico, as investigações estão carregadas, implícita ou explicitamente, de correntes teórico-metodológicas que expressam distintas formas de pensamento e visões de mundo. Merleau-Ponty é um filósofo frequentemente apropriado por geógrafos para tratar de questões espaciais a partir de uma perspectiva fenomenológica, como foi aqui apresentado.

A partir da compreensão das escalas de percepção apresentadas neste (con)texto, que relacionam a memória e a imaginação e têm como ponto de partida o corpo próprio, espera-se contribuir para o rompimento das dicotomias entre interior/exterior, demonstrando que o ser consciente e o ambiente em que está inserido podem formar um todo orgânico, efetuar-se a extensão de um no outro e restabelecer o elo ao qual Dardel (2015) denomina Geograficidade. Assim, conclui-se que o sentido de lugar está nas imagens mentais que as pessoas formulam dos lugares, que são compostas pelos itens explicitados a seguir.

Nas seções subsequentes, primeiro, busca-se compreender quais são as diferentes imagens mentais das pessoas cegas, de uma forma geral, sem especificar o objeto da imagem, tendo em mente que todas as pessoas são diferentes, independentemente de serem cegas ou videntes e, portanto, desenvolvem seu cérebro de maneiras distintas. Depois, buscando expandir ainda mais as reflexões sobre o Lugar a partir das dinâmicas sociais que se configuram na atualidade, são apresentadas recentes discussões teóricas, que ampliam os horizontes das concepções clássicas sobre o conceito, sempre articulando as questões com as especificidades da cegueira.

A seguir são aprofundadas algumas ponderações. Os lugares, para além da fixidez do habitar, podem ser pensados a partir dos deslocamentos que se dão em detrimento do movimento no espaço, adquirindo formato de trajetos, trilhas ou linhas. Ao longo dos trajetos, há pontos que as pessoas vão construindo seus laços afetivos, ao criarem referências e se lembrarem de eventos

ocorridos anteriormente que, de certa forma, afetaram-nos. Os conceitos de topofilia, topofobia e lugares sem lugaridade compõem os modos pelos quais uma pessoa pode ser afetada pelos espaços, abandonando a ideia de afeto somente em seu sentido agradável. Assim, os sentimentos em relação aos espaços podem coexistir. A familiaridade, que transforma o espaço em lugar, insere a dimensão temporal nas discussões sobre o lugar, demonstrando que reiteradas experiências promovem a percepção de detalhes. Os espaços públicos também podem ser concebidos enquanto lugares, e as grandes cidades, ainda que aparentemente caóticas e agitadas, imbricam profundos laços de afetividade. Não apenas o ambiente físico compõe o lugar, mas também os seres humanos que habitam e circulam no espaço.

Enfim, durante as pesquisas realizadas em campo, na cidade de Curitiba, as falas de alguns dos participantes ajudam a reforçar a teoria apresentada. Nos capítulos 3 e 4, serão apresentados, respectivamente, a metodologia de pesquisa e os resultados da pesquisa empírica. Entretanto, alguns trechos serão apresentados nesta seção, pois se considerou que, ao entrelaçar questões teóricas com práticas, oriundas de fontes primárias e secundárias, contribuem para articular as ideias epistemológicas a partir da experiência.

Ao refletir sobre as questões apresentadas, outra problemática é colocada: será que as pessoas cegas formulam imagens mentais da mesma forma que as pessoas videntes? Alguns autores defendem que é imprescindível o sentido da visão para que se tenha imagens mentais, como Pesavento:

> Não há memória que se efetive sem recurso às imagens mentais. O que vemos e que constitui imagem graças ao órgão da visão – a imagem visual, portanto, fruto de um dos sentidos básicos do ser humano – entra de imediato em relação com o museu imaginário que possuímos, e que estabelece relações, sobretudo de analogia, com outras tantas imagens mentais que possuímos. É a partir desse processo interativo que se realiza a percepção, ou seja, a qualificação da imagem observada. (PESAVENTO, 2007, p.21).

A autora atribui as imagens mentais exclusivamente ao sentido visual. Entretanto, defende-se, a seguir, que as imagens mentais de pessoas cegas são constituídas a partir dos sentidos remanescentes. A imagem, portanto, não deriva do sentido visual, mas de todos os modos de percepção que compõem a recordação. Sendo assim, as imagens mentais advindas de lembranças e imaginações não podem ser comparadas a “fotografias” ou “filmes” protagonizados por nosso corpo-sujeito, mas consistem em um amálgama de todos os sentidos.

2.2 IMAGENS MENTAIS DE PESSOAS CEGAS

Ao presentificar as imagens mentais, as pessoas videntes enfatizam as lembranças visuais, enquanto as pessoas cegas, por não disporem desse sentido, recordam-se com muito mais intensidade dos demais sentidos em suas experiências vividas. Mas, como ocorrem as imagens mentais das pessoas cegas? Para responder essa questão, é preciso ter em mente que cada pessoa constrói imagens mentais de formas distintas, independentemente de serem cegas ou videntes. Depois, é importante lembrar que há pessoas cegas congênitas, aquelas que nasceram cegas ou perderam a visão muito cedo, não conseguindo se lembrar das imagens visuais, e aquelas que perderam a visão tardiamente, com a chamada de cegueira adquirida.

Masini (2012, p. 22) evidencia que "uma criança, por exemplo, que nunca enxergou, tem uma experiência perceptiva diferente daquela que ficou cega nos primeiros anos de vida". Mas, para além da experiência perceptiva, a perda da visão influencia a maneira da pessoa lidar com sua autoimagem, relações sentimentais e experiência de vida. Martins (2006, p. 228) considera que as pessoas cegas de nascença não apresentam sentimentos de inconformismo ou revolta, já que a aprendizagem desde a infância permitiu desenvolver técnicas para realizarem atividades da vida diária. Além do mais, não existe a experiência da perda, de ruptura e da transformação do modo de viver.

O tempo de cegueira também causa influência no tipo de imagem visual, pois, com o passar do tempo, as pessoas podem ir esquecendo as imagens mentais. Curi (1982 *apud* Novi, 1996, p. 49) considera como "conceito" uma denominação equivalente para "imagem mental":

> Um conceito é uma imagem mental de algo, formado pela generalização da percepção". Percepção - É a impressão de um objeto obtido somente através do uso dos sentidos". Formação de conceitos - A formação de conceitos dos cegos congênitos se dará por meio de lembranças adquiridas somente pelo uso dos sentidos remanescentes.

Nesta seção, busca-se compreender exemplos de cada modo de construção de imagens mentais por pessoas cegas, a partir dos relatos apresentados por Oliver Sacks[17] (1933-2015), médico que explorou a vida de seus pacientes e registrou depoimentos sobre como os casos de distúrbios afetam seus cotidianos, para compreender não apenas as causas fisiológicas das doenças, mas sim como interferem em seu modo de vida. Ajudou a compreender as questões a

[17]Neurologista e escritor, professor da Universidade de Columbia que realizou pesquisas em diversas áreas incluindo pessoas cegas, embebido na fenomenologia

partir da vivência e do diálogo, antes de realizar exames laboratoriais para apresentar um diagnóstico. Exemplo de sua prática foi apresentado no filme *Tempo de Despertar*, baseado no livro escrito por Sacks, de mesmo nome. Dentre outros trabalhos, o autor buscou compreender casos de pessoas cegas e as diferentes formas de imagens mentais.

Para iniciar, Sacks (2010, p. 203) questiona: "se o papel central das imagens mentais é permitir a percepção e o reconhecimento visual, para que elas servem se a pessoa ficar cega?" Uma possível resposta pode ser encontrada em Silva et al. (2014, p. 55), considerando que "a imagem mental é a evocação simbólica de uma realidade ausente, não sendo exclusivamente visual e podendo ser elaborada sobre um estímulo auditivo ou olfativo. Portanto, podemos ter uma imagem mental de uma música, um cheiro, um sabor etc." Sendo assim, é possível afirmar que as pessoas cegas também possuem imagens mentais não-visuais. Para exemplificar, Sacks aponta a declaração do filósofo cego, Martin Milligan:

> Embora seu mundo visual lhe pareça coerente e completo, Milligan percebe que as pessoas que vêem têm acesso a um sentido, a um modo de conhecimento que lhe é negado. Mas assevera que os cegos congênitos podem ter (e geralmente têm) experiências perceptuais ricas e variadas, medidas pela linguagem e por imagens mentais de um tipo não visual. Podem ter, portanto, imagens mentais auditivas ou olfativas (SACKS, 2010, p. 209)

Neste ponto, enfatiza-se que, na última frase dos dizeres do neurologista Oliver Sacks, o autor revela justamente o que se defende nesta tese, contrariando a afirmação de Pesavento (2007, p. 21). Cabe à Geografia compreender as imagens mentais em relação aos espaços, objeto de estudo dessa ciência, considerando os demais sentidos, a fim de enriquecer as discussões teóricas e práticas. Os estudos, no que tangem tal temática, ainda se encontram incipientes.

Concorda-se com Kastrup (2013, p. 433) que "as imagens são construídas com sinais provenientes de cada uma das modalidades sensoriais. Existem imagens visuais, auditivas, olfativas, gustativas e somatossensitivas (relativas ao tato, à temperatura e à dor, bem como aos sistemas muscular, visceral e vestibular)". Focar a atenção em outros sentidos ajuda a revelar questões nunca antes pensadas e valorizadas. O filósofo Diderot (2006, p. 27), em seu clássico texto *Carta sobre os cegos*, reflete sobre a questão de construir imagens mentais não visuais:

> Não conheço nada que demonstre melhor a realidade do sentido interno que essa faculdade fraca em nós, mas forte nos cegos de nascença, de sentir ou de lembrar a sensação dos corpos, mesmo quando estiverem ausentes e não agirem mais sobre eles. Não podemos dar a entender a um cego de nascença o modo pelo

> qual a imaginação nos pinta os objetos ausentes como se estivessem presentes; mas podemos muito bem reconhecer em nós a faculdade de sentir na extremidade de um dedo um corpo que não está mais aí, tal como ela existe no cego de nascença.

A questão mais curiosa, como aponta Sacks (2010, p. 208), é que as pessoas cegas, mesmo as congênitas, podem formular imagens mentais visuais. O autor diz que "poderíamos supor que os cegos congênitos não possuem nenhuma imagem mental, já que nunca tiveram experiência visual. No entanto, alguns declaram ter elementos visuais claros e reconhecíveis em sonhos". As pessoas deixam de sonhar em imagens e passam a sonhar com situações nas quais se ouvem sons, sentem texturas. Com o passar do tempo, a pessoa vai se esquecendo das imagens visuais, até que passa a viver como se nunca houvesse enxergado.

Sacks (2010) também expõe como algumas pessoas perdem a visão e continuam por muito tempo formulando imagens mentais visuais. O primeiro exemplo citado por Sacks é o autor John Hull, que escreveu a obra *Touching the Rock*. O filme *Notes on Blindness* (2016) apresenta as gravações originais que Hull fez durante o processo de perda da visão. Em ambas as obras, o autor expõe que, após perder a visão, foi perdendo também as memórias visuais, até chegar no que chamou de "cegueira profunda. Com isso Hull quer indicar não só a perda de imagens e memória visuais, mas a perda da própria ideia de ver". Isso significa que "a ideia de que os objetos têm uma aparência, ou características visíveis, desapareceu" (SACKS, 2010, p. 179-180).

Entretanto, ao contrário do que possa parecer, essa nova maneira de viver não abalou Hull emocionalmente, pois percebeu "que a perda da imagética visual era pré-requisito para o pleno desenvolvimento, a intensificação, de seus outros sentidos". Nas palavras do próprio autor, ele se descreve como "alguém que vê com o corpo todo", e para ele é estar em "um mundo autêntico e autônomo, um lugar todo especial", e isso resulta em "toda uma nova ordem, um novo modo de ser humano". (HULL *apud* SACKS, 2010, p. 180-181)

Essa nova maneira de estar no mundo relaciona-se com a Geografia no que tange à percepção do espaço, objeto de estudo dessa ciência. A relação interior/exterior, consciência/mundo implica não apenas um modo de perceber, mas de um sentido existencial que reflete nos sentimentos, como aponta Okamoto (2002, p. 214-125), relatando a narrativa de Lusseyran (1983, p. 12-21): "passei pela mesma aventura em relação ao espaço. Quando fiquei cego, descobri que existia um espaço interior. Este espaço também mudava suas dimensões

conforme o meu estado de alma. Tristeza, ódio ou medo não somente escureciam meu universo, mas também o reduziam".

A palavra "escureciam" pode remeter a uma concepção errada a quem não tem contato com o mundo das pessoas cegas. Um erro comum de pessoas videntes é pensar que pessoas cegas "enxergam" como se fosse uma total ausência de luz, como nas trevas. Há níveis de cegueira em que cada pessoa percebe de formas diferentes. Algumas são capazes de distinguir cores, outras de perceber as sombras. A história ficcional escrita por Fuks (2007, p. 23) permite a compreensão de que, para a pessoa cega, "a luz não lhe é indiferente. Nem na sua total ausência lhe concede a escuridão perfeita. As pessoas concebem o cego como alguém encerrado em um mundo negro; não sabem que essa é uma das cores das quais mais sente falta". Em uma das passagens citadas por Okamoto, retirado do texto de Lusseyran, é possível compreender o significado da luz para o cego:

> Privado da luz dos meus olhos, não significa entrar num mundo em que a luz deixou de existir. No momento em que descobri a luz dentro de mim não diminuíra, não era obrigado a lembrar o que essa luz havia significado para os meus olhos, nem manter viva a memória desse fato; a luz estava ali, em meu espírito e em meu corpo (OKAMOTO, 2002, p. 123-124 *apud* LUSSEYRAN, 1983 p. 12-21)

Por outro lado, nem todas as pessoas cegas possuem uma imagem mental como a descrição desse autor. Sacks (2010, p. 183-184) apresenta também o relato de uma mulher que perdeu a visão com quinze anos de idade e, depois de longo período sem a visão, continua construindo imagens mentais em sua consciência, como se "visse" as imagens à sua frente, traçando também mapas mentais para seu deslocamento. Outro caso relatado pelo autor é o de Zoltan Torey, um psicólogo australiano cego que também revela construir imagens mentais visuais:

> Em sua carta ele também mencionou que ficara cego em um acidente aos 21 anos. Embora fosse aconselhado a "mudar o modo de adaptação visual para o auditivo" ele seguira na direção oposta: resolvera desenvolver no mais alto grau o seu "olhar interior", sua capacidade de trabalhar com imagens mentais.(…) E fora extremamente bem sucedido, ele disse, pois desenvolvera um notável poder de gerar, reter e manipular imagens na mente, tanto assim que conseguira construir um mundo visual virtual que lhe parecia tão real e intenso quanto o mundo perceptual que ele havia perdido – aliás, às vezes até mais real e mais intenso. Essa imagética, além disso, permitia-lhe fazer coisas que poderiam parecer impossíveis a um cego (SACKS, 2010, p. 184).

Essa denominação também é utilizada por Le Breton (2016, p. 127), quando afirma "quem perde a visão se beneficia de um olhar voltado para o interior, sem qualquer perda. Embora nada vendo do mundo circunstante, ele acessa a um mundo invisível aos outros". É correto afirmar que tal "olhar voltado para o interior" é uma das formas de construção de imagens mentais por pessoas cegas. Entretanto, a partir dessa afirmação, Le Breton generaliza a forma de imagens mentais de pessoas cegas, não considerando as outras formas apresentadas por Sacks. Há também pessoas que constroem imagens mentais a partir de narrativas de outras pessoas, como o caso de Tenberken, relatado por Sacks (2010, p. 88):

> Apesar de já ser cega por doze anos quando foi para o Tibet, Tenberken continuou a usar seus outros sentidos justamente com descrições verbais, memórias visuais e uma forte sensibilidade pictórica e sinestésica, para construir "imagens" de paisagens e aposentos, de ambientes e cenas - imagens mentais tão vívidas e detalhadas que maravilham seus ouvintes.

Um outro tipo de imagem mental relatado a Sacks por Lusseyran refere-se à capacidade de criar imagens a partir de sua própria imaginação, sem o relato de pessoas videntes que influenciem na construção da imagem. Ainda segundo Sacks (2010, p. 189),

> A visão interior de Lusseyran começou com uma sensação de luminosidade, uma radiância informe que afluía em torrentes. (...) Mas evidencia-se que, em vez de apenas ver aquela luminosidade difusa, ele adquiriu uma grande capacidade de visualizar imagens. Seu córtex visual, o "olho interior", foi ativado, e a mente de Lusseyran construiu uma "tela" onde era possível projetar o que quer que ele pensasse e, se necessário, manipular aquelas imagens como em um monitor de computador.

Assim como as imagens mentais podem ser puramente visuais, também podem ser puramente táteis. Como lembra Le Breton (2016, p. 208-209), "o tato é propício à memória. Seus rastros habitam a superfície do corpo, pontos a remanescer, se necessário. Eles propiciam referências duráveis na relação com o mundo". Nesse sentido, Valentini (2012, p. 145-146) apresenta um depoimento de uma das pessoas entrevistadas em sua tese, em que é possível se construir uma noção de como são formadas as imagens mentais a partir de outros sentidos:

> Tinha um perfume que eu gostava muito (...) esses dias, eu estava tentando me lembrar, porque eu queria comprar de novo esse perfume. E (...) não me vinha como era o frasco dele (...) Mas, olha que interessante, por isso é que eu acho que deve existir alguma imagem na nossa memória, mesmo que a gente não enxergue, não tenha a visão. Para quem nunca enxergou, deve existir alguma

> outra coisa gravada, que eu não sei explicar. Porque daí eu parei assim e não me lembrava dele. Daí vinham outras formas na cabeça, sabe, na verdade não na cabeça, é como se fosse uma memória sinestésica, eu me lembrava daquilo e parecia que eu pegava naquilo, sabe, segurando na mão. E me lembrava de outros frascos, outras milhares de tampas, outros frascos diferentes, de tamanhos diferentes, com textura, sem textura, lisos, eu ia passando a mão, e eu via o todo do vidro, eu não via só a tampa, eu pegava o vidro na mão, inteiro, é estranho, eu não tinha parado para perceber isso. E depois de um tempão eu disse, meu Deus, mas como é que era aquele vidro, e fiz um esforço e daí ele voltou na minha mente. Voltou na minha mão, na verdade, voltou como se eu estivesse sentindo ele de novo, eu peguei ele na mão, me lembrei da tampa, de como ele era, do formato, tudo, daí ele voltou, VOLTOU! Interessante, né? Eu nunca parei para perceber isso, por isso é que eu acho que deve existir, sabe, se a gente for estudar mais a fundo, nem sei que área estuda isso, deve existir uma imagem, alguma coisa, porque se, mesmo que a gente lembra das coisas, mesmo que a gente não pegue elas na mão, tem uma imagem gravada ali, né? Na verdade eu queria entender, porque eu tenho certeza que me lembro da imagem, senão eu não me lembrava da tramela da casa da minha avó, porque a imagem, ela não vem do olho, ela é sinestésica, ela vem através das sensações, ela vem como se fosse o frio, o quente, como se eu estivesse pegando na mão aquela coisa, sabe? É lindo, né? Eu queria entender, na verdade, eu tenho certeza que tem imagem. Eu acho que na verdade a gente tem imagem, mas não tem como externar a imagem. Não é que a gente não tem como externar: como a gente não enxerga, quem nunca enxergou não tem isso, não sabe como é enxergar; (...)

A visão proporciona uma imagem mental ampla e abrangente de um ambiente, enquanto o tato, por não permitir que se toque em muitos objetos ao mesmo tempo, pode gerar uma imagem mental mais fragmentada do espaço. Quando se pensa em um ambiente por completo, a imagem vem à mente a partir de elementos sucessivos, como expõe Le Breton (2016, p. 207) “se a visão dedica-se ao espaço já construído, o tato elabora por uma sucessão de contatos. Ele é sempre local, sucessivo, e dá-se por sequências. Explora-se uma parte, depois outra”. Assim, Valentini (2012, p. 162-163) cita a narrativa de uma de suas entrevistadas, ao ser questionada acerca da imagem mental que possui de sua casa:

> Deixa eu parar para pensar, nossa, nunca pensei sobre isso, se os objetos estão o tempo todo ali, no meu entorno. Acho que só um ou dois de cada vez, não tenho certeza, é quase certo. E como é o resto da casa? Deixa eu imaginar a cozinha...não, não consigo, acho que só a mesa. Depois vou me lembrando que tem a geladeira, o fogão...nossa, é muito doido...vocês imaginam tudo? E se agora você resolve mudar os móveis da cozinha do lugar? Você consegue imaginar eles em outro lugar? Comento que ela poderia perceber o conjunto em uma maquete, por exemplo, uma maquete com todos os móveis do quarto, de maneira que possibilite a compreensão do conjunto. Mas não precisa, isso não faz parte da minha vivência, eu tenho a planta do meu quarto na minha cabeça, não preciso disso. Na maquete eu também não vou sentir tudo de uma vez, eu

> nunca vou conseguir sentir tudo de uma vez e pra quê ver tudo de uma vez? Pra nada, porque tu conhece igual, é um outro tipo de conhecer.

Cada sensação está relacionada a uma parte do cérebro que a transforma em percepção. Quando a visão é interrompida, a plasticidade cerebral faz com que a pessoa passe a "enxergar" a partir de outros sentidos, a formular imagens mentais não visuais. No documentário *Sentidos à Flor da Pele*, um entrevistado diz: "nós vemos o mundo pela combinação de todos os sentidos, e não é a falta de um deles que nos impede de ver o mundo. Continuamos a ver o mundo, só que de forma subjetivamente diferente". Para Sacks (2010, p. 192), "[…] isolado do exterior, o córtex visual torna-se hipersensível a todo o tipo de estímulo interno: sua própria atividade autônoma, sinais vindos de outras áreas cerebrais – áreas auditivas, táteis e verbais –, e pensamentos, memórias e emoções".

Os exemplos de casos, apresentados por Sacks, revelam as surpreendentes formas subjetivas das pessoas perceberem o mundo que as cerca. Não se pode generalizar a cegueira enquanto uma forma homogênea de perceber o mundo. A partir dos relatos apresentados, fica claro que o termo "imagem" não se refere somente a uma conotação visual, mas todos os sentidos contribuem para uma composição perceptiva e conformam a experiência do lugar. Sacks (2010, p. 193-194) traz um questionamento para pensar na construção de imagens mentais em pessoas videntes e cegas:

> Em que medida essas diferenças refletem uma predisposição básica, independente da cegueira? Será que as pessoas que enxergam e são boas visualizadoras, que têm fortes imagens mentais, manteriam ou até intensificariam seus poderes imagéticos se ficassem cegas? Será que, por sua vez, as pessoas que não têm boa capacidade de visualização tendem a mergulhar na "cegueira profunda" ou a sofrer alucinações se perderem a visão? Qual é a variação da capacidade de visualizar imagens nas pessoas que enxergam?

Isso faz pensar que todas as pessoas, tanto cegas quanto videntes, formulam diferentes tipos de imagens mentais. Entretanto, essas são inconscientes, ou seja, não se pensa sobre como se pensa. Além disso, por não ter acesso à mente de outras pessoas, não é possível comparar a forma como pensam outras diversas, levando a acreditar que as formas de pensamento são homogêneas. As imagens mentais, portanto, podem ser pesquisadas por aproximações e suposições sobre a forma como outras pessoas pensam.

2.3 TRILHAS E DESLOCAMENTOS: LOCALIZAÇÕES E REFERÊNCIAS

Valentini (2012) apresentou a narrativa da participante de sua pesquisa, que construiu uma imagem mental tátil de um vidro de perfume. Esse é um objeto uno e estático, que compreende menor complexidade. A construção de imagens mentais da cidade, dos espaços públicos, possui uma infinidade de elementos dinâmicos, que estão em movimento, e exige maior atenção das pessoas para apreender as percepções. Na cotidianidade, costuma-se percorrer o trajeto várias vezes. A imagem mental que evoca é uma só, sendo uma síntese de todas as experiências obtidas nas vezes que passou pelo lugar, ao longo da vida. Sendo assim, parte-se agora para a compreensão da construção do sentido de lugar e imagens mentais dos trajetos percorridos pela cidade.

Um dos geógrafos que mais dedicou estudos voltados para o conceito de Lugar foi Yi-Fu Tuan. Três obras de Tuan, da década de 70, foram traduzidas para a língua portuguesa, por Lívia de Oliveira. No Brasil, até os dias atuais, são as obras mais citadas do autor, ainda que nas obras publicadas em décadas posteriores, ao longo de sua carreira acadêmica, o teórico tenha transformado suas concepções acerca do conceito, conforme aponta Pádua (2013).

No livro *Espaço e Lugar*, publicado originalmente em 1977, Tuan (2013, p. 169) coloca que “lugar é uma pausa no movimento”. Sob esse ponto de vista, a primeira inferência que remete ao conceito está vinculada ao tempo lento, o espaço isolado, bucólico, das zonas rurais, comunidades tradicionais que vivem em harmonia com o ambiente natural, a construção de laços fortes por habitar um longo período de tempo, as relações sociais com a vizinhança, da familiaridade com um cotidiano sereno e pacato, em que as pessoas são capazes de fixar suas raízes, devido aos seus modos e ritmos de vida.

Em seu livro Topofilia, publicado originalmente em 1974, Tuan (2012, p. 139-140) afirma que “o que falta às pessoas nas sociedades avançadas (e os grupos hippies parecem procurar) é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo de vida era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutavam”. Portanto, Lugar, nessa concepção apresentada, é associado ao local de moradia, que traz a sensação de segurança, concepção corroborada por Relph (1976, p. 38), ao afirmar que “possuir raízes em um lugar é ter um porto seguro a partir do qual podemos olhar para fora sobre o mundo”.

Já o conceito de Espaço é colocado como o oposto ao Lugar. Vinculado ao movimento, remete à pulsação acelerada das grandes cidades, das metrópoles, nas quais as ações das pessoas

que nela habitam são cronometradas pelo relógio, e o tempo perdido com trivialidades é um desperdício ao mundo do trabalho. Assim, as pessoas carecem da pausa necessária para apreciarem o meio que habitam e criarem vínculos com o ambiente. Nas palavras de Tuan (2013, p. 224), "o homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação do lugar é superficial", e, portanto, "a relação entre mobilidade e lugar pode ser mais complicada" (TUAN, 2011, p. 16).

Apesar de realizar tais vinculações nos excertos apresentados, mesmo nas citadas obras da década de 70, o autor não exclui a possibilidade de associar o conceito de lugar ao movimento, evidenciando que é possível criar relações topofílicas com lugares da cidade, ainda que, a princípio, os espaços urbanos possam aparentar ambientes de impessoalidade. Tuan (2013, p. 220) afirma que "como resultado do uso habitual, o próprio caminho adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos de lugar". Nesse sentido, Relph (1976, p. 42) também faz uma afirmação que possibilita pensar o lugar para além do habitar, ao considerar que "lugar é um centro de ação e intenção, ele é um foco onde nós experienciamos os eventos significativos da nossa existência".

Nas publicações mais recentes de Tuan, é possível notar que as transformações ocorridas no mundo, nas últimas décadas, têm provocado mudanças em suas concepções teóricas, como afirma Pádua (2013, p. 50):

> Em In Place, Out of Place Tuan (1984b) lança o germe de uma mudança de posição que se consolidará a partir da década de 1990: o lugar passa a ser visto também por seu lado negativo (…) O lugar, então, é associado ao confinamento, à mente fechada, à restrições das liberdades individuais, especialmente aliado às noções de comunidade, lar e hearth. Tuan privilegia então o cosmopolitanismo e o universalismo, utilizando, frequentemente, a noção de mundo.

Pádua também aponta esse ponto de vista do autor, explicitado em seu texto mais recente. Ela afirma que "Tuan (1997d) termina seu texto defendendo o retorno ao espaço, na esperança de que, pelo menos, alguns reconheçam o bem estar que o movimento pelo espaço provoca." É importante explicitar que o bem-estar implica na criação de laços afetivos, na construção de relações. Porém, ainda assim, Tuan insiste em intitular enquanto espaço.

Relph (2012, p. 29-30) acompanha as novas concepções sobre o conceito e revê suas formulações semeadas na década de 70. O autor afirma que "Lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo. (…) Essa interpretação é,

penso eu, não somente a mais importante contribuição recente para os debates sobre lugar, mas também uma perspectiva de enorme significado ético e prático". Sendo assim, Relph passa a designar por lugares aquilo que Tuan nomeou de espaço.

Diante do exposto, considera-se que, à medida que se estabelecem relações afetivas com o espaço, passa a se construir o sentido de lugar. Entretanto, as lugaridades construídas com espaços privados (o lar) e com espaços públicos, diferem-se, ao mesmo tempo que se complementam. O ser humano necessita vivenciar ora experiências de aventura e liberdade, ora experiências de aconchego e conforto. Ambas podem provocar estados emocionais positivos ou negativos, dependendo de como se depara com a situação. O lar, por vezes, torna-se enfadonho em prender na mesmice. A sensação de liberdade deixa aquela experiência registrada na memória, à medida que a sensação de segurança se esvai com o passar dos dias. Da mesma forma, a falta de retorno ao lar pode provocar a sensação de desamparo e desconforto.

Apresentam-se, aqui, dois autores que discutem a possibilidade de pensar o conceito de lugar a partir das mobilidades urbanas. Marandola Jr. (2008) mostra, em sua tese de doutorado, a discussão embasada em Bauman[18], apontando que a liquidez moderna, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, provocou uma cisão na opinião de estudiosos sobre o lugar. Enquanto alguns afirmavam que o fenômeno enfraquece os lugares, outros sustentam que o lugar ganha força em seu papel contemporâneo devido aos encontros, as interações sociais e simbólicas.

Brum (2017, p. 102) também defende que a Geografia Humanista "não exclui o papel da mobilidade na produção dos lugares". O autor ampara-se em Tim Cresswell[19] para afirmar que o processo de globalização, as novas tecnologias e as múltiplas possibilidades de transportes aumentaram os fluxos, alargando as redes e conexões, promovendo deslocamentos físicos ou virtuais. Tais práticas alteraram o cotidiano das pessoas de modo a provocar maior movimento e ação corpórea nos espaços, resultando em novas formas de agir e situar-se no mundo. Sendo assim, Brum (2017, p. 109) afirma que "a mobilidade se realiza por meio de rotas e caminhos, ligando um lugar a outro", portanto, é "canalizada". O autor conclui que "essa complexa teia de lugares, itinerários e movimentos, quando revestidos de significados e valores edificados pela experiência, compõe o mundo vivido dos indivíduos, fazendo emergir lugares erigidos por meio do movimento." Dessa forma, não se pretende aqui refutar a conceituação de Tuan, que exprime

---

[18] BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

[19] CRESSWELL, Tim. **Towards a politics of mobility. Environment and Planning D**: Society and Space, n. 28, p. 17-31, 2010.

o lugar enquanto pausa, apenas reinterpretar sob outros pontos de vista e abrir novas possibilidades de investigações na complexidade do contexto atual, como resume Brum (2017, p. 111-112):

> A "pausa", relacionada à compreensão fenomenológica, não é simplesmente a interrupção de um deslocamento físico, mas sim o envolvimento do homem com o mundo por meio da experiência de tempo e espaço. Nesse sentido, em algumas circunstâncias, mesmo no movimento é possível experienciar o lugar como pausa, na medida em que a pausa se refere muito mais a ideia de vinculação com o mundo do que de uma ausência ou interrupção do movimento.

Os dois autores avançam as discussões acerca do conceito de lugar, contestando seu caráter de fixidez e de tempo lento, abrindo novas perspectivas para se pensar o lugar enquanto espaços que afetam e são afetados pelas pessoas, a partir da ação humana. Assim, o lugar, enquanto conceito geográfico, não é constituído apenas pelas relações de fixidez, mas também pelos movimentos humanos, como expõe Brum (2017, p. 109), ao afirmar que "essa complexa teia de lugares, itinerários e movimentos, quando revestidos de significados e valores edificados pela experiência, compõe o mundo vivido dos indivíduos, fazendo emergir lugares erigidos por meio do movimento." Essa forma de pensar também desmistifica o lugar enquanto uma delimitação *a priori*, como se existisse *em si*, sem considerar as subjetividades humanas.

Dardel (2015) denomina por *geograficidade* essa relação Homem-Terra, que não é idêntico, mas possui grande aproximação ao conceito de topofilia. O que diferencia os dois autores é que Tuan (2013, p. 11) considera que "o lugar é a segurança e o espaço é a liberdade". Já Dardel (2011, p. 2), pelo que se pode ler no excerto abaixo, também considera lugar aquilo que Tuan aponta como espaço, de modo que as pessoas também podem ser afetadas por espaços que ofereçam liberdade, aventuras e mergulhos ao desconhecido:

> [...] a geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível. A inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou procura de novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (geographicité) do homem.

A ideia de "geografia em ato", citada pelo autor, refere-se a uma geografia (pessoal) ativa, em ação, não fixa, que já pressupõe um movimento, essa vontade do homem de circular pelo

mundo, tornando a Terra um só lugar. Dardel amplia a escala do conceito, demonstrando que a afetividade não se constrói apenas no nível local, mas também em nível planetário.

Tuan aborda o lugar como fixo. Para ele, o entorno de residência, à medida que nos afastamos do local de moradia, vai deixando de ser lugar e se tornando espaço. Tim Ingold (2015 [1948], p. 216-217) traça uma analogia dessa concepção com as bonecas russas. Para o autor, existem lugares dentro de lugares. À medida que uma casa é concebida como um lugar, a sala é um lugar dentro da casa, e a poltrona, um lugar dentro da sala. Ingold faz objeção a essa concepção de lugares enquanto espaços circundantes, que consiste em uma área delimitada. Assim, o autor concebe os lugares enquanto trajetos, e usa "o termo **peregrinar** para descrever a experiência corporificada deste movimento de perambulação" (2015, p. 219, grifo do autor). Assim, conceitua "lugares, então, são como nós, e os fios a partir dos quais são atados, são linhas de peregrinação. (…) Os lugares, em suma, são delineados pelo movimento e não pelos limites exteriores ao movimento". (INGOLD, 2015, p. 220).

Isso significa que a pessoa pode criar lugaridades, sem, necessariamente, habitar um lugar. O ato de caminhar e criar lugaridades, Ingold denomina por peregrinar. Não consiste em um simples caminhar para alcançar um destino, mas sim, a construção de relações durante o trajeto. Ingold (2015, p. 223), afirma, portanto, que "para o peregrino, no entanto, o mundo não é apresentado como uma superfície a ser atravessada. Em seus movimentos, ele costura o seu caminho por este mundo, ao invés de atravessá-lo de um ponto a outro". O autor faz uma proposta epistemológica de se pensar o lugar enquanto rede e argumenta que, nas sociedades metropolitanas modernas, as pessoas criam sistemas de transporte, estabelecendo conexões destinação a destinação. Quando a locomoção é feita através de um transporte automotivo, o passageiro torna-se imóvel e forçado à privação sensorial por um deslocamento mecânico, enquanto a locomoção a pé é uma "experiência de movimento na qual ação e percepção estão intimamente ligadas" (INGOLD, 2015, p. 224).

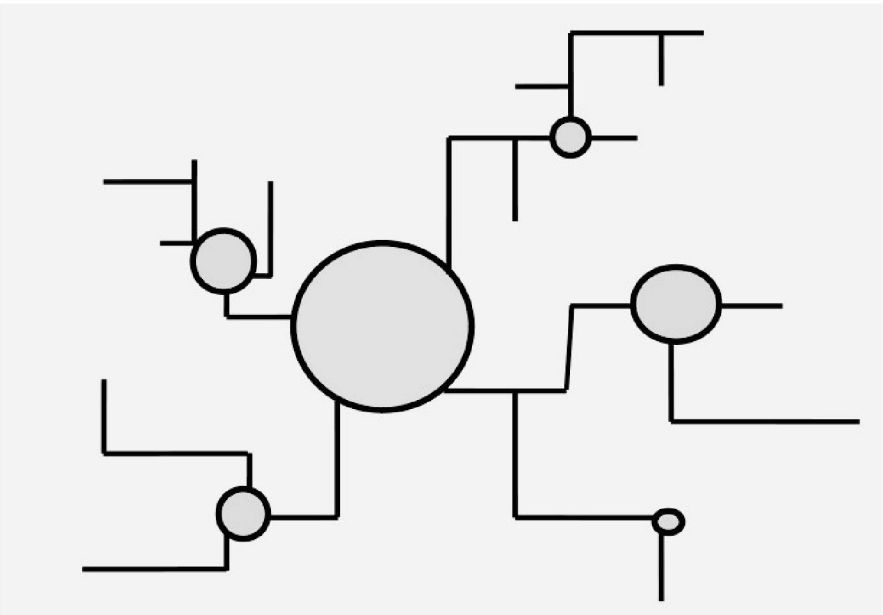
Outra questão relevante é o fato de que a pessoa cega não dirige automóvel. A necessidade de fazer com que ande a pé e utilize o transporte coletivo faz com que seu tempo na cidade se torne mais lento, possibilitando maior apreciação. Sennet (2003, p. 17-18) destaca que "o espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele. (…) A condição física do corpo em deslocamento reforça a desconexão do espaço. Em alta-velocidade é difícil prestar atenção à paisagem". Acrescenta-se ainda que prestar

atenção na paisagem ajuda a construir o sentido de lugar. Com a atenção, apropria-se do espaço, sem necessariamente o sentido do olhar. Durante a caminhada, o constante movimento de percorrer os espaços do trajeto oferece múltiplas sensações, como coloca Brum:

> [...] não apenas o meio físico (caminho e locais) de realização da mobilidade se verte em lugar, mas a própria prática da mobilidade espacial, como ato humano performatizado pelo corpo, também se apresenta como lugar; estar em constante movimento, deslocar-se, como experiência e sentido de se sentir ligado, pertencido ao um lar-lugar. (BRUM, 2017, p. 113)

Portanto, o primeiro desfecho a que se pode chegar é a existência de uma linha tênue que separa os conceitos de espaço e lugar. À medida em que se cria afetos por espaços cada vez mais longínquos dos habituais, dos locais de residência, espaços vão se transformando em lugares. Os espaços são percorridos por meio de trajetos, de linhas. A mobilidade também proporciona a criação de afetos. As cidades, apesar de ambientes mais dinâmicos e intensos, também permitem a criação de vínculos afetivos. Assim, o lugar deixa de ser entendido apenas como uma área no espaço, podendo ser também uma linha. Sendo assim, o esquema da figura 1 busca representar um círculo ao centro, cuja área circunda o local do habitar. As linhas ao redor podem representar caminhos da cidade, nos quais são desenvolvidos vínculos afetivos.

FIGURA 1 - CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR EM ÁREAS URBANAS



FONTE: A autora (2020).

O círculo, no meio, representa o local de moradia. Ao redor do círculo, são possíveis trajetos que podem ser percorridos na cidade, para o local de trabalho, para espaços de lazer, para a casa de amigos e parentes, enfim, trajetos que se percorre com frequência, representados pelos círculos menores. A pessoa desenvolve elos e afetações e, com o passar do tempo, vai tecendo sua malha de lugaridades pela cidade.

Para as pessoas cegas, os trajetos percorridos, nas ruas, com frequência, vão aprimorando a capacidade de localização, que se refere ao mapa da mente, ou seja, a malha de ruas, bem como seus nomes para a orientação. Como afirma Hillman (1993, p. 40) “sem imagens corremos o risco de perder o caminho. Isso acontece, por exemplo, nas estradas”. A imagem da cidade de duas pessoas pode ser distinta, devido à subjetividade.

Existe, pelo senso comum, o pensamento de que as pessoas cegas não possuem capacidade de planejamento, antecipação do trajeto e localização, de estabelecer roteiros, sequências. Ao contrário, o senso comum acredita que as pessoas cegas estão presas ao sensorial-imediato, como se elas sentissem apenas o próprio corpo no momento presente. Mas, as pessoas cegas são capazes de desenvolver o poder de orientação, antecipar o momento seguinte, o trajeto a ser percorrido, as ruas a cruzar, o ponto em que irão descer do ônibus, situando-se onde estão, captando informações e pistas dos percursos que realizam. Sabendo que a desorientação causa um sentimento de angústia, afetando o equilíbrio e bem-estar (LYNCH, 1997, p. 4), as pessoas cegas desenvolvem seus mecanismos para não se perderem.

A falta do sentido da visão não tem relação com o senso de orientação, localização e direção. O documentário *A Janela da Alma*, dirigido por Carvalho e Jardim (2001), apresenta diversos casos de pessoas cegas ou com baixa visão. Em entrevista feita com Arnaldo Godoy, cego, na época vereador de Belo Horizonte, explicava o caminho a ser percorrido enquanto o carro estava em movimento. O repórter perguntou como ele sabia o caminho, se não via. Arnaldo Godoy respondeu: “a gente vai fazendo um mapa na cabeça sempre”.

As pessoas cegas que caminham sozinhas geralmente aprendem em aulas de orientação e mobilidade a locomoverem-se com segurança e eficiência, utilizando os sentidos remanescentes para estabelecerem a própria posição e o relacionamento com outros objetos significativos no meio ambiente. Nessas aulas, elas aprendem a reconhecer os sinais dos espaços públicos que promovam a segurança e autonomia. Também há os que desenvolvem essa competência com o auxílio de outras pessoas, cegas ou não cegas. Apesar das aulas de orientação e mobilidade serem

em grupo, de certa forma padronizada conforme manuais publicados, as pessoas passam a desenvolver suas próprias estratégias de locomoção, conforme a experiência cotidiana. Como cada tipo de espaço público é único em sua composição, ao caminhar com frequência pelo mesmo trajeto, cada pessoa desenvolve suas próprias manobras pessoais e específicas. Nesse sentido, Correia (2007, p. 78) aponta que:

> O caminhar dos cegos revela a impossibilidade de se integrar à paisagem urbana de forma passiva, tal como foi tantas vezes falado, escrito e estetizado nas ciências sociais e nas artes. Eles expõem de maneira inequívoca as relações, tensões, conflitos e interações do cotidiano, representados pelos esbarrões, pela insegurança, pelo estranhamento, pelo desconforto, pelo embaraço, enfim, pela concretude da relação corpórea do sujeito com o mundo.

O conceito de corpo próprio, de Merleau-Ponty, auxilia na compreensão de como ocorre tal processo. As pessoas, de modo geral, percebem o mundo a partir de seu corpo, não enquanto um fragmento do espaço. O corpo é o centro do mundo de cada pessoa e o sentido de referência com relação ao espaço circundante, ponto a partir do qual se constroem as noções de distância, orientação, limites e referências. (TUAN 2013, p. 56; LE BRETON; 2016, p. 213; PALLASMAA, 2006, p. 11). É o que Merleau-Ponty (2011, p. 79) traduz enquanto "esquema corporal". A partir dessa visão subjetiva, o filósofo Bollnow (2008) diferencia os conceitos de distância geométrica e de distância vivida, sendo a primeira uma mera medição pelos moldes científicos, enquanto a segunda é uma noção construída através de parâmetros relativos.

Nesse sentido, diversas pesquisas são realizadas e denominadas *spatial orientation* ou *wayfinding*. Referem-se a compreender os mecanismos mentais que as pessoas (cegas ou videntes) desenvolvem ao encontrar caminhos. Dois níveis da pesquisa nessa área podem ser destacados: o primeiro, que busca lembrar o caminho de forma estática, referente a imagens mentais; e o segundo, que se desenvolve no nível da percepção ao estar em contato direto com o ambiente, como aponta Silva (2010, p. 42):

> No primeiro nível, ele se configura como um fenômeno estático que o indivíduo formula pela criação mental de referências, dividindo um lugar de maneira a se situar quanto ao mesmo. No entanto, a referenciação não acontece de forma estática, ela se constrói e se reconstrói à medida que novos dados (informações do ambiente) vão surgindo. Já no sentido de movimento orientado, refere-se ao modo como o indivíduo se desloca nos ambientes ou como encontra seu destino, mesmo sem o conhecimento prévio do espaço no qual está.

Como aponta esse autor, a localização está diretamente relacionada à criação de referenciais, que não precisam ser, necessariamente, físicos. São adotados por cada pessoa, compostos por uma infinidade de sinais que indicam a hora de parar, de caminhar, de apressar o passo, virar à esquerda e à direita. Jacobs (2000, p. 427) e Rykwert (2004, p. 186) enfatizam a importância dos pontos de orientação para o cidadão conseguir "ler" e "entender" a cidade enquanto seu lar. Encontrar informações, pessoas, endereços, ônibus e referências podem ser atividades tão simples quanto realizadas por pessoas videntes, mas, dependendo da situação, a cegueira pode ocasionar dificuldades. Sendo assim, os referenciais adotados podem ser grandes, como prédios e estruturas, ou até mesmo pequenos, como saliências no piso. Portanto, o que poderia ser considerado um "defeito", ou obstáculo em outras interpretações, pode ser um estratégico referencial para locomoção, no qual a pessoa se baseia para se localizar nos espaços públicos. O ponto de referência "é uma característica conhecida no ambiente que o cego pode utilizar para orientar-se, lhe permite mover-se e caminhar com confiança em certas direções do ponto de referência", conforme Bazarra (*apud* Novi). Ademais,

> Existem dois tipos de pontos de referência. Um é aquela referência que é inevitável como uma esquina, degraus, mudança de superfície na calçada etc. A outra, são aqueles pontos de referência que os cegos têm que encontrar, e compreender para que servem, pois são essenciais quando estão caminhando. Um ponto de referência deve ter uma característica própria que distingue dos outros objetos e que são permanentes ao meio ambiente. (NOVI, 1996, p. 43)

O uso dos sentidos também é enfatizado nas aulas de orientação e mobilidade, fornecendo informações para a locomoção. Entretanto, diferente dos pontos de referência, abordados anteriormente, os cheiros, sons, sensações táteis, na maioria das vezes, não são fixos e imóveis, mas são efêmeros. Tuan (2013, p. 95) aponta, a partir do trabalho experimental de Warner Brown, porque, muitas vezes, os referenciais criados pelas pessoas para locomoção não são conscientes:

> quando as pessoas conseguem reconhecer a rede de ruas, elas executam uma série de movimentos corretos em direção aos referenciais conhecidos. Não adquirem nenhum mapa mental preciso do bairro. É claro que uma imagem grosseira das relações espaciais pode ser aprendida sem esforço deliberado; as pessoas sabem que aqui está o ponto de partida, lá a saída e referenciais intermediários esparsos, mas a imagem mental é incompleta.

Dessa maneira, o autor conclui que "esse saber o que fazer a seguir se repete com cada referencial que vai aparecendo, isto é, cada aspecto especial da paisagem – que nem sempre é

fácil especificar ao recapitular – desencadeia o próximo conjunto de movimentos". (TUAN, 2013, p. 95). Portanto, nem sempre pode ser possível que a pessoa participante da pesquisa exponha sua imagem mental, já que a pessoa pode ter habilidade espacial, mas não ter conhecimento espacial, conforme diferencia Tuan (2013, p. 89-90).

A habilidade é construída de forma intuitiva, de modo que não são necessárias aulas para aprendizagem. A pessoa pode saber locomover-se sem dificuldades até mesmo em uma cidade desconhecida, mas não saber explicar o caminho ou a localização a alguém, nem desenhar mapas. Já o conhecimento espacial é consciente, quando a pessoa consegue se "ver" andando e conserva a imagem na mente, portanto, refere-se a imagens mentais. Nesse caso, se uma pessoa for solicitada a relatar seu trajeto, não saberá precisar com detalhes os momentos que vira à esquerda, à direita e a sequência de referenciais (MERLEAU-PONTY, 2011, 182). Para Bollnow (2008, p. 67) "quando o homem deixa seu local habitado e, por qualquer motivo, avança para a amplidão do espaço exterior, ele tem de aprender a se orientar".

No momento em que ocorre a situação de caminhar pelas ruas, o ambiente é percebido por meio do estímulo dos sentidos. A profusão dos sons, cheiros, sensações táteis ocorrendo ao mesmo tempo, dificulta o processamento de todas essas informações. O que fica retido na lembrança compõe um cenário na mente. Para Tuan (2013, p. 199), "O lugar pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas, esta: lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção. Quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos se detêm em pontos de interesse." No entanto, se uma pessoa for induzida a dar mais atenção a uma determinada sensação, pode perceber coisas que não havia percebido antes. Nas palavras de Le Breton (2016, p. 27-28) "os sons, os odores, os tatos, ou as imagens (…) orienta seus movimentos ou suas ações sem impor a necessidade de uma longa reflexão prévia". Conforme aponta Tuan (2013, p. 97-98), a pessoa cega desenvolve seus sentidos a fim a aprimorar suas habilidades espaciais:

> Os cegos, principalmente os de nascença, tem grandes limitações para se movimentarem. Para compensar a falta de visão, seus sentidos auditivo e tátil são altamente desenvolvidos, o uso de suas mentes para formular conceitos espaciais melhora ainda mais suas habilidades espaciais. Os mapas táteis, por exemplo, ajudam as crianças cegas a visualizarem as localizações relativas de referências significantes. Os meninos cegos de nascença aprendem a seguir o trajeto até resolver um problema de mudança de direção a partir de mapas táteis. Alguns cegos parecem ser capazes de usar o sol como meio de achar o caminho. Verbalizar o trajeto é outro recurso que o cego emprega quando procura resolver problemas espaciais.

Nas ruas, percebe-se que, durante o deslocamento, é inegável a hegemonia da cultura visual concebida nas cidades (PALLASMAA, 2006, p. 28; LE BRETON, 2016, p. 51). Os nomes em placas são escritos, os semáforos de travessias de pedestres raramente são sonoros, dificilmente há informações táteis ou auditivas, apontando o esquecimento da parcela da população que possui cegueira ou baixa visão. Nos espaços públicos das cidades contemporâneas, há uma explosão de estímulos visuais que crescem à medida em que se aprimora o período técnico científico informacional, e a "cientificização e de uma tecnicização da paisagem", termos utilizados por Santos (2008, p. 160). Isso provoca uma infinidade de cores, luzes, letras, arte e movimentos espalhados pelas ruas. Assim como as pessoas videntes ficam desorientadas quando não há informações claras e precisas em espaços públicos, as pessoas cegas podem acabar desorientadas por falta de informação voltada para elas. Isso não se deve a suas limitações, mas à falta de acessibilidade física e humana. Sendo assim, as limitações para a movimentação não estão relacionadas à cegueira, mas à configuração do ambiente.

As falas dos participantes da pesquisa ajudam a ratificar a teoria discutida. Mariano demonstra sentir mais afeto pelo centro da cidade do que pelo bairro em que reside, o Sítio Cercado. Tem a ambição de, no futuro, comprar um apartamento no centro, pois, morando no centro, sentir-se-ia muito melhor do que onde mora atualmente. A relação com o centro não ocorre pela questão da acessibilidade, pois Mariano considera que todos os lugares são acessíveis a pessoas cegas. Mariano diz: "*como eu te falei, eu gosto do centro. Isso aqui pra mim, eu me sinto muito a vontade. Curitiba é a minha casa, eu adoro isso aqui, então a gente aprende*." No centro, há trajetos específicos de ruas por onde gosta de caminhar.

Ao relatar o trajeto partindo do prédio da reitoria da UFPR e chegando à Praça Osório, aponta que existem diversas possibilidades de trajeto. A Rua Marechal Deodoro seria o caminho mais fácil de transitar, com menos obstáculos. Porém, em suas palavras "a Marechal não tem o mesmo Encanto da XV, não tem feitiço, porque a Rua XV tem feitiço, a Rua XV tem um… sempre tem alguém cantando, sempre tem um artista, sempre tem alguém pintando quadros". E esses tipos sociais que dão vida ao lugar, fascinam Mariano. A primeira coisa que vem à mente de Mariano, ao pensar na cidade de Curitiba, é o centro, as galerias, que têm sérios problemas de agrupamentos humanos, a decadência da cidade e esse ar provinciano, que ele considera que a cidade jamais deixará de ter. Ele adora os prédios antigos, deteriorados e cheios de fantasmas.

2.4 TOPOFILIA, TOPOFOBIA E LUGAR SEM LUGARIDADE: AFETAÇÕES

Lugar é um conceito que, ao longo da história do pensamento geográfico, foi modificando e/ou acrescentando múltiplos sentidos. À medida que o mundo se transforma, os preceitos teóricos são revisitados, repensados e adaptados ao mundo da vida. Nesse sentido, os teóricos que formulam conceitos estão sempre situados em um contexto histórico, científico, social e espacial, que conformam o pensamento vigente.

Daí surge a importância de revisitar a História do Pensamento Geográfico para compreender as transformações que os conceitos sofreram ao longo do tempo, sob influência das correntes teóricas que se destacaram em determinados períodos, situando os autores nos contextos em que estavam inseridos. É isso que fazem Rodrigues (2015) e Holzer (1997). Segundo os autores, o conceito surgiu com a conotação de um termo locacional, como é utilizado popularmente, até os dias atuais.

Foi consolidado, enquanto categoria de análise, a partir da década de 70, com o advento da corrente humanista, relacionado ao sentimento de afetividade, vinculado a uma porção do espaço. Os precursores dessa corrente, que impulsionaram o desenvolvimento do conceito, foram Eric Dardel (2015, [1952]), Edward Relph (1979; 1976; 2012), David Lowenthal (1961), Anne Buttimer (1982; 1980) e Yi-Fu Tuan (2012 [1974]; 2013 [1977]). Todos esses autores, com exceção de Dardel, são oriundos de um contexto norte-americano, em que o grupo de geógrafos partilhava suas ideias, sofrendo influências mútuas.

Cinco décadas se passaram. As dinâmicas sociais sofreram alterações significativas. Ainda sob influência dos vanguardistas da corrente, que se tornaram clássicos, novas mentes pensantes se espalham por todo o mundo, analisando a Geografia em distintos tempos e espaços. As recentes performances que as pessoas exercem em suas atividades diárias compelem a repensar as teorias para abarcar a complexidade das novas formas de lidar com os espaços que as envolvem.

Nas últimas décadas, o conceito transfigurou-se para além da Geografia, passou e ser incorporado em outras áreas do conhecimento e recebeu novas denominações, a partir de ramificações de significados que se aproximam do Lugar. Elali e Medeiros (2011), apontam *place attachment*, identidade, territorialidade e apropriação. As autoras dissertam sobre suas dimensões constituintes: a funcional, relativa ao espaço físico; a relacional, concernente ao envolvimento social; e a simbólica, que adquire um caráter mais subjetivo.

Cavalcante e Elias (2011, p. 63) consideram que o primeiro grau de apropriação é o olhar. Sendo assim, questiona-se: como as pessoas cegas se apropriam do espaço? Ou ainda, como constroem o sentido de lugar? A presente pesquisa revela que é possível apropriar-se e lugarizar-se, sem o sentido da visão. Assim, como já discutido, os aspectos teóricos também estão carregados de estigmas que excluem grupos de pessoas no âmbito científico.

O conceito de território implica em relações de poder. Esse pode ser instituído de maneira formal ou informal. Sendo assim, as microterritorialidades das cidades também poderiam aproximar-se do conceito de lugar, o senso de pertencimento, a afetividade; portanto, a topofilia por um determinado lugar faz com que o indivíduo se aproprie e territorialize o lugar. Gomes (2006, p. 180) defende que "a afirmação de identidades sociais na cidade, (...) traduz-se sobre o território por um discurso sobre a diferença", ou seja, a diferenciação estabelecida em relação à figura do outro que é exterior ao grupo, processo também denominado como tribalização, no qual o espaço identitário é a negação do ideal de mistura e de respeito à diferença.

Uma das célebres frases do livro *O pequeno príncipe*, (SAINT-EXUPÉRY, 2009, 73) é "Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas". Nesse sentido, o sentimento de topofilia pode gerar um sentimento de responsabilidade por cuidar do lugar, gerando assim a cidadania. Tuan (2012, p. 146) explica que "há dois tipos de patriotismo: local e imperial. O patriotismo local reside na experiência íntima do lugar e no sentido da fragilidade do que não é bom: não há garantia de que dure, aquilo que amamos. O patriotismo imperial se nutre no egotismo coletivo e orgulho."

Topolifia é um termo conceituado enquanto "elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (TUAN, 2012, p. 19) que pode ser compreendida como o entremeio entre sujeito e ambiente. O conceito de lugar passa a ser concebido apenas como espaços de afeto nos sentidos positivos, evocando noções de laços, vínculos, amor, apego, carinho e ternura. Para melhor compreender, foi buscada a origem do termo, oriunda do filósofo Gaston Bachelard (1993, p. 205; 294). Tal autor o cita apenas duas vezes em sua obra, *A poética do espaço*, sem desenvolvê-lo. Na segunda vez, a palavra está contextualizada na frase "feliz num pequeno espaço, realiza uma experiência de topofilia." Daí, a origem do termo estar relacionada a espaços de felicidade. Tuan apropria-se do termo e o desenvolve em seu livro homônimo, apresentando as mais diversificadas formas em que sociedades de todas as partes do mundo desenvolvem elos com seus espaços.

Porém, da mesma forma que as pessoas são capazes de desenvolver elos afetivos, o contrário também é possível: a repulsa por um lugar ou ambiente. A partir dessa lógica, Edward Relph (1979, p. 19-20) apropriou-se do termo desenvolvido por Tuan e compôs um neologismo, introduzindo o conceito de topofobia, definindo como "experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão". Posteriormente, o termo foi adotado por autores brasileiros, como Amorim Filho (1996) e Guimarães (2002). Apesar de o radical fobia significar medo, a palavra topofobia também pode relacionar-se a repugnância, desprezo, aversão, ou seja, o contrário do radical filia, que se refere a filiação.

Ocorre que Tuan nunca empregou, em nenhuma de suas obras, o termo topofobia, que foi erroneamente atribuído a ele por diversos autores. Pádua (2013), que desenvolveu sua tese de doutorado sobre o autor, teve a oportunidade de entrevistá-lo pessoalmente. Em palestra proferida no colóquio NEER[20], Pádua relatou que uma das perguntas a Tuan referia-se ao termo topofobia. Ele confirmou que nunca utilizou esse termo, e, inclusive, considera uma doença, pois está registrado no Código Internacional da Doença (CID10 código F400).

De fato, Tuan (2005) publicou o livro intitulado *Paisagens do medo*, no qual aborda as relações de medo em relação aos ambientes enquanto conceito de paisagens, e não "lugares do medo". Porém, como Pádua enfatizou em sua palestra, apesar de o autor utilizar o conceito de paisagem no título do livro, em nenhuma das páginas ele explicita ou desenvolve o conceito. Nessa obra, o autor exemplifica, em diferentes tempos históricos, os medos das sociedades relacionados aos espaços onde se encontravam. Alguns eram de cunho factual e outros adquiriam feições míticas, perpetuados por gerações. O conceito de lugar está condicionado ao sentimento de afetividade, em todos os sentidos. Portanto, desafetos, aversão, medo ou neutralidade em relação a um ambiente, também são enquadrados no conceito de lugar, e não de paisagem. A partir daí, propõe-se uma nova forma de (re)pensar o conceito de lugar.

Marandola Jr.[21] considera que o afeto, palavra-chave na definição do conceito de lugar, não se relaciona apenas com a afetividade, mas sim, com a afetação das pessoas pelos lugares. Isso significa que um lugar pode afetar tanto positivamente quanto negativamente. Relph (1979, p. 2) afirma que "geograficidade não é primariamente ser agradável (como muitos dos escritos de

---

[20] PÁDUA, Letícia. **Tuan.** In: Mesa redonda: Borboleta. Potências e perspectivas epistemológicas (teóricas e metodológicas) . Colóquio NEER, Diamentina MG, 17 out. 2018.

[21] MARANDOLA JR. Conversa durante o período do colóquio NEER. Diamantina MG, out. 2018.

Tuan e Lowenthal parecem sugerir), mas pode ser desagradável e 'topofóbico' tanto quanto 'topofílico'". Oliveira (2012, p. 12), geógrafa humanista brasileira, tradutora das obras de Tuan, concorda com Relph e demonstra que "conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico. Não importa se é um local natural ou construído, a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo." Esses sentimentos apontados por Lívia tornam-se significativos para a pessoa, permanecem marcados na memória e compõe a imagem mental, já apontada em capítulo anterior. Malard (2006, p. 29-30) discute tal questão, detalhando:

> [...] é o espaço que comporta as espacializações que nos fizeram felizes, ansiosos, tristes ou alegres, que nos trouxeram recompensas ou sofrimentos, que nos engrandeceram ou nos castigaram. Ao nos defrontarmos com tais espaços – ou com espaços que a esses nos remetem – nós experimentamos sensações que podem ser prazerosas ou doloridas, de paz ou de tormento, de angústia ou de serenidade. É por isso que dizemos que esses espaços são significativos para nós. Na verdade, são espaços onde, como seres-no-mundo, tivemos experiências significativas. São lugares da nossa vida. Não parece correto, portanto, falar de espaços significativos, pois o significado está na nossa experiência, na nossa vivência.

Outros autores partilham de tal proposição. Mello (1990, p. 105) afirma que "o local não precisa ser [necessariamente] investido de carinho e sim ser apenas um ponto de significação". Brum (2017, p. 106) concorda com o autor e complementa que "o lugar não evoca apenas sentidos positivos de afeição e bem querência. Os lugares são, também, foco de tensões diárias, de lutas, de desavenças e de desejos de fuga (…) a experiência de lugar engloba emoções e sentimentos complexos, por vezes, contraditórios." Dardel (2015, p. 11) já afirmava que "a linguagem geográfica veicula as surpresas, as privações, os sofrimentos ou alegrias que se ligam a regiões"

Retomando a questão das mobilidades apontada por Marandola Jr. (2008), essas podem caracterizar-se por seu papel libertador, de descobrir e explorar novos espaços, ou por uma fonte de angústia, devido ao medo das vulnerabilidades espaciais. Assim, durante os trajetos, ambos os sentimentos podem coexistir. Tal constatação também é apresentada pelo filósofo Bollnow (2008 [1963], p. 73-74), quando afirma que "lembranças do tipo agradável como do tipo desagradável se juntam a cada lugar. (...) Isso é sentido em geral de modo difuso, raramente trazido à consciência clara, de modo que em geral escapa de nossa atenção". Em outras palavras, o filósofo Bollnow (2008, p. 234) sintetiza que:

> Assim se esclarece a objeção que parece pairar sobre a "Poética do espaço", de Bachelard: que em sua "topofilia" (como ele próprio denomina seu ponto de vista), em seu amor ao espaço, ele se limite "às imagens do espaço feliz", mas em contraposição deixe de considerar o "espaço da hostilidade". Essa limitação, mencionada expressamente por ele próprio, aparece de início, contudo, como uma parcialidade constrangedora, que limita consideravelmente a pretensão do livro em construir novo conhecimento, e nada parece ser mais urgente que expandir e testar seus resultados por meio de uma pesquisa complementar dos "espaços do ódio e da luta".

Além das possibilidades de espaços felizes ou hostis, já apontadas até o momento, acrescenta-se uma terceira. O sentimento de neutralidade, indiferença em relação ao lugar, é conceituado como lugar sem lugaridade ou *placelessness*, por Relph (1976). Outros autores referem-se a não-lugar, como Virilio (1993) e Augé (1994); entretanto, esse conceito diferencia-se do exposto por Relph, que desenvolve suas ideias embasado na fenomenologia de Heidegger e, portanto, adquire um viés existencialista, contrapondo as noções de autenticidade/inautenticidade, interioridade/exterioridade. Os primeiros casos revelam indivíduos que se identificam com os lugares. Os segundos referem-se a paisagens estereotipadas, meramente estéticas e funcionais, não sendo possível despertar tal sentimento (MARANDOLA JR. 2016, p. 12).

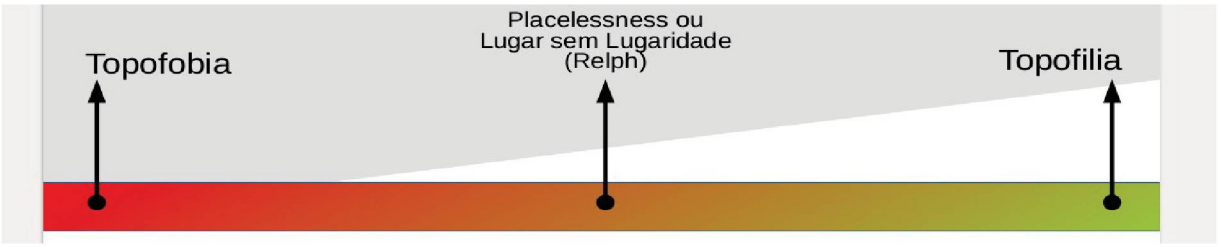
De certa forma, é possível afirmar que a topofilia, a topofobia e o *placelessness* podem ser sentimentos coexistentes para uma pessoa, em relação a um mesmo lugar, já que a pessoa pode gostar por alguns motivos, e deixar de gostar por outros. Guimarães (2002, p. 139) também afirma que "a experiência referente à topofobia coexiste à experiência topofílica são simultâneas". Por vezes, os espaços públicos podem apresentar diversos itens que produzem certo desconforto, como buracos na calçada, obstáculos no caminho, mau odor, entretanto, apenas um item pode provocar uma afetividade tão intensa, como, por exemplo, uma lembrança de infância, que supre as outras desafetividades.

Um exemplo de fala do participante da pesquisa que ilustra tal questão advém das praças. Mariano considera um tanto problemático para o caminhar da pessoa cega, pois não tem muitas referências como muros, postes, enfim, nada que se possa usar para se encontrar. Mariano diz que a pessoa cega que adentrar numa praça e não tiver uma boa noção de espaço, irá "ficar que nem um ratinho em círculo". Apesar de não gostar de utilizar o piso tátil, considera que, nas praças seria útil, justamente para servir como referência. Apesar de considerá-las locais difíceis para caminhar, ele não deixa de frequentá-las. Citou como exemplos o Passeio Público, a Praça Zacarias, Praça Santos Andrade, Praça Generoso Marques.

Apesar de ser ruim de andar, o entrevistado não deixa de frequentar por causa disso. E, ao considerar o lugar ruim, não deseja que seja melhor. Aceita os lugares como são e utiliza-se de outras estratégias para caminhar por eles. Para ele, quando a pessoa se perde nas ruas, logo se encontra, e "esta é a lei básica da vida". Além de praças, Mariano também frequenta parques, como o Parque São Lourenço, o parque da Barreirinha, o Parque São José. Outro exemplo citado são as praias. Apesar de não haver nenhuma referência para locomoção, as pessoas cegas não deixam de frequentar e gostam do ambiente.

Para concluir, é complexo investigar o "grau" de topofilia das pessoas pelo lugar, não sendo um sentimento passível de medição. Há pessoas que não deixariam de morar em um lugar em hipótese alguma, tamanho apego desenvolvido. Dentro desse espectro de possibilidades, a pessoa pode cultivar sentimentos mais ou menos intensos ou, até mesmo, sentir indiferença pelo lugar. Assim, a maneira como cada pessoa é afetada pode estar em qualquer posição da escala, como apontado na figura 2

FIGURA 2 – TOPOFILIA, TOPOFOBIA E LUGAR SEM LUGARIDADE



FONTE: A autora (2020).

Como o próprio Tuan (2012, p. 135-136) sentencia, "[a] palavra 'topofilia' é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão". Logo, a segunda conclusão é que, quando se propõe a investigar o conceito de Lugar em uma pesquisa científica, a priori, não é possível saber de que maneira os participantes dela são afetados pelo ambiente. Muitas vezes, as pessoas se expressam por linguagens não verbais, e podem guardar sentimentos tão intensos, não exteriorizados no momento da pesquisa. De qualquer modo, ao tratar da afetação em relação ao ambiente, seja ela de forma positiva, negativa ou neutra, tem-se o conceito de Lugar.

2.5 A FAMILIARIDADE COM O LUGAR

A familiaridade parece ser uma das condições intrínsecas à construção do sentido de lugar. Tuan (2013, p. 96) diz que “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Oliveira (2014, p. 11) concorda com Tuan e acrescenta que “[...] a familiaridade com dada porção do espaço, pela experiência, faz torná-la lugar. Pois espaço e lugar são designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia”. Nota-se, aqui, que o elemento da familiaridade atrelado ao conceito de lugar não menciona a afetação em sentido negativo ou positivo, como já abordado no item anterior. Um lugar pode ser familiar, no entanto, as vivências da pessoa podem ser construídas a partir dos sentimentos de medo, sofrimento e angústia.

Para que algo torne-se familiar a alguém, são necessárias reiteradas experiências ao longo da vida. A familiaridade é uma construção e, portanto, envolve não somente a dimensão do espaço, mas também a dimensão do tempo. Segundo Relph (2012, p. 29), “lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo”. Para que um espaço transforme-se em lugar, é preciso tempo de interação com o ambiente, a pausa necessária para apreciação. Cabe esclarecer aqui que esse tempo não se trata da fixidez temporal, mas de apreciar o lugar enquanto fenômeno, em diferentes dias, meses, estações do ano, horários do dia. Isso amplia as diversas facetas de variáveis sobre um mesmo lugar.

Ao conhecer e passar pelo o processo de se ambientar, viver experiências, podem-se gerar vínculos afetivos entre a pessoa e o lugar. Os lugares habitados durante o período da infância podem adquirir significados especiais. Tuan (2013, p. 47; 224) demonstra que o sentimento acrescido durante anos pelo mesmo lugar, pelas experiências, “em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas”, adquire “um profundo significado para adulto”. De fato, as lembranças de toda uma vida num mesmo lugar provocam a nostalgia de vivenciar mudanças lentas e cada momento tem seus encantos. Algumas memórias de infância marcam profundamente os adultos, já que é nessa fase da vida que se constroem e solidificam as bases psíquicas das pessoas.

Para Dardel (2015, p. 11) “[d]esde sua infância, nas primeiras civilizações, o homem se municia de marcadores para se orientar: a casa da família, a torre da vila natal, uma colina, as árvores. À frente, atrás, à direita, à esquerda, dentro, fora, têm um sentido concreto”. A partir de tais argumentações, fica claro que a familiaridade com o ambiente é um forte indício de que a pessoa constrói o sentido de lugar e topofilia, ainda que outros elementos possam provocar hostilidade. Dardel (2015, p. 34) acrescenta que a construção do sentido de lugar, além dos

lugares de infância, dá-se, na idade adulta, por "terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade." Os lugares percorridos, habitados e vivenciados durante a infância permanecem na memória afetiva. Solnit (2016, p. 34) corrobora com o pensamento de Tuan e destaca essa relação mútua da pessoa com o lugar, ao afirmar que "quando nos entregamos aos lugares, eles nos devolvem a nós mesmos; quanto melhor os conhecemos, mais os semeamos com a cultura invisível de lembranças e associações que estará à nossa espera quando voltarmos".

Para exemplificar a questão da nostalgia, o filme *Notes on Blindness* (2016) retrata a vida do escritor e teólogo John Hull, que foi se tornando cego progressivamente. Ele se mudou do lugar onde nasceu e, após retornar ao seu local de origem, afirmou: "ter em minha mente uma imagem mental do ambiente nas ruas e a cidade ao meu redor é como ter o mundo restaurado de novo para mim". A pessoa que vive durante muito tempo na mesma cidade constrói essa imagem mental do ambiente, de modo a se familiarizar, tornando o ambiente um lugar. As ruas são importantes para a vida cotidiana na cidade não apenas enquanto um trajeto de mobilidade, mas para a criação de um elo afetivo da pessoa com o lugar.

As relações se constroem aos poucos, com o tempo. Considerando que "as horas do dia em que usamos as ruas da cidade afetam a nossa percepção e avaliação destas" (TUAN, 2012, p. 241), pressupõe-se que, quanto mais tempo a pessoa vive na cidade, mais oportunidades terá de caminhar pelo mesmo trajeto, em diversos horários do dia. À medida em que se transita várias vezes pelo mesmo lugar, passa-se a saber de cor o que irá se encontrar pela frente. Isso traz uma sensação de conforto, de segurança, pois "cada referencial é um aviso do que ele tem que fazer adiante" (TUAN, 2013, p. 93). Nos trajetos que realizam com frequência, especificamente as pessoas cegas, costumam memorizar as posições dos elementos fixos para, assim, desviarem-se. Sabendo onde estão fixados bancos, postes, lixeiras, telefones públicos, as pessoas não correm o risco de se chocarem, por desviarem antecipadamente, como demonstram Pozzana e Kastrup:

> A impossibilidade de percepção à distância, do caminho e dos obstáculos, obriga a pessoa cega a prestar atenção nos diferentes signos sensoriais do momento presente (auditivos, táteis, olfativos, etc.) e a recorrer à memória (lembrar dos cruzamentos principais, das lojas que existem no caminho, dos nomes das ruas, da correspondência entre cheiros e posições, etc.). Por isto, muitos cegos têm a marcha mais lenta do que as pessoas que enxergam (POZZANA E KASTRUP, 2017, p. 360-361).

Seamon (2013, p. 12) explica a questão do hábito. Ele exemplifica que o corpo, habituado a realizar uma ação cotidianamente, conduz o corpo por caminhos que a pessoa realiza sem que implique a consciência de seus movimentos. Esse fenômeno, o autor denomina dança do corpo. Sendo assim, os lugares por onde as pessoas circulam habitualmente, ele denomina "dança dos lugares", e cita que "similar à dança-do-corpo, a rotina espaço-temporal é um conjunto de comportamentos corporais habituais que se estendem ao longo de considerável porção de tempo."

Para Araújo (2015, p. 109) "no caso da pessoa cega, ao perceber, repetidas vezes, os detalhes da espessura do piso, a mudança do cheiro e do som, a intensidade do vento, o movimento dos veículos, etc., constrói caminhos de memória, e mostra outra possibilidade de praticar a cidade". Sendo assim, a cada experiência é possível descobrir algo novo e ir adicionando à sua imagem mental, como em um quebra-cabeças.

> Percorrer um espaço com tranquilidade e de forma automática e inconsciente passa a ser um ato agradável, o que não acontece ao se atravessar uma sala cheia de objetos colocada irregularmente exigindo atenção, controle do corpo para desviar-se, dando a sensação de desconforto e irritação.

A principal queixa das pessoas cegas, no sentido do desconforto de caminhar, está em atravessar as ruas. Okamoto (2002, p. 118) registra que "desde o início, o primeiro ato da visão é enxergar a configuração de tudo ao nosso redor e reconhecer imediatamente se algo constitui um perigo ou se afeta nossa sobrevivência, por exemplo, quando vamos atravessar a rua, verificamos os movimentos dos veículos". Oliveira (2016, p. 57) relata ser um momento de tensão, mas usa como estratégia caminhar junto a outras pessoas que estão atravessando, além de ficar atenta ao som dos motores dos carros parados. Um entrevistado, na pesquisa de Valentini (2012, p. 180), ressalta que, mesmo com sinais sonoros, as pessoas cegas sentem-se inseguras ao atravessar as ruas, pois há pessoas que não respeitam o sinal. O tempo que a pessoa cega leva para caminhar é maior que o tempo de uma pessoa vidente. Por vezes, há ruas onde circulam carros dos dois lados e não há tempo para a travessia do pedestre. A pessoa cega precisa cruzar a rua duas vezes, sem necessidade, para atravessar pelo lugar mais seguro.

Assim, mesmo que o espaço público possua inúmeros obstáculos, a familiaridade torna o ambiente menos hostil. Porém, essa familiaridade não é garantia de que os obstáculos sejam totalmente previstos. Mesmo que o trajeto seja rotineiro, sabe-se que a cena urbana é dinâmica. Os elementos estão constantemente sendo colocados, removidos ou realocados. Portanto, o

contrário também é verdadeiro. Transitar num espaço urbano desconhecido pode causar insegurança, por não haver previsão dos obstáculos. Os referenciais vão sendo construídos e ampliados, ao percorrer um trajeto com frequência. A sequência de referências vai se tornando contínua, constituindo uma imagem mental do trajeto e "como resultado do uso habitual, o próprio caminho adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos do lugar." (TUAN, 2013, p. 220).

Outro tipo de familiaridade que se desenvolve com os lugares é o fato de a de conhecer a história da cidade, saber os estabelecimentos que existiam e deixaram de existir, saber datas em que foram construídos prédios históricos. Como afirma Tuan, "conhecer um lugar é também saber o passado: o próprio passado mantido num prédio escolar, na drogaria da esquina, na piscina e no primeiro lar; o passado da cidade consagrado em seus marcos arquitetônicos". (TUAN, 2018 [1975], p. 14). Assim, é muito comum encontrar placas em frente a monumentos históricos da cidade, com inscrições que contam a história desses monumentos. Entretanto, as pessoas cegas não têm acesso a esse tipo de informação.

Um exemplo envolvente, que demonstra uma declaração de afeto pelo lugar, são os escritos literários que os expressam. Escrever histórias, crônicas e poesias sobre a cidade é uma forma de transformar palavras em arte, aumentando assim as possibilidades de externar sentimentos inexprimíveis através da língua falada. Em um de seus artigos mais recentes, Tuan (1991) evidencia esse ponto que pode compor a construção do sentido de lugar, conforme demonstra Pádua (2013, p. 47):

> A linguagem, embora raramente estudada pelos geógrafos, é um dos fatores mais importantes na criação do lugar. Um dos modos de se apropriar do lugar é, como já mencionamos, dando nomes. Outra maneira é por meio da linguagem expressa em mitos, poesias e cânticos que criam e mantêm um lugar através da ressonância das necessidades e desejos humanos.

A questão da familiaridade com a cidade também foi encontrada na pesquisa de campo. Além de explorar a cidade intensamente, Mariano escreve contos e crônicas sobre a cidade de Curitiba, a maioria deles, interpretados por personagens cegos. Para ele, a cidade de Curitiba não é aquela criada para o turista, como o Largo da Ordem, o Jardim Botânico. Ele cita diversos autores que o inspiram a escrever crônicas urbanas. Um deles é o curitibano Dalton Trevisan, que, pela escrita, torna-se seus olhos. Ao narrar Curitiba sob o ponto de vista visual, Mariano utiliza-se de tais informações para enriquecer seus contos, que se passam nos mesmos lugares.

Outra fonte de inspiração são as conversas que ele escuta dentro dos ônibus. Ele conta que tem a vantagem de não pagar passagem, e assim, pode andar de ônibus à vontade pela cidade. Ao ouvir a conversa alheia “começa a desenvolver teses e ideias sobre isso, é fascinante.” E assim, cada história o inspira para escrever um conto.

Durante o período que Mariano cursava o Ensino Médio, ia para as aulas de manhã, e, no período da tarde, ia ao Terminal Guadalupe. Conhece detalhadamente grande parte dos edifícios, das galerias, das ruas, dos comércios. Os locais específicos que Mariano mais gosta e tem familiaridade no centro são a Rua XV e o Centro Velho, que é a região do terminal Guadalupe. Ele ressalta que conhece ali como a palma de sua mão, e poderia, inclusive, andar ali sem bengala, o que, eventualmente, faz. Assim, Mariano diz: “Eu conheço cada lugar do Guadalupe ali, cada mercadinho, cada botequinho, cada ponto de ônibus, eu conheci aquilo muito bem.”

Outra participante da pesquisa, Lua, também se recorda que, em tempos mais remotos, havia um antigo telefone público com cabine em frente à escola onde estudou o ensino médio, na época, o supletivo: São Vicente Palocci, que funcionava onde atualmente há a Uniandrade, próximo à Biblioteca Pública Municipal. Naquela época, havia uma barraquinha de cachorro quente próxima, e costumava frequentar com suas amigas.

Existem obstáculos, dificuldades e barreiras específicos em cada trajeto, e outras comuns, encontradas em grande parte dos espaços públicos. Placas, árvores, irregularidades no piso, entre outros impedimentos, prejudicam as pessoas cegas, que poderão ser vítimas de quedas e consequentes lesões físicas, além de constrangimentos, com consequências psicológicas, sociais e profissionais. Porém, mesmo que o trajeto seja rotineiro, sabe-se que a cena urbana é dinâmica. Os elementos estão constantemente sendo colocados, removidos ou realocados. Esses elementos podem ser fixos ou móveis, como carrinhos de produtos alimentícios, carrinhos de recicladores, barracas de vendedores ambulantes, caixas, escadas deixadas nas calçadas, portas de automóveis abertos, pessoas que param em cima do caminho tátil e não percebem a aproximação da pessoa cega e carros-fortes estacionados, que, apesar de estarem obstruindo o caminho, podem ser previstos com antecedência por emitirem o som do motor, que, geralmente, está ligado.

As pessoas cegas logo percebem essas transformações, mais que as pessoas videntes, para as quais esse tipo de mudança, em geral, passa despercebida, face à habituação do cenário visual. Jerônimo (2014) entrevistou pessoas cegas que caminhavam pela cidade de Campina Grande - PB. O depoimento de uma das participantes ajuda a compreender melhor as questões discutidas:

> A maioria das vezes eu ainda saio acompanhada. Eu só consigo ir de fato sozinha num lugar onde aquele percurso se torna familiar, onde a gente vai construindo mentalmente a ideia do percurso a ideia do caminho, a gente vai como que traçando um mapa mental e ai a gente vai criando pra isso uma série de pistas, os movimentos do veículo, por exemplo, as curvas que o veículo faz, as lombadas que a gente encontra no meio do caminho, então, a própria geografia do espaço faz com que a gente vá construindo esse mapa mental. Não dá pra uma pessoa que nunca enxergou ir num lugar desconhecido sozinha, então a gente vai sozinha nos ambientes rotineiros, nos ambientes cotidianos da gente, aonde a gente vai construindo esse mapa mental vai desenhando esse percurso na nossa mente porque nós não estamos vendo e ai desenhando por meio da utilização dos outros sentidos, por meio de outras percepções. Que alguém chega e diz assim, ah é porque a pessoa cega ela tem outros sentidos as outras percepções mais desenvolvidas, isso é um mito não é verdade, o que acontece é que como nós não vemos, nós precisamos dos outros sentidos e ai não é que eles sejam mais aguçados que os de quem enxerga é que como a gente utiliza mais os outros sentidos a gente precisa mais deles então a gente desenvolve mais, pela necessidade. Às vezes nós sentimos pela percepção, nós reconhecemos algum ambiente pelos outros sentidos e reconhecemos alguns detalhes que as pessoas que enxergam passam despercebidos. Isso porque como a gente não vê, a gente precisa criar mecanismos internos de ter acesso àquelas informações, então, como eu já relatei o cheiro, as curvas, os quebra-molas, as elevações, enfim, todas essas são pistas que a gente vai criando mecanismos pra poder descobrir a geografia de um determinado local. Então, quando eu preciso ir a algum ambiente naturalmente eu vou acompanhada, se por acaso eu tiver que ir sozinha eu peço informações, todavia, quando a gente conhece esse percurso ai sim a gente começa a fazer sozinha com muito mais familiaridade com muito mais propriedade. Ainda tem a questão de que muitas vezes uma pessoa com deficiência é desacreditada, às vezes eu vou com uma pessoa num lugar que eu já fui muitas vezes e sei onde é, e a pessoa vai perguntar e duvida daquilo que a pessoa cega já tem, desacredita, não coloca crédito, quando muitas vezes, quando aquele ambiente nos é familiar, quando a gente já se habilitou a ele nós nos movemos nele melhor do que muitas pessoas que enxergam e que não se atem a tantos detalhes que são importantes pra você se localiza num lugar (Entrevista concedida em 29 de maio de 2013). (JERÔNIMO, 2014, p. 32-33)

Assim, a familiaridade com os espaços públicos ajuda na construção de um mapa mental. A pessoa vai aprimorando as técnicas de locomoção pela cidade, e vai sentido-se cada vez mais confiante e segura, construindo o sentido de lugar. Nos trajetos que realizam com frequência, as pessoas cegas costumam memorizar as posições dos elementos para, assim, desviarem-se. Portanto, transitar num espaço urbano desconhecido pode causar insegurança, por não haver previsão do que será encontrado a frente. A pessoa cega pode passar ao lado de obstáculos, sem se deparar com eles. Numa segunda ocasião, a pessoa pode caminhar com mais segurança, dada a confiança de que não há obstáculo pela imagem mental do trajeto, formulada anteriormente, e se chocar com obstáculos que não esperava encontrar.

2.6 O LUGAR NA EXPERIÊNCIA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Os espaços públicos constituem-se de ruas, praças e parques, áreas de uso coletivo, comum. Pode ser definido a partir de uma perspectiva material, física, que adquire uma conotação mais palpável, mensurável. Mas, além dessa definição, Gurza Lavalle (2005) aponta para outras duas conotações que a palavra pode adquirir: a "publicidade" e a "participação política", ambos alusivos ao aspecto imaterial, não palpável. Ao adentrar no espaço público, as pessoas tornam-se também públicas, atores de um cenário cujo espetáculo pode ser apreciado a qualquer hora do dia e em qualquer dia do ano. Os tipos sociais que arejam o cotidiano estão lá para perceberem, serem percebidos e se perceberem enquanto atuantes da animação da vida. O espaço público é o lugar do encontro, da convivência com as pessoas, das trocas.

Nas ruas, pessoas, bicicletas, automóveis, ônibus e patinetes sincronizam seus movimentos de ir e vir. Encontram-se, cruzam-se, distanciam-se. Dividem os espaços que foram projetados para dividir as categorias de modais, mas horas (con)fundem-se em espaços partilhados. Gomes (2012, p. 27) afirma que "a rua pode ser vista como a unidade fundamental e mínima desse homem público. Ela é multifuncional, há uma infinidade de possibilidades de apresentar e de justificar a presença nesse espaço". Em tempos e espaços longínquos, Dardel (2015, p. 28) já sustentava que

> A cidade, como realidade geográfica, é a rua. A rua como centro e quadro da vida cotidiana, onde o homem é passante, habitante, artesão, elemento constitutivo e permanente, às vezes quase inconsciente, na visão de mundo e no desamparo do homem; realidade concreta, imediata, que faz do citadino "um homem da rua", um homem diante dos outros, sob o olhar de outrem, "público" no sentido original da palavra.

Assim, os espaços públicos escolhidos na presente pesquisa foram especificamente os da cidade. Há uma grande diferença de se caminhar em áreas rurais ou urbanas. Nas primeiras, na caminhada, não há tantas interrupções e as movimentações das outras pessoas não causam grande interferência. Já nas cidades, o desenho urbano, geralmente, é formado por quadras que adquirem formato retangular, onde Tuan (2012, p. 112) lembra que "para viver nesse tipo de mundo, a pessoa precisa aprender a interpretar os ângulos agudos e obtusos das imagens retinianas". Apesar de o autor enfatizar o sentido da visão, compreende-se que os ângulos da cidade são apreendidos com o corpo inteiro.

Hissa e Nogueira (2013, p. 67) apontam que "[c]orpo que não se move na cidade, não se abre, vê seu sensível reduzido." O movimento do corpo estabelece a conexão entre a pessoa e o ambiente, já que se vivencia, através das ações, a consciência da presença no mundo. Em outras palavras, Correia faz uma análise da experiência do fotógrafo cego Evgen Bavcar, à luz da teoria do filósofo Merleau-Ponty. Como seria possível fotografar sem ter o sentido da visão? O fotógrafo experiencia o ambiente com seu corpo e consegue sentir as vibrações necessárias para captar a imagem de forma intuitiva. Correia explica que:

> Tratando o "sujeito humano como consciência indecomponível", Merleau-Ponty (1999) faz a ponte necessária entre a idéia de narrativa fotográfica de Bavcar e a noção de espaço habitado e vivenciado pelo corpo no mundo através do movimento como ação prática. O movimento, segundo o autor, é apreendido pela compreensão que dele tem o corpo, quando este o incorporou ao seu mundo. Somos sujeitos pelo corpo que somos no tempo e no espaço. Nos realizamos na ação do corpo no tempo e no espaço. (CORREIA, 2007, p. 20)

O clássico movimento do caminhar é constantemente interrompido nas esquinas, onde o pedestre para e espera por sua vez, no ciclo das passagens dos modais de se transitar. Nas palavras de Pallasmaa (2006, p. 64) "a arquitetura inicia, dirige e organiza o comportamento e o movimento".

O ato de caminhar sozinho pelo espaço urbano pode conferir à pessoa um sentimento de "liberdade que desabrocha na paisagem" (AUGÉ, 1997, p. 171), de independência, de poder ir e vir quando e onde desejar, de poder explorar maior variação de texturas, sons, cheiros e sabores. Solnit (2016, p. 20) enfatiza a importância do caminhar, afirmando que "da mesma maneira que comer ou respirar, o caminhar pode ser investido de significados culturais absurdamente diferentes (…) da espécie de prazer, liberdade e significado que tipos de andanças e andarilhos procuram em momentos diversos". Assim, possibilita a busca não somente de uma intensificação dos sentidos biológicos humanos, mas do sentido existencial. Para Bollnow, (2008, p. 75) "são as direções de caminhos que, contrapondo-se à equilibrada quietude da vida caseira, obrigam à decisão. O mundo externo se representa nelas como o âmbito das decisões necessárias."

Damatta (1997) mostra como a casa, espaço privado, é considerada no imaginário social um lugar particular, individual, íntimo, seguro, protegido e calmo, aconchegante, em oposição à rua, um ambiente perigoso e sem privacidade. Por outro lado, essas relações podem ser pensadas inversamente. A casa pode representar prisão, tédio, angústia, silêncio e solidão, já que as dinâmicas desse ambiente não são tão inconstantes quanto a dos espaços públicos. "Neste

sentido, o lar fica cada vez mais circunscrito e os laços comunitários e os horizontes de alcance diminuem, minimizando a participação e a mobilização política. A cidade se torna um "deslugar"." (MARANDOLA JR. e MELLO, 2005, p. 8511)

Já o ato de caminhar sozinho pode conferir à pessoa um sentimento de liberdade, aventura, claridade, de independência, de poder ir e vir quando e onde desejar. Daí tem-se a necessidade de balancear as relações casa/rua, transitar entre espaços e lugares, pois, como aponta Hillman, (1993, p. 57) "não habitamos apenas quartos atrás de portas, cadeiras em volta de mesas, ou empregos atrás de balcões. Habitamos também na liberdade das pernas que dão liberdade à mente". Contrapondo espaços fechados e abertos, da casa e da rua, Tuan (2012, p. 49-50) aponta que ambos "podem estimular sentimentos topofílicos". Sendo assim, fica evidente que "os seres humanos necessitam de espaço de lugar", já que "as vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade" (TUAN, 2013, p. 72).

Nesta investigação, vem-se estimulando o uso e as vivências dos espaços públicos justamente para manter esse equilíbrio, pois concorda-se com Solnit (2016, p. 28) que "muitas pessoas hoje vivem numa série de ambientes internos – o lar, o carro, a academia, o escritório, lojas – e divorciados uns dos outros. A pé, tudo permanece conectado, pois, andando-se, os espaços entre esses ambientes internos são ocupados". Além dela, outros autores também enfatizam a importância de caminhar pelos espaços públicos a pé. Kozel (2007, p. 39) lembra que "os carros estacionados ou o trânsito de bicicletas que não raro substituem o andar a pé nas calçadas. Como falar de "lugar" nesse contexto? Ou de "topofilia"?

O automóvel vem, cada vez mais, dominando as cidades. O planejamento dos espaços públicos valoriza os automóveis, enquanto desvaloriza o pedestre. O meio de transporte escolhido não decorre apenas de implicações práticas, mas de um modo de ser do indivíduo, consciente da importância de apreciar a cidade, revezando-se o caminhar e o transporte público. A pessoa cega, pela impossibilidade de dirigir, desenvolve sua autonomia no ato de caminhar. "Deste modo é que o andar – como uma modalidade de ocupação do espaço urbano –, em contraste com o uso do automóvel, pode ser uma experiência que confere possibilidade de ruptura ao disciplinamento e controle, justamente por abrir os sentidos ao mundo" (HISSA E MAGALHÃES, 2013, p. 73-74). Da mesma forma, De Certeau (1994,p. 176) faz uma relação entre o ato de caminhar e a construção do sentido de lugar para as pessoas, considerando que "os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um

desses ‘sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade’”, mas “não têm nenhum receptáculo físico”.

Tuan (2013, p. 133-134) e Pallasmaa (2006, p. 17-18) fazem uma interessante reflexão: o espaço interior, da intimidade, da vida privada, e o exterior, da exposição, do espaço público, influenciam, consciente ou inconscientemente, a temperatura emocional das pessoas, ou seja, os espaços materiais e mentais possuem uma interação relativa. Aqui, as relações interior/exterior podem ganhar um duplo sentido. O primeiro, em relação a estar dentro ou fora de um espaço construído. O segundo, num sentido fenomenológico, diz respeito à consciência em contraposição a exterioridade do mundo. Como coloca Solnit (2016, p. 23), a caminhada pode provocar a reflexão das pessoas:

> O ritmo da caminhada produz uma espécie de raciocínio ritmado, e a travessia de uma paisagem ecoa ou estimula a travessia de uma série de pensamentos, o que produz uma estranha harmonia entre as travessias interna e externa, sugerindo que a mente também é uma espécie de paisagem e que caminhar é uma maneira de percorrê-la.

Os sentimentos que as pessoas desenvolvem pelos lugares podem se configurar de diversas formas. A escolha de determinado trajeto ou lado da calçada para caminhar pode ser por questões (des)afetivas. Deixa-se de passar por certos lugares por más experiências, a exemplo de acidentes, assaltos. Por outras vezes, caminha-se por trajetos mais longos para passar por lugares que despertam bons sentimentos. A topofilia e topofobia, portanto, podem não ter sua origem apenas no ambiente, mas nas relações pessoais espacializadas. A simples escolha dos caminhos faz com que a cidade torne-se única para cada pessoa. Tuan (2012, p. 240) mostra que “[...] a maneira como as pessoas respondem às cenas de rua dependem de muitos fatores. Para os transeuntes, os meios de transporte são importantes. Até a recente popularização dos veículos motorizados, a maioria das pessoas andava a pé”.

Nessas experiências cotidianas, vividas no caminhar, vivem-se aventuras, correm-se riscos, sente-se vivo e instigado a desbravar um mundo cheio de surpresas e desafios. Nas palavras de Hillman (1993, p. 53) “caminhando, estamos no mundo, encontramo-nos num lugar específico e, ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia ou um território, uma habitação com um nome”. Para que se perceba o espaço público, a primeira condição é vivenciá-lo. E não existe maneira mais intensa dessa vivência do que caminhar. No ato de caminhar, o corpo todo se movimenta e interage com o ambiente. Os sentidos se aguçam. É o modal mais

lento de mobilidade, em que o tempo permite captar as nuances existentes no mundo. Assim, o caminhar torna-se não apenas uma simples locomoção, mas uma filosofia (GROS, 2010). Tal ideia também é defendida por Tuan (2013, p. 70), ao afirmar que

> No ato de locomover-se o espaço e seus atributos são experienciados diariamente. Uma pessoa imóvel terá dificuldade em dominar até as ideias elementares de espaço abstrato, porque tais ideias se desenvolvem com movimento - com a experiência direta do espaço por meio do movimento.

Entretanto, nota-se que essa prática, ou melhor, a experiência completa dela, na atualidade, tem sido declinada devido ao modo de vida que vem se configurando nos centros urbanos. Muitas vezes, imersas no ritmo acelerado do cotidiano, as pessoas atentam-se apenas às funções, objetivos, horários a cumprir, e a apreciação do mundo é deixada de lado.

A possibilidade de acesso ao mundo tecnológico, os trabalhos "em rede", no dizer de Oliveira (2001, p. 129), ou cyberespaço para Rykwert (2004, p. 218) também transformou as relações das pessoas com os espaços públicos. Esses espaços virtuais diminuem a interlocução nas cidades, o que Pallasmaa (2006, p. 18) considera "experiências de alienação, distanciamento e solidão" resultando em uma falta de vínculo com a realidade sensorial ou, de uma maneira mais enfática, nos dizeres do mesmo autor, uma "patologia dos sentidos". No mesmo sentido, Solnit (2016, p. 30) afirma que "a multiplicação de tecnologias em nome da eficiência está, na verdade, erradicando o tempo livre ao possibilitar a maximização do tempo e do espaço para a produção e a minimização do desestruturado entretempo de percurso".

A falta de segurança também cria medo de se vivenciar a cidade, pois o discurso social de perigo iminente em determinados espaços da cidade, disseminado pelas conversas e pela mídia, povoa o imaginário das pessoas, provocando o esvaziamento dos espaços públicos. O medo, que, antes, era imaginário, torna-se real, quando espaços vazios tornam-se mais suscetíveis a insegurança. Assim, as pessoas tendem a ocupar espaços privados, o que resulta em um recuo do espaço público e, em consequência, um recuo da cidadania (GOMES, 2006). Esses aspectos, tornam-se ainda mais evidentes no cotidiano de pessoas cegas. Existem muitos obstáculos nas ruas, o que acaba ocasionando uma sensação de desconforto ao caminhar em espaços públicos.

Silva (2011, p. 44) aplica o conceito pra uma análise simbólica dos acontecimentos urbanos, apoiando-se, entre outros autores, no conceito de pregnância simbólica, de Cassirer (1994), que utiliza como premissa para abordar a ordem imaginária da cidade. O autor realizou

entrevistas com mais de 500 pessoas, nas cidades de Bogotá e São Paulo. Ao questionar sobre as necessidades básicas não solucionadas para a cidade de São Paulo, o item “segurança” foi o mais mencionado (SILVA, 2011, p, 188). A segurança pode estar relacionada tanto à questão de violência, furtos, roubos, assaltos, quanto à questão da estrutura física da cidade, capaz de provocar acidentes, como buracos nas calçadas, choque com obstáculos, e outros exemplos citados por Sacks (2010, p. 177):

> A avenida Greenwich, assim como o mundo exterior em geral, permanece tão cheia de perigos, reais e imaginários, como no dia em que sai para minha primeira caminhada pós-hemorragia muitas semanas atrás. As pessoas passam apressadas, tão absortas em seus celulares e mensagens de texto que ficam também funcionalmente cegas e surdas, desligadas do ambiente; outras andam com cãezinhos minúsculos, uns insetos na ponta de uma guia invisível que é como uma armadilha para fazer tropeçar os deficientes visuais; crianças costuram em disparada com patinete, abaixo do nível dos olhos. E há outros perigos: bueiros, grades, hidrantes, portas que se abrem de repente, ciclistas entregando comida.

As pessoas cegas estão cientes de que não podem esperar um mundo perfeito, precisam estar preparadas pra pequenas ondulações no piso, bloqueios em seu caminho e não considerar tudo enquanto obstáculos. No entanto, quando esses casos de perigo nas ruas são encontrados em demasia, durante o trajeto, podem provocar estresse, de maneira que o imaginário urbano, de forma geral, ganhe uma conotação negativa.

> O mundo perigoso se parece com um mundo que existe independente de nossas práticas. Ao objetar tal perspectiva não pretendemos afirmar que não há perigo no mundo. O perigo constitui um mundo, mas não o mundo. O perigo não se separa do plano das práticas. Com a consideração de que o perigo está no ar respiramos menos, ficamos com o corpo menos oxigenado e vital, nossas articulações ficam rígidas. (POZZANA E KASTRUP, 2017, p. 370)

Ao contrário, quando um espaço público possui acessibilidade física, oferece conforto e segurança, promovendo uma sensação de bem-estar ao estar presente no lugar e, ao evocar a sua imagem, como afirma Gehl (2015, p. 91): “sentir-se seguro é crucial para que as pessoas abracem o espaço urbano. Em geral, a vida e as próprias pessoas tornam a cidade mais convidativa e segura, seja em termos de segurança percebida seja vivenciada”.

A relação com o espaço público não propicia apenas o recurso da mobilidade, mas também do prazer de caminhar, de viver novas experiências, de observar, de interagir, de

sociabilizar, de promover o encontro, o diálogo, o poder de criação, as trocas afetivas, a atenção a si e ao outro "um encontro não é somente um encontro público, é encontrar-se em público, pessoas se encontrando" (HILLMAN, 1993, p. 41). Mas, ainda que se pratique a caminhada por espaços públicos, nem sempre o convívio entre as pessoas com quem se possa vir a cruzar é valorizado, uma vez que o outro torna-se indiferente, deixando de lado a questão da empatia, alteridade, ou alter ego.

Para ir ao espaço público, não é necessário um motivo específico, é mais que um trajeto percorrido para se ir de um ponto a outro, a desculpa pode ser até mesmo o estar por estar, apenas para sentir o movimento. Como expõe Gehl (2011, p. 133), "o ato de caminhar é muitas vezes um ato necessário, mas também pode ser uma desculpa para estar presente - 'Eu vou apenas caminhar por caminhar'". Essa prática é denominada por Bollnow (2008, p. 119) de *Wandern*, a qual define como "um movimento a pé, de certa importância, sem pressa, sem um objetivo externo, ininterrupto, de um lugar para o outro (…) O *Wandern* de hoje, o caminhar por caminhar, resulta da moderna crítica à cultura".

Mariano, um dos participantes da pesquisa, tem o costume de, quase todos os dias, sair de sua casa para passear pelo centro, passar algumas tardes na Rua XV e caminhar como forma de entretenimento. Visitar uma galeria ou outra, sentar e tomar uma cerveja, apreciar o ambiente e, por vezes, encontrar outros amigos cegos. Uma das falas de Mariano remete à ideia de Gehl (2011, p. 133), que propõe o ato de caminhar só pelo prazer de caminhar, e não para se chegar a um destino. Quando caminha descompromissadamente, explorando os lugares, é comum que pessoas videntes venham lhe oferecer ajuda, questionando qual o seu destino. Mariano diz:

> Você pode estar com vontade só de passear. as pessoas perguntam "onde é que você tá indo?" Porque que eu tenho que tá indo para algum lugar? Eu não posso ir para fazer uma caminhada? Não posso sair para passear para ser turista na minha cidade? Entende? As pessoas sempre acham que um cego tá andando com um objetivo específico e imutável. Nem sempre é assim.

Um caminhar lento e explorador, buscando conhecer a cidade, conversar com as pessoas, ir e retornar, parar, perceber. As pessoas videntes que não possuem o hábito de deixar-se embalar pelos movimentos das ruas, não conseguem conceber tal atitude em relação aos outros. Assim, pensam que a pessoa cega está perdida e buscam ajudar. É claro que, outras vezes, Mariano caminha com um destino determinado, como, por exemplo, para a reitoria ou para a biblioteca

pública, locais que costuma frequentar rotineiramente. Mas, nessas situações, o modo de caminhar, por sua vez, altera-se, sendo mais direto, sem delongas pelo percurso.

Através da caminhada, percebe-se o espaço e, ao mesmo tempo, constituem-se as espacialidades do sujeito, gerando uma possibilidade de se (re)estabelecer a ligação do homem com a paisagem que o envolve e pode suscitar experiências dotadas de afetividade. Essa relação entre caminhar e paisagem é trabalhada por Careri (2013), no livro *Walkscapes*.

Para Besse (2014, p. 40- 41), "caminhar não é simplesmente um modo de estar fora, passivamente, no mundo. Na caminhada a sensibilidade é tanto ativa quanto ativada, o ser-no-mundo está orientado, articulado". O autor acrescenta que "a caminhada, de fato, requalifica o espaço, no sentido próprio do termo: ela lhe dá novas qualidades, novas intensidades". A pessoa cega que caminha pelos espaços públicos pratica muito mais que o ato de locomover-se. Mostra-se como um ser público, político, participativo, que, em meio a possíveis dificuldades, põe-se a caminho de enfrentá-las. Envolve-se com o mundo e se deixa ser envolvido pelas trocas (des)afetivas, provocadas por sentidos e sentimentos. Considera-se a experiência de caminhar pelos espaços públicos de suma importância para a conformação das imagens mentais e percepções da cidade. Assim, a pessoa pode ampliar seus horizontes de alcance, conceito desenvolvido por Anne Buttimer (1980), que se refere às escalas que a pessoa conhece e, assim, pode envolver-se afetivamente.

Elali e Medeiros (2011) destacam que as pesquisas relacionadas ao tema apego ao lugar desenvolvem-se majoritariamente nos ambientes de residência, de trabalho e de áreas naturais. Portanto, o espaço público como recorte de pesquisa ainda é uma lacuna, no que tange essa temática. Mas, qual a relevância de pesquisas em centros urbanos? Grande parte dos transeuntes anda pelas ruas "desconectados" do meio em que vivem. Para Pallasmaa (2006, p. 30), "em lugar de experimentar nosso ser-no-mundo, a contemplamos de fora como espectadores de imagens projetadas sobre a superfície retiniana". O fato de não prestar atenção nos pequenos detalhes que podem revelar outra cidade torna a realidade cotidiana mais dura, menos prazerosa, já que

> O que é oposto ao estético é a monotonia, a desatenção ante as tarefas, a submissão às convenções, as características da vida cotidiana expandidas para esferas que não lhe pertencem, o distanciamento artificial imposto pela rotina e pela insensibilidade que com que o indivíduo se protege do excesso de danos estéticos[22] da cidade contemporânea. Observa-se então o dilema do homem

[22] Berleant cunha o termo dano estético para definir as consequências de experiências estéticas negativas repetitivas, que implicariam o afastamento e alienação do homem de seu ambiente.

> comum: submetido a uma lógica alheia, subsiste numa rotina castradora. Apenas quando assume a dualidade entre os circuitos dominantes e instituídos e suas ações cotidianas que experimenta a esperança e a autonomia. (WEHMANN, 2016, p. 59-60)

Nesse contexto, verifica-se a importância de compreender a percepção com os sentidos além da visão. Concorda-se com Hillman (1993, p. 55) que "em nossos cenários, caminhar é apenas uma maneira lenta e ineficiente de nos aproximarmos daquilo que os olhos já viram. O pé é escravo do olho, o que faz com que caminhar torne-se chato, uma mera questão de cobrir distâncias". Portanto, o enfoque do questionamento, aqui exposto, não é a cegueira, mas o fato de experienciar o mundo sem a visão. A princípio, pode parecer o mesmo, entretanto, a sutil diferença é que, no primeiro caso, o fenômeno a ser decifrado centra-se no indivíduo, já no segundo, está voltado para a relação pessoa-ambiente. Concorda-se com Berleant que "os valores no nosso ambiente expandem-se quando alargamos a nossa sensibilidade e atenção e já não restringimos a apreciação a ocasiões especiais" (BERLEANT[23], *apud* Wehmann, 2016, p. 59).

Paola Jacques desenvolveu o conceito de corpografia urbana e o conceitua como "um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta" (JACQUES, np. 2008).

A efemeridade das sensações percebidas, que se esvaem após alguns passos, gera uma ampla gama de informações, que a pessoa não é capaz de recapitular integralmente, ao se lembrar do trajeto. Cada micro ponto do lugar passa a ser mais, ou menos, significativo. Se o estabelecimento das geograficidades é fundamental para a existência humana, como aponta Dardel (2015), as pessoas que vivem nas cidades criam laços nos meios em que vivem, mesmo que, a princípio, o ambiente possa parecer caótico e cinza. Duarte e Cohen realizaram uma pesquisa com pessoas com deficiência de locomoção, chegando à seguinte conclusão:

> [...] pode-se compreender que, para que uma PDL [Pessoa com deficiência de locomoção] possa criar experiências afetivas dos espaços e se identificar com a cidade em que habita, é preciso que ela seja capaz de se introduzir em seus espaços com seu corpo e seus sentidos, e que estes lhe permitam que sua experiência espacial se concretize de forma satisfatória. Os resultados de nossas pesquisas têm demonstrado que a dificuldade de locomoção, ao impor diferentes ângulos de visão e diferentes tipos de deslocamento nos espaços da cidade,

[23] BERLEANT, A. Estética e In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

> dificulta o estabelecimento de uma experiência do espaço satisfatória. A impossibilidade de experienciar adequadamente os espaços faz com que muitas PDLs não saiam de suas casas e percam o contato com o mundo ou, então, que permaneçam em instituições ao abrigo da caridade e do paternalismo." (DUARTE E COHEN, 2004, p. 5)

Algumas experiências vivenciadas nos espaços públicos são marcantes. Permanecem na memória pelo resto da vida. Outras tornam-se fatos tão corriqueiros, que logo caem no esquecimento. Aquelas que ficam marcadas são as mais significativas. Podem até parecer corriqueiras às vistas de outras pessoas, mas, se são lembradas, foram significativas a quem vivenciou, tornando-se aquelas lembranças que compõem a imagem mental do lugar. É o que prevalece, o que caracteriza o lugar enquanto tal. Pesavento (2007, p. 14-15) define o que "a cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em lugar, ou seja, portador de um significado e de uma memória".

A questão de conceber o espaço público enquanto um lugar também foi interpretada em uma das passagens da narrativa de Mariano. O piso tátil, para Mariano, limita as possibilidades de locomover-se com autonomia e liberdade. Ele considera que não tem muita utilidade, a não ser quando a pessoa está com pressa para caminhar. Ele aprecia explorar os caminhos, tatear as lojas, tatear as paredes, e o piso tátil simplesmente leva de um lado ao outro, sem ampliar as possibilidades. Ele brinca que "cego não é trem, para andar em trilho".

Para Mariano, as pessoas videntes reparam nos trajetos, nas paisagens, nas cidades, muito menos que as pessoas cegas, já que a pessoa vidente obtém as informações instantaneamente através dos olhos e, portanto, não precisa se atentar aos detalhes. As pessoas cegas precisam permanecer sempre atentas ao que está à direita, à esquerda, à frente, atrás, na diagonal, já que todas as informações ao seu redor são imprescindíveis para criar referências e para a locomoção. Por exemplo, uma pequena irregularidade na calçada pode servir de referência para a caminhada.

Assim, as pessoas cegas buscam, com o auxílio da bengala, por referências nas ruas, como muros, postes, pilastras, canteiros. As pessoas videntes, desinformadas das estratégias de locomoção de pessoas cegas, prontamente desviam a pessoa cega daquilo que consideram um obstáculo. Da mesma forma, a pessoa vidente sempre tenta "prever" o que a pessoa cega quer fazer. Ao vê-la entrando em um estabelecimento, julga que não é ali que ela queria entrar.

Mariano também faz uma crítica às pessoas que optam sempre por andar de Uber.[24] Segundo ele, depois que o aplicativo tornou-se popular, as pessoas não sabem mais o que é andar de bengala, “a sensação de bengala no chão, cabeça erguida”, e estão sempre andando de carro, precisando da atenção de um vidente para se sentirem completos. Ele também não gosta do uso de cães guia e considera que as pessoas cegas que os usam, acabam tornando-se dependentes deles. Assim, a bengala dobrável é a melhor ferramenta que existe, em sua opinião.

A Geografia, que estuda tanto elementos físicos como humanos, integra a percepção do espaço através das sensações táteis, sons e cheiros provindos de ambos. O conceito geográfico de escala também pode ser aplicado aos sentidos, que ora remetem a distâncias e ora a contatos íntimos e intensos. Os conceitos geográficos de ambiente, espaço, paisagem e lugar podem ser trabalhados em relação aos sentidos, sendo este último vinculado ao elo de afetividade vinculada à percepção.

Todas as experiências vividas vão sendo registradas na consciência e no corpo. Alguns eventos tornam-se mais marcantes e vão sendo armazenados nos mínimos detalhes. Ao rememorá-los, a pessoa é capaz de reviver. Já outros perdem sua significância e se esvaem no limbo da memória. Ficam esquecidos, ofuscados, arquivados parcialmente. O critério de cada mente para o armazenamento não depende de sua magnitude. Por vezes, fatos vultosos são esquecidos, e outros, irrisórios, permanecem.

Cada pessoa, cega ou não, possui sua maneira própria de perceber, lembrar, afetar e ser afetado por acontecimentos, alteridades e lugares. A partir das discussões apresentadas no início do capítulo, foi possível compreender que, quando se evoca algo, todos os registros da memória convergem àquele instante, a um só golpe, expressão de Merleau-Ponty.

Assim, quando se pensa em um lugar, traz-se, imediatamente, à consciência os trajetos percorridos, as experiências que promovem afetações boas, ruins ou neutras, as relações com as pessoas e a familiaridade construída por reiteradas experiências ao longo do tempo. Os momentos de aconchego e segurança do lar e as vivências de aventura e liberdade nos espaços públicos. Esse turbilhão de informações converge para um sentimento único: o sentido de lugar.

---

[24] Empresa norte-americana que medeia a interação de usuários com motoristas de veículos particulares por meio de aplicativos em *smartphones*.

2.7 OS LUGARES SÃO TAMBÉM PESSOAS: AS RELAÇÕES SOCIAIS

Quando se pensa em lugares, logo se recorda a hospitalidade, acolhimento ou hostilidade das pessoas em relação aos lugares. Pessoas estão espacializadas. Habitam e circulam por lugares. Logo, são associadas pela imagem mental enquanto característica intrínseca dos lugares, tornando-se, assim, um dos elementos que compõem a construção do sentido de lugar. A interação com os lugares e as experiências vivenciadas são constituídos não só pelos elementos do ambiente que o envolve, mas, também, pela interação com as pessoas.

Essa relação é estabelecida desde os primórdios da Geografia Humanista, quando Buttimer (1982, p. 182) afirmava que "[...] a intersubjetividade sugere a situação herdada que circunda a vida diária. Pode também ser compreendida como um processo em movimento, pelo qual os indivíduos continuam a criar seus mundos sociais". O contato com as pessoas que ocorrem nos espaços proporciona trocas cotidianas. Quando se imagina e relembra um lugar, lembra-se das pessoas ali presentes. Indivíduos, enquanto fluxos, locomovem-se, transformam-se. As relações afetivas construídas com os lugares deixam de fazer sentido, quando as pessoas não estão mais presentes. Holzer (1997, p. 79), apoiado em Husserl, pondera que "a intersubjetividade acontece no momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações".

As relações sociais também ajudam a constituir a imagem mental. Uma cidade acessível não necessita apenas de elementos físicos, mas também acessibilidade atitudinal (SASSAKI, 2009). Estabelecem-se relações e interações sociais de conversas com estranhos, pedidos de informações, como afirma Gehl (2015, p. 19):

> nas cidades, há muito mais em caminhar do que simplesmente andar! Há um contato direto entre as pessoas e a comunidade do entorno, o ar fresco, o estar ao ar livre, os prazeres gratuitos da vida, experiências e informação. Em essência, caminhar é uma forma especial de comunhão entre pessoas que compartilham o espaço público como uma plataforma e estrutura.

Para Merleau-Ponty (2013, p. 19), a pessoa pode "ser ao mesmo tempo vidente e visível". A pessoa cega não consegue ver, mas é vista. Nos espaços públicos, essa visibilidade aumenta, o diferente atrai olhares curiosos. Qual seria então, o sentimento de saber que está, a todo momento, sendo visto, sem poder ver? Maria, entrevistada da pesquisa, não enxerga, mas sempre

tem o pressentimento de que todas as pessoas direcionam os olhares a ela, nas ruas. Olhares curiosos, de pessoas que veem algo diferente. As pessoas passam, cruzam e ultrapassam. Algumas caminham falando ao celular. Maria ouve uma voz que fala, sem outra que responde, e se questiona por vezes, se estão falando com ela. Quando está sozinha, as pessoas a ajudam bastante.

As pessoas cegas podem desenvolver a habilidade de caminhar pelos espaços públicos sem o auxílio de acompanhantes videntes. Há casos de pessoas cegas que não desenvolveram tal habilidade, tornando-se dependentes e, por consequência, permanecendo a maior parte do tempo em casa. A experiência de Queiroz (1986, p. 75) traz a convicção de que "normalmente, a família e suas preocupações se tornam o maior obstáculo para a pessoa cega se reabilitar." Para que se possa enfrentar o desafio de criar a autonomia para desempenhar as funções cotidianas, é necessário que se tenha segurança física e psíquica. Esse tipo de segurança está relacionado também com o desenvolvimento das relações espaciais, como aponta Pozzana e Kastrup (2017, p. 363):

> Se uma mãe, para proteger sua filha cega, caminha com ela colada ao seu corpo, muito provavelmente a menina não experimenta ativamente as nuances entre o equilíbrio e o desequilíbrio, uma passada e outra, parar e iniciar um deslocamento. Se uma criança não brinca com objetos e com outras crianças, se não interage no espaço, movimentos básicos como aquele de pegar e dar, empurrar e puxar, abaixar, pular e etc. não são realizados e conhecidos.

Assim, as atitudes da família, no período da infância, poderão influenciar a idade adulta, e fazer com que a pessoa torne-se dependente para o resto da vida. Queiroz (1986, p. 84) narra histórias de pessoas para demonstrar que existem distintos graus de dependência das pessoas cegas:

> Tive a oportunidade de conhecer uma cega que morava no Leblon que chegava a passar sede, caso alguém não lhe fosse apanhar água. O extremo oposto disso são os cegos que trabalham e moram sozinhos. Entre um extremo e outro existe tudo quanto é tipo de variações. Percebi, com isso, que o limite mais concreto do cego não é a cegueira, e sim a educação, o condicionamento, a prática, as emoções.

Nesse ponto, Mariano tece grandes elogios quanto a atitude de sua mãe. Para ele, foi devido ao apoio de sua família que conquistou sua independência muito cedo. Desde os 12 anos, começou a caminhar sozinho pelas ruas e recebeu incentivos de sua família. Por diversos

motivos, há pessoas cegas que têm preconceito com sua própria condição e acreditam que só são capazes de vivenciar uma experiência significativa acompanhados de uma pessoa vidente, como Valentini (2012, p. 221) evidencia, no relato de um participante de sua pesquisa:

> Para o deficiente visual curtir o Ibirapuera, precisa de uma pessoa acompanhando, porque sozinho ou em grupo deficiente visual não tem condição nenhuma. Lá não tem marcação nenhuma. E mesmo se tivesse, acho que não é o suficiente, não basta passar o pé e andar, você tem que saber como é a paisagem, alguém tem que descrever para a gente poder curtir toda a natureza, não é só o chão que está marcado e andar a esmo… Narrando, aqui tem um gramado bonito, aqui tem uma flor... O importante é o deficiente visual fazer um passeio com monitoria, sem monitor é difícil curtir o passeio.

Nesse caso, a fala da participante com deficiência visual demonstra que o termo "paisagem" está estritamente vinculado a uma perspectiva visual e, portanto, precisa ser narrada por uma pessoa vidente.

As pessoas cegas que caminham sozinhas necessitam, com maior frequência, solicitar ajuda e buscar informações, mas isso não configura dependência. A cidade pode não ser perfeita, adequada às necessidades das pessoas cegas, mas desenvolver habilidades sociais para estabelecer relações interpessoais também promove a acessibilidade, buscando o contato para pedir informações, buscar ajuda, facilita-se o desenvolvimento e a autonomia. Nesse ponto, concorda-se com Martins (2006, p. 173):

> Portanto, o "assumir a cegueira" poderá constituir não a elaboração de uma resistência pessoal em relação às recorrentes asserções piedosas e inferiorizantes, mas também, e concomitantemente, a elaboração de uma valorização pessoal em que o sujeito é capaz de aceitar e pedir ajuda sem que com isso a sua auto-estima seja posta em causa. No entanto, esta situação é bem gerida por muitas pessoas cegas que aprenderam a negociar a aceitação de ajuda sem que a sua auto-representação de independência e autodeterminação seja posta em causa. Se é verdade que muitas vezes as ofertas de ajuda infantilizam as pessoas cegas, pelo seu carácter compulsivo e porque negam amiúde à pessoa cega e sua autodeterminação e o seu poder de decisão, a capacidade dos sujeitos para com elas lidarem está, na leitura que faço, muito ligada às suas narrativas pessoais.

As pessoas cegas, quando recebem ajuda nas ruas, costumam também conversar. Interagir e usufruir dos benefícios da cidade significa a possibilidade de desenvolver a assertividade de se tomar decisões, quer para alterar o cruzamento de uma rua, quer para solicitar apoio de um terceiro, obtendo maior segurança física. O relato do americano Chris Downey, arquiteto que

ficou cego em 2008, em trecho retirado de uma palestra proferida por ele no programa TED TALKS, relata:

> Em Oakland, eu fiquei realmente surpreendido com quanto a cidade tinha mudado desde que perdi a minha visão. Quando via, gostava dela. Era agradável. Era uma ótima cidade. Mas, quando perdi a visão e estava a andar pela Broadway, fui abençoado a cada quarteirão do caminho. Deus te abençoe, homem. Vá em frente, irmão. Deus te abençoe. Eu não tive nada disso quando via. (Risos). E mesmo cego, não me tratam assim em São Francisco. E sei que isso incomoda alguns dos meus amigos cegos, não incomoda apenas a mim. Normalmente, pensa-se que é uma emoção que vem por piedade. Eu tendo a pensar que vem da nossa humanidade partilhada, vem da nossa união, e acho isso muito bom. (DOWNEY, 2013, np)

Nota-se como Downey enfatiza que a pessoa cega acaba atraindo a generosidade pública, sem que isso seja uma atitude piegas, nem diminutiva do poder de cidadania do outro, considerando que o espaço público é o convívio com a alteridade.

A pessoa cega que solicita ajuda nos espaços públicos, muitas vezes, tem o pedido negado, como relata Monteiro (2012, p. 12), que realizou entrevista com cinco pessoas cegas, da cidade de Florianópolis. Uma das pessoas expõe que “e em algumas situações é difícil conseguir ajuda, pois as pessoas estão sempre com pressa, não tem tempo para dar informações ou conduzir alguém ao seu destino”. Ele mencionou que esses casos são exemplos de barreiras atitudinais, mas que ainda há muita gente solidária e disposta a ajudar.

Porém, há diversos outros casos em que pessoas videntes oferecem ajuda a pessoas cegas, mas não sabem como fazê-lo de forma correta. O auxílio pode ser desde prestar informação, ajudar a atravessar a rua, ou até mesmo acompanhar por trajetos mais longos. Os participantes da presente pesquisa relataram diversas histórias que já viveram em espaços públicos, em relação com pessoas videntes. Ao conhecer essas histórias, é possível compreender as situações.

Mariano diz que, quando necessita de ajuda, sempre pede e nunca fica passivamente aguardando que alguém lhe ofereça. Assim, acaba desenvolvendo amizade com pessoas em situação de rua. Essas pessoas, sempre que o avistam, chamam-lhe pelo nome, e ele também sabe os nomes de todos eles. Sempre que os encontra, pergunta como estão, e puxa conversa. As pessoas prontamente passam a contar as histórias das suas vidas e Mariano se considera um privilegiado por isso, pois muda a sua própria percepção de vida e de mundo. Por isso, a cegueira faz com que as pessoas amadureçam. Ele afirma que as pessoas videntes passam por eles durante muitos anos de suas vidas, e nem sabem os seus nomes.

Na Rua XV de novembro, há pessoas que trabalham e estão no espaço público cotidianamente. Mariano, que gosta de tecer relações, conversar, conhecer as histórias das pessoas, conhece grande parte desses atores sociais. Borboleta 13 é como é conhecida a mulher que vende jogo do bicho. Em voz alta, anuncia o jogo para todos os transeuntes. Quando Mariano passa, ela logo o reconhece. No mesmo ritmo e tonalidade que grita anunciando suas vendas, ela diz seu nome e avisa o momento de atravessar a rua. Mariano ri e sente um carinho espacial pelas pessoas com quem criou vínculos.

Da mesma forma, a menina que anuncia o chip da Tim também é sua amiga. Assim, Mariano gosta de caminhar pela XV para visitar seus amigos, que ocupam seus espaços ao longo do trajeto, em horário comercial. As ruas ganham vivacidade com as pessoas que estão sempre presentes. Enquanto uns passam e nem as percebem, outros tecem relações e as agregam em seu sentido de lugar.

Liliane, uma das entrevistadas da pesquisa, adora contar histórias que já vivenciou nos espaços públicos. Histórias curtas, que, em comum, envolvem as relações com as pessoas. Ela compartilha suas histórias e de pessoas próximas. Ao conhecer essas histórias, é possível imaginar como é o cotidiano das pessoas cegas nas ruas e suas relações sociais. Assim, serão aqui apresentadas.

É comum que as pessoas videntes ofereçam ajuda nas ruas. Entretanto, nos dias de chuva, as pessoas oferecem ajuda com menor frequência. Talvez a pressa de chegar rapidamente em seus destinos, ou a incompatibilidade em andar duas pessoas de braços dados, cada uma segurando seu guarda-chuva. Seria necessário que uma das pessoas fechasse seu guarda-chuva e compartilhasse com a outra, durante o período de acompanhamento. E, nesse processo, talvez se molhar um pouco. Com a dificuldade, diminui-se a solidariedade.

Liliane lembra de um episódio ocorrido com seu marido, que lhe contou. Ele caminhava sozinho pelas ruas, quando passava em frente a um prédio em construção. Ouviu uma pessoa gritar de cima da construção “segura o homem! Segura o homem!”. Imediatamente pensou que um ladrão estava roubando algo, e assim, apressou o passo para sair mais rapidamente do local. De repente, sente uma pessoa agarrando seu braço com força. No momento, levou um susto. A pessoa disse “cuidado, tem um buraco logo à frente”. Ele disse que não havia necessidade de segurá-lo daquela maneira, bastava avisar que havia um buraco. Ademais, estava com a bengala, e era capaz de detectar obstáculos à sua frente. Outra curiosidade, Liliane diz que quando se

aproxima de um obstáculo, o ar fica mais fechado. Isso reflete na reverberação dos sons, que torna possível pressentir obstáculos.

Em relação à questão de comunicação com as pessoas na rua, Liliane conta outras histórias, vivenciadas por ela. Certo dia, saindo de uma estação de ônibus, uma mulher gritou "Cuidado!". Liliane não entendeu com o que deveria tomar cuidado. Então a exclamação de tal palavra é inútil, quando não se é claro, quando não se especifica com o que deve tomar cuidado. Além disso, as pessoas videntes são sempre muito ansiosas e acham que as pessoas cegas irão bater em todos os obstáculos que estão à frente, ainda que estejam com uso da bengala. Muitas vezes, postes, muros, pedras, grades, escada são referências para pessoas cegas, que os procuram com a bengala e, ao encontrarem, situam-se em seu trajeto. Entretanto, as pessoas videntes não deixam bater, porque pensam que vai atrapalhar, em vez de ajudar.

Outro dia, Liliane estava saindo da estação tubo. Uma mulher agarrou em seu braço e a acompanhou até o lado de fora, sem dizer sequer uma palavra. Liliane cumprimentou "boa tarde". A mulher respondeu "boa tarde". Liliane perguntou "você pode me ajudar a atravessar a rua?" A mulher respondeu "não, nós já saímos do tubo". Liliane respondeu "eu sei que nós já saímos do tubo, eu sei sair sozinha, mas agora eu preciso de ajuda para atravessar a rua, você poderia me ajudar?" E obteve como resposta "eu não posso, porque eu não sei onde você vai". E Liliane disse "mas eu te digo onde eu vou". Por fim, a senhora ajudou Liliane a atravessar a rua.

Em situação semelhante, vivenciada por um amigo de Liliane, ela conta que ele caminhava pela calçada e havia um grande caminhão estacionado em cima dela. As pessoas que estavam no local começaram a gritar "Olha o caminhão!", várias vezes. Ele não conseguia compreender o que estava acontecendo com o caminhão. Continuou andando. Como a bengala é capaz de detectar obstáculos abaixo da cintura, o homem surpreendeu-se com o grande veículo fora de seu lugar usual, pois as pessoas não foram específicas. Poderia ter sido dito "Há um caminhão logo à frente, estacionado na calçada". Quando se pretende alertar uma pessoa cega que caminha pelas ruas, as pessoas precisam ser claras, explicar o que está acontecendo.

Certo dia, uma mulher ofereceu ajuda para atravessar a rua. Quando uma pessoa cega é guiada por uma vidente, espera ser conduzida de maneira a desviar de obstáculos à frente. A mulher conduziu Liliane, de maneira a levá-la diretamente em direção ao poste. Quando chocou-se com o poste, a mulher exclamou "Cuidado!". Liliane não disse nada, mas havia confiado na mulher enquanto era conduzida, sendo ela quem deveria ter tomado cuidado. Por isso, muitas

pessoas, ainda que estejam acompanhadas de pessoas videntes, utilizam a bengala simultaneamente. Já outras, guardam a bengala por não considerarem sua necessidade, nesse caso.

Ocorrência comum também são as pessoas videntes que infantilizam as pessoas cegas. Certo dia, Liliane conta que estava sendo acompanhada por uma pessoa que ofereceu ajuda. Ao chegarem próximas de uma pequena escada, a mulher disse "agora vamos descer três degraus" e, à medida que foram descendo, ela foi contando "1..., 2…, 3!" tratando-a, dessa forma, como criança. Outra situação comum é a pessoa se aproximar para oferecer ajuda e dizer "você quer ajuda? Se precisar, eu estou aqui do seu lado", como se a pessoa cega não soubesse a localização da outra, pela sua voz.

Certo dia, Liliane solicitou ajuda para atravessar a rua e ser conduzida a entrada de um edifício, localizado logo após a travessia. Quando concluíram a travessia, a mulher virou à esquerda e continuou andando pela calçada. Liliane não entendeu o motivo, pois sabia que a entrada era bem próxima à esquina. Questionou então a mulher por que havia virado à esquerda. A mulher respondeu que estava indo em direção a rampa de entrada. Liliane disse que não era necessário, pois poderia subir alguns degraus de escada. A mulher insistiu em utilizar a rampa, alegando que seria mais seguro. Liliane então concluiu que, para as pessoas videntes, existe uma confusão entre as deficiências. Quem necessita de rampa são pessoas com deficiência física, e não visual.

Em situação semelhante, a entrevistada estava em um dos terminais de Curitiba. Na maioria deles, há túneis subterrâneos nos quais é necessário descer as escadas e depois subir novamente para acessar a outra plataforma. Uma mulher ofereceu-lhe ajuda. Perguntou para o segurança do terminal se poderia passar com Liliane pelo portão de acesso para pessoas cadeirantes, para não precisar descer e subir as escadas. Liliane disse que não era necessário, pois estava acostumada a passar pelo túnel. A mulher insistiu em passar pelo portão. Liliane disse "assim você não está me valorizando". A mulher respondeu "pelo contrário, assim eu estou te valorizando, buscando que você faça menos esforço".

Ainda com a mesma entrevistada, um homem puxa assunto na rua. Na conversa, ele pergunta se não tem nenhuma criança para acompanhá-la em seus trajetos pelo espaço público. Ela responde que não, por que deveria ter? O homem diz que conhece uma mulher cega que tem um filho pequeno que a acompanha por todos os lugares que ela vai, para ajudá-la. E

complementa “aquela criança é uma santa!”. Liliane responde “Se a criança é uma santa, a mulher é uma pecadora. Se eu ando com uma criança, eu que devo ser responsável pela criança, e não ela por mim”. Ela complementa que os pais não podem colocar tal responsabilidade nos filhos, mesmo quando adultos. Cada um deve viver sua vida, ser autônomo e independente.

Há algum tempo, caminhava com seu marido pelas calçadas. Perceberam que uma pessoa caminhava ao lado deles, no mesmo passo. Pensaram que a pessoa estava tentando passar por eles, e caminharam mais devagar para dar caminho. A anônima também diminuiu as passadas de seu caminhar. Então, eles perguntaram pra pessoa “você quer passar?” Ela respondeu “não”, e continuou caminhando. Então eles deram um passo atrás, para deixa-la ir à frente. Ela também deu um passo atrás. Começaram então a suspeitar da pessoa que os seguia, por não saber suas intenções. Após alguns metros, questionaram a inconveniente transeunte: “o que você quer de nós?” Ela então respondeu “eu estou aqui pra poder ajudar, caso vocês necessitem”. Então eles responderam “nós agradecemos, mas pode seguir o seu caminho, porque você caminhando ao nosso lado está tirando nossa liberdade”.

Após conhecer todas essas histórias, que relatam situações tristes, engraçadas, indignantes, enfim, provocam as mais diversas reações nos leitores, é possível compreender melhor as alteridades e provocar reflexões sobre o encontro com o desconhecido, as falas as interações que promovem encontros e desencontros, aproximações e afastamentos de pessoas que (inter)agem nos espaços públicos. As narrativas de Liliane, referente a suas próprias vivências e das experiências de outrem, permitem aos leitores tomarem para si, colocando-se no lugar das pessoas pela empatia. Isso implica em que, mesmo nas situações que não tenha vivenciado, é possível imaginar como outras pessoas se sentiram, e assim, ser tocado pelos mesmos sentimentos: de raiva, medo, indignação, alegria, que seus semelhantes passaram. Tais histórias demonstram, de forma geral, que existe um hiato entre pessoas cegas e videntes. Consiste na falta de empatia, demonstrada por pessoas videntes, ao não saberem lidar com situações e relacionarem-se com pessoas cegas, justamente pela falta de vivência, de não saberem colocar-se no lugar do outro.

3 FENOMENOLOGIA: TEORIA E MÉTODO

Uma pesquisa, na prática, envolve complexas elaborações metodológicas, pois exige, a todo instante, uma (auto)reflexão do pesquisador quanto à coerência de suas ações frente a sua proposta de estudo e aponta suas escolhas de ação. No caso da abordagem fenomenológica, entende-se que essa complicação é aumentada, pois não existe uma fórmula pré-definida, solidificada. Assim, abre possibilidades para que o pesquisador crie ou adapte seus próprios métodos.

Devido à dificuldade em se realizar uma pesquisa fenomenológica "pura" dentro da Geografia, muitos pesquisadores preferem intitular seus trabalhos enquanto uma "aproximação fenomenológica", sendo uma forma de inspiração, levando em consideração alguns pressupostos da fenomenologia, outros pressupostos de outras correntes teóricas, criando assim, métodos ancorados em múltiplos paradigmas. À medida em que vão sendo desenvolvidas pesquisas voltadas para a fenomenologia, esses trabalhos podem embasar trabalhos posteriores, no aprimoramento metodológico. O método positivista, consolidado na ciência, influencia, de algum modo, pesquisadores e pesquisadoras, ainda que não admitam.

Desde a década de 1970, nos Estados Unidos, autores clássicos como Anne Buttimer, Edward Relph, Yi-fu Tuan, inseriram a fenomenologia no âmbito da Geografia Humanista-Cultural, como demonstra Holzer (2010, p. 40), que, tratando de Buttimer, aponta:

> Como Relph e Tuan já haviam feito, a autora supõe que serão grandes as dificuldades de se adequar a fenomenologia à geografia. Sua proposta, então, é apropriar-se apenas do espírito da fenomenologia, que poderia ser resumido no conceito de "Lebenswelt", deixando-se de lado o próprio método fenomenológico. A filosofia poderia ajudar apenas no campo conceitual, ao diferenciar o espaço vivido do espaço representacional; e em termos metodológicos na transcendência ao dualismo entre o objetivo e o subjetivo.

Devido à dificuldade apontada pelos autores, o que poderia caracterizar, então, um trabalho fenomenológico? Alguns temas concernentes à fenomenologia existencial, tratados neste trabalho, apresentados por Capalbo (2008), podem ajudar a responder à questão: intersubjetividade, alteridade, empatia, redução fenomenológica, corpo próprio, liberdade, consciência crítica e mundo. A seguir, define-se cada um dos conceitos. Um dos consensos entre

os diversos fenomenólogos, e suas diferentes concepções acerca da fenomenologia, é que seu objetivo é a busca pelas essências. Capalbo (2007, p. 25) afirma que “Merleau-Ponty [...] critica a fenomenologia transcendental concebida como ciência eidética das essências”. Compreende-se que alcançar as essências é um objetivo inatingível, mas a fenomenologia é um constante e inquietante esforço. Mas, como buscar as essências dos fenômenos, então?

Considera-se, aqui, a Intersubjetividade como um caminho para a busca das essências, pois o universal pode ser encontrado em pessoas diferentes (HOLZER, 1997, p. 78-79; GILES, 1975). Isso significa que, apesar de cada pessoa possuir suas subjetividades, cada qual com seu modo próprio e particular de ver o mundo e atribuir sentidos e significados, não implica que as pessoas não vivem em uma bolha, isoladas dos outros, em que cada uma percebe a seu modo completamente distinto. Por sermos constituídos das mesmas condições biológicas e partilharmos do mesmo mundo, grande parte das percepções são partilhadas por todos os seres humanos. Apesar disso, não é negado que exista uma variação nos modos de percepção, que é a subjetividade, relacionada, principalmente, aos juízos gerados a partir das percepções. É importante ressaltar que subjetividade não é o oposto de objetividade, tal como a fenomenologia é acusada pela ciência positivista. Wright esclarece a questão:

> Objetividade, todos devemos concordar, é uma disposição mental de conceber as coisas realisticamente, uma disposição herdada em parte da vontade e em parte da habilidade de observar, lembrar, e racionalizar corretamente. O oposto da objetividade deve, então, ser a disposição mental de conceber as coisas irrealisticamente; mas, claramente, esta não é uma definição adequada de subjetividade. Como comumente entendida, a subjetividade implica, antes, uma disposição mental para conceber as coisas com referência a si mesmo, ou seja, como elas aparecem para uma pessoa, ou como elas afetam e podem ser afetadas pelos desejos e interesses de uma pessoa. (WRIGHT, 2014 [1946], p. 8)

Podemos entender, portanto, que a objetividade também é encontrada na subjetividade. As concepções são formadas sempre na relação com o mundo, que é comum e partilhado por todos, e o que se denomina de intersubjetividade “[...] acontece no momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações" (HOLZER, 1997, p. 79). As essências podem diferenciar-se, dependendo da cultura, distribuída espacialmente ou temporalmente[25]. Para Bonneimaison (2002, p.102) “[...] a ideia de cultura, traduzida em termos de espaço, não pode ser

[25]Pode-se lembrar da utilidade de uma máquina de escrever há duas décadas e a maneira como é concebida atualmente, enquanto uma peça de museu, ou um objeto antigo guardado de recordação.

separada da ideia de território. É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço". Para exemplificar, Le Breton (2016, p. 95) cita a obra *Les dieux sont tombés sur la tête*, transformada em filme, cujo título em português é *Os deuses devem estar loucos*. Em uma das cenas, fica claro que uma garrafa de *coca-cola* não possui a mesma essencialidade para a tribo que encontrou e a maior parte da população mundial. Assim, o autor relata:

> Um objeto não é representado em uma significação unívoca, como lembra ironicamente a percepção da garrafa de Coca-cola no vilarejo africano descrito na obra *Les dieux sont tombés sur la tête* (Os deuses despencaram sobre a cabeça). Pois tudo depende de quem o percebe e de suas expectativas sobre o objeto, de sua experiência, para atribuir-lhe uma significação e um uso.

A fenomenologia busca compreender o fenômeno como aparece para nós, sem julgar essa forma de aparição enquanto "certa" ou "errada". Sendo assim, não é prudente afirmar quem na cultura globalizadam faz-se o uso "correto" da garrafa de Coca-Cola, enquanto a tribo retratada no filme fez o uso incorreto. Le Breton (2016, p. 14) contribui teoricamente com esse pensamento e explica que

> as significações vinculadas às percepções são impregnadas de subjetividade (...) as sensibilidades de uns e outros não são exatamente homologáveis sem nuanças, mesmo quando a cultura é compartilhada pelos atores (…) A antropologia dos sentidos repousa sobre a ideia de que as percepções sensoriais não dependem somente de uma fisiologia, mas em primeiro lugar de uma orientação cultural, deixando uma margem à sensibilidade individual. As percepções sensoriais formam um prisma de significações sobre o mundo, mas elas são modeladas pela educação e utilizadas segundo a história pessoal. Numa mesma comunidade elas variam de um indivíduo ao outro, mas basicamente se acordam sobre o essencial.

Trazendo a interpretação de Le Breton à luz do exemplo citado, é possível compreender que, se a cultura é compartilhada pelos atores, as pessoas da tribo partilhavam as percepções sensoriais e das significações sobre o mundo, que são construídas culturalmente.

Portanto, para conhecer outras formas de cultura, é necessária a imersão em alteridades distintas, que proporciona aprendizagem mútua pela diversidade, o que requer meses, ou até mesmo anos, de acompanhamento, pois o (con)viver se dá no tempo, nas experiências cotidianas. Tal questão é apresentada no filme Estratégia Xavante (2007), dirigido por Belisário Franca. No ano de 1973, um cacique xavante, de uma tribo indígena do centro-oeste brasileiro, decidiu enviar oito meninos para morar na cidade de Ribeirão Preto, adotados por famílias não indígenas. Seu

objetivo era que os garotos conhecessem a cultura de fora da tribo, para que, depois de adultos, retornassem e ajudassem a traçar estratégias para preservar sua cultura e a autonomia de seu povo.

Uma das maneiras de viver experiências fenomenológicas é despir-se dos pré-conceitos existentes e abrir-se para o conhecimento, imergir em novas culturas, conviver com a alteridade, conversar com as pessoas para compreender o que sentem, como pensam, agem e vivem. A vinculação de empatia com a alteridade só é possível entre seres humanos, que possuem o mesmo organismo, e o modo de sentir torna-se similar, como aponta Tuan (2012, p. 22):

> uma pessoa não pode imaginariamente entrar na vida de seu cão: os órgãos dos sentidos caninos divergem muito dos nossos e isso impede que possamos nos transportar para o mundo dos cheiros, sons e visão dos cães. Mas com boa vontade, a pessoa poderá entrar no mundo de outra, apesar das diferenças de idade, temperamento e cultura.

Para se atingir as essências, ou a intersubjetividade, a imersão, ou vivência do fenômeno pesquisado, é necessária a busca constante pela redução fenomenológica, proposta por Husserl, que significa colocar entre parênteses as preconcepções dos juízos. Os juízos que devem ser suspensos são as teorias acrescentadas pela ciência (LUIJPEN, 1973). Merleau-Ponty "aceita a ideia de redução, mas alerta que devemos entendê-la corretamente. Não se deve tomá-la, adverte, como uma retirada de todo envolvimento com o mundo para algum tipo de subjetividade absoluta" (MATTHEWS, 2010, p. 27). As narrativas se fundem em uma visão coletiva na aproximação dos discursos, afinal, subjetividade não é individualismo. Como exemplo, Le Breton (2016, p. 19) demonstra um possível posicionamento fenomenológico, afirmando que "a experiência antropológica é uma maneira de desapegar-se das familiaridades perceptivas para recapturar outras modalidades de abordagem e sentir a multidão de mundos que se escoram no mundo [...] abrir um alargamento do olhar".

O ponto de partida para a percepção e experiência do mundo é o corpo próprio, conceito cunhado por Merleau-Ponty. Na fenomenologia desse autor, não há cisão entre corpo e mente. Sendo assim, o corpo inteiro pensa e age. O corpo é entendido como corpo-sujeito, que vive, interage e guarda memórias. Segundo Capalbo (2008, p. 139-140), "o trabalho de pesquisa sobre o corpo próprio consiste em descrever, explicitar e tornar compreensível esta experiência vivida originária". Isso significa focar atenção nos movimentos corporais e tomar consciência deles. Pozzana e Kastrup (2017, p. 372) colocam que "Quando há experimentação do corpo no espaço,

uma atenção sensível e aberta, o corpo se articula mais, se move em conexão com o espaço, ganha autonomia e liberdade."

Para experienciar o mundo em sua plenitude, a pessoa que caminha sozinha pelos espaços públicos deve exercer sua autonomia e liberdade, podendo ir e vir sem a necessidade do acompanhamento de outra pessoa. Liberdade, portanto, é um outro conceito fenomenológico, definido como o "processo de libertação, de realização, de expansão de si mesmo e de sua vida" (CAPALBO, 2008, p. 142). A forma negativa da liberdade é a imposição de limitações. A liberdade faz com que as pessoas tomem decisões, e o fato de a pessoa estar sozinha exige que a atenção sobre o ambiente seja redobrada.

Para que o participante da pesquisa pense e exponha sua (inter)relação com o mundo, é necessária a consciência crítica, outro conceito da fenomenologia relacionado ao processo de reflexão-ação, ou denominado conscientização (CAPALBO, 2008, p. 143). Significa que as pessoas não pensam sobre seus atos de vivência, apenas vivem. As pessoas não pensam sobre os movimentos que realizam para se locomoverem, para se relacionarem com objetos. De forma geral, não se pensa sobre como se pensa, ou seja, não se conscientiza sobre seus atos. As pessoas, ao serem questionadas sobre suas imagens mentais e percepções, passam a praticar o exercício de refletir sobre seus hábitos, sendo possível a construção de narrativas. Por esse motivo, Wehmann (2016, p. 59-60) defende a fenomenologia na contribuição para uma pesquisa mais humanizada:

> Apesar da cultura hegemônica de uma cidade espetáculo expandir sempre mais suas áreas de atuação, surgem brechas que permitem resistências, possibilidades criativas ao homem comum. É possível perceber que apesar dessa penetração sempre maior de uma ordem imposta, permanecem resquícios de práticas "menores", alternativas, pois somente a partir de táticas "sem identidade legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparências racionais" (CERTEAU, 1996, p.174), assim classificadas por distanciarem-se das narrativas oficiais inscritas no espaço. E é preciso reconhecê-la. Como encontrá-la? É preciso saber ouvir as falas dos cidadãos. E é aí que se acredita que a metodologia qualitativa com base na fenomenologia pode vir a contribuir fortemente.

Dardel (2015, p. 34) destaca que "a realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecê-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica". O mundo, em uma concepção fenomenológica, que não é entendido apenas aquele natural, físico, dos objetos, como expõe Capalbo (2008, p. 146), mas sim aquele que aparece, que se vive, se experimenta, é a paisagem e o lugar que envolve o espaço vivido.

3.1 RELAÇÕES DA TEORIA COM A PESQUISA

A partir das argumentações teóricas e do exemplo do filme *Os deuses devem estar loucos*, foi possível compreender que as essências dos objetos podem transformar-se, temporal e espacialmente, de acordo com cada cultura. Mas, questiona-se agora: existiriam intersubjetividades partilhadas por condições biológicas, implicando em uma diferenciação na percepção do mundo? A hipótese, apresentada aqui, é de que o corpo da pessoa com deficiência visual, que apresenta uma diferença fisiológica em relação ao corpo das pessoas videntes, resulta em uma diferenciação cultural na forma de perceber o mundo.

Tais percepções, partilhadas por esse grupo, geralmente são incompreendidas pelas pessoas videntes. Nesse sentido, a intersubjetividade relaciona-se aos conceitos de alteridade e empatia, nos quais o ser humano é capaz de se colocar no lugar do seu semelhante, mesmo sem vivenciar as mesmas experiências. Nem todos têm proximidade com pessoas cegas, como amigos, membros da família. Essa oportunidade de conviver com a diferença possibilita compreender as vivências de outras pessoas e enveredar em novos mundos, modificam-se as próprias concepções sobre o objeto. Passa-se a perceber através de outras perspectivas.

Os sentimentos e juízos construídos, relacionados a determinados espaços públicos (como (in)segurança, medo, (des)pertencimento, (des)afetividade, (in)traquilidade) podem não ser os mesmos entre pessoas videntes e cegas pelo fato de perceberem e interagirem com o espaço de maneira diferente, pela falta de um dos sentidos. Considera-se que a intersubjetividade é o ponto em que as falas de um grupo de pessoas aproximam-se e, de certa forma, é um meio de buscar pela essência do fenômeno. Tuan (2012, p. 30) coloca que

> Embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos similares, o modo como suas capacidades são usadas e desenvolvidas começa a divergir numa idade bem precoce. Como resultado, não somente as atitudes para com o meio ambiente diferem, mas também a capacidade real dos sentidos.

A partir dessa afirmação, conclui-se que o órgão da visão singulariza o modo de percepção das pessoas cegas em relação às pessoas videntes. As descrições de pessoas cegas sobre os ambientes podem não condizer com a percepção dos objetos de pessoas videntes, mas não se pode afirmar que "não condizem com a realidade", já que os objetos em si ("númenos" na definição de Kant) não são acessíveis pela percepção. Os fenômenos são aquilo que aparecem à consciência. Sendo assim, é possível afirmar que as pessoas cegas congênitas partilham da

mesma intersubjetividade, enquanto pessoas videntes partilham de outra, sendo ramificações de formas de percepção do meio ambiente. Ambas, porém, percebem, em grande parte, o ambiente em comum. Essa diferença entre um grupo e outro é uma pequena variação das condições biológicas. A geógrafa Miriam Helen Hill, na década de 80, desenvolveu uma pesquisa de cunho fenomenológico com pessoas cegas. A autora explica uma das razões para haver a diferença de percepção entre pessoas videntes e pessoas cegas:

> A facilidade com que a visão fornece informações ambientais e sistematicamente inunda a mente com uma infinidade de inconsequentes ou irrelevantes. A entrada sensorial é uma das razões para o desinteresse. Para pessoas cegas, a atenção que normalmente seria direcionada para o panorama visual pode ser dirigido a sentidos alternados, mesmo assim fornecendo uma infinidade de estimulação. Assim, pessoas cegas são distraídas pelo caos superficial do mundo, embora não tão completamente. Eles são mais capazes de ver o que aqueles não deficiente da mesma maneira não pode ver. (HILL, 1985, p. 107)

Gardou (2006, p. 55), que escreve sobre "os contributos da Antropologia para a compreensão das situações de deficiência", explica que a relação com a alteridade é compreender que o outro não é completamente estranho, apontando a possibilidade "de sentir, visceralmente e mentalmente, a minha proximidade com ele; de abrir vias para viver e construir em conjunto, sem impor os meus próprios modelos, para que a distância entre ele e eu se amenize e que o isolamento se rompa." Masini (2012, p. 23) lembra que "perceber, compreender e acompanhar esse ser humano com deficiência visual na sua totalidade – na maneira como age, como se expressa, como sente, como pensa – requer que se entre em contato com seu viver, em diferentes momentos e situações". Merleau-Ponty (2014, p. 21-22) também faz uma reflexão acerca de outrem: "como nomear, como descrever esta vivência de outrem, tal como a vejo de meu lugar, vivência que, todavia, nada é pra mim, já que creio em outrem – e que, aliás, concerne a mim mesmo, já que aí está como visão de outrem sobre mim?".

Dar voz às pessoas cegas torna-se essencial para que a sociedade possa compreender como é a experiência do mundo, vivida nessa condição. Ao se colocar no lugar do outro, pensar, refletir e buscar compreender suas percepções, as pessoas podem reformular suas (pré)concepções e desconstruir a imagem social que possuem. A partir das narrativas, à medida que os discursos se aproximam, é possível identificar pontos em comum, o modo como a percepção é partilhada pelas pessoas. As narrativas de pessoas cegas adquirem um status de arte, de literatura, em que o leitor coloca-se no lugar do outro, praticando o exercício de variações

imaginárias, mesmo não sendo cego. Medeia a compreensão da alteridade, fazendo com que pessoas videntes formulem imagens mentais a partir do relato de pessoas cegas, e vice-versa. No filme *Notes on Blindness* (2016), há uma reflexão que demonstra claramente a importância da empatia.

> Chegamos ao grande problema da questão. O problema da compreensão mútua. Como pessoas cegas e pessoas com visão podem realmente se entender? Como homens podem compreender as mulheres? Como os ricos podem entender os pobres? Como os velhos podem entender os jovens? Podemos ter percepção sobre as outras pessoas? Esta é a grande questão sobre a qual depende a unidade de nossa humanidade.

Se uma pessoa cega for questionada: como você caminha pelas ruas? Provavelmente irá responder "ora, simplesmente caminhando!", justamente pelo fato de que as pessoas não refletem sobre suas ações corriqueiras e cotidianas. O mundo é também aquele que aparece às pessoas cegas. Não é porque a pessoa não enxerga que deixa de conhecer o mundo, mas o percebe de forma diferente, não menos verdadeira. Hill explicita qual o papel da fenomenologia no ato de reflexão:

> A fenomenologia propõe uma reflexão sobre como se pensa, a fim de suspender a atitude natural e descrever as experiências. "Ao explorar fenomenologicamente a experiência da ausência de visão, estabelece-se uma maneira de separar papel crucial da sociedade na atitude natural e avançar para uma compreensão mais posição do que 'ver' essencial realmente é (HILL, 1985, p. 99).

A partir de uma postura da Geografia Humanista, voltada para a fenomenologia, assume-se o interesse pelas experiências, a cotidianidade das pessoas, que abrange o mundo da vida. A pesquisa, portanto, ao trabalhar com os conceitos oriundos da fenomenologia apresentados, busca a intersubjetividade na percepção das pessoas cegas, que se diferenciam das pessoas videntes, mas, ao serem apresentados, podem provocar a empatia em relação à alteridade, ao se colocarem no lugar de quem experiência o mundo sem o recurso da visão, despindo-se das preconcepções formuladas em relação à cegueira, na busca de uma redução fenomenológica. As percepções partem de um corpo próprio, cuja liberdade de caminhar por espaços públicos com autonomia exige o foco da atenção em todos os sentidos remanescentes. As pessoas, ao serem questionadas, tomam consciência de seus atos, desenvolvendo uma consciência crítica, na percepção de um mundo que, enquanto fenômeno, aparece diante de si.

3.2 IMPLICAÇÕES ÉTICAS DA PESQUISA

Antes de iniciar a pesquisa, por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná, com o objetivo de assegurar os participantes da pesquisa, bem como os pesquisadores. Nesse sentido, os detalhes foram pensados e planejados cuidadosamente, a fim de minimizar possíveis interferências negativas. Os detalhamentos da pesquisa são explicitados a seguir:

Para selecionar os participantes, foram estabelecidos contatos preliminares com a comunidade cega de Curitiba, frequentando o grupo de mulheres cegas, na Associação de deficientes visuais do Paraná (ADEVIPAR), o Instituto Paranaense de cegos (IPC) e o Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais da UFPR (NAPNE). Por intermédio dessas pessoas, foi possível solicitar indicações de outras com o mesmo perfil. Passou-se a frequentar diversos encontros, nos quais estariam presentes pessoas cegas, com a finalidade de aproximação e possíveis contatos.

A pesquisa prévia exploratória, realizada desde o início de 2016, tem a finalidade de teste, que Dencker (2000, p. 102) define como "imersão no problema de pesquisa que permita uma visão geral do problema", para análise, reflexão e aprimoramento da metodologia. Na abordagem dos entrevistados, existiu a preocupação em seguir as questões apontadas por Gil (2008, p. 118), quanto a mostrar-se empático, interessado, e "evitar qualquer postura que possa dar a ideia de que pode solucionar os problemas do entrevistado".

O tipo de amostragem é não-probabilística. Dencker (2000, p. 102) considera que "a escolha do contexto e dos participantes nas pesquisas qualitativas é intencional. A escolha é feita pelo pesquisador em função do interesse do estudo e das condições de acesso e permanência no campo e disponibilidade dos sujeitos". Isso posto, considera-se que, apesar de a pesquisadora selecionar os participantes da pesquisa de uma forma "não-isenta", essas escolhas não desqualificam o rigor da pesquisa qualitativa, assumindo que não existe pesquisa com objetividade absoluta. Gil (2008, p. 94) define que a amostragem por acessibilidade ou por conveniência caracteriza-se por não haver rigor estatístico, no qual o pesquisador seleciona o universo de entrevistados. Gil (2010, p. 8) enfatiza que os entrevistados devem possuir a habilidade "perceber e expressar seus sentimentos e emoções (...) as sensações orgânicas que acompanham esses sentimentos; (...) reportar-se a respeito do ao que estava ocorrendo interiormente nesse período".

Não houve riscos diretos, por não se realizar intervenções físicas nos indivíduos. Em relação aos riscos indiretos, cabe salientar que o teor das questões a serem aplicadas não é invasivo à intimidade. Mesmo assim, a pessoa pode se sentir desconfortável ao fornecer informações sobre seu cotidiano, suas experiências de vida. Foi assumido o compromisso de garantir que todas as informações tratadas seriam retornadas a cada um dos participantes da pesquisa, após o término, antes de serem publicadas na tese, mesmo que a pesquisa seja anônima. Caso discordassem de alguma informação ou interpretação, todo o texto, ou parte dele, seria removido da publicação final, como proposto por Diniz (2008, p. 421). No início da pesquisa, foi explicitado aos participantes todo o procedimento da pesquisa, deixando claro que não necessitariam responder a todas as perguntas, caso não quisessem.

Não foram tiradas fotografias de nenhum participante da pesquisa, apenas dos locais citados por eles, nos espaços públicos. A todo momento, os participantes estavam cientes dos momentos em que estavam sendo gravados. Foram estabelecidos nomes fictícios para os participantes, a fim de não identificá-los. Foi entregue o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes, uma cópia em braile e outra enviada por e-mail, com todos os procedimentos da pesquisa, solicitando assinatura. Geralmente, as pessoas cegas aprendem a assinar seu nome à caneta. Foi deixado claro que cada pessoa poderia aceitar participar da pesquisa espontaneamente, ou recusar por sua livre vontade, sem qualquer tipo de pressão ou constrangimento. Foi dito que, caso o participante manifestasse o desejo de deixar de participar da pesquisa, seria respeitado, não sendo necessária justificativa de sua parte.

Quanto aos riscos físicos, todas as pessoas que caminham nas ruas estão sujeitas a quedas, atropelamentos, batidas em obstáculos, arranhões por galhos de árvore baixos, conflitos com outros pedestres. Para minimizar esse tipo de risco, os participantes foram acompanhados pela pesquisadora, que responsabilizou-se por danos que poderiam vir a ocorrer-lhes, no momento de realização da pesquisa, arcando com as despesas, prestando assistência imediata e assistência integral, conforme resolução 466/2012, do Ministério da Saúde.

Fatores climáticos também implicaram na necessidade suspender a pesquisa em determinados dias, considerando que foi realizada em espaços públicos. A pesquisa também poderia ser suspensa, caso se constatasse risco aos participantes, não previstos no projeto de pesquisa. O encerramento deu-se quando os dados coletados foram considerados suficientes para o embasamento da tese.

Os participantes, a princípio, foram definidos como pessoas cegas congênitas ou sem memória visual, podendo ser homens ou mulheres, maiores de 18 anos, com experiência em caminharem sozinhos pelos espaços públicos. No entanto, a pesquisa não foi realizada com pessoas cegas congênitas devido à dificuldade de encontrar pessoas com tais características que se disponibilizassem a participar da pesquisa. Além dessas características, buscaram-se pessoas que tinham o hábito de caminhar a pé pela cidade, realizando um longo trajeto pelo espaço público, com certa frequência. Essa autonomia pode ter sido aprendida nas aulas de orientação e mobilidade, ou com o auxílio de outras pessoas, cegas ou não cegas.

A caracterização dos participantes, os dados pessoais de cada entrevistado, como: sexo, idade, grau de escolaridade, ocupação, não é exposta de maneira completa, contribuindo para a preservação do anonimato. Em sendo divulgado, de forma aleatória e/ou conjugada, tais informações, a identidade dos sujeitos será preservada. Outra forma de resguardo deu-se atribuindo um nome fictício à pessoa, o qual pôde ser designado por ela própria, caso fosse de sua vontade. Essa medida faz com que a pesquisa ganhe um caráter mais pessoal e a pessoa possa se reconhecer na leitura dos textos.

O número de participantes não foi definido previamente. Após realizar pesquisas com cinco pessoas, algumas com maior e outras com menor frequência, chegou-se à conclusão de que a quantidade de dados coletados em campo já era suficiente. Em pesquisas qualitativas, os dados são reduzidos, visto que o objetivo da pesquisa não pressupõe uma generalização dos resultados.

Alguns percalços, já previstos antes do início da pesquisa, foram contornados. Tinha-se como ideia inicial realizar uma pesquisa com uma pessoa cega na cidade de Fortaleza-CE. O rapaz trabalhava havia muitos anos como massoterapeuta, atendendo um senhor em sua residência. O trajeto que o rapaz faz seria acompanhado, até a residência particular de seu cliente. Entretanto, no primeiro dia da pesquisa, o cliente do pesquisado foi baleado enquanto caminhava na rua e, posteriormente, faleceu. Assim, a pesquisa foi interrompida e realizada somente na cidade de Curitiba.

Outra questão que demandou intensa reflexão, foi a necessidade de anexar as transcrições. Ocorre que, nesse tipo de metodologia, não são realizadas entrevistas fechadas, com perguntas e respostas pré-definidas. Consiste em uma imersão no cotidiano vivido de cada participante, acompanhando-o em seu trajeto diário. Nesse contexto, o participante conversava sobre diversos assuntos que não tinham relação com as entrevistas, como relações familiares, amorosas, de

amigos, do cotidiano, do trabalho, entre outras. Ao transcrever as entrevistas, foram excluídos tais trechos e selecionados apenas aqueles que se relacionavam com a pesquisa, ou seja, os que implicavam suas relações e percepções com os espaços públicos. Por ser uma pesquisa embasada na fenomenologia, considera-se que as intervenções feitas pelo pesquisador devem ser minimizadas, de modo a deixar o participante à vontade para falar o que deseja.

Dessa maneira, recai-se em questões éticas, tanto para a ética científica, quanto para a ética com o participante. A primeira questão implica na não anexação dos textos transcritos, o que impossibilita outros pesquisadores em verificarem as informações de campo coletadas para, caso considerem necessário, reinterpretar os dados. A segunda questão implica na anexação dos textos transcritos na íntegra, opção que iria expor a vida do participante da pesquisa, por abordar muitos assuntos pessoais e, por vezes, até citar nomes de outras pessoas conhecidas, ao relatar situações vividas com elas.

Antes de iniciar a pesquisa com cada participante, foi assegurado que todas as informações referentes à sua pessoa, publicados na tese, seriam retornadas, após a elaboração do texto, para que cada um pudesse conferir e solicitar correções, ou retirada, de algum trecho que não estivesse de acordo. Quatro dos cinco participantes tinham o hábito de utilizar o computador para realizar leituras e, assim, os textos foram enviados por e-mail. Muitas pessoas demoraram para retornar, pois, com os afazeres diários, não conseguiam tempo para a leitura. Uma das participantes não utiliza o computador. Assim, foi marcado um encontro com ela, na universidade que estuda, onde a pesquisadora realizou a leitura de todo o texto produzido sobre ela. Caso os textos fossem anexados nos apêndices na íntegra, teriam que ser todos lidos por cada um dos participantes, para a obtenção do aval para a publicação. Portanto, devido aos percalços citados, optou-se pela não inclusão, nos apêndices, dos textos que foram utilizados como base para a escrita das crônicas.

Tratando-se de uma pesquisa fenomenológica, a coleta de dados não tem por objetivo comprovar ou refutar alguma hipótese. As crônicas têm por objetivo demonstrar que, durante o cotidiano de pessoas cegas que caminham pelas ruas, há percepção a partir dos sentidos. Além das percepções, são adicionados sentimentos, desejos, imaginações, fantasias, elementos que também compõem os laços afetivos com o lugar. A crônica não exprime somente as percepções da pessoa pesquisada, mas também da pesquisadora, que, envolvida na trama de relações, impossibilita desvincular seu ser existencial do papel de pesquisadora.

3.3 CAMINHOS E PASSEIOS ACOMPANHADOS: A METODOLOGIA

Para elaborar a metodologia, o seguinte problema foi interposto como fundamental: como o pesquisador encontrará meios de “entrar” na mente do outro para verificar a imagem mental, bem como o “processo” de construção dessa imagem? Se os atos da consciência não forem exteriorizados, não é possível que sejam conhecidos por outras pessoas. As maneiras mais comuns de extrair dos participantes as imagens mentais é por meio de narrativas, desenhos, mapas mentais, textos escritos, entre outros.

Entretanto, é preciso estar ciente de que, mesmo sendo exprimidas através desses diversos métodos, as imagens mentais nunca poderão ser reveladas em sua completude, já que a pessoa que a revela, o faz somente a partir de sua vontade. Assim, nenhum método é infalível, sendo capaz de expressar a realidade “em si”, ou de extrair, na íntegra, as imagens mentais ou percepções. Hill (1985, p. 102) realizou pesquisa com pessoas cegas e relata tal dificuldade. Ela diz que “em relação ao conhecimento ambiental, os participantes ofereceram respostas muitas vezes enfatizando a incapacidade de descrever sua maneira de lidar e entender o mundo.”

Em uma investigação desenvolvida no âmbito da Geografia Humanista e amparada na Fenomenologia, as respostas devem aparecer, emergir em meio ao discurso, não questionando o participante de forma direta, esperando uma resposta objetiva. Assim, não é possível questionar a um participante, por exemplo, “qual o seu sentimento pelo lugar?” O pesquisador pode questionar de uma forma mais abrangente e geral, utilizando perguntas como “fale sobre o lugar onde você vive” e, a partir da resposta, a análise do pesquisador é que conduzirá a conclusões. O participante da pesquisa deve se sentir à vontade para conversar abertamente e expor suas relações com a cidade. Por isso, a conquista da confiança leva certo tempo.

O processo de coleta de dados deve ser cuidadoso, não basta uma simples conversa ou entrevista. Uma pesquisa realizada dessa maneira estabelece uma hierarquia na relação pesquisado-pesquisador, o que que causa uma certa artificialidade nas respostas fornecidas pelo pesquisado, dirigindo-se ao pesquisador exclusivamente para essa finalidade. O processo de aproximação deve ocorrer lentamente. O pesquisador necessita de um convívio prévio, antes de iniciar a pesquisa. A experiência do convívio com a alteridade e a partilha de percepções sobre diferentes formas de ver e experienciar o mundo permitem a reflexão sobre outros modos de ser.

O método escolhido foi a narrativa. Foi solicitado aos participantes contarem a história de sua vida, de maneira livre. As questões específicas relacionadas aos objetivos desta pesquisa: experiências de caminhar nos espaços públicos, o uso dos sentidos, os sentimentos pelos lugares, deveriam emergir naturalmente, não sendo direcionadas pela pesquisadora através das questões explícitas, mas com o direcionamento da conversa. Pressupõe-se que os fatos narrados de forma espontânea são mais significativos ao participante. Sendo assim, algumas narrativas focaram em determinados pontos discutidos na pesquisa, e outras narrativas, em outros pontos.

A metodologia da pesquisa empírica escolhida é inspirada em Kevin Lynch, arquiteto nascido na cidade de Chicago, nos EUA. O autor quebrou paradigmas, na década de 1960, porque priorizou as pessoas enquanto usuárias da cidade, no processo de compreensão da cidade, ao buscar compreender suas percepções não apenas no aspecto físico, mas também intelectuais, sociais e emocionais (LYNCH, 1985). Lynch (1997, p. 161) procura compreender o conceito de "imagem da cidade", ao investigar a imagem mental que as pessoas formulam acerca dos trajetos que percorrem com maior frequência.

A primeira experiência foi considerada uma pesquisa-piloto, para se pensar, analisar e reestabelecer estratégias a partir de eventuais erros cometidos. Concorda-se com Lynch (1997, p. 165) que as "entrevistas-piloto" fornecem base para pensar as categorias de análise, como expõe o autor:

> A variedade de fatores que poderiam ser avaliadas é infinita, e constatou-se que a melhor comparação com as entrevistas era o registro de outra resposta subjetiva, mas, nesse caso, sistemática e observadora, usando categorias que se houvessem mostrado importantes na análise de entrevistas-piloto anteriores. (…) O que está sendo mapeado aqui é uma abstração; não a realidade física em si, mas as impressões genéricas que a forma real provoca num observador escolado.

Na etapa de sua pesquisa realizada em gabinete (ambiente fechado), o autor solicitou que o participante percorresse o trajeto mentalmente e "fizesse uma descrição pormenorizada de alguns deslocamentos através dela e enumerasse, em forma de uma breve descrição". Assim, revela o trajeto imaginado ou a "imagem mental" (Lynch, 1997) que as pessoas cegas formulam acerca dos caminhos percorridos com mais frequência.

Essa etapa foi realizada nos locais mais convenientes ao participante da presente pesquisa, que foram: a Biblioteca Pública Municipal, o pátio da reitoria e a sala de um evento sobre

tecnologias para pessoas cegas que uma das pessoas foi participar, realizado em um hotel da cidade e, antes do início da abertura, foram realizadas as gravações.

A segunda etapa foi realizada nos espaços públicos de Curitiba, nos trajetos utilizados com mais frequência para locomoção para casa, trabalho e atividades de lazer dos participantes, informados por eles próprios. Nos percursos, foram gravados os relatos, ao mesmo tempo em que eram vivenciadas as experiências, uma conversa, um tipo de "entrevista-percurso".

O uso do gravador foi repensado a partir dessa experiência prévia de pesquisa. A gravação facilita a retomada das informações, posteriormente ao campo. Não é possível fazer anotações ao mesmo tempo em que se caminha, utilizando a técnica do passeio acompanhado. Entretanto, o participante da pesquisa deve sempre ser avisado no momento em que a conversa está sendo gravada, por questões éticas. O uso do gravador desde o início da pesquisa pode causar um distanciamento entre pesquisador e pesquisado. Mesmo que autorizada a gravação, as falas podem tornar-se mecânicas e causar desconforto, quando o pesquisado diz aquilo que pensa que o pesquisador espera ouvir.

O pesquisador precisa perceber se a gravação pode interferir nas narrativas dos entrevistados. Algumas pessoas podem sentir-se constrangidas e fornecerem informações evasivas, justamente pelo desconforto de estarem sendo gravadas. Nesses casos, é recomendável deixar de lado as gravações e realizar apenas anotações, para depois transcrevê-las, como procedeu Melo (2009, p. 19), em sua pesquisa realizada também com pessoas cegas da cidade de Curitiba.

Esse método, Dischinger (2000) denominou "passeio acompanhado" ou *walkthough*, em inglês. Lynch (1986, p. 87), por sua vez, cita um procedimento semelhante, chamado "*behavior circuits*", no qual acompanha a pessoa, dialogando, em um circuito cotidiano. Assim, Lynch (1997, p. 164) narra sua experiência no trabalho experimental:

> Por último, esses mesmos voluntários foram levados a campo para fazerem um dos primeiros trajetos imaginários: aquele que vai do Hospital Geral de Massachusetts à Estação Sul. Estavam acompanhados pelo entrevistador, que usava um gravador portátil. Pedia-se ao entrevistado que seguisse à frente, discutisse por que escolhera determinado caminho, relatasse o que via ao longo do trajeto e indicasse os pontos onde se sentia seguro ou perdido.

Apesar de Lynch ser o precursor desse método, outros autores renomados no âmbito científico apropriaram-se de seus ensinamentos para desenvolverem e/ou adaptarem suas próprias

metodologias. A exemplo, o antropólogo paranaense, Magnani (2002, p. 17), enfatiza a importância de deslocar a observação para o plano do indivíduo em sua vida cotidiana na cidade, afirmando que "a simples estratégia de acompanhar um desses "indivíduos" em seus trajetos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos". Barros (2012, p. 96) cita as possibilidades de observação durante os trajetos percorridos nas cidades, que passam a ser associados às memórias dos lugares:

> Por meio destes trajetos, a imaginação citadina perceberia precisamente as informações morfológicas passíveis de serem integradas em um processo de memorização. Os caminhos representados mentalmente selecionam sequências de aspectos morfológicos e de marcos que nutrem a percepção dos trajetos citadinos. São percebidos em termos e pontos de origem e destino, mas também de texturas de superfícies (o asfalto das avenidas ou trechos de terra escavada que se inscrevem no declive de um pequeno morro que é utilizado para cortar caminho).

O método, adaptado e difundido na área de Psicologia Ambiental, pode ser utilizado para a percepção ambiental, revelando sentimentos, topofilias e topofobias em relação ao ambiente, memórias e recordações, fazendo emergir "emoções do observador" no percurso, imbricado com a "psicogeografia do lugar" (RHEINGANTZ, 2009). Dischinger (2000) utilizou esse mesmo método em sua tese de doutorado, na qual também aplica a pesquisa com pessoas cegas.

Na Geografia, Kozel (2007, p. 117) defende os mapas mentais enquanto metodologia para compreensão das imagens mentais, de modo que as pessoas se expressem através do desenho. O empecilho de se utilizar essa metodologia para pesquisas com pessoas cegas é que elas não se sentem à vontade para desenhar, pois a maioria não recebeu o incentivo para o desenho, enquanto crianças, e não se apropriou do desenho enquanto uma linguagem, forma de expressão. Assim, optou-se por realizar a pesquisa apenas a partir das narrativas. Entretanto, uma das participantes, por sua própria vontade, sugeriu que fosse feito um mapa mental do trajeto percorrido. Sua sugestão foi utilizar palitos de sorvete para representar as ruas da cidade. Após o término da etapa de pesquisa nas ruas, foram colocados os palitos em cima da mesa da biblioteca pública municipal, a fim de retomar o trajeto realizado.

Já os mapas na mente compreendem em imaginar determinado percurso, conhecido antecipadamente exclusivamente na mente como forma de pensamento, sem necessariamente serem expressas em forma de linguagem. Na maioria das vezes, são inconscientes, sendo que as pessoas somente sentem a falta quando estão perdidas (TUAN, 2013, p. 51-52). São elaborados

na mente, sem que as pessoas se deem conta. Tal observação também foi feita por Aguirre (1999, p. 3) que denomina por “mapa cognitivo” aquilo que “está guardado na mente e é capaz de conduzir corretamente a qualquer ponto da cidade”. Rubem Alves, em sua experiência educativa relatada no livro *Aprendiz de mim*, consegue compreender o conceito de imagem mental, embora não utilize tal conceito para expressar sua constatação:

> Faz algum tempo comecei a ficar intrigado com um conhecimento que até então me havia passado desapercebido. Eu tinha consciência dele mas nunca havia parado para pensar. Esse conhecimento é a construção de mapas dentro da nossa cabeça. Os mapas, antes de existirem no papel, existem como realidades virtuais, como ideias. (ALVES, 2008, p. 91)

Assim, a forma escolhida para a presentificação das imagens mentais dos participantes da pesquisa foi a linguagem falada, pois, como justifica Silva (2012, p. 157) “possibilita a expressão de um sujeito ser reconhecida e permite articular o que ele pretende expressar para ganhar existência no espaço público”. Através da linguagem, é possível haver uma interlocução entre as pessoas, transformar em palavras as expressões e sentimentos em relação ao lugar. Como bem expõe Tuan (2013, p. 180), “experiências íntimas são difíceis, mas não impossíveis de expressar. Elas podem ser pessoais e sentidas profundamente, mas não são necessariamente solipsistas ou excêntricas”. Sacks (2010, p. 210) aponta que é possível penetrar no mundo vivido do outro:

> Em que grau a descrição, a imagem posta em palavras, pode funcionar como substituto para o ato real de ver ou para a imaginação real pictórica? (...) Temos aqui um paradoxo - delicioso - que não consigo resolver: se de fato existe uma diferença fundamental entre a vivência e a descrição, entre o conhecimento direto e o conhecimento mediado do mundo, porque então a linguagem é tão poderosa? A linguagem, a mais humana das invenções, pode possibilitar o que, em princípio, não deveria ser possível. Pode permitir a todos nós, inclusive os cegos congênitos, ver com os olhos de outra pessoa.

Como apontado, a metodologia desenvolvida neste trabalho foi inspirada em Kevin Lynch, mas não é possível afirmar que foi a metodologia utilizada pelo autor, já que sofreu um processo de adaptação que descaracteriza seus postulados. O que permanece, a partir do autor, é o fato de realizar uma etapa fora do espaço público, na qual se questiona a imagem mental do trajeto, e, posteriormente, acompanha a pessoa pelos espaços públicos, utilizando-se de um gravador. Entretanto, as perguntas elaboradas em cada etapa e a forma de apresentar os resultados distanciam-se, em parte, da proposta apresentada no livro A imagem da cidade.

No presente trabalho, a etapa inicial partiu da seguinte pergunta: Imagine que você está saindo do ponto X em direção ao ponto Y. Eu quero que você percorra o trajeto mentalmente, buscando lembrar de tudo que encontra pelo caminho: os cheiros, os sons, as percepções táteis, os pontos de referência, as histórias vividas nos lugares e os sentimentos que tem por cada lugar. Na segunda etapa, ao percorrer o trajeto de fato, acompanhando o participante, foi realizada a mesma pergunta. Mas, em vez de solicitar para percorrer o trajeto mentalmente, o participante deveria descrever tudo o que ele percebia durante a caminhada.

Os questionamentos dirigidos de forma mais aberta proporcionam ao participante a expressão daquilo que considera mais relevante. Sendo assim, esse método é considerado mais concernente aos preceitos da fenomenologia, na qual o fenômeno deve emergir e mostrar-se, sem que seja conduzido pelo pesquisador, em forma de questionamento. Entende-se que, quando a questão é delimitada, o participante da pesquisa responde àquilo que imagina ser o desejo do pesquisador. Assim, sabe-se que a pergunta realizada aos participantes, ainda que aberta, poderia delimitar ainda menos o tipo de percepção desejado pela pesquisadora, sem especificar que se desejava saber os sentidos, os pontos de referência e os sentimentos. Porém, quando o questionamento é realizado dessa maneira, as falas dos participantes podem distanciar-se do fato pesquisado, acarretando na necessidade de delongar a pesquisa.

A etapa do passeio acompanhado foi repetida por várias vezes no mesmo trajeto, considerando que, a cada dia diferente, novos eventos podem ocorrer. Mas, quais aspectos devem ser considerados nessas descrições? Uma resposta possível seria “eu me interesso pela maneira como os percursos são afetados, ou seja, se mostram sensíveis às contingências da praça, ao mesmo tempo que dotados de valores emocionais” (THIBAUD, 2013, p. 104). Durante os trajetos nas ruas, os participantes da pesquisa apontam as direções percorridas, os sentidos, as lembranças de histórias já vivenciadas nos locais e os sentimentos suscitados pelos pontos onde passa. Como cada pessoa possui características distintas, algumas pessoas conversavam mais, outras menos. Algumas gostavam de conversar sobre questões não relacionadas à pesquisa, trechos que não foram aproveitados.

Depois de transcrever todas as conversas, foram escritas crônicas urbanas a partir das informações coletadas. Assim, algumas são mais longas, outras mais curtas, de acordo com as informações que puderam ser extraídas de cada pesquisado.

3.4 CRÍTICAS AO MÉTODO DE KEVIN LYNCH E A BUSCA DE SUPERAÇÕES

O modelo de Kevin Lynch sofreu críticas na ciência, assim como qualquer outro teórico que tenha um trabalho de grande repercussão. É necessário que se tenha conhecimento das críticas para que, mesmo ciente delas, defenda-se a metodologia com argumentos capazes de justificá-la, ou se busque embasar o trabalho com a metodologia, adaptando possíveis fragilidades a fim de avançar em seus métodos. Pinto (1973) elencou e analisou as críticas já sofridas pelo autor. A primeira crítica é que Lynch não apresentou a caracterização de seus participantes quanto a sexo, idade, grau de escolaridade, profissão e familiaridade com a cidade. Pinto (1973, p. 193) salienta que "a imagem de uma dada realidade pode apresentar variações significativas de um observador para outro. No entanto, pode haver uma grande concordância nestas imagens, quando se consideram os observadores agrupados em classes homogêneas".

Na da pesquisa de Lynch (1997), os participantes eram todos videntes, portanto, esse conceito de "imaginabilidade" está mais atrelado a uma perspectiva visual. Na da presente pesquisa, essa metodologia foi adaptada para pessoas cegas, e se defende que é possível uma "imagem não visual", constituída pelos sentidos remanescentes. A partir dessa imagem da cidade, constituída pelos sentidos, as pessoas podem tecer seus lugares.

Na presente pesquisa, o fator de homogeneidade dos participantes é a cegueira, mas não significa que o modo de pensar seja também semelhante. Sabe-se que a idade, o sexo, o grau de escolaridade influenciam nas percepções. Porém, para além disso, a personalidade de cada pessoa fará com que o modo de percepção de cada uma delas seja diferente. Não existe o objetivo de se criar leis gerais a partir do pequeno número de participantes da pesquisa, mas sim, demonstrar que é possível formular imagens mentais da cidade, a partir dos sentidos remanescentes, e assim, construir o sentido de lugar.

A segunda crítica apontada por Pinto (1973) é que Lynch categorizou "cinco tipos de elementos ao conteúdo das formas físicas e que são: os percursos, as margens, os bairros, os núcleos e as referências[26]". Entretanto, "nenhum destes elementos existe na realidade em estado isolado". Os elementos escolhidos para trabalhar, na atual pesquisa, dentre os cinco apontados, foram apenas os percursos e as referências. Busca-se, aqui, compreender o sentido de lugar, que, segundo Tuan (2012), é formulado a partir da familiaridade. Se a pessoa não costuma caminhar

[26] O texto está em português de Portugal. No português do Brasil, os cinco elementos são traduzidos por: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos.

por outros bairros e pelas fronteiras da cidade, a imagem que irão construir é a partir do contexto que vivenciam cotidianamente, e não da cidade como um todo. Entende-se que um pequeno fragmento do todo, ou um trajeto dentro da cidade, pode ser encontrado o universal em uma de suas partes, dado que o assunto será mais aprofundado no 5º capítulo.

A terceira crítica é que "um *environment* ordenado de modo detalhado, preciso e definitivo é certamente desencorajante da criação de novos modos ou modelos de actividade" (PINTO, 1973, p. 195). A autora faz a crítica, pois os ambientes caóticos, com falta de planejamento, desestruturados, são propícios a levar as pessoas a se perderem nas cidades, causando um sentimento de mal-estar, ansiedade e medo. Por outro lado, um ambiente muito planejado, estruturado e harmônico poderia desencorajar a criação de novas atividades. A partir da crítica, ressalta-se que a pesquisa atual não tem por objetivo a proposta de modificação dos ambientes a fim de se adequarem para se tornarem acessíveis, mas sim, demonstrar apenas a percepção do ambiente tal como ele é.

A quarta crítica é de que "uma cidade com uma forte imagibilidade seria apreendida pelos sentidos não apenas de um modo mais simples, mas também de uma forma mais aprofundada e extensiva" (PINTO, 1973, p. 195). A identificação de uma estrutura mais complexa, solicitada por Lynch, como o desenho de um croqui aos participantes de sua pesquisa, não será desenvolvida na presente pesquisa. O que se irá buscar dos participantes são apenas os sentidos apreendidos de forma simples. O desenho do croqui será por conta da pesquisadora.

Pinto (1973, p. 198) também faz críticas quanto ao método, quando considera que "as amostras eram muito reduzidas" e também "a composição desequilibrada da amostra". Contudo, considera-se que, em pesquisas fenomenológicas cuja escala de análise é a do indivíduo, na experiência vivida, as amostras devem ser reduzidas, assim como se propõe na presente pesquisa. Não é possível apontar para a generalidade da totalidade de indivíduos, mas é possível reconhecer que a universalidade pode aparecer nas individualidades.

Apesar das críticas, é imprescindível enfatizar que o modelo de reconhecimento espacial criado por Kevin Lynch teve grande repercussão fora de sua área de conhecimento, destacando a Geografia Humanista. Tuan, que foi precursor desse campo cita "até a publicação, em 1960, do livro de Kevin Lynch, A imagem da cidade, pouco se sabia sobre os mapas mentais dos moradores urbanos" (TUAN, 2012, p. 282). No Brasil, Lívia de Oliveira, tradutora das principais

obras de Tuan, também defende Kevin Lynch, tecendo elogios sobre seu trabalho e ressaltando a influência de sua pesquisa na percepção ambiental geográfica, destacando:

> na década de 1960 assistimos ao aparecimento dos precursores da percepção ambiental geográfica. (...) a contribuição metodológica veio de um arquiteto, Lynch (1960), com a publicação de The image of the city, que realiza uma pesquisa de campo para fundamentar sua teoria proposta. Aqui é interessante apontar que os resultados ficaram restritos entre geógrafos, demorando tempo para serem "descobertos" por arquitetos. (OLIVEIRA, 2017, p. 94-95)

Tal metodologia já foi utilizada por uma série de autores brasileiros, a exemplo de Del Rio (1996, p. 14), que afirma: "por meio desta tipologia imagética, de imagens e mapas mentais, a mente seria capaz de re-construir um lugar", corroborando com a ideia de Pallasmaa, apresentada na epígrafe da seção. Os participantes da pesquisa de Lynch relatavam suas impressões sobre a cidade, descrevendo "as partes retidas na memória como mais expressivas ou mais vivas". (LYNCH, 1997, p. 161), caracterizado pela "imagem mental". Em momento posterior, os participantes eram entrevistados ao mesmo tempo em que realizavam trajetos pela cidade, compreendendo a fase da investigação sobre a percepção. Na primeira fase da presente pesquisa, inspira-se no questionário apresentado pelo autor, que realizou sua pesquisa em Boston, em gabinete por Lynch, (1997, p. 161) ressaltando que as perguntas 2, 3c, 5 e 6 foram retiradas, por serem julgadas não concernentes com os objetivos da pesquisa:

> 1. O que primeiro lhe traz à mente, o que simboliza a palavra "Boston" para você? Em termos gerais, como você descreveria Boston, fisicamente falando? (…)
> 3 a. Por favor, dê-me as direções completas e explícitas dos trajetos que você normalmente faz quando vai de casa para o trabalho. Imagine-se realmente fazendo-o e descreva a sequência de coisas que você vê, ouve, ou das quais sente o cheiro ao longo do caminho, inclusive os sinais de trânsito que se tornaram importantes para você e as indicações das quais um estranho precisaria para tomar as suas mesmas decisões. Estamos interessados nas imagens físicas das coisas. Não faz mal que você não se lembre de nomes de ruas e lugares [Durante o relato do trajeto o entrevistador deve pedir, se achar necessário, que o entrevistado acrescente mais detalhes às suas descrições]
> b. Você sente alguma emoção específica no tocante a diferentes partes do seu trajeto? Quanto tempo você gasta para fazê-lo? Existem partes dele em que você se sente inseguro quanto ao lugar onde está? (…)
> 4. Agora, gostaríamos de saber quais elementos do centro de Boston você considera mais distintivos. Podem ser grandes ou pequenos, mas diga-nos algo sobre aqueles que, em sua opinião, são mais fáceis de identificar e lembrar. (…)

Tais perguntas, apresentadas no roteiro desenvolvido por Kevin Lynch, inspiraram os questionamentos realizados aos participantes da presente pesquisa. Porém, durante a conversa, foi procurado realizar as perguntas de forma espontânea, e não seguir um roteiro. Ou seja, foi realizada a pergunta inicial e, à medida que o participante da pesquisa falava sobre os assuntos, a pesquisadora completava com outras perguntas. Assim, o campo foi conduzido em forma de conversa, e não em forma de entrevista estruturada.

Mas os estudos de Kevin Lynch vão muito além do que é apresentado em sua obra, A imagem da cidade. Ellis (2010) apresenta, em sua pesquisa sobre o autor, algumas informações referentes aos bastidores do livro, revelando informações que ajudam a compreender todo o contexto da pesquisa do arquiteto.

A Fundação Rockefeller concedeu grande auxílio financeiro à pesquisa, o que proporcionou contratar uma equipe com assistentes, secretária, fotógrafo e consultores, além de receber ajuda de estudantes de pós-graduação (ELLIS, 2010, p. 94). Realizaram seminários com um psicólogo para ajudar a compreender as percepções das pessoas.

Ellis (2010, p. 98) também afirma que, a partir de seus estudos, Lynch formula a ideia de que a orientação e consciência da localização na cidade são centrais para uma boa experiência. Assim, corrobora-se com essa ideia de Lynch e acredita-se que, no caso da pessoa cega, tal teoria intensifica-se. À medida que pessoa vidente pode buscar recursos visuais para orientar-se, a pessoa cega, na maioria das vezes, pede ajuda para pessoas videntes, quando estão perdidas.

Lynch tentou adotar a técnica de mapa mental, porém, após algumas experiências, percebeu que a habilidade para desenhar dos participantes da pesquisa variava bastante, por isso, resolveu realizar uma série de questionamentos. Quanto à pesquisa de campo de Lynch, o uso do microfone deixou as pessoas um pouco nervosas no começo, mas depois se acostumaram. O fato da pesquisa desenvolvida por Lynch também aumentou o interesse das pessoas participantes de sua pesquisa pelo ambiente (ELLIS, 2010).

Após a realização da pesquisa, Lynch recebeu uma série de críticas quanto ao seu método e buscou responder a todas elas. Uma delas foi a de que, dentre os participantes, eram todos brancos, a maioria estudante, e englobava quatro planejadores profissionais. Lynch admitiu que a amostra era muito pequena para generalizar os resultados (ELLIS, 2010, p. 105).

3.5 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada com cinco participantes. Tendo em vista a necessidade de acompanhar cada pessoa em diversos dias e realizar a imersão em seu cotidiano, torna-se delicado encontrar pessoas que estejam dispostas a abrir suas vidas a alguém que as acompanhe diariamente. Por vezes, tal tipo de abordagem pode ser invasiva ao cotidiano das pessoas, considerando que "pensar nas sensibilidades é, pois, não apenas mergulhar no estudo do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar – ou esconder – os sentimentos". (PESAVENTO, 2005, p.07).

Sendo assim, como já mencionado, as pessoas escolhidas para a pesquisa emergiram das relações e laços estabelecidos, de forma que a pesquisadora percebeu estarem participando da pesquisa com prazer e gratificação por saberem que suas falas contribuirão para sensibilizar os leitores. Ou seja, a pesquisadora passou a frequentar lugares onde havia reuniões de pessoas cegas. Ao conhecer as pessoas, conversar informalmente, foi percebendo quem poderia ser receptivo a participar da pesquisa e, além disso, quem, frequentemente, caminhava pelo espaço público, de forma autônoma. Além dessas cinco pessoas, outras foram especuladas. Algumas não demonstraram interesse em participar da pesquisa. Outras disseram não realizar longos trajetos a pé pelos espaços públicos, pois os pontos de ônibus ficavam muito próximo de seus trabalhos, ou preferiam sempre andar de *Uber,* ao transitarem pela cidade.

Após o início da pesquisa, houve alguns percalços, já previstos, como por exemplo, a chuva que impediu algumas saídas de campo. Por vezes, alguns participantes da pesquisa combinavam de encontrar com a pesquisadora para realizar um trajeto, porém, mudavam os planos e precisavam adiantar, atrasar, deixar de fazê-lo, mudar a rota ou fazer um desvio no percurso. Sendo assim, ao calcular o tempo de realização da pesquisa, sempre é necessário deixar uma margem de erro, já que o pesquisador é quem deve estar à disposição dos participantes, para buscar não perturbar seus cotidianos.

Assim, será apresentada a caracterização dos participantes, com uma breve história de cada um, para que fiquem compreensíveis suas relações com a cidade e o modo como a pesquisadora conheceu cada um deles e iniciou os processos de pesquisa. Nestas seções e no próximo capítulo, a pesquisadora será denominada Bia.

3.5.1 Lua e as cores da imaginação

Lua foi o nome fictício escolhido por ela própria. Ela tem 50 anos e, no período que a pesquisa foi realizada, cursava graduação em pedagogia e é também formada no curso Tecnólogo em Gestão Pública. A pesquisadora e a participante da pesquisa conheceram-se na Associação de Deficientes Visuais do Paraná (Adevipar), que a pesquisadora participa como voluntária, uma vez por mês, no encontro de mulheres com deficiência visual.

Ela nasceu e sempre morou na cidade de Curitiba, porém, em diferentes bairros da cidade. Perdeu a visão aos 7 anos de idade e, até os dias atuais, possui alguns resquícios de memória da época que enxergava.

No primeiro semestre de 2019, foram realizados trajetos pelo centro de Curitiba, entre os meses de fevereiro e maio, em dias e horários variados, partindo da praça Carlos Gomes, local onde Lua desce do ônibus quando vai de sua casa ao Centro, em direção à escola Adolfo Bezerra de Menezes e a Biblioteca Pública Municipal, locais onde realizava seus estágios de graduação. Foi a participante que participou de mais dias de pesquisa, portanto, a crônica escrita possui maior número de páginas. Os trajetos foram escolhidos pela participante. No primeiro dia, foi realizado um trajeto, porém, devido a adversidades durante o caminho, foi decidido modificá-lo.

Durante uma das conversas, Lua relatou um o fenômeno, mas não sabia a denominação para a ocorrência desse curioso fato: sinestesia. Acontece quando o cérebro processa informações de uma forma atípica, de modo que a pessoa ative duas sensações simultaneamente e existem diversas variações de pessoas que a vivenciam. Assim, a pessoa pode ver cores ao ouvir música, sentir emoções ao tocar texturas, sentir sabores ao ver cores, enfim, existem mais de 30 tipos de sinestesia. Ramachandran (2014, p. 71) considera que a sinestesia é “uma mescla surreal de sensação, percepção e emoção. Os sinestesistas (como essas pessoas são chamadas) experimentam o mundo ordinário de maneiras extraordinárias, parecendo habitar uma estranha terra de ninguém entre realidade e fantasia.”

O tipo de sinestesia que Lua tem é chamada de cor-grafema. Assim, cada letra é associada a uma cor e, na mistura das cores de letras que formam as palavras, uma das cores prevalece sobre as outras, formando a cor da palavra. Nas conversas, falas, diálogos, as cores vão se formando na mente, como uma partitura musical. Para Lua, existem cores feias e bonitas. Entretanto, essa associação não está relacionada ao seu sentimento pelo lugar ou pela pessoa, mas sim, às cores das letras que compõem a palavra. Um lugar bonito pode ter uma cor feia, ou vice-

versa. Da mesma forma, situações vivenciadas num lugar, que trazem afeto ou desafeto, não mudam a cor associada à palavra.

Essa singular condição não foi buscada no início da pesquisa, nem será aqui discutida e aprofundada. Mas chamou a atenção pelo fato de que existem tão diversas formas de perceber e imaginar o mundo, que as pessoas podem surpreender umas às outras ao explicitarem sua mente, em formas de diálogos. A partir daí, é possível reconhecer que o espaço não existe apenas *em-si*, mas também *para-si*, e este último pode adquirir as características mais fantásticas que as consciências podem criar.

Talvez o acaso de a pesquisa se deparar com essa situação ocorreu pela probabilidade. Marques (2016, p. 6) comprovou que "as pessoas cegas tem mais tendência a apresentar manifestações sinestésicas que as pessoas videntes, e que utilizam esta condição para obter e manipular informações internamente". De fato, Lua disse já ter conversado sobre o assunto com várias pessoas cegas, que relataram percepções semelhantes, porém, as cores associadas a cada palavra variam de pessoa para pessoa. Esse é um bom exemplo para pensar no conceito de intersubjetividade. A percepção de alguns fenômenos pode ser partilhada por um seleto grupo de pessoas, ainda que as demais não tenham a percepção do mesmo fenômeno. Assim, é possível comprovar sua existência, demonstrando que não faz parte de uma "ilusão" de uma pessoa isoladamente. Embora a experiência seja partilhada, em certo ponto se diferencia, já que as cores associadas às letras são diferentes.

Lua disse que há dias em que consegue perceber melhor o ambiente, como se conseguisse ver, como se estivesse mais conectada, atenta. Já em outros dias, é como se estivesse de olhos fechados. Isso depende de seu estado de humor. Ela comenta que conhece pessoas cegas que não possuem um bom senso de orientação, e não sabe "como estas pessoas conseguem se virar". Pelo fato de não enxergar, ela vive de olhos fechados, somente imaginando o que há ao seu redor. No momento em que abre os olhos, tem a sensação de poder enxergar.

Os trajetos ocorreram nos dias 14, 18 e 19 de fevereiro, no período da manhã; 26 e 27 de março, no período da manhã; 1, 2, 3 e 4 de abril, no período da manhã; 9 e 11 de abril, no período da tarde, 10 e 11 de maio, no período da tarde.

3.5.2 Mariano: minha cegueira é a cegueira das ruas

Bia dirigiu-se ao Núcleo de Atendimento a pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE) da UFPR. Solicitou indicações de pessoas cegas que estudassem na instituição. Conheceu Mariano através de indicação do setor. Com esse participante houve apenas dois encontros. O primeiro foi uma conversa, sentado no banco do pátio da reitoria, dia 8 de agosto de 2019, por volta de 10 horas da manhã. O segundo encontro foi dia 28 de janeiro de 2020, às 8:30 da manhã, que compreendeu uma caminhada do pátio da reitoria até a praça Osório, fazendo pequenos desvios para o Terminal Guadalupe e para a Biblioteca Pública Municipal. O percurso teve, aproximadamente, 1,7 km. Ele nasceu na cidade de Curitiba, onde sempre viveu. Reside no bairro Sítio Cercado, mas, como ele mesmo diz, sua casa é o Centro, bairro da cidade que sente maior afeto. Atualmente, cursa Ciências Sociais e é graduado em História.

Mariano conseguia distinguir claro e escuro nos primeiros anos de vida. Isso o incomodava, pois a maioria das pessoas cegas com quem convivia não enxergava nada. Aos poucos, foi perdendo o resquício visual, até que, quando perdeu a visão completamente, passou a ser mais feliz, pois, a partir daí, sentiu-se completamente inserido na comunidade de pessoas cegas. Ser cego o faz feliz. Caso surgisse algum recurso que lhe proporcionasse a visão, ele rejeitaria. A visão é algo muito ruim para ele. É como se sua vida toda perdesse o sentido, se voltasse a enxergar. Portanto, enfatiza que “cegueira não é uma doença para ser curada, cegueira não é uma coisa negativa que deva ser lamentada. Cegueira é uma característica humana que tem que ser respeitada como tal, assim como a cor da pele, o gênero ou orientação sexual”.

Ao ser questionado sobre o modo como começou a caminhar nas ruas, Mariano diz que, por volta de 12 anos, fez aulas de orientação e mobilidade, por cerca de 2 meses. Entretanto, não havia alguém que o levasse para as aulas, portanto, ia de sua residência até o centro da cidade sozinho. Mariano sublinha que fez aulas com um professor cego. Ele ressalta que não é atribuição de pessoas videntes darem aula de orientação e mobilidade, exemplificando que se o professor vidente fosse vendado e solicitado a ele que realizasse um curto trajeto, não seria capaz.

No tempo em que fez suas aulas, consistiam na prática de pegar a bengala e ir para a rua. Atualmente, escolas do mundo inteiro desenvolvem técnicas para a caminhada, que consistem em posicionar a bengala e o corpo de certa forma. Mariano considera que caminhar é uma questão intuitiva, assim como pessoas videntes aprendem a caminhar sem necessitar de aulas. Aos 14 anos, já caminhava sozinho pela cidade inteira. Atribui a sua autonomia à sua família,

principalmente a sua mãe, que sempre incentivou que ele caminhasse sozinho. Sabe que muitas famílias de pessoas cegas ficam o tempo todo superprotegendo e cuidando demais, o que acaba por prejudicar o desenvolvimento da pessoa, ao invés de ajudar.

Portanto, Mariano complementa: “A minha cegueira não é essa cegueira dos especialistas! Não, pelo contrário, é a cegueira da rua.” Assim, considera que o ato de caminhar sozinho aprende-se com vivências e experiências, e não com aulas que ensinam técnicas, nas quais só se aprende a teoria. Para exemplificar, Mariano cita que existe uma associação de cegos fornecendo certificado para as pessoas que consideram aptas a caminharem sozinhas nas ruas. Considera que isso é um absurdo e uma humilhação para as pessoas cegas, já que as pessoas videntes não necessitam desse tal certificado. Diz ainda que, se recebesse um certificado desses, o rasgaria.

De todos os participantes da pesquisa, sua resposta foi a que mais exprimiu o sentido de lugar. Em suas palavras, conseguiu exprimir claramente seus sentimentos pela cidade de Curitiba, de modo a fazer compreender os elementos que compõem o sentido de lugar, para ele.

Como pergunta inicial, foi solicitado para ele narrar um trajeto pelo centro da cidade de Curitiba. As falas que surgiram, apontando para o sentido de lugar, foram espontâneas, apareceram, enquanto um fenômeno que se revelou, no decorrer da entrevista. Todos os aspectos teóricos, citados nos itens anteriores, foram contemplados na fala de Mariano. Assim, foi possível compreender empiricamente como uma pessoa cega, residente da cidade de Curitiba, foi construindo vínculos com a cidade e formulando suas concepções, ao longo da vida.

Mariano já foi militante pelos direitos das pessoas cegas. Ele já foi mais crítico quanto a atitude das pessoas videntes, buscando conscientizar. Hoje, não tem mais paciência para isso, pois considera que o mundo não vai mudar. A pessoa que enxerga irá sempre ter os “videntismos” dela, ou seja, sempre irá se colocar em uma superioridade que ela não tem, e isso é uma constante. Da mesma forma, ele não se sente mais representado pelos movimentos que dizem lutar pelos direitos das pessoas cegas, já que a maioria é composta por pessoas que enxergam e pouco conhecem a realidade. E sempre querem ser mais cegos que o próprio cego. Existem muitas divisões entre a comunidade dos cegos, como pessoas que apoiam pessoas videntes dentro da comunidade, e outras não.

Ele também escreve crônicas sobre a cidade de Curitiba a partir de suas vivências e experiências, que o inspiram a registrar e partilhar com seus leitores as mais diversas aventuras, desde que desenvolveu a autonomia de caminhar sozinho pelas ruas.

3.5.3 Liliane contando histórias da vida

Liliane nasceu no interior do Paraná. Enxergou um pouco até os seis anos de idade e depois perdeu a visão de vez. Naquela época, não sabia o que estava acontecendo com ela e, por isso, não sabia que estava perdendo a visão. Depois, foi estudar em São Paulo, em um colégio de freiras, onde ficou até os 19 anos. Entre idas e vindas do colégio de freira, foi morar um período com a família e desenvolveu trabalhos em outras igrejas de São Paulo. Aos 23 anos, mudou-se para Curitiba, no Instituto Paranaense de Cegos (IPC), onde morou de 1981 até 1986. Mudou de Lá, casou-se com um morador do instituto e foi morar no bairro CIC, na cidade de Curitiba. Durante sua vida, continuou frequentando o IPC, para participar de atividades educativas e culturais, promovidas pelo instituto, como confraternizações, palestras, curso de idiomas e aulas de coral. Notou as mudanças que o trajeto sofreu ao longo do tempo, assim como toda cidade.

Quando morava na cidade de São Paulo, Liliane quase nunca saia sozinha do colégio de freiras, pelos motivos de ser uma cidade muito grande e agitada e porque havia um rigor no colégio, com muitas restrições para conseguir a permissão para sair sozinha. Assim, quando chegou em Curitiba, não tinha ainda a habilidade necessária para caminhar sozinha por espaços públicos. Liliane notava a habilidade de outras pessoas, ainda crianças, que tinham a desenvoltura de irem sozinhas a diversos lugares, como por exemplo, ao supermercado.

Sentia-se inferior aos outros por não conseguir praticar as atividades com a mesma destreza e passou a acreditar que tinha algum problema psicológico por não se equiparar a outras pessoas ao seu redor. Nas sessões de terapia, a psicóloga disse-lhe que tal insegurança era normal, devido ao modo de vida que levara até então, no qual teve poucas oportunidades para desenvolver suas habilidades. A partir de então, passou a ter aulas de orientação e mobilidade, praticando com frequência suas aprendizagens, em trajetos próximos ao instituto. Aos poucos, foi desenvolvendo sua aptidão de caminhar sozinha com confiança. Logo que começou a andar sozinha, em um episódio, acidentou-se na Avenida Silva Jardim. Ela estava com uma amiga com baixa visão, que confundiu as luzes dos faróis do automóvel com a luz do poste.

Muitas pessoas lidam com essas situações com facilidade. Apesar de conseguir caminhar sozinha pelas ruas, Liliane não se considera das pessoas mais espertas nesse quesito. Com algumas situações, lida com desenvoltura, outras não, por não estar sempre atenta a detalhes. Todavia, algumas pessoas andam com pressa, são ansiosas e impacientes, e “dá bengalada pra todo lado”. Já Liliane anda com calma, devagar e sem pressa.

Ela ressalta que, entre as pessoas que têm deficiência, existem diferenças, algumas conseguem realizar certas tarefas, outras não. O povo generaliza, com a ideia de que ou todo mundo consegue ou ninguém consegue. Existem pessoas que percebem mais detalhes e outras que percebem menos. Isso não tem relação com a visão, mas sim com as características da pessoa. E essas características irão refletir nas caminhadas. Outra característica de Liliane é que ela sente muita dificuldade em buscar novos caminhos. Sente medo de aventurar-se pelo desconhecido. Em contrapartida, ela conhece outras pessoas que adoram sempre transitar por novos caminhos, fantasiar e desbravar, explorar o desconhecido. Nesse sentido, quando um ônibus para fora de seu lugar habitual, ela tem dificuldade em se localizar e seguir para o ponto habitual de parada, onde já desenvolveu suas referências, para seguir o seu trajeto.

Por esse motivo, quando uma pessoa perde a visão, pensa que a vida acabou. Entretanto, não acabou, a pessoa irá se readaptar e aprender a viver de outra maneira. Liliane cita o exemplo de experiências em meditações espirituais, em que a primeira coisa que se faz é fechar os olhos. Há situações em que a pessoa caminha de olhos vendados, descalça, pisa na grama, e busca perceber o mundo de outra forma, sem o sentido da visão.

Ela considera que, ultimamente, a sociedade tem mudado e tais transformações implicam em vicissitudes na vida da pessoa cega e nas relações com os espaços públicos. Nos dias de hoje, há um cuidado exagerado com as pessoas. E, na tentativa de protegê-los, criam-se normas sociais e jurídicas que acabam se tornando impeditivos para autonomia. Em outras palavras, significa dizer que, antes, o pessoal era um pouco mais atirado que nos dias atuais. Um exemplo prático, que ocorre em espaço privado, mas demonstra os reflexos da sociedade em espaços públicos, é o de pessoas cegas que vão desacompanhadas a consultas médicas e, muitas vezes, têm o atendimento recusado, quando estão desacompanhados de pessoas videntes. O *Uber*, um outro exemplo, criou facilidades, mas também tornou as pessoas mais dependentes, e a própria pessoa busca a opção mais cômoda para não necessitar enfrentar adversidades ao caminhar por espaços públicos. Assim, a sociedade atual tem a falsa ideia de que as pessoas com deficiência devem ser extremamente protegidas, não devem se esforçar. Isso gera a perda de autonomia da pessoa com deficiência. As pesquisas foram realizadas no ano de 2019, dias 12 e 18 de setembro, 8 e 15 de outubro, 27 de novembro, 4 e 11 de dezembro. Todas foram no período da tarde, com horários de início variando entre as 16 e as 18 horas.

3.5.4 Alice: um longo trajeto para os estudos

Bia frequenta, desde o início de 2018, um grupo constituído por mulheres cegas. Os encontros ocorrem uma vez por mês e têm o objetivo da socialização, ocorrendo diversas atividades. Ao final, é servido um lanche às participantes, o qual Bia ajuda a preparar, servir, recolher a mesa, lavar a louça e organizar, além de acompanhar as participantes e participar das atividades. O grupo começou na Associação de Deficientes Visuais do Paraná (Adevipar), situada no bairro Sítio Cercado, depois, migrou para o Instituto Paranaense de Cegos (IPC), localizado no bairro Batel.

Além dos encontros mensais, o grupo também organiza passeios pela cidade. No dia 7 de abril de 2018, foi realizado um passeio no Parque Lago Azul, no bairro Umbará, Curitiba, das 9 às 16h. Foi assada linguiça na churrasqueira, foram estendidos lençóis no gramado, onde as mulheres passaram o dia fazendo um piquenique. Na pesquisa fenomenológica, as relações devem fluir naturalmente. As vivências não podem limitar-se a simulacros de uma pesquisa. Apesar disso, tem-se consciência de que o pesquisador, inevitavelmente, influencia no cotidiano das pessoas. Sendo assim, a aproximação com o grupo ajudou a refletir como os participantes da pesquisa poderiam ser abordados, de modo que se crie uma aproximação capaz de tornar o ato da pesquisa uma vivência.

Uma das participantes do grupo é Alice. Sempre que volta para sua casa, vai de ônibus até o centro da cidade e, de lá, pega outro ônibus, no Terminal Guadalupe, para sua casa. Mora no bairro Arruda, na cidade de Colombo, situada na região metropolitana de Curitiba. Bia sempre retornava com ela. No mês de maio de 2018, Bia perguntou se ela poderia participar da pesquisa, recebendo seu aceite. Na época, Alice era estudante da Universidade Livre para a Eficiência Humana (Unilehu).

A universidade oferece uma ajuda de custo e trabalho, ao mesmo tempo, pois é registrado em carteira. Mas algumas condições são colocadas. Uma delas é que se a pessoa chegar atrasada ou faltar, o valor é descontado do pagamento. Se, porventura, acontecer um imprevisto que cause o atraso, mesmo não seja culpa do estudante, como atraso do ônibus, bloqueio nas ruas, um valor é descontado da folha de pagamento. Alice, dedicada e responsável, prefere sair de casa com bastante antecedência para cumprir o horário, e faz o mesmo trajeto, todos os dias úteis, há mais de um ano.

Ela não é totalmente cega, tem um pequeno resquício de visão. Consegue distinguir claro e escuro, percebe a presença de objetos, mas não distingue o que é. Isso é um diferencial para caminhar por espaços públicos, pois fornece informações preciosas que ajudam a perceber o ambiente ao seu redor, por isso, não utiliza bengala para locomoção. Muitas pessoas com baixa visão optam por usar bengala ao caminharem por espaços públicos, mas Alice considera que, em seu caso, não é necessário. Às vezes, utiliza para atravessar a rua, mas logo guarda na bolsa.

Sua história de vida não foi questionada diretamente, enquanto uma pergunta de pesquisa. Foi contada espontaneamente, como uma conversa natural. Alice viveu até os 14 anos em de Mafra, pequena cidade do interior de Santa Catarina, divisa com o Estado do Paraná. Lá, frequentou a escola regular até a metade da 3ª série do ensino primário. Como era uma pessoa com baixa visão, os professores e os médicos disseram à sua mãe que ela não teria condições de frequentar a escola e, portanto, deveria parar de estudar. Seu irmão mais novo também possui baixa visão, entretanto, tem maior acuidade visual. Assim, ele continuou frequentando a escola.

Quando sua família mudou para Curitiba, no ano de 1999, seu irmão mais novo foi matriculado na escola, mas Alice não. Os professores perceberam que ele tinha baixa visão e foram conversar com sua mãe. Ela confirmou sua condição e acrescentou que tinha uma outra filha não matriculada. A escola, então, aconselhou a mãe a encaminhar seus filhos para uma escola especial. A partir desse momento, Alice começou a aprender o desenvolvimento de uma vida autônoma, ao caminhar sozinha pelas ruas, e expressa que é como se “tivesse nascido novamente”, pois até então, nunca havia saído sozinha.

No dia 21 de maio de 2018, Bia foi até a Unilehu acompanhá-la de lá até o Instituto Paranaense de Cegos e conversar sobre seu cotidiano. Ela pega o ônibus Santa Tereza, próximo de sua casa, às 5:49 da manhã. Quando o ônibus passa em frente à sua casa para ir ao terminal, escuta o som e vai até o ponto, pois sabe que dentro de alguns minutos o ônibus irá retornar. O ônibus segue até o terminal Roça Grande, onde ela desembarca e toma outro ônibus, às 6:12 da manhã. Desembarca no terminal Guadalupe, às 6:40. Caminha até a Praça Rui Barbosa, chegando por volta das 7;10 da manhã. Lá, aguarda o ônibus Vila Isabel até às 7:25 e chega à universidade por volta de 7:50. Bia optou, portanto, por acompanhá-la no trajeto do Terminal Guadalupe até a praça Rui Barbosa, e fez esse trajeto do dia 22 de maio a 23 de agosto, com exceção de alguns dias e períodos em que não foi possível ir por compromissos da participante ou da pesquisadora. O trajeto sempre iniciava as 6:40 da manhã, e terminava por volta das 7 da manhã.

3.5.5 Bárbara e seu mundo tecnológico

No ano de 2018, houve, na Biblioteca Pública Municipal, uma reunião com pessoas cegas, para discutir a questão das escolas especiais para cegos. Atualmente, tais escolas estão sendo extintas, para que os alunos cegos sejam incluídos na rede regular de ensino. Algumas pessoas cegas posicionam-se a favor de tal medida, argumentando a inclusão de alunos e a convivência mútua de pessoas com deficiência e sem deficiência. Outras pessoas posicionam-se contra tal medida, argumentando que as escolas especiais possuem recursos técnicos e pessoais melhor preparados para atenderem aos alunos. Apesar de o assunto desta tese não tratar de tais questões, a pesquisadora buscou inserir-se em locais frequentados por pessoas cegas, a fim de buscar possíveis participantes para a pesquisa. Após a reunião, algumas pessoas decidiram visitar uma exposição fotográfica em alto relevo, realizada pelo Museu da Fotografia da cidade de Curitiba.

Nessa ocasião, a pesquisadora conheceu Bárbara e a acompanhou até o museu. Bárbara nasceu na cidade de Curitiba, onde morou por toda a sua vida. Atualmente, tem pouco mais de 30 anos de idade, e cursa graduação em teatro na Unespar. Já iniciou o curso de Filosofia na UFPR, mas não concluiu. Bárbara se auto descreve como uma pessoa extremamente tecnológica. Através de seu *smartphone*, tem o mundo em suas mãos. Tudo começou quando uma amiga lhe emprestou seu aparelho. Bárbara, que ainda não sabia utilizá-lo, a princípio, ficou com receio de aprender algo novo. Entretanto, o receio durou pouco tempo. Logo que passou a utilizar o aparelho, encantou-se pelo que a tecnologia pode oferecer.

Atualmente, utiliza o aplicativo *Moovit* e faz campanha entre seus amigos para que utilizem também. Incentiva-os a baixarem o aplicativo, ensina e dá dicas de como utilizá-lo. Antes de ter um *smartphone*, pedia informações a pessoas nas ruas. Já ocorreram casos de receber informação errada. Portanto, hoje, sente-se orgulhosa de ser mais independente.

Aprendeu tudo rapidamente, em suas palavras, sempre fuçando sozinha. Pedia dicas a amigos que já sabiam utilizar. Passou a participar de fóruns na internet de pessoas cegas que utilizavam os mesmos recursos. Assim, autodidata e curiosa, hoje, domina grande parte do que as tecnologias podem oferecer. Em consequência de participar desses grupos na internet, frequentemente, Bárbara recebe ligações de empresas que desenvolvem produtos para pessoas cegas, convidando-a a adquiri-los e testá-los. Contou que uma pessoa ofereceu um boné com sensor, que ajuda a detectar obstáculos à frente, emitindo um sinal sonoro.

Sempre explora novas formas de utilizar as tecnologias e, quando ouve falar em novidades, logo busca explorar. Recentemente, conheceu um teclado portátil sem fio que é possível conectar no celular. Ainda não teve a oportunidade de testar, mas acredita que o produto irá facilitar sua vida em diversos aspectos, principalmente ao realizar anotações em aulas.

Bárbara gosta de caminhar sozinha pelas ruas. Conta que, certa vez, caminhou por muitos quilômetros de sua casa até a universidade onde estuda, mas não chegou a completar o trajeto. Um dia, tem a intenção de realizar o percurso a pé, de sua casa até seu trabalho. Entretanto, com os afazeres diários de trabalho, estudo, envolvimento em grupos de teatro, acaba não tendo tempo para caminhar sem compromisso, apenas pelo prazer de andar.

Nasceu na cidade de Curitiba e, durante toda sua vida, morou no bairro que reside até os dias atuais. Já viajou por outras cidades do Brasil, mas, nessas ocasiões, não teve a oportunidade de caminhar muito sozinha. Bárbara mora no bairro Tingui, na cidade de Curitiba, e percorre um trajeto aproximado de 20 minutos para chegar ao trabalho. Caminha meia quadra, de sua casa até o ponto de ônibus. Sabe exatamente os horários dos ônibus, portanto sai de casa no horário preciso, para não precisar aguardar por muito tempo. Ao descer, percorre mais uma quadra para chegar em seu trabalho.

Ela sente-se muito feliz em utilizar apenas um ônibus para chegar ao trabalho. Conta que já trabalhou em outros lugares em que necessitava realizar baldeações em vários terminais. Migrar de um ônibus para outro, esperar seus horários, andar em meio a muitas pessoas em horário de pico, tornava seu dia mais cansativo, além de demandar mais tempo em seus trajetos.

Além de utilizar os recursos tecnológicos, durante as caminhadas, para fins do auxílio na locomoção, Bárbara utiliza outros aplicativos. Lê e responde e-mails, realiza operações bancárias, conversa com amigos. Como ela mesma diz, gosta sempre de utilizar seu tempo para fazer alguma coisa. Por isso, está, a todo momento, com seu celular na mão e seus fones de ouvido, cuja leitura de tela propicia o manuseio do aparelho.

As pesquisas com Bárbara foram realizadas no ano de 2019, nos dias 21 de março, 12 de abril, 7, 10, 17, 24 e 31 de outubro, 12, 21 e 29 de novembro e 06 de dezembro. Com exceção dos dois primeiros, que compreenderam um encontro na Biblioteca Pública Municipal, os demais encontros ocorreram às 9:10 da manhã, e duravam até por volta de 9:40. Foi a única participante em que parte do trajeto foi realizado de ônibus.

3.6 DA CRÔNICA URBANA AO CROQUI

Horas de caminhadas pelas ruas, conversas, narrativas, memórias, lembranças e percepções. Horas multiplicadas pelo exercício das transcrições. A etapa da pesquisa de campo está concluída. E agora? Como transformar aquelas palavras em novas palavras, traduzidas sob o olhar de uma pesquisadora? Como inserir em meio às vivências cotidianas, ingênuas, do senso comum, as teorias que norteiam o fazer científico? Será que as falas corriqueiras se encaixam em conceitos e entrecruzam formulações científicas com o fazer empírico? Horas de transcrições, multiplicadas por horas de pensar o que fazer com elas.

A ideia era apresentar aos que se aventuram a ler uma tese uma apreciação suave do texto, um deleitar das palavras que expressam cada passo envolvido nas ruas, no envolvimento de um ambiente com o corpo inteiro. Eis que surge a ideia, que apesar de criativa, foge aos moldes da ciência tradicional: crônicas urbanas. A releitura do material coletado em campo conduz aos caminhos que aproximam a literatura. O ofício do geógrafo, harmonizado com a arte, também pode revelar as nuances espaciais, captadas por percepções atentas, e reflexões, que se materializam em um texto narrativo. Os dados brutos passam por um filtro sensível. São retrabalhados, esculpidos, moldados, por uma pessoa que também se faz pesquisadora.

A Fenomenologia é a ciência da vida. Todos passam a maior parte do tempo de suas vidas em atos cotidianos banais, não racionais e não intencionais. E esses momentos tão triviais revelam a construção do sentido de lugar, as percepções, os sentidos. Os aportes teóricos da Geografia que discorrem o conceito de lugar podem ser observados em atos comuns e corriqueiros da vida. E, nesse sentido, Santos defende que:

> (...) a ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas. A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no quotidiano orientamos as nossas acções e damos sentido à nossa vida. (SANTOS, 2003, p. 88)

A crônica narrativo-descritiva, segundo Figueira (2016, p. 285) “explora a caracterização de seres, descrevendo-os. E, ao mesmo tempo mostra fatos cotidianos (“banais”, comuns) no qual pode ser narrado em 1ª pessoa ou na 3ª pessoa do singular. Ela é baseada em acontecimentos diários.” Por isso, considerou-se uma forma de apresentar os dados coletados na pesquisa de

campo de forma a narrar uma história de maneira fluida e menos técnica, já que “escritores e poetas conseguiram criar tons materiais e mundo sensível, seguindo o caminho da imaginação criativa ou seus experiência emocional, auditiva ou olfativa da cidade” (FRIAS, 2001, p. 13).

Como já apresentado neste capítulo, foram realizados diversos percursos, em dias e horários distintos. Mas a crônica se passa em um único dia. Cada contato com os participantes da pesquisa acontece de formas diferentes. As relações são criadas, construídas, e não forçadas. Essas questões não dependem somente do controle e da condução da pesquisa por parte do pesquisador, mas as maneiras como as pessoas aparecem e se mostram também são consideradas fenômenos. Portanto, cada participante, a imersão nas vivências, seu cotidiano, ocorreu de formas diferentes. Alguns, com maior contato, tanto de número de encontros quanto de tempo de acompanhamento em cada encontro. Mas, o tempo com cada participante não tem relação direta com a quantidade de informações coletadas.

Assim, são apresentadas cinco crônicas dos participantes da pesquisa, apresentados na seção anterior. Cada pessoa participante da pesquisa possui características distintas. Com algumas delas, a construção das narrativas é mais trabalhada pela pesquisadora, no texto aqui apresentado. No caso da narrativa de Mariano, o texto apresentado é muito próximo de sua fala, com trechos reproduzidos integralmente. Todos foram gravados e transcritos e, em diversos pontos por onde se caminhava, foram citadas as percepções. Foram organizadas em uma linha espacial, obedecendo a ordem em que apareciam no trajeto. Após analisadas, foi escrito um texto, abarcando todas as percepções em uma ordem espacial. Como em diferentes dias foram citadas distintas percepções, elas foram interpoladas e colocadas em um texto único. Assim como em história utiliza-se o recurso da linha do tempo, aqui, buscou-se transpor o conceito para a “linha do espaço” do trajeto percorrido.

Além das narrativas, são apresentados croquis dos trajetos, acompanhados de fotografias dos pontos citados pelos participantes da pesquisa, durante o percurso. Obviamente, não é possível captar todos os pontos, considerando que as fotografias não foram tiradas no momento em que se acompanhava, pela inviabilidade. Primeiro que, ao parar a todo instante para fotografar, ainda que por alguns segundos, o conjunto de fotografias iria atrasar a pessoa, que se dirigia a um compromisso com horário marcado.

Certeau (1994, p. 176) também considera que “certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali

mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá)". Um exemplo de trabalho que utiliza essa metodologia é o de Guerra (2018). Em sua tese de doutorado, a autora realiza entrevistas com pessoas, em relação aos seus afetos e memórias, construindo mapas a partir das narrativas de seus entrevistados.

Como já explicitado na metodologia, a pesquisa de campo consiste em compreender as imagens mentais e as percepções dos participantes da pesquisa. Wright (2014 [1947], p. 14), conceitua como Geosofia "o estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista", ou seja, a compreensão geográfica por todo tipo de pessoa, não apenas geógrafos. Seguindo a mesma linha de raciocínio, propõe a criação de mapas geosóficos, que revelam o conhecimento geográfico **em** diferentes áreas e não **sobre** diferentes áreas (WRIGHT, 2014, p. 15, grifo do autor).

Masini (2012, p. 16) salienta que "compreender as especificidades e singularidades perceptuais na existência humana requer uma complexidade de conhecimentos. O ponto de partida para essa compreensão é a abertura do ser humano ao que o circunda". Como se dá, então, tal tipo de abertura? Exige uma postura de o pesquisador pôr-se em situação, abrir-se diante do fenômeno a ser estudado, ou seja, vivenciar, estar presente sem que haja um roteiro de pesquisa planejado, a princípio, mas deixar as situações fluírem naturalmente. Para Dardel (2015, p. 14)

> Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A "situação" de um homem supõe um "espaço" onde ele "se move"; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência. "perder a localização" é se ver desprovido de seu "lugar", rebaixado de sua posição "eminente", de suas "relações", se encontrar, sem direções, reduzindo à impotência e à imobilidade. Novamente a geografia sem sair do concreto, empresta seus símbolos aos movimentos interiores do homem

Para apresentar os resultados da pesquisa, são confeccionados croquis ilustrativos dos trabalhos de campo, juntamente com uma sequência de fotografias dos pontos e suas descrições. O mapa imprime as percepções sobre o espaço, portanto, são elementos que são significativos para os participantes da pesquisa, interpretados pela pesquisadora.

A ideia foi inspirada no trabalho de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, arquiteto e antropólogo, falecido em 1989. Em seu livro *Quando a rua vira casa*, o autor relata sua pesquisa empírica de observação participante, realizada no bairro do Catumbi, na cidade do Rio de Janeiro. Na introdução do texto, apresenta um mapa, desenhado à mão, identificando os pontos por uma

numeração, com uma legenda ao lado. No início do capítulo intitulado *Os trabalhos e os Dias*, o autor coloca que, nos trabalhos de análise e descrição da sociedade, tem-se a impressão de estar sistematizando obviedades. Os mapas, desenhados à mão, foram inspirados nesse trabalho. Considera-se que, a partir da criação de um croqui, a possibilidade de imaginação das narrativas ganha um elemento que pode situar melhor o leitor, agregando ao texto possibilidades de apresentar os sentimentos atrelados aos lugares.

Desse modo, busca-se construir uma outra cartografia, além daquela tradicional, que apresenta mapas enquanto verdades pré-concebidas. A cartografia, aqui, torna-se uma forma de linguagem que busca expressar as percepções de um espaço, bem como localizá-las. Deixa de lado o conhecimento de técnicas para elaborar um mapa de forma gráfica, com precisão nos quesitos de escala, orientação, esquemas gráficos, e passa a incorporar aspectos mais artísticos, subjetivos, com o desenho elaborado à mão livre. Sendo assim, adota-se o termo *cartografia pessoal*, proposto por De Paula (2011, p. 14), o qual conceitua como "elaborar mapas e narrativas urbanas da combinação de elementos biográficos com as práticas e trajetos cotidianos". A importância de se pensar em tais questões inseridas na Geografia Humanista deve-se ao fato de que "a incorporação da voz daquele que vive diretamente os lugares permite aos mapas, na medida do possível, colocar a linguagem matemática mais "de lado" para dar espaço àquelas dimensões da experiência concreta do mundo vivido". (DE PAULA, 2011, p. 38)

Considera-se a Cartografia não como uma representação, mas como uma forma de expressão, uma linguagem. Permite comunicar a outras pessoas as percepções sobre o espaço, de modo que a língua falada não seria suficiente. Nesse sentido, concorda-se com De Paula que

> Estudar a percepção e cognição é remeter-se à expressão de um fenômeno. E o que seriam os mapas – elemento tão caro à Geografia – se fossem uma expressão e não uma representação de dado fenômeno? Partilhamos aqui que os mapas não são uma "representação" ou "re-apresentação" da realidade, mas formas de expressa-lá... Esta condição dilui a separação rígida que existe entre as materialidades (e suas "fiéis" descrições) e as imaterialidades (suas práticas e contextos) da realidade. (DE PAULA, 2011, p. 30, grifo do autor)

A opção por apresentar os dados dessa forma visa apresentar ao leitor os pontos do trajeto, evidenciados na cidade de Curitiba. No capítulo seguinte, portanto, são apresentadas as crônicas urbanas, escritas sobre cada participante da pesquisa, bem como os croquis dos percursos, acompanhados das fotografias dos pontos citados.

4 CARTOGRAFIAS PESSOAIS DAS EXPERIÊNCIAS

As crônicas urbanas, a seguir, são baseadas nas pesquisas de campo realizadas com os participantes da pesquisa, já apresentados na metodologia. Foram diversas caminhadas pelas ruas, mas a crônica se passa como apenas uma história. A pesquisadora, nas crônicas, será chamada de Bia. O objetivo das histórias é mostrar o modo como é possível perceber os espaços sem o sentido da visão, e assim, construir o sentido de lugar, suscitando as categorias apresentadas no referencial teórico.

Além das caminhadas nas ruas, foi solicitado aos participantes, em outro local, que se imaginassem percorrendo o trajeto e fossem narrando tudo o que se lembravam. Os percursos, que eram percorridos em aproximadamente meia hora, eram narrados em cinco minutos em média. A percepção são as vivências no tempo presente, e as memórias são compreendidas como as imagens mentais presentificadas. Sendo assim, ressalta-se que as imagens mentais são interpretadas como a construção do sentido de lugar, e estão sempre em metamorfose. Com o passar do tempo, novas percepções modificam as imagens mentais. O tempo também faz com que algumas lembranças caiam no esquecimento. As relações com os lugares se constroem e reconstroem. Certamente, a imagem mental dos trajetos seria consideravelmente diferente, caso fosse solicitada aos participantes em outro período, em outro dia.

Os participantes já realizavam os trajetos com frequência e construíam suas percepções, mesmo antes do início da pesquisa. Porém, tem-se consciência de que o simples fato de solicitar que relatem suas percepções, já as altera, pois as pessoas passam a prestar mais atenção ao seu redor. Sendo assim, sabe-se que as imagens mentais realizadas antes ou após as caminhadas são diferentes. Além disso, o tempo também é um fator que as influencia. Porém, o objetivo de relatar as imagens mentais dos participantes é demonstrar que estão presentes em suas consciências, independente do período e do tempo. Assim, demonstrar que é possível construir imagens mentais e relações com o lugar, independente do sentido da visão.

Os espaços públicos são percorridos em trajetos. À medida que se percebe, se cria familiaridade. A pessoa cria relações de afeto, podendo ser positivas, negativas ou neutras. As pessoas também fazem parte dos lugares por onde transitam. E assim, os sentidos e significados atribuídos aos espaços transformam-se com as experiências, com os dias, com o tempo. E, para compreender melhor essas relações, são apresentadas as crônicas dos personagens Lua, Mariano,

Liliane, Bárbara e Alice. Todos acompanhados por Bia, que busca compreender suas percepções e imagens mentais. Mas, Bia também percebe os espaços, percebe as percepções de outrem, e percebe suas próprias percepções. Sendo assim, as histórias apresentadas a seguir foram produzidas e interpretadas por alguém que também é percipiente. Dentre os cinco participantes da pesquisa, quatro fizeram trajetos percorridos no centro da cidade. A participante que não foi acompanhada no centro, não teve o local do trajeto revelado, por se tratar de sua casa. A seguir, na figura 3, é apresentado um panorama geral dos quatro trajetos do centro.

FIGURA 3 – TRAJETOS DA PESQUISA PERCORRIDOS NO CENTRO DA CIDADE



FONTE: A autora (2020).

Os trajetos estão representados por cores distintas: Lua pela cor azul, Mariano pela cor verde, Liliane pela cor rosa e Alice pela cor roxa. O trajeto de Liliane inicia no bairro Batel, fora dos limites do Centro. A linha pontilhada vermelha mostra os limites do bairro Centro. Foram enumerados oito pontos de referência, compreendendo as praças citadas nas crônicas, e o Terminal Guadalupe.

4.1 ENTRE ÁGUAS DE CHAFARIZES E A TRAVESSIA DO MAR

Verde metálico é a cor de seu nome. Lua é uma mulher que perdeu a visão aos 7 anos de idade, e, após 44 anos colore o mundo das palavras, das letras, dos lugares, com cores da imaginação. Não é de forma premeditada, intencional. As cores surgem na mente, involuntariamente, como se já estivessem impregnadas em cada som pronunciado. Mesmo sem ver, a poesia da linguagem repleta de formas multicoloridas permeia seu cotidiano.

Esse curioso modo de ver o mundo, mesmo sem ver, é chamado sinestesia. Lua, que, até então, não conhecia a denominação formal para o que passava em sua mente, pensava que era, em suas próprias palavras "uma loucura de sua cabeça", apesar de já ter conversado com outras pessoas cegas que relataram sentir o mesmo. Porém, as cores atribuídas por ela às letras, às palavras, eram diferentes das que seus amigos atribuíam. Certo dia, passou a tarde discutindo com uma amiga que insistia afirmar que seu nome, Lua, era vermelho, enquanto ela tinha plena convicção de que era verde metálico.

Qualquer pessoa poderia pensar que a discussão não faria qualquer sentido, já que não passaria do fruto da imaginação de ambas. Mas, até que ponto todas as criações e percepções humanas são produtos de nossa mente, e até que ponto são inerentes ao mundo, independente da percepção humana? Seriam as palavras a *priori* coloridas, tendo somente algumas pessoas recebido o dom de enxergá-las? Assim como as pessoas videntes rotulam Lua como deficiente, pela falta do sentido da visão, não seriam essas pessoas deficientes do sentido da sinestesia? Talvez, se cada um buscasse compreender o outro, as trocas proporcionariam novas formas de ser, estar e pensar (n)o mundo.

É assim que pensa Bia, uma estudante de Geografia, encantada pelas sutilezas da superfície deste geóide onde habitam os seres humanos, ao mesmo tempo que são habitados por ele. Apesar de adulta, não perdeu a curiosidade infantil de observar os detalhes que permeiam os lugares. Explorar os sentidos, conhecer as percepções de outras pessoas. Quando Bia conheceu Lua, achou fantástica a possibilidade de colorir as palavras e usar a imaginação para fazer dos espaços banais um caminho lúdico e cheio de vida. Quis aprender mais sobre as distintas impressões da cidade. Assim, propôs que caminhassem juntas para partilhar suas percepções das ruas e praças. O cotidiano de ambas passou a convergir-se em parte do dia.

Mas, antes de relatar os dias de andadura pelo centro da cidade de Curitiba, é instigante pensar nessa palavra, cotidiano. Tem gente que passa toda uma vida morando num mesmo lugar,

trabalhando no mesmo lugar e percorrendo o mesmo trajeto. Os hábitos adquiridos repetem-se, com uma pequena variação nos finais de semana, dias de descanso. Frequenta-se a mesma padaria, o mesmo restaurante, o mesmo posto de gasolina… Muitas vezes, os funcionários que trabalham nesses locais, apesar de serem vistos todos os dias, são tratados como meros desconhecidos.

Mas tem gente que nunca tem o mesmo dia a dia. Cada dia é uma nova aventura ao desconhecido. Novos lugares, novas pessoas, novos olhares. E cada um tem o prazer ao seu modo. A familiaridade traz a segurança de saber o que estará à frente. O costume rompe com o inesperado, com as surpresas. Criam-se laços, vínculos. Já os espaços não familiares, são sempre um encontro com o novo, a possibilidade da errância. Mas, no decorrer da vida, os cotidianos se transformam. Muda-se de endereço, de emprego, de modos de vida. Podem permanecer muitos anos sem alterar, como pode passar por repetidas mudanças, em um curto período de tempo.

E nesse devir, a pessoa pode deparar-se com a necessidade de transitar por lugares, já velhos conhecidos, que há muitos anos não se percorria. Lembranças de tempos mais longínquos são trazidas à memória e, inevitavelmente compara-se tempos mais remotos com o presente, comparando as mudanças materiais e imateriais do espaço. As transformações não são somente externas, mas também internas. Quantas experiências são vividas ao longo dos anos? Quantas aprendizagens, formais e informais… Tudo isso altera os filtros da mente com relação às percepções, alterando assim, a forma como os espaços são percebidos.

Lua cursa graduação em pedagogia. No momento em que precisou escolher uma creche para realizar um de seus estágios obrigatórios, não teve dúvida: foi o mesmo local onde seus filhos estudaram, há mais de 30 anos. Naquele tempo, residia em um outro bairro da cidade. Portanto, o trajeto percorrido a pé para a chegada ao local é bem diferente, devido aos distintos locais de paradas de ônibus no centro, advindos dos bairros. Apesar disso, o trajeto atual, Lua consegue percorrer em sua mente, como se estivesse percorrendo-o de fato. Durante toda sua vida em Curitiba, explorou a cidade por diversas ocasiões, a pé, sozinha ou acompanhada. Sempre atenta, foi construindo um mapa em sua mente, que consulta de súbito, sem a mediação de qualquer aplicativo no telefone celular.

Um ponto, naquele espaço dos arredores da creche, torna suas recordações sombrias. Literalmente um ponto, de ônibus. Certo dia, após deixar seu filho na creche, como de costume, dirigiu-se ao local, onde aguardava o ônibus para retornar à sua residência. Sem a companhia de

outros transeuntes, aquele local caracterizava-se pela pouca movimentação de pedestres, assim como o é, até os dias de hoje. Um homem dirigiu-se até ela para assediá-la e tocar seu corpo. Lua, perspicaz, transformou a extensão de seu corpo em objeto de defesa: começou a bater no homem com sua bengala. O homem foi embora. O evento durou apenas alguns instantes, porém, ao ter seu território corporal invadido, marcou o espaço e perdurou no tempo.

Mas, deixando de lado as questões do passado, retornemos ao presente. Lua preparava-se para iniciar o primeiro dia de estágio. Repassou em sua mente o trajeto que faria. Dentre as várias possibilidades, escolheu o que considerou que enfrentaria menos percalços. Sendo assim, percorreria apenas duas ruas em linha reta, formando assim um percurso no formato da letra L.

Combinou com Bia que se encontrariam na Praça Carlos Gomes. Antes de se encontrarem, cada uma fez o trajeto sozinha de suas casas até o centro da cidade. Quando se encontraram, Lua relatou para Bia os fatos ocorridos em seu percurso. Próximo à sua casa, em vez de o motorista parar no ponto, parou o ônibus bem à frente. Lua teve o trabalho de ir caminhando até a porta de entrada do ônibus. Deu bom dia ao motorista quando entrou, mas depois se arrependeu. Chegou ao terminal Boqueirão. Desceu do ônibus, que parou em um lugar diferente do habitual.

Uma pessoa ofereceu ajuda, perguntando onde ela desejava ir. Lua respondeu que desejava pegar o ônibus Ligeirão, sentido centro. O homem a acompanhou e a deixou na rampa, dizendo ser aquele o local. Entretanto, Lua sabia que não era ali, pois, ao longo dos anos percorrendo aquele trajeto, criou o hábito de sempre contar as aberturas referentes às entradas, como uma estratégia de localização. Então, passou a caminhar um pouco mais para frente, para chegar à entrada do ônibus que desejava, utilizando como referência um corrimão de ferro.

As pessoas que estavam no local passaram a empurrá-la para o ônibus mais próximo, dizendo “o ônibus está aqui”. Mesmo Lua dizendo que não iria entrar no outro ônibus, as pessoas continuaram insistindo a empurrá-la para aquele. Concluiu então, que as pessoas videntes pensam que as pessoas cegas caminham sem rumo pelas ruas, sempre à deriva. Apesar disso, riu da situação. Como podem pensar dessa maneira? Achar que qualquer ônibus serve? Como se a pessoa cega não tivesse um destino, um compromisso. Como se todos os lugares fossem indistintos, já que não se pode enxergá-los. São ideias tão incoerentes, que se tornam realmente cômicas.

Ainda rindo, mas seguindo a jornada, entrou no ônibus. Após meia hora, chegou ao seu ponto de desembarque, na Praça Carlos Gomes, Centro de Curitiba. As estações tubo são estruturas características da cidade, compostas de ferro e acrílico, em formato de um cilindro deitado. Na entrada da estação, há uma catraca e uma pessoa que cobra o valor da passagem de ônibus. Também há um sensor para debitar o valor da passagem, que, ao encostar o cartão de embarque, é emitido um sinal sonoro confirmando a cobrança. Assim, as estações tubo são locais de fácil identificação por seus sons característicos, além da intensa movimentação de pessoas ao longo de todo o dia.

Saindo daquela estação tubo da Praça Carlos Gomes, há algumas valetas sem proteção. Algumas vezes, quando estava só, Lua já caminhou em direção ao local, pessoas a desviaram, para evitar acidentes. Saindo da estação tubo e virando para o lado direito da praça há uma pequena escadaria, devido ao desnível do terreno. Descendo essa escadaria, e seguindo em frente, há o antigo prédio da Gazeta, local que abrigava a redação do jornal. O edifício histórico, ainda é referência no local e compõe a imagem mental de Lua, quando remete à praça, mesmo que durante o trajeto, não se passe em frente ao prédio.

Mas naquele dia, Bia a aguardava para acompanhar. Lua chegou e Bia estava ali aguardando. Encontraram-se, cumprimentaram-se e saíram conversando sobre a vida, os afazeres diários, a cidade, as lembranças e imaginações. Em meio aos diálogos, pausas de silêncio. Momentos em que cada uma encontrava-se absorta em seus pensamentos.

Na praça, há um lago artificial, com um chafariz. Os chafarizes não ficam todos os dias ligados. As fontes das águas ficam um pouco mais escondidas que os demais chafarizes, sendo que, talvez, nem seja adequado a denominação de chafariz. Mas o barulho das águas, por vezes, passa despercebido para a maioria dos transeuntes, como Bia. Há tantos sons na cidade que se fundem, como o motor dos carros, anúncios em alto falante, as conversas das pessoas, as músicas das lojas… Quem prestaria atenção em um simples som produzido pelas águas de um chafariz? Lua. Ela considera que o barulho de água acalma, dá uma sensação de paz. Assim, quando se aproxima das fontes, seus ouvidos já buscam pela tranquilidade efêmera dos instantes em que se caminha próximo às águas.

Obras que outrora foram fonte de abastecimento nas cidades, hoje possuem uma função estética. A estética ambiental ocorre também pelo som, que permite às pessoas julgá-los como belos ou feios, a partir de suas percepções. Naquele dia, fazia frio, como um dia típico na cidade

de Curitiba, quando se aproxima o inverno. “Deve estar ainda mais frio perto do chafariz”, comentou Lua. “Será que a umidade da água tem a capacidade de alterar o microclima no ambiente ao ar livre? Ou será que o som das águas e a imaginação de sua temperatura provocam a percepção de tal sensação?” Pensou Bia, que ainda não conseguira despir-se se seus pré-conceitos científicos, ainda que estivesse tentando praticar a redução eidética.

A praça é bem arborizada. O ambiente torna-se diferente das ruas por causa delas, com uma sensação de frio, um ar mais fresco. Lua perguntou quais eram os tipos de árvores que havia na praça. É engraçado como a gente sempre passa pelos ambientes e nunca têm a curiosidade de conhecer mais sobre eles. A história dos monumentos, os tipos de espécie vegetal, o motivo de estarem ali. A paisagem urbana torna-se uma mera coadjuvante naquele cenário onde as pessoas correm apressadas para o trabalho pela manhã, e mais apressadas ainda no final da tarde, para retornarem às suas casas e descansarem. Mas, retornando à questão das árvores, no momento, Bia não soube denominar as espécies. Em pesquisa posterior, descobriu que a praça Carlos Gomes possui a maior variedade de espécies de Curitiba, mais de 40[27]. Entretanto, uma das espécies, a que é encontrada em maior abundância, é possível identificar pela sensação tátil na sola dos pés. É uma espécie de palmeira, cujos frutos, pequenos coquinhos, caem e se espalham pelo chão.

Lua escutou os pássaros e comentou que, apesar de ser uma cidade tão poluída e tão difícil, ainda tem tantos passarinhos, tanto naquela praça, quanto na Osório, que faz parte do trajeto. Na praça também há muitas pombas. Ao escutar o bater de suas asas, Lua tem medo que elas façam “o que não deve” na cabeça. Ela lembrou que, uma vez, o passarinho a sujou. “Eles são mesmo sem vergonha! Não saem da frente da gente!”. Bia comentou que a hora que estava indo, quase foi atropelada pelos pombos. Eles estavam voando baixo, de encontro. Ela abaixou, e eles passaram por cima de sua cabeça.

Ainda na Praça Carlos Gomes, há uma banca de jornal, em que trabalha um amigo de Lua. Ela sempre passa na banca para comprar balas de café, suas preferidas. Entrando na banca, ele diz, brincando, “olá dona Maria!” ela responde “olá seu José!”. Assim, seguem o trajeto ao sabor adocicado do café. Além dessa, há outras bancas. Por volta de três de cada lado da praça. Lua lembrou que, há uns dois anos, após uma forte chuva, um rio canalizado que passa embaixo da praça Carlos Gomes fez com que o chão cedesse, abrindo uma cratera que quase engoliu uma banca de jornal, porém, não é a mesma banca que costuma frequentar. Ela disse que, na época, houve uma correria com o incidente, mas ninguém se machucou. Bia, como sempre, alheia aos

[27](VIEZZER, et. al., 2018, p. 379)

ocorridos citadinos, não se lembrava de ter ouvido falar do caso fortuito, embora já residisse na cidade. Mais tarde, quando chegou em casa, pesquisou a notícia na internet e constatou que o fato ocorreu dia 21 de junho de 2016, veiculado no jornal Gazeta do Povo[28].

A cidade cresce, e as obras humanas vão tomando conta dos aspectos naturais. Vão sendo empurrados para o lado, cobertos e recobertos pelo cimento, pelas estruturas. Ao longo do tempo, as pessoas vão se esquecendo que ali passava um rio. Nem conseguem imaginar como era a paisagem, antes de tudo ser transformado em asfalto. Mas, em um evento repentino, o rio resolve mostrar-se e revelar-se para trazer às pessoas a consciência de sua existência. Para alguns, mesmo que o rio não possa mais ser visto, ouvido ou tocado, suas águas submersas ainda correm sob os pés dos caminhantes, que pisam nos coquinhos caídos ao chão.

Na Praça Carlos Gomes, é comum encontrar músicos de rua. Uns dos mais encontrados por lá são os que tocam música peruana, com uma flauta de bambu, e vendem CD na praça. Também há outros, como um homem que, certa vez, montou uma bateria improvisada com latas e tambores. Por estarem ali com frequência, os sons que emitem acabam por compor a trilha sonora do caminhar, além da paisagem da praça, registrada na consciência de cada transeunte. Bia e Lua passam pelo músico pouco antes de atravessarem a Rua Marechal Floriano.

Lua se recordou-se de uma época de sua vida, que trabalhava em uma editora de Curitiba, localizada no bairro Batel. Para percorrer o trajeto de sua casa até o local, ia até a Praça Carlos Gomes de ônibus, onde fazia conexão para outro ônibus, cujo ponto fica do lado oposto ao que desce atualmente, no tubo do ônibus Ligeirão Boqueirão e não é uma estação tubo, mas uma estrutura coberta. Descendo ali, pegava um outro ônibus para seu trabalho. Os dois ônibus possíveis para chegar em seu trabalho partiam próximo de onde ela descia. Ela fazia um caminho um pouco maior, mas era o caminho que dominava, e, portanto, sentia mais segurança. Em um cotidiano vivido em tempos passados, que se realizava um trajeto em dias de semana, ficou registrado na memória, da consciência e do corpo. Quando se passa pelos mesmos locais, um período da vida que ficou para trás vem à memória, e subitamente, junto com ela, os sentimentos arraigados daquela época.

Chega o momento de sair da praça. Na rampa da esquina, há um piso podotátil alerta. Aos que não conhecem, é um piso de bolinhas, em alto relevo, que serve para indicar atenção à pessoa cega, indicando que, à frente, há uma rua ou um obstáculo. Entretanto, na praça não há o piso podotátil para auxiliar a caminhada que conduz às rampas de travessia. Lua comentou que seria

[28]Denk (2016)

muito bom caso houvesse esse piso, pois a praça é muito ruim de atravessar. A sinuosidade dos caminhos, a amplidão dos espaços, a falta de referências, contribuem para que seu adentrar não seja convidativo aos transeuntes cegos, que preferem contornar suas bordas no cruzamento de seus espaços.

Lua pensou nas estratégias que utiliza para caminhar sozinha pelas ruas e comentou com Bia. As pessoas cegas costumam utilizar sempre uma linha de referência para conduzir suas caminhadas. Quando não podem contar com o auxílio da pista tátil, um dos lados da calçada é adotado para tal. Algumas pessoas cegas preferem utilizar como referência a parede, chamada tecnicamente de alinhamento predial, opção que não existe nas praças, por serem espaços abertos. Já outras, preferem a beira da calçada, ou o chamado meio fio. Essa segunda opção é a preferência de Lua, embora ambas ofereçam suas vantagens e desvantagens. Uma vez, sua amiga relatou ter batido a cabeça em uma caixinha de luz e ter se machucado. Por isso, Lua considera que seria vantajoso haver pista tátil em todas as calçadas do centro, para que todas as pessoas cegas possam sentir segurança, ainda que saiba que muitas pessoas cegas são contra a sua instalação.

Ao atravessar a Rua Marechal Floriano, larga e movimentada, há as antigas e conhecidas Lojas Americanas. Lua se lembrou que, antigamente, comprava muitos DVDs lá. Tempos tão recentes que parecem tão distantes, já que hoje em dia, o aparato quase não existe mais. Foi substituído por novas tecnologias em que músicas e filmes podem ser acessados via internet. Na loja, tocavam uma música para atrair seus clientes. Será que a música realmente atinge sua finalidade? Bia questionou Lua se ela gostava de música em lojas. Ela respondeu “depende, tem horas que enche o saco”. Bia concordou. Diante de gostos tão variados das pessoas para os gêneros musicais, a estratégia pode atrair alguns, mas repelir os demais.

Passou um carro da polícia. Para os ouvidos de Lua, o barulho daquela sirene era muito feio. A estética sonora da cidade, que compõe a paisagem em movimento, incomoda ainda mais aos que são mais sensíveis aos sons. Mas aquele som não está sempre ali. Estava por acaso, naquele dia. Durou poucos segundos e se esvaiu na efemeridade que cruza um carro veloz.

No centro da cidade de Curitiba há diversos restaurantes a preços populares. É comum encontrar homens fazendo propaganda dos restaurantes em pontos estratégicos, de maior fluxo de pessoas, quando se aproxima o horário do almoço. Falam o nome do restaurante, o preço da refeição, o cardápio e abordam as pessoas nas ruas, entregando panfletos. Alguns utilizam apenas

a voz, já outros, agregam os mais diversos tipos de alto-falantes para ampliar o alcance de sua propaganda.

Bia e Lua passaram por uma dessas figuras, na esquina das Ruas José Loureiro e Marechal Floriano. Ele utilizava um microfone de telefonista, que fica preso à cabeça, acoplado a uma caixa amplificadora. Lua exclamou “Nossa, que som feio!”. Obviamente, após passar pelo homem, para que ele não ouvisse. Ela relatou que o ouvido de pessoas cegas é muito sensível, e aquele som é muito ruim. A caixa amplificadora que reproduzia sua voz tornava o som mais abafado, e a deixava mais fina, alterando o timbre. Lua teve a impressão que o homem era bem pequeno, com a voz bem pequena. É interessante como o som pode ser associado à forma. A imaginação novamente entra em cena.

Depois, atravessaram a Rua José Loureiro. Apesar de ser uma rua estreita, dois amigos de Lua já foram atropelados ao atravessar o local. Ela não estava presente, mas o infortúnio foi narrado posteriormente. Mesmo sem presenciar os fatos, o ocorrido vem à sua mente, associado ao local. Por diversas vezes, as pessoas passam a absorver as vivências de outrem, por suas histórias partilhadas. Os sentimentos, em relação aos fatos, também são partilhados pela empatia, pela intersubjetividade. Passando pelo local, os fatos são evocados, e se cria, no imaginário, tensões de circunstâncias não vividas.

Pouco à frente, um cheiro muito ruim, de esgoto, de fezes. Lua, que vive na cidade há mais tempo, considera que, antigamente, a cidade não tinha esse cheiro, praticamente constante, característico do local. Odor que emana do chão, e por sua perenidade é associado ao local como se fosse fixada uma característica intrínseca, colada. Os passos são apressados, para alcançar logo à frente um ar mais neutro que entre pelas narinas.

Na calçada, a areia que recobria o piso *petit pavet* recém consertado ajudava a absorver e a proteger a herança portuguesa que recobre nosso espaço público. A textura áspera sob a sola dos pés fragilizava a aderência ao chão, que fazia deslizar os calçados sobre os mosaicos branco e preto. Tendo em vista as outras calçadas, aquela estava em boas condições. Porém, parecia ser íngreme, de forma a causar a sensação de o corpo estar torto, ao caminhar sobre ela.

Na frente da loja chamada Cereais Mais, tocava uma música eletrônica, que ambas julgam desagradável. O som, definitivamente, causa repulsão, em vez de atrair, o que, pressupõe-se, ser a intencionalidade de quem o colocou. Ao lado, há uma loja de produtos naturais chamada Jardim das Ervas. Na calçada, em frente a essas lojas, o piso é diferente. Há uma elevação até a metade

do passeio, que Lua percebeu quando passou pelo local e apontou um certo desconforto. Ela disse que o piso é irregular, e dá impressão que são raízes de árvores, que costumam aflorar na pavimentação das calçadas.

Passou um menino de skate. Lua reconheceu pelo som, apesar de também pensar que poderia ser um patinete. As duas comentaram sobre um recente projeto de mobilidade, presente em algumas cidades do país, chamado *Yellowbike*. A empresa oferece bicicletas e patinetes para a população, que acessa o equipamento por meio de aplicativos para *smartphones* com *QRcode*. A pessoa que aluga o equipamento, ao completar seu trajeto, deixa-o em qualquer lugar da calçada. O recente empreendimento tem causado transtornos a pessoas com deficiência visual, quando se deparam com os modais em seu caminho.

Logo na esquina, há uma pastelaria e lanchonete, sempre com cheiro de pastel, alho e tempero, o que ativa o sentido gustativo, e dá aquela vontade de comer pastel em Lua. Ela disse que adora “pastel de vento”, cujo recheio sempre deixa a desejar. Os cheiros dos espaços privados invadem os espaços públicos e aguçam os paladares dos transeuntes, ativando o sentido gustativo, mesmo que o alimento não seja, de fato, consumido. Na frente do estabelecimento, um carrinho parado na calçada, para abastecimento do local com refrigerantes, atrapalhava a passagem. Barulho de pratos são é um som característico do local. Lua questionou a Bia: “você liga de comer nessas lanchonetes?” Bia respondeu: “eu acho meio sujo, mas eu sempre como”. Lua riu, gostou de sua sinceridade.

Atravessando novamente, na próxima quadra, há um prédio pertencente ao SUS, que fornece medicamentos de alto custo. Há sempre uma grande quantidade de pessoas, o que torna a calçada muito movimentada, devido à fila que extrapola os limites da entrada do prédio. O som comumente ouvido ao passar pelo local é o da senha que chama as pessoas para serem atendidas. Antes de atravessar a Marechal Deodoro, há uma farmácia São João, na esquina. Lua passou por lá e sentiu cheiro de produtos perfumados. Antigamente, o cheiro característico das farmácias era bem diferente, de álcool e éter. Os cheiros dos ambientes mudam, com o passar do tempo.

A rampa na esquina com as Ruas Marechal Floriano e Marechal Deodoro, ao lado da farmácia São João, foi considerada boa, sua inclinação e o piso podotátil alertam. Geralmente, quando a pessoa está sozinha, procura a rampa para atravessar. Lua, quando caminha sozinha, gosta de passar pela rampa, pois diz se sentir mais segura. Mas, como não é possível andar exatamente em linha reta, às vezes, na outra calçada, é encontrada a outra rampa para subir, mas

na maioria das vezes, não se chega na outra rampa. Na Rua Marechal Deodoro há piso podotátil ao longo de todo passeio, dos dois lados da rua. Na Rua Marechal Floriano, não há.

A Rua Marechal Deodoro é bem larga e há quatro pistas de carro. Lua disse que, toda vez que atravessa essa rua, imagina que está atravessando um imenso mar, com espuma branca. Ela riu, e achou ser uma "loucura de sua cabeça" esses pensamentos sem sentido. Bia achou fascinante, já que as imaginações, que poucos têm a coragem de revelar por não atribuírem a devida importância, possuem uma riqueza de sentidos que revelam as percepções. O filósofo Gaston Bachelard (1993, p. 45-46), em seu livro *A Poética do Espaço*, curiosamente revelou a mesma imaginação de Lua, na cidade de Paris, em que afirma conseguir "paz vivendo metáforas do oceano". O autor, que residia em um pequeno apartamento da cidade, em meio a seus devaneios, transformava os sons urbanos em um imenso mar agitado, ao ouvi-los de sua residência. Lua, provavelmente, não leu o filósofo. Isso só prova que até as mais insólitas imaginações podem cruzar-se na intersubjetividade de pessoas que viveram em tão distintos tempos, espaços e contextos.

A rua é larga e, por vezes, também suscita medo. Contou que, uma vez, estava atravessando a Marechal, junto com um amigo, também cego. Estavam segurando um no braço do outro. Uma pessoa se ofereceu para ajudar a atravessar a rua, do lado dela. Outra pessoa ofereceu ajuda a ele, ao mesmo tempo. No meio da rua, as pessoas perceberam que outro já os ajudava e consideraram que não era mais necessário os acompanhar. Então, ao mesmo tempo, ambas as pessoas os abandonaram lá. Lua perguntou ao seu amigo: tem alguém aí do seu lado? Ele respondeu: Não, e do seu? Ela disse: também não. Ambos ficaram sozinhos no meio da rua, assustados, por terem sido abandonados por seus acompanhantes anônimos. À deriva no meio do oceano, precisaram navegar desamparados, até atracarem no porto seguro da calçada. Mais uma memória que deixou a marca no lugar, ou lugar que deixou marca na memória.

Após atravessar o mar, na contínua subida pela Rua Marechal Floriano, sobre as cabeças dos pedestres paira uma marquise, que ocupa toda a quadra. Nela, estão instalados diversos condicionadores de ar, nos prédios comerciais do local, que geram pingos de água fria nos transeuntes. Por vezes, esses pingos são confundidos com chuva por Lua, que comenta com Bia "ihh, já começou a chover"… característica comum da capital paranaense, o que obriga a todos os moradores a saírem com um guarda-chuva em suas bolsas, mesmo que o tempo não aparente futuras precipitações.

Lua mencionou que os prédios têm um cheiro diferente das construções térreas, e fica perceptível ao caminhar pelas calçadas, passando pelas portarias cujas portas permanecem abertas. O cheiro não é ruim, mas faltam palavras em nosso vocabulário para especificá-lo. Não é possível explicar de que material emana, nem descrever de forma a tornar compreensível ao interlocutor. Na calçada, os cheiros dos espaços privados misturam-se. Pouco antes de chegar na esquina, o cheiro de peixe advindo da lanchonete aguçou o paladar novamente.

Antes de chegar na Rua XV, uma mulher tentava abrir a porta de uma óptica. A porta estava um pouco enguiçada e, ao tentar abrir, fazia barulho. Pelo som, Lua inferiu que era uma porta de madeira. Logo à frente, era uma porta de correr, dessas que levanta, identificada pelo som da abertura. Pelo fato de não enxergar, Lua identifica os materiais como, por exemplo, ferro, alumínio, vidro, pelos sons que emitem. Os sons, assim, implicam em sensações táteis, em que as texturas são apreciadas pelos ouvidos.

A partir desse ponto, há duas opções de trajeto. A primeira é continuar subindo a rua, e a segunda virar à esquerda, na Rua XV de novembro. Será narrado o trajeto na primeira opção, depois, será retornado a este ponto para narrar o trajeto pela segunda opção.

Primeira opção: seguir em frente

Bia e Lua continuaram subindo a Rua Marechal Floriano. Antes de passar no Banco do Brasil, há uma rua bem estreita chamada Cândido Leão. Mas, antes de seguir, as duas passaram rapidamente pela Biblioteca Pública Municipal. Lua considerou que o caminho mais rápido e curto para passar na biblioteca seria descendo a Rua Cândido Leão, pois não haveria a necessidade de atravessar a rua. Bia disse que seria mais fácil passar pela Rua Cândido Lopes, já que por qualquer um dos caminhos, seria necessário atravessar a Alameda Dr. Muricy. A diferença entre os dois trajetos é que, descendo a Rua Cândido Leão, não há faixa de pedestre para atravessar a Rua Dr. Muricy. Já na Rua Cândido Lopes, há faixa e semáforo de pedestre para travessia, embora não haja sinal sonoro. Essa quadra não possui um formato retangular.

Embora a maior parte das esquinas tenham o ângulo de 90º, a Rua Cândido Leão tem um traçado diagonal. O fato de essa quadra não seguir o tradicional formato de grelha causa confusão no mapa elaborado na mente de Lua. Ela diz que o formato das ruas é como se fosse uma forquilha. E complementa: “Então, daí a pessoa que não entende muito, ela acaba se perdendo,

porque ela pensa ‘como eu vim por aquela rua e só deu nessa, sabe? A gente tem que fazer tipo um mapa sempre, né, das andanças da gente.’ daí então a pessoa fica confusa ‘mas como que lá só tem uma rua e aqui tem duas?’”. Atravessando a Dr. Muricy, tem um estacionamento, com um piso podotátil na frente. Lua tem medo de passar na frente de estacionamento, já que os carros podem entrar e sair a qualquer momento, passando pela calçada.

O Banco do Brasil tem um cheiro diferente. Um cheiro de dinheiro, cheiro de banco, que dá pra sentir até do lado de fora. Na frente também tem pista tátil. Tem alguns pisos táteis soltos, que, quando se pisa em cima, é possível sentir a movimentação. Ali próximo, também há uma farmácia, que tem cheiro de farmácia e toca música para atrair aos clientes.

Ao lado da Praça Tiradentes, do lado direito da rua, há diversos pontos de ônibus, que, segundo Lua, vão em direção ao Hospital Evangélico. Do lado esquerdo da calçada, há um mercado chamado Matriz, que Lua pensava ser o Mercadorama. Passou uma pessoa com deficiência, batendo forte a bengala, produzindo um som alto com suas batidas. Lua comentou que não gosta de bater a bengala muito forte.

A partir desse ponto, a Rua Marechal Floriano passa a se chamar Rua do Rosário. Lua considera aquele lugar bem feio. As calçadas são antigas, de *petit pavet* e têm a impressão de serem escuras. Quando o piso é velho, mesmo sendo da cor branca, fica mais escurecido pela sujeira e desgaste. Naquele ponto, há um polo da Uninter, que serve como referência.

Passou o ônibus chamado Ligeirinho, de menor porte, que faz menos paradas que os demais ônibus, por isso ganha esse nome. Lua reconheceu pelo som. Ela afirmou que, em algumas situações, consegue identificar o som do ônibus, mas em outras, confunde como som de caminhão. A rua, onde passava o ônibus, era a Alameda Augusto Stellfeld.

No final da Travessa Nestor de Castro há uma curva para a esquerda. Bia e Lua atravessaram na faixa de pedestre, no local onde a rua faz a curva, e caminharam alguns metros pela Alameda Dr. Muricy. Depois, atravessaram a alameda para acessarem a Rua Augusto Stellfeld. Lua disse que esse trecho, para ela, sempre foi muito confuso, e nunca conseguiu compreender. Ela não entende se a rua tem duas pistas.

Ao descerem a Rua Augusto Stellfeld, passaram por muitas pessoas em situação de rua fumando crack, todos sentados enfileirados, de ambos os lados da rua, por volta de 8 de cada lado. Além desse grupo, a rua estava deserta de movimento de carros e transeuntes. Passaram no

meio do corredor das pessoas, o celular que gravava a conversa da pesquisa foi guardado na bolsa. Consideraram que seria mais seguro alterar o trajeto.

Pouco à frente, pássaros cantavam nas árvores, do outro lado da rua. A filha de Lua dizia que os pássaros cantavam para ela. Assim, toda vez que ouve seus cantos, toma a afirmação como verdade e admira, e o som chama a atenção, mesmo que oriundo de espaços distantes. A calçada foi considerada desnivelada. Passaram por diversas casinhas antigas, de modelo que as portas e janelas possuem sua abertura bem próxima a calçada. Lua considera que aquele é o lado mais antigo da cidade.

Do outro lado da rua, trabalhadores da prefeitura cortavam a grama dos canteiros das calçadas. O som produzido pela máquina de cortar grama profissional podia ser ouvido à distância. Lua pensou que era o quintal de uma casa, mas percebeu ser uma máquina grande. Ao atravessar a Rua Desembargador Clotário Portugal, Lua disse que não gostaria de morar naquela localidade da cidade. Naquele momento, ela sentiu cheiro de maconha. Lua sabia que, no grande muro da verde creche estava escrito para não pichar, que as crianças agradecem. Na Alameda Cabral, onde viraram, a calçada é ruim também.

Ambas chegaram no destino à salvo, mas passaram por momentos de tensão e medo. Virar à esquerda, na Rua XV de novembro, teria sido a melhor opção. Como teria sido a continuação dessa história?

Segunda opção: virar à esquerda

Vira-se à esquerda. A Rua XV de Novembro é um ícone da cidade. Um calçadão, fechado para carros, pois seu uso é exclusivo de pedestres. Um verdadeiro centro comercial, com variadas lojas de ambos os lados, garante intenso movimento de pessoas e seus cheiros de perfumes, ao longo dos dias úteis. Nas laterais, há bancos e floreiras, elementos característicos da paisagem curitibana. São estruturas de ferro e madeira, redondas, que sustentam grandes vasos de flores coloridas. Também há bancas ao longo do calçadão. Algumas vendem flores, outras vendem jornais e revistas e outras, com café, sucos, salgados e doces. Certo dia, passavam pela rua e Lua perguntou que som era aquele. Era uma máquina de café expresso.

Para caminhar, é usada a pista tátil, que perpassa todo o meio do calçadão. Nessa pista, há trechos com piso antigo, com ondulações menos salientes, e se assemelham a uma esfregadeira.

Em outros, foi substituído pelo piso tátil novo, que em vez de ondulações, são faixas largas e salientes. Há vários pisos soltos, faltantes ou buracos. Lua contou que, às vezes, caminha e se perde da pista tátil, é preciso reencontrar, tateando com os pés sua saliência. Por isso, o novo modelo de piso é mais fácil ser encontrado.

Na lateral da XV, há diversas lojas, e os prédios fazem sombra. No meio, onde passa a pista tátil, há poucos pontos com sombra. Quando Lua está sozinha, prefere ir pela pista tátil sempre, pois, além de sentir-se mais segura, a pista conduz às rampas de travessia, que oferecem mais conforto. Assim, é possível andar mais rápido e, por isso, Lua comentou, rindo "a gente vai que vai. Fecha até o olho".

Quando está acompanhada, Lua sente-se segura de ir pela lateral, onde existe um fluxo maior de pessoas, além daquelas que ficam paradas, conversando ou olhando as vitrines. Às vezes, também há pessoas paradas em cima da pista tátil. Lua comentou que, quando está sozinha, bate nas pessoas de propósito para elas saírem. Porém, nem todas as pessoas cegas são favoráveis à construção de pistas táteis. Alguns afirmam que "cego não é trem para andar no trilho", argumentando que a pista restringe a liberdade de explorar novos caminhos.

É comum encontrar músicos de rua no calçadão da XV de Novembro. Lua comentou que gosta de ouvir música no centro, onde, geralmente, estão os músicos de rua. Um homem cantava em inglês. Lua riu de sua pronúncia, pois o homem tentava pronunciar todas as palavras corretamente, dando um caráter artificial às palavras. À frente, dois músicos, um tocava baixo e o outro percussão. Um outro homem, solitário, tocava violino. A dupla de exploradoras da cidade desviou o trajeto, distanciando-se da pista tátil, em direção a linha predial, para passarem mais próximo e poderem ouvir o som. Mas nenhum desses músicos alegrou tanto os ouvidos de Lua quanto o homem que tocava sanfona, seu instrumento preferido. Cantou junto, enquanto caminhava, colocando letra no som instrumental. Disse que dá vontade de ir cantar com eles.

Mas os sons da Rua XV não são apenas músicas. Na loja de calçados, um trabalhador anunciava os preços das mercadorias, em um microfone, enquanto incitava aos transeuntes a não perderem as promoções. Outra loja, em vez de veicular suas promoções, apostou na estratégia de colocar música para atrair seus clientes. Com a caixa de som voltada para o espaço público, o comércio disputa o território sonoro com tantos outros que desejam ser ouvidos. Nem sempre os sons ouvidos nos espaços públicos são para fins comerciais, como um homem que passava com um apito na boca, assoprando e emitindo som, sem uma motivação aparente.

No meio dessa rua, há um chafariz de formato redondo. “Chafariz. Ai, o barulho de água, que gostoso. Dá uma sensação tão boa, né? Ouvir água”, disse Lua. Pelo som, causa a impressão em Lua de que esse chafariz tem mais água que o primeiro do trajeto, da Praça Carlos Gomes. Entretanto, nesse, os pedestres passam ao lado, enquanto no outro, os caminhos da praça estão distantes da fonte. No chafariz da XV, não há uma proteção, apenas uma borda mais elevada, com cerca de 30 centímetros de altura. O som mais próximo amplia sua intensidade.

A pista tátil segue reta por todo meio da Rua XV. No momento que se depara com o chafariz, que fica bem no meio da rua, contorna-o por um dos lados, fazendo o desvio por volta de 1 metro antes de chegar em sua borda, indicando o desvio por um piso alerta. Do outro lado, não há piso tátil indicando o desvio. Por quê? Lua considerou que deveria haver pista tátil contornando por ambos os lados do chafariz, assim, a pessoa teria a opção de escolher por onde deseja seguir. Lua contou que muitas pessoas cegas utilizam como referência as muretas, para tatear com a bengala. Um amigo dela, que se deparou com um chafariz, utilizou como referência a mureta ao seu redor. Por ser redondo, a pessoa deu a volta completa, contornando o chafariz. Sempre que passa por um, Lua se lembra dessa história e ri sozinha. Outros amigos cegos já relataram terem caído naquele local. Naquele dia, o chafariz estava sendo lavado e havia um cheiro muito forte de água sanitária. Ao redor dela, há vários canteiros, com gramado e flores. Lua considerou perigoso bater a canela ali.

Foi instalado um poste de ferro, fino, entre o desvio da pista tátil e o chafariz. Lua e Bia pararam para analisar o poste. Lua bateu com a bengala, tocou com a mão, analisando os riscos que aquele objeto poderia oferecer. Uma pessoa cega poderia seguir pela pista tátil confiante e, quando menos esperar, chocar com o poste. Lua e Bia discutiam, em tom de brincadeira, o que seria melhor: bater com a testa no poste, ou cair dentro do chafariz? Obviamente, ambas as situações resultariam em danos físicos e morais para a pessoa cega. A situação ideal seria que o chafariz estivesse posicionado em outro local, ou que houvesse a proteção adequada para evitar acidentes. No dia seguinte, por coincidência ou não, o poste já não estava mais no local. No chão, apenas a cicatriz de sua existência efêmera. Nunca se saberá se algum responsável pela instalação escutava o diálogo ou se, após instalar a haste, foi percebido que não se tratava do local mais apropriado.

Na travessia da Alameda Dr. Muricy, há um sinaleiro sonoro, que apita mais rápido no momento de o pedestre atravessar a rua. Lua teve a impressão que o som dos carros se

assemelhava ao som de água, quando estavam parados no sinaleiro e passavam a se movimentar, na abertura do sinal. Na hora da travessia, Lua percebeu muitos buracos no asfalto na faixa de pedestre.

Antes de continuar o caminho, um breve desvio no trajeto: uma passada pela Biblioteca Pública Municipal. Na esquina da Muricy com a XV, Lua se lembrou que havia uma loja da operadora de telefonia celular, mas não se lembrou se era da TIM ou da OI. Atualmente, é uma loja da agência de viagens CVC. É comum os estabelecimentos comerciais deixarem de existir, mudarem de endereço e surgirem novos. Assim, as rugosidades das sobreposições dos tempos, como fala Milton Santos (2008), não ocorrem apenas na paisagem, mas nas imagens mentais de cada pessoa que vivencia cotidianamente a cidade.

Logo naquela quadra, Lua disse à Bia que havia um ponto de ônibus, porém, Bia não percebeu. Na volta do trajeto, havia uma grande fila de pessoas no local. O ponto de ônibus não tem nenhuma indicação, como tubo, estrutura coberta, apenas uma placa.

Ao redor da biblioteca, o piso muda, fica mais liso. “É tipo uns tijolinhos, umas pedras”. Entre um piso e outro tem brechas grandes na junção. A textura se assemelha com ardósia. Lua teve a impressão da calçada ser cinza. Será que essa calçada é antiga? Era a dúvida dela.

A moça também se recorda que, em tempos mais remotos, naquele local, havia um telefone público com cabine, desses antigos, em que a pessoa podia entrar e fechar a porta. Nesse ponto, do outro lado da rua, há a escola onde estudou o ensino médio, na época, o supletivo. O nome da escola era São Vicente Palocci onde, atualmente, funciona a Uniandrade. Naquela época, ela morava no bairro Santa Felicidade. Na esquina da biblioteca, tem uma barraquinha de cachorro quente. Lua se lembrou, que quando estudava ali, no ensino médio, costumava comer cachorro quente e pipoca com suas amigas. Naquela época, esperava seu primeiro filho.

Em frente à biblioteca, tem cheiro de papel. Tem papel que é cheiroso. Na biblioteca, o piso onde que há na rampa de subida é diferente da calçada. A rampa, Lua tem a impressão de ser meio torta, na diagonal. Após passarem pela biblioteca, ambas retornaram o trajeto para a Rua XV de Novembro, descendo pela Rua Dr. Muricy.

Em frente ao *Bob's*, estavam carregando para dentro do estabelecimento um botijão de gás. Lua ouviu o som produzido pelo botijão e conseguiu identificar o objeto. O som do ferro oco, o líquido que balançava ao ser arrastado pelo chão áspero, trazia a sensação de diferentes materiais, que podiam ser tocados pela audição, espalhando as texturas por todo o corpo. Um

caminhão carregava cervejas em uma loja. A moça ouviu o som e confundiu com a porta se abrindo.

O prédio do Bradesco é famoso pelos eventos de Natal. Um prédio histórico, de esquina, com grandes portas e sacadas que, durante o período de Natal, vira palco de um coral infantil com músicas natalinas, assistido por um grande público, veiculado na mídia nacionalmente. Lua já foi assistir ao evento com sua família, mas Bia nunca o prestigiou. Quando há o evento de Natal no prédio do Bradesco, as pessoas cegas, que acompanham de dentro do bondinho, recebem uma audiodescrição. Lua não compareceu no evento no Natal, porém, seus amigos cegos relataram que os órgãos da prefeitura responsáveis ofereceram esse tipo de acessibilidade.

Bia fez uma descrição das características e cores do bondinho. O bondinho é todo de madeira, nas cores vermelha, verde e branca, escrito no meio o número 77. Lua conheceu o bondinho quando seus filhos eram crianças, há 30 anos. Ela contou que sempre ouvia falar do bondinho e tinha curiosidade em conhecer. Um dia, foi passear com seus filhos no centro, como sempre costumava fazer, e eles filhos lhe mostraram o bondinho. Entretanto, naquela época, estava fechado, não era possível entrar.

Lua perguntou se aquele era o trem original que circulava pela cidade. Bia não sabia responder. Em pesquisa posterior, na internet, foi encontrada a informação de que o bondinho nunca chegou a circular na capital paranaense, mas foi comprado da cidade de Santos-SP, no ano de 1973, com a finalidade de oferecer recreação para as crianças, enquanto seus pais faziam compras. Atualmente, funciona como bondinho da leitura, abrigando uma pequena biblioteca no espaço público, com um funcionário, que trabalha para controle do acervo.

Um homem passou falando ao celular. Lua pensou que ele falava sozinho. Na XV, é uma cena comum as pessoas passarem falando sozinhas. Uma bicicleta passou em velocidade rápida. Ela percebe que havia uma caixa no bagageiro da bicicleta, pelo som do trepidar da roda, no chão irregular do *petit pavet* de pedaços faltantes, protuberantes e deslocados, sentidos por rodas de bicicletas e por solados de pés caminhantes.

O Café Avenida, também conhecido como Boca Maldita, é um ponto histórico e tradicional da cidade. A placa, em frente ao café, indica na legenda não se tratar de um café qualquer. Lua explicou a origem do nome: os aposentados reuniam-se naquele local para tomarem café, cerveja, e ficarem falando mal das pessoas e dos políticos. Por isso o nome Boca Maldita. Contou que já frequentou o local, mas ressaltou que nunca falou mal de ninguém.

Ao lado do banco Itaú, som de furadeira. Uma obra realizada no espaço privado, que extrapola seus limites e ações para o espaço público. Pessoas mexiam massa de cimento na rua para levarem até o local. Apesar de saber o que era, Lua imaginava mexendo uma massa de sorvete, e ficava com água na boca. “Aquele sorvete bem areento” com flocos de gelo na massa. Sabe-se que sentido olfativo aciona o sentido gustativo, mas Bia não pensou na possibilidade de o sentido auditivo evocar o gustativo. Mesmo sabendo que o som não se trata de um objeto alimentício, a partir da imaginação, a massa de cimento é transformada em massa de sorvete. Flocos de areia se transformam em flocos de gelo, e os sabores ficam à cargo da fantasia.

A pequena Rua Luiz Xavier fica paralela ao calçadão da XV. Pessoas caminham a pé, lado a lado de veículos automotivos, naquele pequeno trecho de rua, em forma de U. Passou uma moto e Lua perguntou se ali era mesmo uma rua, ou se a moto circulava pelo calçadão. Apesar de o calçadão ser um espaço destinado a pessoas que utilizam apenas o corpo como veículo locomotivo, sem extensões que acelerem seu movimento, esporadicamente, são encontrados carros, motos, carros-fortes, bicicletas e patinetes circulando pelo local.

Logo à frente, dois estabelecimentos são familiares à Lua, os quais ela tem o costume de frequentar e, portanto, de transitar pelos espaços públicos daqueles arredores. A Uninter é universidade que estuda. Apesar de não ter aulas naquele campus, Garcez, sabe da sua existência naquela localidade. Virando à direita, fica o consultório da dermatologista que ela frequenta. Assim, passando pelo local, recordou-se de outras vezes que trilhou aqueles caminhos.

Um exaustor de uma lanchonete, chamada Georges Sabor da Casa, produzia um som muito alto. Em meio a tantos sons, chamou a atenção dela. Entretanto, num primeiro momento, ela não distinguiu qual aparelho produzia aquele ruído e perguntou à Bia.

Na Praça Osório existem diversas árvores com copas bem altas. Lua sente um ar mais fresco. Um bando de pássaros sobrevoou a praça e a moça os reconheceu pelo som que produziam. Lua considerou aquele trecho um lugar bonito, um lugar apresentável. Diferente do Terminal Guadalupe, que considera um lugar muito feio.

Ela considera a saída da praça muito confusa, pois há diversas ruas, de ambos os lados, que confluem para a praça e não há referências para a locomoção. Ela disse que se perderia se estivesse sozinha, por isso, nesse caso, faria outro caminho para evitar passar pela praça, contornando, assim, pela Rua Desembargador Ermelino de Leão ou pela Rua Ébano Pereira, passando pela frente das Lojas Americanas.

Na mesma praça há uma feira, montada em alguns períodos do ano, em datas comemorativas, como Páscoa, Natal, inícios das estações do ano. Naquele período, estava ocorrendo a feira de páscoa. Havia coelhos de vários materiais: de pelúcia, de pano de *biscuit*. São barracas com a estrutura de ferro e lona, localizadas em ambos os lados dos corredores de passagem, e também contornam a parte central, ao redor do chafariz. Na feira, há artesanatos e uma área de alimentação com barracas de comidas típicas de diversos países e regiões do Brasil. Quando passou pela praça, sentiu o cheiro de comida e identificou alguns alimentos e bebidas, como, por exemplo, o cheiro de coco, café e chocolate quente.

Quando a feira é montada, as barracas ficam localizadas em cima da pista tátil. Nesse local, em vez de a pista tátil seguir pelo meio do corredor de passagem da praça, há um desvio para a lateral do corredor, fazendo uma curva para a esquerda, de modo que, quando a feira é montada, não é mais possível segui-la. Lua considera que deveriam fiscalizar para que não sejam montadas barracas em cima da pista tátil. Entretanto, talvez a pista tátil é que não foi construída no local mais adequado.

Ao passar pelo local, um saco plástico no chão fica preso em um dos pés de Lua. Ela caminha alguns passos com o objeto ainda preso e o sente. Sacudindo o pé, logo consegue se desvencilhar do objeto, que poderia provocar um escorregão.

O Chafariz da Praça Osório, localizado bem no centro da praça, possui uma grade de proteção na altura do peito. Ela indagou como era dentro do chafariz, e Bia descreveu. Lua perguntou se, no fundo do chafariz, havia grama ou cimento. Bia disse que era cimento. Caso fosse grama, a terra iria absorver a água. Lua concordou. No meio do chafariz há uma grande estátua, e na volta, outras estátuas menores. São anjos segurando jarros, com água jorrando. No meio, há estátuas de cisnes. O som produzido pelas águas do chafariz poderia servir de referência na praça que, para Lua, é tão confusa, mas não está sempre ligado.

Antes de atravessar a rua e subir para a Alameda Cabral, há uma pista tátil. Entretanto, a pista está naquele ponto específico, e não circunda toda a praça. Do lado direito dessa pista, a estrutura do ponto de ônibus pôde ser pressentida por Lua, ao ouvir as vozes de poucas pessoas que, corriqueiramente, estão ali sentadas.

Logo ao lado, há um sanitário público pago, com uma catraca na entrada. Lua, ao ouvir o barulho da catraca, e pensou que fosse uma estação tubo. Bia disse que ali não há estação tudo, mas e olhou e não conseguiu identificar, de imediato, de onde vinha o som da catraca. Eis que,

de súbito, percebeu a presença dos banheiros. Mesmo após caminhar tantas vezes pelo local, nunca havia reparado que ali havia aquela infraestrutura urbana pública. Se tivesse conhecimento, em outras ocasiões, poderia ter utilizado. O conhecimento da cidade é vantajoso, à medida em que se necessita de algo, sabe-se onde encontrar.

A Rua Cândido Lopes, que Bia e Lua atravessaram, ao lado da praça Osório, é tão silenciosa e calma que Lua nem se dá conta de que está na rua, pensando que aquele espaço ainda fazia parte dos contornos da praça. Ao chegarem na Alameda Cabral, o ponto de referência de Lua, no início da rua, é a livraria espírita, que fica localizada bem na esquina. Entretanto, outras vezes que passou pelo local, pediu informação para algumas pessoas que transitavam pela praça, e nenhuma soube informar onde ficava a livraria.

Na mesma esquina, do outro lado da rua, há um bar chamado *Stuart*. É o bar mais antigo da cidade de Curitiba, ainda em funcionamento. Um homem cantava animado, enquanto trabalhava. Ela se lembrou de uma época que frequentava bares e gostava de comer porções de mortadela temperada e linguiça. Ao chegar naquela calçada, o piso parece um pouco melhor. Lua perguntou qual o nome. Bia respondeu: *petit pavet*. É o mesmo que está em grande parte das calçadas da cidade, inclusive em toda a Rua XV. Entretanto, em alguns locais, o desgaste do tempo ocasiona desníveis, buracos e irregularidades. Naquela esquina, há um estacionamento, onde o som se propaga de forma diferente, por ser um espaço aberto.

Ao atravessar a Alameda Carlos de Carvalho, há uma rampa para pedestres entre a calçada e a via, que é considerada muito íngreme. Acima da rampa há um pequeno buraco. Dependendo do calçado que se usa, com sola mais fina, é possível perceber mais as imperfeições da calçada. Na esquina, há um prédio com uma garagem embaixo. Lua pensa ser uma escola, devido ao eco da garagem. Segundo ela, o som sai dali “espalhado”.

Na Rua Cruz Machado, esquina com a Alameda Cabral, há um chafariz, cujas fontes de água estão na parede, ao lado da calçada, e estão costumeiramente ligadas. Da primeira vez que Lua escutou o barulho de água naquele local, pensou que fosse um bueiro. Ela sabia que, no local, havia um chafariz, mas havia se esquecido. Bia descreveu-lhe o chafariz. Há azulejos brancos e a parede pintada de azul. Em cima de cada fonte, há um trecho da música “As mocinhas da cidade” e, no centro do chafariz, há uma fotografia dos artistas, gravada nos azulejos, escrito na cor azul. Há quatro fontes de água e, em cada uma delas, há um trecho da música “as mocinhas da cidade”, com desenhos do sol e da lua embaixo das escrituras. As águas

escorrem das fontes para uma prateleira com água, e logo em seguida, escorrem para a parte mais baixa do chafariz.

O nome do chafariz, *As mocinhas da cidade*, em homenagem à música gravada em Curitiba, em 1950, pelos cantores Nhô Belarmino e Nhá Gabriela, uma dupla de cantores famosa na cidade. Lua conhecia os cantores há muitos anos, e gostava de suas músicas. Ela contou que o nome artístico do casal não era o mesmo. O nome verdadeiro de Nhá Gabriela era Júlia, o de Nhô Belarmino, ela não se lembrou. Tateou o chafariz e reconheceu, com a bengala, os locais onde não podia alcançar com as mãos. A partir desse dia, nunca mais esqueceria o chafariz. Foi um evento marcante tanto pela apreciação das águas, quanto pela apreciação da dupla de cantores.

A Rua Cruz Machado é um local difícil e perigoso de atravessar. Bia e Lua aguardaram para atravessá-la. Não há semáforos para pedestres, nem tempo destinado para atravessarem a rua. Abre o sinal para os carros seguirem reto, pela Rua Cruz Machado e, quando fecha, abre o sinal para os carros da Alameda Cabral virarem à direita. Além disso, é uma rua larga. Em ruas estreitas, é possível atravessar rápido, já em ruas largas, não. A cidade parece que foi projetada somente para os carros. Uma bolha de espaço privado que se movimenta pelo espaço público, cujos vidros fechados não deixam romper a película que separa da alteridade.

Logo depois, há uma calçada com uma escada ao lado, para acesso às lojas. Entretanto, a escada de cimento não está no espaço privado das lojas, mas sim, no espaço público do passeio. Bem ao lado da escadaria, há uma placa de trânsito, um poste de cimento quadrado e uma lixeira. Esses elementos estão posicionados de maneira que resta pouco espaço para a passagem do pedestre, já que a escadaria encontra-se do lado da linha predial.

Do lado direito, relíquias que ressoam ao serem tocadas. Estavam organizando a loja e, no momento que Bia e Lua passaram, o barulho de objetos de vidro, como copos ou taças, causara a impressão em Lua de ser uma lanchonete. Bia disse que era um antiquário. Lua, que não conhecia a palavra, associou com a palavra aquário. Seria uma loja que vendia peixes? Bia disse que antiquários são lojas que vendem objetos antigos. A moça passou a matutar sobre a palavra. Geralmente, uma palavra que começa com o prefixo “anti” significa o oposto, o contrário. Mas esse não é o caso da palavra antiquário.

Lua perguntou quais outros comércios havia daquele lado da rua, seu trajeto corriqueiro. Bia disse que, ao lado do antiquário, havia uma sapataria chamada Oficina do Tênis, e um Cabeleireiro Afro. Lua lembrou-se que havia uma propaganda da sapataria Oficina do Tênis na

rádio que escutava, sendo o lugar, seu velho conhecido, mesmo sem saber a localização. Uma pessoa em situação de rua caminhava com um carrinho, em cima, um frigobar com várias latinhas dentro. O homem parou o carrinho e as latinhas fizeram barulho, que Lua reconheceu.

Na quadra que alcança o destino de Lua, a calçada é muito ruim. Não é lisa, possui muitas saliências e buracos, formados por pedras que se desprenderam do piso *petit pavet*. Outras pedras, ainda que não removidas de seu local, estão soltas, provocando um balançar involuntário do corpo ao pisá-las. Ela atribui ao fato de ser uma calçada antiga. Dependendo do calçado que se usa, é possível perceber tais irregularidades com maior sensibilidade.

A moça imagina que essas calçadas são todas escuras, apesar de saber que formam desenhos, alternando as cores branca e preta. Lua lembrou-se que brincava, quando criança, de pisar só em uma das cores, e que os desenhos eram redondos, e exclamou: “Que saudade. Nossa, é antiga essa calçada, hein?” E complementou “É engraçado que eu lembro muito de quando eu enxergava. E olha que faz 43 anos.” Questiona a Bia se o desenho daquela calçada também é redondo. Bia respondeu que aquele tipo de pavimentação de calçada é comum na maioria das cidades grandes do país, e possui vários tipos diferentes de desenhos. Alguns são regionais. Na cidade de São Paulo, por exemplo, é comum encontrar uma abstração do mapa do estado. Já em Curitiba, é comum a representação do pinhão. Lua também se lembrou que o asfalto é escuro, e tem faixa branca e faixa amarela, mas não se lembrava o que significava. Bia disse que a faixa de pedestre é branca e a faixa amarela é a que fica no meio da pista, e representa os locais onde é permitida ou não a ultrapassagem.

Na esquina da Saldanha Marinho com a Alameda Cabral, há um constante cheiro muito ruim, de esgoto. Uma observação de Lua é que, na travessia dessas ruas, não há rampa. Ela considera que é por ser uma parte antiga, antigamente não pensavam muito na acessibilidade. De repente, Lua ouviu um distante som de um grilo. Ambas pararam na esquina e apreciaram o som por alguns instantes. Não conseguiram identificar sua direção e origem. Lua achou interessante ouvir o grilo cantar naquele horário, já que esses insetos possuem hábitos noturnos.

Ao lado da creche, está o teatro da Federação Espírita. Na época em que os filhos de Lua estudavam na creche, os eventos comemorativos, como dia das mães, dia dos pais festa junina, festa de fim de ano, aconteciam no espaço do teatro. Nesse teatro, trabalha um homem, locutor de rádio, que, segundo Lua, tem a voz muito bonita. Um homem passou falando sozinho. Lua achou que, pela voz, ele deveria estar bêbado.

Um grande caminhão estacionado foi percebido por Lua. Ela sabia que havia alguma coisa grande ao seu lado, mas não sabia o que era, e perguntou à Bia, que também questionou como era possível perceber. Lua disse que percebe pelo som e pelo vulto. Dentro de casa, não percebe a diferença entre claro e escuro. Porém, fora de casa, percebe o amarelo do sol.

O cheiro de comida, proveniente de restaurantes próximos, começou a aguçar o paladar. Especificamente cheiro de churrasco, que provoca a vontade. Entretanto, ambas não identificaram nenhuma churrascaria próxima ao local. Lua disse que, lá próximo, havia um restaurante chamado chimarrão, que ela sempre ia lá com seus filhos quando eram crianças.

Chegaram ao destino. Após a caminhada, Lua considerou que esse trajeto é melhor que o realizado anteriormente. Por ser mais movimentado, por causa da praça, da feirinha, da universidade, da Rua XV de novembro, tornando-se menos perigoso que o outro. Além disso, aparenta ser um pouco mais curto, pois o caminho é na diagonal, em direção à escola. De acordo com o *Google Maps*, o trajeto da praça Carlos Gomes até a creche, pela Rua XV de Novembro tem 1,2km. Já o segundo trajeto, em formato de "L" possui 1,4km. De fato, o segundo trajeto possui 200m a menos que o primeiro. Na calçada, em frente à porta da creche, as mulheres lavavam as escadarias e a água escorria, formando poças. Para desviar da água, que é indetectável com a bengala, Bia avisou Lua os momentos de dar um passo maior, ou de pular, para não permanecer com os pés molhados ao longo do dia.

Ao final da caminhada, Lua concluiu "pena que tudo passa nessa vida, bom, tem que passar, né, na verdade. Mas vai deixar saudade, né, desse tempo que a gente tá passando junto é tão bom, bem legal. Sabe, essas coisas assim, tem momentos que parece que não sou eu que tô vivendo. Como a vida da gente, assim, muda, né, os momentos. Daqui a pouco a gente tá indo em outro lugar, daqui a pouco... a gente já não faz mais isso..."

A seguir, é apresentado um croqui, (Figura 4) no qual o trajeto percorrido é representado pela linha vermelha pontilhada, os pontos citados fotografados ao redor do mapa. Uma linha liga o ponto no mapa com a fotografia tirada dele, na lateral.

FIGURA 4 - CROQUI DO TRAJETO DE LUA



FONTE: A autora (2020)

4.1.1 A imagem mental antes e depois do trajeto: O que ficou da experiência

Lua já havia percorrido o trajeto narrado na crônica em diversas ocasiões, ao longo de sua vida, tanto pelo primeiro percurso, subindo a Rua Marechal Floriano, quanto pelo segundo, passando pela praça Osório. Ela também já percorreu aqueles trajetos em partes, quando necessitava ir a lugares naquele percurso, como, por exemplo, ao médico, à universidade, à igreja. Entretanto, apenas quando foi iniciada a pesquisa, que o trajeto completo passou a fazer parte de seu cotidiano. Antes de iniciar o passeio acompanhado, foi solicitado que fosse relatado o "percurso mental", ou seja, para que ela se imaginasse realizando o trajeto, e fosse descrevendo detalhadamente o que encontrava no percurso.

Essa gravação ocorreu dia 14 de fevereiro de 2019, por volta das 17 horas, na Biblioteca Pública Municipal. Para realizar o trajeto da Praça Carlos Gomes até a escola, existem diversas possibilidades de caminhos. Assim, é apresentada sua imagem mental em dois caminhos diferentes, conforme apresentado na crônica e, em seguida, a sua lembrança depois da experiência da pesquisa.

O primeiro trajeto, Lua disse que considera ser o mais longo, mas, caso estivesse sozinha, seria o trajeto que faria, por considerar mais simples, já que são apenas duas retas. Em sua narrativa, disse que desce do tubo Ligeirão Boqueirão, vira à esquerda, contornando o tubo. Passa pela praça, onde há sempre músicos de rua que tocam música peruana com uma flautinha e ficam vendendo CDs. Atravessa a Marechal e sobe a rua, sentido Praça Tiradentes. A calçada é ruim, e dá impressão que vai cair, devido aos desníveis, e às vezes, parece que a bengala fica no ar, como se, na calçada, tivessem lombadas. Passa pelas lojas Americanas, atravessa a José Loureiro, passa pelo CRE-Marechal[29] onde, sempre pela manhã, tem uma fila grande de pessoas e, às vezes, tropeça nelas. Dá uma sensação estranha, de que aquelas pessoas são muito carentes. Ali tem algumas lojas que não sabe o nome e um cheiro de pastel, que dá vontade de comer. Também tem perfumaria, com produtos de beleza, com cheiro muito gostoso que emana da loja. Porém, tem um esgoto na rua, sempre com cheiro muito ruim.

Atravessa a Marechal Deodoro, onde tem a pista tátil na esquina. Dá um pouco de medo de atravessar sozinha, pois é uma rua bem larga, mas, de manhã, é mais sossegado. Naquela quadra, tem um cheiro gostoso de pastel e de café. Ao passar pela Rua XV de Novembro, não se lembra ao certo se o sinal sonoro para travessia de pedestre está naquela rua ou na Alameda Dr.

[29]CRE significa Centro Regional de Especialidades.

Muricy. A pequena rua que se atravessa antes do Banco do Brasil, Lua não se lembra o nome. Acha que, talvez, seja Ermelino de Leão. A quadra do Banco do Brasil é bem pequena, e tem uma pista tátil. Daí, atravessa outra rua, que não se lembra bem o nome, mas acha que é Cândido Lopes. Aí, passa por uma farmácia, onde já fez compras algumas vezes, e tem um cheiro gostoso de farmácia. Passa pelo Mercadorama, onde também tem um cheiro bom de mercado. Essa rua é paralela à Praça Tiradentes, que fica do lado esquerdo, Lua sabe que, ali na praça, existem pontos de ônibus, que vão em direção ao Pilarzinho, Bom retiro e Hospital Evangélico.

Tem outra rua que ela não se lembra o nome, e fica paralela com a Saldanha Marinho. Ali, há um polo da Uninter. Ao atravessar aquela rua, tem um cheiro estranho. Ali, ficam diversas pessoas em situação de rua fumando maconha. A partir daquele ponto, a Rua Marechal Floriano passa a se chamar Rua do Rosário. Ali, há diversos estabelecimentos: uma casa de queijo, uma casa de fumo e um açougue. Todos esses cheiros ficam misturados e é muito ruim. A calçada ali é bem antiga e bem feia. Virando à esquerda, na Rua Augusto Setllfeld, Lua sabe que naquela rua passa o ônibus amarelo para o bairro Santa Felicidade. Ali próximo, também havia um polo da Uninter, chamado Divina Providência, do lado esquerdo. Para chegar até a creche, não se lembra exatamente quantas ruas atravessa. Naquela região, há prédios bem antigos, dá uma sensação de medo. Lua também sabe que, ali próximo, há um cartório e uma escola.

No segundo trajeto, na esquina das ruas Marechal Floriano e XV de Novembro, ao virar esquerda no calçadão, às vezes, Lua consegue encontrar a pista tátil e segue, mas é um pouco difícil encontrar. Outras vezes, utiliza a parede como referência do lado esquerdo. Ela sabe que há lojas, principalmente de calçados. A Rua Dr. Muricy é um pouco ruim, meio estreita. Ali, tem muitas pessoas, tem faculdades. Há o bondinho de madeira, que ela já tocou para conhecer. Do lado esquerdo, há o Palácio Avenida, do banco HSBC, antigo Bradesco, onde acontecem apresentações de Natal. Na Praça Osório, seu formato não dá pra diferenciar se é redonda, ou triangular. Normalmente, ali, ela precisa de ajuda, pois há ruas para a direita, para a esquerda e ela não consegue entender. Ali, há um chafariz, árvores, um cheiro bom, mas, infelizmente, tem muitas pessoas em situação de rua. Subindo a Alameda Cabral, há lanchonetes e prédios comerciais. A rua dá uma sensação de antiguidade, um cheiro que parece ser a parte velha da cidade. Acima, há o Teatro da Federação Espírita, onde Lua já assistiu peças e participou de eventos.

*****

Depois de encerrada a etapa do passeio acompanhado, Lua relatou novamente o que se lembrava do percurso. O relato, a seguir, ocorreu no dia 9 de outubro de 2019, na Biblioteca Pública Municipal, por volta de 16h. Com sua própria sugestão, ela representou as ruas com palitos de sorvete, (Figura 5) pelo trajeto que percorreu. Depois, colocou o dedo em seu ponto de partida, a praça Carlos Gomes e, à medida que foi percorrendo com os dedos os palitos que representavam as ruas, foi relembrando suas vivências durante o trajeto.

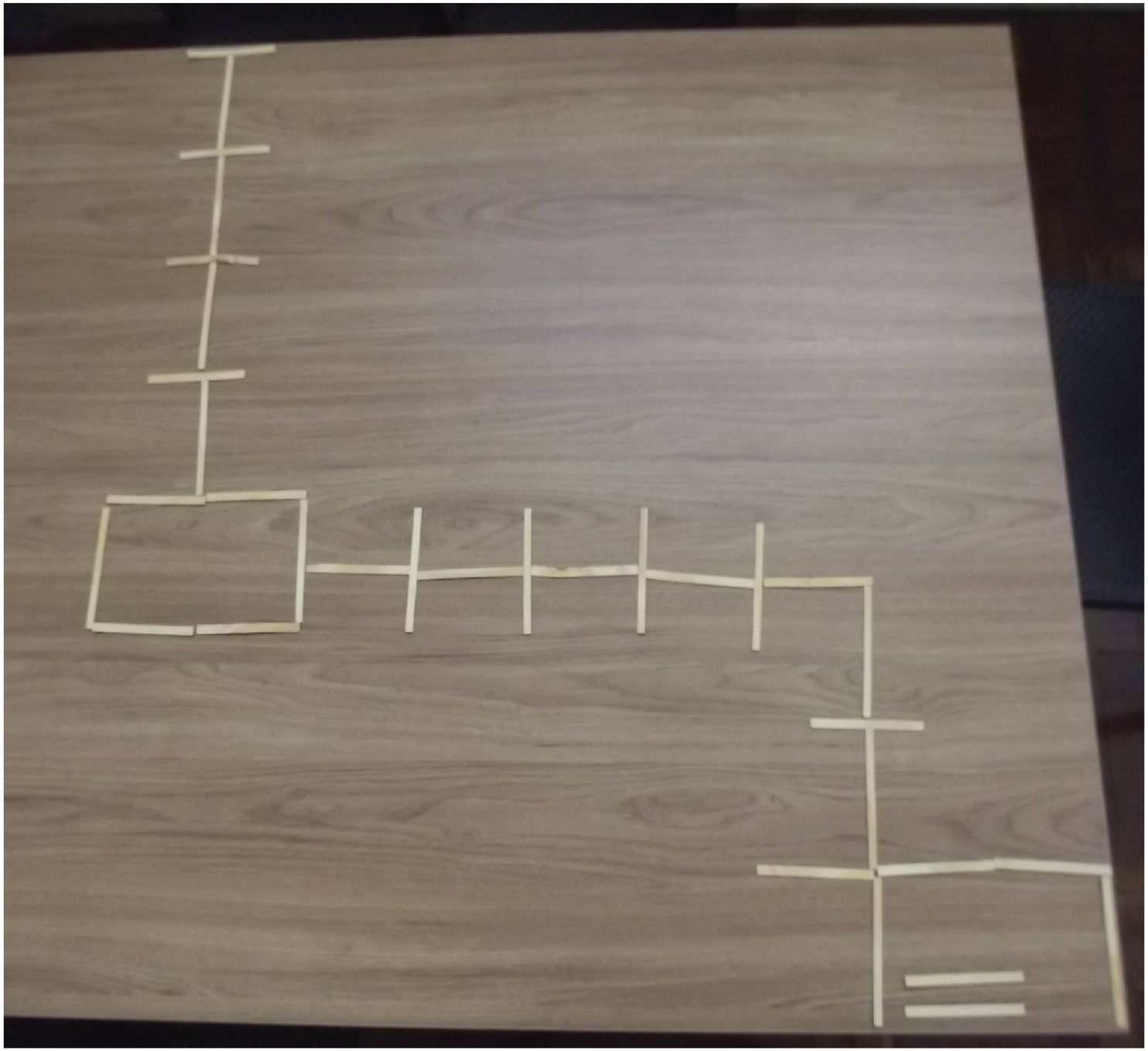
Lua lembrou-se que, na Praça Carlos Gomes, há a estação tubo, onde o pessoal sai do ônibus, e é aquele "vuco vuco" de gente, e o cheiro de pessoal que descia do ônibus. O tubo do desembarque, ela imagina ser a metade do tubo, já que o tubo de embarque, que fica ao lado, é o dobro do tamanho. Do lado direito, há Rua Monsenhor Celso, que termina dentro da praça, e geralmente, as pessoas usam como estacionamento. Ali, há o antigo prédio do jornal Gazeta do Povo e também uma antiga agência do Banco do Brasil, que não existe mais. Também havia vários passarinhos, e os coquinhos das árvores no chão, que Lua pisava e sentia na sola dos pés, ao caminhar por lá. Havia a banca de jornal, onde Lua sempre comprava balas de café.

Quando atravessava a Rua José Loureiro, havia cheiro de pastel, e um cheiro de esgoto. A fila da farmácia do SUS, e uma música, que sempre tocava ali. Vários edifícios comerciais. Na Rua Dr. Muricy, há o sinaleiro de pedestre, que fica apitando para a travessia. A impressão é que é uma rua bem estranha, meia velha, parece aqueles paralelepípedos antigos. Virando na XV, há o chafariz, cuja pista tátil faz a volta por um dos lados. Uma vez, estavam lavando e tinha cheiro de água sanitária. Na Rua XV, há lojas dos dois lados e diversos cheiros. Há o prédio do antigo HSBC, onde atualmente é o Bradesco, e as crianças cantam no Natal.

Passa pelo bondinho da XV, que hoje serve para leitura e, logo à frente, há o exaustor, que faz um barulhão. Na Praça Osório, tem um chafariz, a pista tátil pelo meio e pessoas em situação de rua, em quem, se não tivesse acompanhada, Lua acabaria pisando em cima. Também havia vários passarinhos. Existem outras ruas que terminam na Praça Osório, como a Luiz Xavier e a Carlos de Carvalho. Mas a rua que ela subia era a Alameda Cabral, do lado direito. Subindo a rua, havia a foto do Nhô Belarmino e da Nhá Gabriela, em uma parede, que ficava saindo água o tempo todo. Depois, passa pela loja chamada Oficina do Tênis, pela Rua Saldanha Marinho. No final da Alameda Cabral, chega-se na Rua Augusto Stellfeld, onde há vários passarinhos.

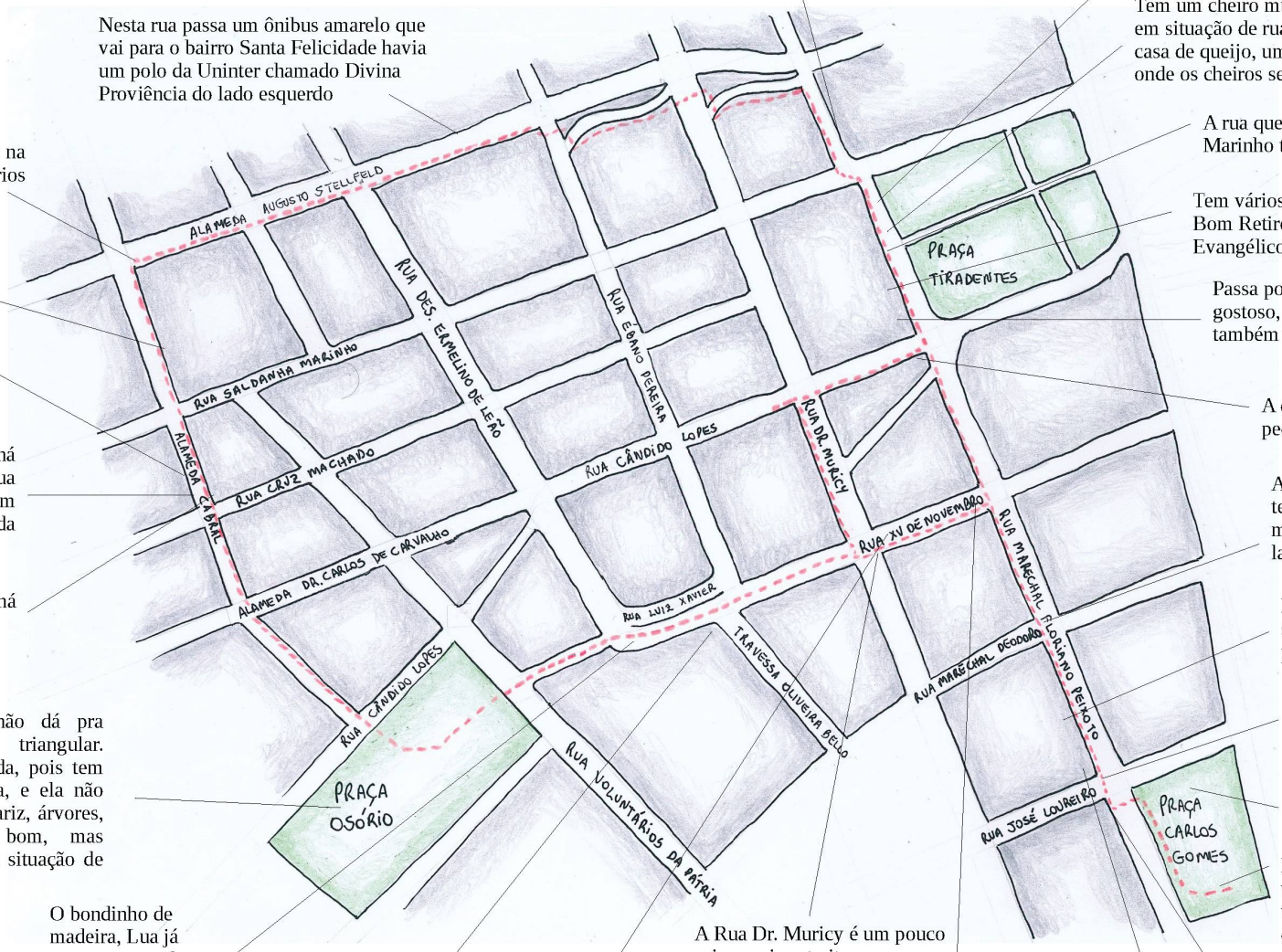
Também é apresentado um croqui, (Figura 6) no qual os pontos citados na imagem mental estão escritos ao redor do mapa, com o objetivo de localizar as referências.

FIGURA 5: MAPA DE PALITOS DE SORVETE



FONTE: autora (2020)

FIGURA 6 – IMAGEM MENTAL DE LUA



É uma região muito feia, com prédios antigos, da uma sensação de medo. Ali próximo há um cartório e uma escola

A Rua Marechal Floriano passa a se chamar Rua do Rosário

Nesta rua passa um ônibus amarelo que vai para o bairro Santa Felicidade havia um polo da Uninter chamado Divina Proviência do lado esquerdo

Tem um cheiro muito estranho. Tem várias pessoas em situação de rua fumando maconha. Tem uma casa de queijo, uma casa de fumo e um açougue, onde os cheiros se misturam

A rua que fica paralela com a Saldanha Marinho tem o polo da Uninter

No final da Alameda Cabral, se chega na Rua Augusto Stellfeld, onde há vários passarinhos

Tem vários pontos de ônibus que vão para o Bom Retiro, Pilarzinho e Hospital Evangélico

Teatro da Federação Espírita, onde Lua já assistiu peças e participou de eventos.

Passa por uma farmácia que tem um cheiro gostoso, e passa pelo Mercadorama, onde também tem um cheiro bom de mercado

Passa pela loja Oficina do Tênis e pela rua Saldanha Marinho

A quadra do Banco do Brasil é bem pequena e tem uma pista tátil

Subindo a Alameda Cabral, há lanchonetes e prédios comerciais. A rua dá uma sensação de antiguidade, um cheiro que parece ser a parte velha da cidade.

Atravessa a Marechal Deodoro onde tem uma pista tátil na esquina. Dá medo atravessar sozinha, a rua é bem larga

Tinha a foto do Nhô Belarmino e da Nhá Gabriela, em uma parede que ficava saindo água o tempo todo

Passa pelo CRE Marechal, onde sempre tem uma grande fila de pessoas, e as vezes tropeça nelas

Atravessa a José Loureiro

Na Praça Osório, seu formato não dá pra diferenciar se é redonda, ou triangular. Normalmente ali ela precisa de ajuda, pois tem ruas para a direita, para a esquerda, e ela não consegue entender. Ali tem um chafariz, árvores, vários passarinhos, um cheiro bom, mas infelizmente tem muitas pessoas em situação de rua.

Na praça há músicos de rua com a flautinha peruana

Desce do Tubo Ligeirão Boqueirão, vira a esquerda. É aquele “vuco-vuco”, e tem o cheiro do pessoal que desce do ônibus.O tubo do embarque é o dobro do tamanho

O bondinho de madeira, Lua já tocou para conhecer

A Rua Dr. Muricy é um pouco ruim, meia estreita

Lojas Americanas

Há o Palácio Avenida, prédio do HSBC, antigo Bradesco, onde tem apresentações de Natal

No chafariz tem a pista tátil que faz a volta por um dos lados. Um dia estavam lavando, e tinha cheiro de água sanitária

Na rua XV, às vezes consegue encontrar a pista tátil, outras vezes não, e utiliza a parede como referência do lado esquerdo. Tem muitas lojas, principalmente de calçados

Cheiro de pastel, e café dá vontade de comer, Também tem perfumaria com um cheiro muito gostoso, porém a rua tem um cheiro de esgoto muito ruim

FONTE: A autora (2020).

4.2 A CONSTANTE CONSCIÊNCIA ESPACIAL

Bia e Mariano encontram-se de manhã, no prédio da reitoria da UFPR. Após um longo período de férias, ele aproveita a oportunidade para reencontrar seus amigos, funcionários da universidade, e colocar as conversas em dia. Ele tem amizade com todos, tanto os terceirizados quanto os servidores, funcionários públicos. Mariano atribui esse fato à cegueira, que obriga a conhecer as pessoas por haver a necessidade de, sempre, pedir ajuda, informação. Por isso, não podem existir pessoas cegas tímidas. Não se conforma como quase todas as pessoas videntes passam quatro anos estudando naquele prédio e não sabem o nome de ninguém. Muitos até participam de movimentos sociais em defesa dos terceirizados, sem, ao menos, saberem quem são.

Assim, Mariano diz que caminha pelo centro da cidade com frequência e realiza trajetos pela Rua XV de novembro cotidianamente, ainda que não tenha uma obrigação a cumprir. Caminha pelo prazer de caminhar. Bia propõe que façam o trajeto daquele ponto até a Praça Osório, para que Mariano explique-lhe suas percepções sobre o espaço público. Antes de iniciar a caminhada, Mariano explica algumas questões que ajudam a compreender as percepções das pessoas cegas em relação aos espaços públicos. Primeiro, deixa claro que não existe uma regra absoluta para dizer como deve ser a mobilidade de pessoas cegas. Cada um cria seu próprio método, sua própria forma de andar, de ver a cidade, vivenciar as coisas. Bia diz que é justamente isso que busca compreender, as formas de vivenciar a cidade. O rapaz responde que, para isso, teria que perguntar a todas as pessoas cegas e, mesmo assim, não chegaria a um consenso, já que é muito peculiar. Por isso, não é possível generalizar as percepções, como se as pessoas cegas fizessem parte de um todo homogêneo.

Mariano inicia enfatizando que a noção espacial de tudo que está ao redor é imprescindível para caminhar nas ruas. Cada vez que se vira uma rua, é preciso atualizar, na mente, as ruas que ficaram para trás, e o que passou a estar à frente, à direita e à esquerda. Mas ele não faz isso conscientemente. Não é planejado, bem como os sentidos que utiliza como referência. Os sons, as sensações táteis, os cheiros também podem ser referências para a orientação. Às vezes, o barulho dos outros pedestres, com os sons dos calçados batendo no chão, orienta a pessoa cega. Não é pensado em que momento a pessoa cega vai ouvir os carros, os passos das pessoas, perceber as saliências no chão. Tudo isso acontece de forma instintiva. Talvez, nas primeiras vezes que uma pessoa cega sai na rua, fica pensando sobre seus atos, em

quais referências prestar atenção. Mas, com o tempo, tudo se torna muito automático. Mariano não vai prestando atenção no caminho inteiro conscientemente, pois, se agisse dessa maneira, seria desgastante caminhar pelas ruas.

A isso, Merleau-Ponty (2011) irá conceituar como memória hábito. São atos inconscientes, apreendidos pelo corpo, sem a necessidade de pensar no que se faz para agir. Assim, andar nas ruas, sozinho, para uma pessoa cega, não é um ato desafiador, não é um heroísmo nem um bicho de sete cabeças. Mariano sempre tem essa consciência espacial e, com isso, andar pelas ruas não é uma tarefa difícil. Existem coisas mais complexas. Porém, ele traz os atos inconscientes à consciência, para conseguir explicar à Bia de uma maneira tão didática, que ela passa a perceber o mundo de outra maneira.

O mapa da cidade, na mente, a pessoa vai construindo com o tempo. Essa é a diferença de quando se anda por lugares conhecidos ou lugares desconhecidos. Em lugares desconhecidos, a cada instante, é necessário pedir informações a pessoas videntes. Só que, todo lugar, foi um lugar desconhecido um dia. Então, ele teve que aprender tudo: os nomes das ruas, criar referências. Os cegos têm esse tino. É uma gíria que todos os cegos conhecem. Como diz Mariano, “é uma palavra que rola na cegolândia”. É o discernimento, sensatez, intuição, instinto de saber as coisas sem precisar ver. Às vezes, ele desvia de alguma coisa na rua e não sabe nem o que é. A pessoa não está vendo, mas deduz que tem alguma coisa na frente.

Até hoje, não inventaram um lugar onde cego não possa ir. Todo lugar é perfeitamente acessível. É possível ir a todos os lugares, apesar de alguns apresentarem mais dificuldades, outros menos. O que se quiser fazer sozinho, é possível. Basta ter coragem, não ter medo. As pessoas videntes costumam avaliar tudo como perigoso, colocando medo nas pessoas cegas para deixarem de frequentar lugares. Mariano sempre diz a seus alunos para não acreditarem em videntes, porque, para eles, tudo é perigoso e difícil. Ele incentiva a irem, explorarem, e tirarem suas próprias conclusões.

Ele também sabe que a cidade é composta por variáveis e constantes. As variáveis são pessoas, carros, banquinhas, coisas que não estão ali sempre. As constantes são coisas que estão ali a maior parte do tempo, mas não sempre. São coisas que são mais complexas de se removerem do local. Sua ideia é semelhante ao que o geógrafo Milton Santos (2008) denomina como fluxos e fixos. Talvez, o sistema de objetos, para uma pessoa que caminha a pé, adquira uma escala de apreciação dos detalhes, enquanto o autor analisa uma escala mais abrangente do espaço. Uma

referência fixa, para Mariano, poderia ser, talvez, um piso mais saliente na calçada. Quem é cego acaba não dependendo de nada, pois se sabe que tudo é muito mutável, e assim, não é possível criar um roteiro fixo, pois, cada dia, cada vez, é diferente, e cada pessoa vidente é diferente. É preciso estar aberto para mudar o roteiro, diversificar as possibilidades.

Algumas pessoas videntes formulam a falsa ideia de que a pessoa cega conta os passos para caminhar. Mariano ironiza “imagina se eu ia andar na rua contando 102, 103, 104...”. Isso seria um absurdo. Então, para isso que servem as referências, que são viáveis e possíveis de serem feitas. Enquanto uma referência, para uma pessoa vidente, parece ótima, para a pessoa cega, não é. Assim, não adianta a pessoa vidente querer ensinar mobilidade.

Toda vez que uma pessoa vidente oferece ajuda para acompanhar, Mariano mantém-se sempre com o ouvido atento, pois, em vidente, não se confia nunca, em hipótese alguma. Se vai atravessar a rua, tem que estar esperto sempre, o que o vidente está fazendo, para onde está levando, se tem um obstáculo que ele não vai falar. A maior parte das vezes que acontece de a pessoa bater em placa, em poste, acontece quando está com videntes e eles não avisam.

Nas palavras de Mariano, “o vidente se usa enquanto eles podem ser úteis. Mas a partir do momento que eles começam a ser inconvenientes – e eles são – se ignora”. Ele considera que não dá pra ir pela cabeça de vidente, pois se eles não confiam na pessoa cega, por que a pessoa cega também deveria confiar neles? E tem vidente que terceiriza a ajuda. Se a pessoa cega pergunta “sabe o nome dessa rua aqui?” na maior discrição, a pessoa em vez de falar que não sabe, dá um berro “alguém sabe o nome dessa rua?”.

Os dois iniciam a caminhada. Saem do prédio da Reitoria pelos fundos, na Rua General Carneiro. Na maioria das vezes, estão sentadas ali no canteiro que beira a parede, pessoas em situação de rua e guardadores de carros, que também são seus amigos. Mas, naquele dia não estavam. Na esquina, viram à direita, na Rua XV de Novembro. Mariano sabe que, tomando por base seu corpo, a Rua General Carneiro está atrás, a Rua XV de novembro está à esquerda, a reitoria está à direita, a rua paralela após a reitoria é a Amintas de Barros e, logo à frente, está a Rua Dr. Faivre. Chegando na esquina, na Rua XV de Novembro, o sentido dos carros é da esquerda para a direita. Ao dobrar à direita, segue o fluxo dos carros. O barulho do tráfego urbano acaba orientando também, mas não se pode fiar muito nisso. É uma referência variável. Há momentos em que a rua torna-se silenciosa, apesar de que, no Centro da cidade, o som dos motores é praticamente constante.

Chegando à esquina da Rua Dr. Faivre, para atravessar, ele não presta atenção nos carros que estão passando na Faivre, mas sim, nos carros que estão parados, do lado esquerdo na Rua XV de Novembro. Na hora que os carros começarem a andar, sabe que pode atravessar tranquilamente. Bia questiona: “mas os carros que estão vindo da XV não viram à direita?” Mariano responde: “dificilmente. E mesmo que eles virem, vão virar devagar, então não vai ter problema”. Aquela é uma das esquinas da cidade que Bia considera desconfortável ao pedestre. Não há momento para o pedestre atravessar. Quando fecha o sinal da Rua Dr. Faivre e abre o da XV de Novembro, os carros começam a virar à direita. O pedestre precisa ficar olhando para trás, os carros que estão dando seta, e atravessar em alguma brecha, mesmo assim, apressando o passo. Alguns carros não acionam a seta. Mas, Mariano atravessa com tranquilidade, sem medo, pois sabe que, mesmo que os carros virem, ao verem o pedestre, irão reduzir a velocidade ou parar.

Ao atravessar, Mariano, se estivesse só, utilizaria como referência a parede com a bengala. É muito melhor ir pro lado da parede do que pro lado dos carros, e não é porque é mais seguro estar longe dos carros, mas pela parede se sabe o tipo de estabelecimento tem em cada local, e assim, vai conhecendo a cidade. Com a visão, se consegue perceber mais longe, e com o tato, espaços próximos ou em contato com o corpo. Quanto mais perto se anda das paredes, mais há interação com o ambiente. Também porque, na linha predial, há mais referências, como escadas, degraus… As pessoas videntes pensam que é obstáculo, pensando que a pessoa cega vai bater na placa, enquanto a pessoa cega está procurando a placa justamente para se orientar, e, portanto, quer encostar ali.

A pessoa vidente consegue ver os dois lados da rua ao mesmo tempo: onde está caminhando e o outro lado. Então, a rua é concebida como única. Para a pessoa cega, o outro lado da rua é completamente diferente, e é concebido na imagem que formula do trajeto como um outro trajeto. Por vezes, um lado da rua é mais aberto, enquanto no outro, há mais paredes. Portanto, Mariano tem os dois caminhos na mente e sincroniza um com o outro para compreender como os dois lados da mesma rua, e não como duas ruas diferentes. Em alguns casos, a pessoa tem preferência por algum dos lados da rua, outras vezes é indiferente e se escolhe o caminho aleatoriamente. Por exemplo, quando tem praça, Mariano gosta de andar pelo outro lado da rua, para não passar por dentro da praça. Mas, ele ressalta que outra pessoa pode pensar diferente. Então, as preferências independem da deficiência. Não existe regra.

A Rua Francisco Torres está do lado esquerdo de Mariano, mas, ele sabe que por ali não há passagem, seria necessário dar a volta na quadra para acessá-la. Então, tem consciência das ruas e das quadras. A noção de que ele continua caminhando pela Rua XV e que a Rua Dr. Faivre, agora, está para trás, que se virar à direita e seguir reto, irá chegar na Rua Amintas de Barros. É lógico que, às vezes, a pessoa pode se atrapalhar, mas isso não será um problema. As pessoas videntes pensam que andar nas ruas sem enxergar é muito mais difícil do que realmente é. Essa percepção é muito distorcida, nesse ponto, porque ele não é capaz de ir de uma esquina a outra, sem enxergar. As pessoas que enxergam não percebem porque não têm necessidade. Uma vez que precisassem, conseguiriam ampliar a percepção tanto quanto as pessoas cegas.

Na próxima esquina, na travessia da Rua Mariano Torres, o espaço é aberto, devido à largura da rua com quatro pistas. A partir das sonoridades urbanas, é possível saber quando se pode atravessar. Pode ter uma pedra, uma ranhura, alguma coisa com a qual se acaba acostumando, e só de bater o pé, já se sabe em que quadra está. Chegando na Rua Tibagi, ele tem a noção de que, se virar para a esquerda, irá sair no terminal Guadalupe, a rodoviária velha. Se seguir reto, o teatro Guaíra está logo à frente. Ele sempre menciona o que tem a direita, a esquerda, mão dos carros, para qual direção é, os pontos de referência, o nome das ruas.

Bia, que o acompanha, prefere aguardar o sinal abrir para pedestre, mesmo que não venha nenhum carro, para garantir a segurança. Mariano diz que, se estivesse sozinho, já estaria do outro lado da rua. Mas essa não é apenas uma característica de Bia. Mariano chama atenção para o fato de que pessoa vidente de modo geral, para e olha para os dois lados antes de atravessar a rua. Às vezes, ele atravessa fora da faixa, e sabe, pois, dá para sentir no tato, na sola dos pés, mas não vai ficar sapateando na esquina para achar a faixa, então atravessa conforme consegue. Ele vem escutando os sons muitos metros antes de chegar à esquina. Vem se aproximando, ao mesmo tempo que percebe a aproximação dos carros.

A quadra que tem o teatro Guaíra à direita é um pouco chata, pois é muito aberta. Ao lado do teatro, há um grande jardim, onde não é possível utilizar a parede do teatro como linha predial. Mariano diz que as pessoas cegas não conseguem andar reto, então vai ziguezagueando. Por isso, precisa tomar cuidado para não perder o prumo, não perder a referência. Ali, é necessário utilizar o meio fio como referência, com a bengala, na rua e andando pela calçada, ou ir andando pelo meio.

A Rua Conselheiro Laurindo, Mariano confunde com a Rua Tibagi, mas logo em seguida se corrige. Ele sabe que, paralelo à Rua XV, do lado esquerdo, tem a Rua Marechal Deodoro. Também tem o mapa dessa rua na mente e sabe o que está à frente: lojas, comércios, facilidades e dificuldades do trajeto, e os encantos das ruas. Com todas essas informações em mente, decide qual caminho deseja seguir. Quando está com pressa, compensa ir pela Rua Marechal, que é melhor, um caminho menos moroso. Anda pela Rua XV, pois diz ser teimoso, mas na Rua Marechal Deodoro há mais formas de andar. Sua teimosia está relacionada à paixão pela rua. Ainda que a Marechal Deodoro ofereça facilidade ao caminhar, não possui os mesmos encantos que a Rua XV.

Na lateral da Praça Santos Andrade, Mariano diz que é fácil perder o prumo. Se dobrar à direita, chega no meio da praça, então precisa tomar certo cuidado. Ao lado do prédio histórico da UFPR, há uma pista tátil antiga, que considera terrível porque, se quiser ir mais para o lado direito, vem uma pessoa e empurra para o trilho de novo. Se volta, a pessoa insiste que ele deve andar por ali. A partir do momento que a cidade delimitou “essa aqui é a trilha do cego”, resumiram ele a um espaço. Onde tem a trilha, a pessoa não tem a liberdade de andar por onde quer porque vai aparecer um vidente que vai empurrar para a trilha de novo. Se as pessoas dizem “o teu lugar é no piso tátil” ele responde “quem falou? Meu lugar é onde eu quiser!”.

Passam por uma obra, logo ao cruzarem a Travessa da Lapa. Ele demonstra como aquele som estridente, emitido pela britadeira, atrapalha demais. Mas, entende que é um trabalho necessário, a cidade precisa de obras e não tem como não fazer. Naquela rua, há uma canaleta exclusiva para ônibus. É possível escutar o som de seus motores, antes de atravessar. Passando ao lado da Galeria Lustosa, Mariano sabe que tem um café, que tem a loja da natura. Os moradores das galerias entram pela Rua Marechal Deodoro, e tem gente que nem sabe que existem moradores nesses prédios.

No meio da Rua XV, tem um piso tátil. Se Mariano quiser ir à Galeria Lustosa, por exemplo, é mais fácil ir pela extrema esquerda, utilizando como referência a parede. Mas ele sabe que vai chegar uma pessoa vidente e perguntar se ele prefere ir no piso tátil, ou então, vão empurrando até o piso, dizendo “você saiu do trilho”. Mariano afirma que estão erradíssimos, mas compreende que as pessoas não fazem por mal, é preciso ter tolerância. A ideia do piso tátil novo seria colocar a bengala e ir deslizando, sem a necessidade de batê-la. Mariano não gosta,

pois sempre vem alguém e atropela a bengala. Além da parede e do piso tátil, a boca de lobo também se torna referência para o caminhar.

Na próxima travessia, há uma rua que muda o nome a partir daquele ponto. No sentido do trajeto, do lado direto, chama-se Rua Riachuelo e, do lado esquerdo, Rua Barão do Rio Branco. Se subir a rua à direita, Mariano sabe que vai sair na Praça Generoso Marques, na Galeria Andrade, na confeitaria sabor do bolo. Se descer à esquerda, vai ter os prédios, a Marechal Deodoro.

Se passar na Rua XV, ao meio dia, haverá trabalhadores fazendo propaganda dos restaurantes, falando em voz alta para chamar a atenção dos transeuntes. Anunciam o cardápio do dia e o preço, distribuindo panfletos. Na quadra seguinte, há pessoas trabalhadoras oferecendo chip da TIM. Ele conhece uma das meninas, ela já lhe deu muita informação. Sabe que ela não o cumprimentou porque estava acompanhado, porque, se ele estivesse sozinho, ela o chamaria pelo nome. A Borboleta 13, mulher que vende o jogo do bicho, fica repetindo em voz alta “borboleta 13 corre hoje”. Quando ela o vê, para de anunciar o jogo e diz em voz alta “Mariano, pode atravessar”.

Essas pessoas ajudam Mariano e acabam se tornando conhecidos. Ele acaba conhecendo a rua, e se tornando mais um aspecto dela. Mariano conhece muita gente do centro: vendedores, panfleteiros, bicheiros, mendigos. A cegueira proporciona isso e ele acha muito gratificante, bom e gostoso saber que as pessoas o conhecem pelo nome. Às vezes, os amigos que faz na rua valorizam-no mais que a própria família. Tem coisas que ele conta para as pessoas, que não contaria com a mesma tranquilidade para a família. Repara em todos os vendedores que trabalham na XV e chama a atenção para o fato que cada pessoa possui um jeito diferente, uma forma de agir, de abordar as pessoas.

Ao atravessar a faixa de pedestre, Mariano mostra para Bia como é possível perceber pelo tato dos pés. Ele sabe que a Confeitaria da Família está à esquerda, na próxima esquina. Na Rua Monsenhor Celso, não dá pra perceber quando chega, já que o piso continua o mesmo do calçadão, e não há referências de que ali é uma rua. Naquele cruzamento, raramente passam carros. Logo depois de cruzar a rua, tem o banco do Bradesco, à direita. A menina que fica gritando, vendendo jogo, ajuda a atravessar, porque se tem uma noção espacial melhor. Só é possível perceber que ali há uma rua quando se está muito atento.

A Rua XV, depois das 9 horas, muda totalmente. É o horário que as lojas começam a abrir, que intensifica a movimentação de pessoas e os trabalhadores da rua iniciam seu expediente. Bia e Mariano iniciaram a caminhada antes das 9 horas, e terminaram pouco depois. A diferença no decorrer do trajeto foi ficando notável. Mariano chama atenção para o fato de que, meia hora depois, a rua tenha mudado tanto. As pessoas passam a andar mais rápido. Ele diz que, no período da tarde, a rua também sofre transformações, pois os artistas de rua animam a vida na cidade. Mas seu horário preferido de caminhar na XV é de madrugada, pois não tem nada, nenhum vidente para incomodar, nenhum carro passando. Assim, sente-se mais livre para caminhar da forma como quiser e apropriar-se da cidade, que é de todos, sendo esse um ato legítimo e justo.

A próxima esquina é a Rua Marechal Floriano Peixoto. Mariano sabe que essa rua vai do Centro até o bairro Boqueirão. As pessoas precisam ter a noção de que a rua é a mesma. A avenida tem mais de 12km, e seria loucura andar a pé, mas ele enfatiza que tem a noção que é a mesma avenida. Naquela esquina, há quem diga que é difícil atravessar, mas Mariano discorda. Enquanto os motores dos carros produzem som, não é difícil atravessar. No futuro, quando os carros forem predominantemente silenciosos, será preocupante.

Na quadra seguinte, o piso tátil da Rua XV conduz a pessoa ao meio do chafariz, que fica bem ao centro do calçadão. Quando está sozinho, costuma passar pelo canto. O som das águas do chafariz não é uma referência confiável. Muitas vezes, está desligado, principalmente na madrugada. Além disso, durante os períodos de chuva, não é possível escutar. A pessoa pode buscar a referência do som, não ouvir e, de súbito, deparar-se com o monumento que não possui segurança adequada.

Na próxima esquina, Mariano pergunta à Bia “você sabe o nome desta rua?” Ele sabe, mas quer testar se ela sabe sem olhar. E, quando ela responde, sabe que consultou as placas. Como? Pelos segundos silenciosos após a pergunta, nos quais ela busca pela informação e pela a cabeça voltada para o outro lado, que ele percebe pelo som da voz. Não adianta tentar enganar, Bia não sabe o nome de quase nenhuma rua, ao contrário de Mariano, que sabe de todas. Mariano diz que, às vezes, quando está com pressa, um pouco distraído, sem prestar atenção no caminho, ele pergunta para a pessoa vidente o nome da rua. Mas é preciso perguntar para, no mínimo três, e nunca confiar na primeira informação que o vidente dá. A pessoa vidente costuma responder as coisas só para se ver livre. Então, tem que perguntar para pelo menos 3 videntes para tirar a prova. E isso é para tudo! Um papel que queira ler, uma foto que queira ver. E, se houver

discordância entre os três, tem que perguntar para mais três, para tirar a prova. Por isso, afirma ser um “cego extremista”.

Na Rua Dr. Muricy, há um sinal sonoro, que, para Mariano, é inútil. Se a pessoa cega ou idosa encostar o cartão no sensor acoplado poste, o sinal para pedestre fica aberto por mais tempo. Acha uma bobagem, já que a pessoa cega não demora mais tempo que as pessoas videntes para atravessar a rua, se basta caminhar em linha reta. Nesse ponto, ele sabe que, à esquerda está a Praça Zacarias, onde há uma relojoaria, galerias. Mas preferem virar à direita, a caminho da Biblioteca Pública Municipal. Subindo a rua, logo à frente, Mariano sabe que irá chegar em algumas samambaias e outras plantas, que estão no canteiro, do lado esquerdo, e utiliza como referência, quando está sozinho.

Se resolvessem ir pelo outro lado da rua, seria um pouco mais complexo, mas também é possível. Mariano reforça que a cidade não é quadrada, ou seja, as quadras não adquirem o formato de grelha, apesar de ser o predominante. Há quadras triangulares, ruas que cortam em diagonal e nos mais diversos formatos. E o mapa da cidade de Curitiba, que Mariano formulou na mente, deixaria qualquer geógrafo perplexo tamanho detalhamento, e com sua capacidade de aproximação e distanciamento para diversas escalas. Ele não entende por que as pessoas se perdem no centro, e acham um lugar confuso, pois ele considera um lugar perfeitamente lógico, já que as ruas têm nome, e existem referências. E ele tem os nomes delas gravados na memória.

Ao subir a Rua Dr. Muricy, viram à esquerda, na Rua Cândido Lopes, passando em frente à biblioteca. Mariano descreve tudo que está à frente: a Rua Ébano Pereira, as Lojas Americanas, uma loja onde, há algum tempo, comprou sua capa para celular, um ponto de táxi. Ele também sabe que a Rua Cândido Lopes, à frente, muda de nome, passa a se chamar Alameda Carlos de Carvalho. As direções cardeais também são apontadas por Mariano. Ele diz que caminhamos sentido centro e sentido sul, pois o bairro Alto da XV, em relação ao sentido do corpo, está nas costas, que é a região norte da cidade. Então, à frente está a região sul. Ele ressalta que isso é relevante, pois é necessário ter noção espacial. Há muitas pessoas videntes que não têm. Não sabem onde moram, para que lado fica sua casa. Hoje em dia, é imperdoável não ter essa noção. Tudo se descobre prestando atenção.

Qualquer informação que precisa na rua, pergunta a uma pessoa vidente. A partir do momento que obtém a informação, ela é guardada na memória, a exemplo de nomes de ruas, localização de estabelecimentos comerciais. Em um próximo momento, quando necessita

transitar novamente por aquele lugar, já tem as informações armazenadas na memória e no corpo, e não precisa perguntar de novo. Assim, ele vai criando seu próprio mapa na mente, e os esquemas lógicos de lembranças. É comum acontecer de se buscar um estabelecimento conhecido e, quando chega, depara-se com a notícia de que fechou. O mapa da mente é atualizado com a nova informação.

Atravessam a Rua Ébano Pereira e continuam seguindo reto, em direção à Praça Osório. A Rua Cândido Lopes faz um leve contorno à esquerda e margeia a Praça Osório. Mariano opta por esse caminho, mas aponta várias outras possibilidades de se chegar ao destino, e diz que considera mágica a possibilidade de se ter vários caminhos para se chegar aonde quer, e não se prender a um caminho só. No caso, por exemplo, de uma rua estar interditada para obras, a pessoa necessita ter noção de ruas laterais, paralelismo, para poder se locomover. E isso vale mesmo para quando se está acompanhado de uma pessoa vidente, de uma outra pessoa cega, ou quando se está sozinho. Quando a pessoa mora na cidade, com o tempo, vai aprendendo. Mariano ressalta que sabe de tudo isso sem utilizar GPS. Ele conhece pessoas cegas que utilizam o recurso e ojeriza a possibilidade de ficar andando com aquele som no ouvido. Considera que, se tivesse que andar com aquilo, enlouqueceria.

No trajeto, um trabalhador de uma obra na praça pega areia com a pá e coloca em um carrinho de mão. Mariano diz que, caso estivesse caminhando sozinho e tivesse a necessidade de pedir informação a alguém, a pessoa seria aquele trabalhador, pois, no momento, não havia sinais de outras pessoas na praça, e o som humano que podia identificar advinha daquela obra. Assim, ele exemplifica como se vai tendo noção do que está acontecendo em volta. A pessoa não pode andar sempre marchando, sem prestar atenção ao que acontece ao seu redor. Com a visão só é possível enxergar para frente e com a visão periférica, enquanto a audição capta em todas as direções. Assim, considera que as pessoas cegas levam vantagem.

Chegando na Osório, ele fala sobre os cisnes que há no chafariz. Ali, foi cenário de um dos contos sobre a cidade, que Mariano gosta de escrever. Ele diz “Como eu vou escrever sobre um lugar que eu não sei como é que é? Que eu nunca fui?” Assim, ele diz não ser capaz de escrever uma história que se passa em outros lugares, pois não haveria um realismo satisfatório. Prefere escrever sobre lugares onde, de fato, vivencia experiências, para trazer mais veracidade a suas crônicas. Conta que, uma vez, estava lá com um grupo de muitos amigos, dentre pessoas cegas e videntes. Todos começaram a provocar uma das meninas do grupo, dizendo que ela não

teria coragem de tomar um gole de água do chafariz, até que, de tanto a atormentarem, ela tomou. Mariano sempre passa por lá e se lembra dessa história, assim como das histórias vividas em todos os espaços públicos da cidade, pois se cria um sentimento afetivo. As lembranças são presentificadas quando se transita pelos espaços que, outrora, foram cenários de experiências marcantes. Essas histórias inspiram Mariano a escrever contos sobre a cidade. Ele não escreve ficção. Tudo o que escreve é porque já viveu e conhece.

Ali na praça é um lugar mais silencioso. Há lugares que são mais barulhentos. Essa não é uma referência confiável, mas às vezes se usa. Por exemplo, próximo à Estação Central, há o restaurante Sabor da Paixão. Nem sempre tem o trabalhador, falando alto o nome do restaurante para fazer propaganda, mas, com frequência, ele está. Esse tipo social acaba se tornando uma referência, pois se sabe que está chegando próximo à esquina e se cria essas singelas noções da cidade.

No caminho de retorno, de volta à Rua XV de Novembro, um cheiro é percebido. Mariano pergunta: cheiro do que é isto? Bia não sabe responder. Mariano responde: de restaurante ruim. Bia ri. Mariano diz: eu não almoçaria em um restaurante com esse cheiro aí, cheiro de alho. Bia não identifica de onde vem. Ele diz que não é o tipo de lugar que ele chegaria, nem para pedir uma informação. Toda referência que a pessoa cega tem de lugar bonito e feio, de sabor gostoso e ruim, é baseado no cheiro. E com as pessoas é a mesma coisa. Para achar uma pessoa bonita ou não, é pelo cheiro. E não adianta querer disfarçá-lo, o natural sempre permanece, e é perceptível.

Bia encontra outra participante da pesquisa caminhando pela rua. Para e cumprimenta. Apresenta Mariano. Os dois não se conheciam. Ela faz perguntas a Mariano, para saber onde ele mora. Descobrem que conhecem pessoas em comum. Conversam rapidamente e se despedem. Depois, Mariano diz que é muito comum, quando as pessoas cegas se encontram, fazerem perguntas umas às outras, que, para as pessoas videntes, podem parecer intrusivas. Entre as pessoas cegas, isso não é tabu. Quando se vê uma pessoa, já se sabe como ela está, que jeito tem. Como não podem se ver, fazem perguntas para se conhecerem. Então, na cultura cega, é normal especular bem a pessoa, pois isso substitui a fisionomia, o reconhecimento imediato. Ele também comenta que muitas pessoas gostam de usar a pista tátil. Apesar de ele não gostar, acha importante que tenha, para que as pessoas que gostam utilizem. Mas não gosta que o obriguem a utilizar.

Cruzam a Travessa da Lapa. O prédio histórico fica à esquerda. Atravessam a Rua João Negrão. Ele não precisa pedir ajuda aos videntes para atravessar a rua, pois, a partir do momento que escuta os videntes andando, sabe que pode ir atrás. Mas tem certeza que, se as pessoas videntes tivessem uma forma de caminhar em silêncio, eles o fariam, só para sacanearem com as pessoas cegas. Ele mostra como é possível sentir a faixa com os pés. As pessoas cegas não podem caminhar com sapatos abertos, pois sempre pisam em poças, em sujeiras. Por outro, se tiverem com sapatos de solado grosso, terão mais dificuldade para andar. Passam pelo hotel Nabu. Há uma fonte de água em frente ao hotel. Ele diz que, sempre que passa lá, a fonte está ligada.

Mariano diz que tem um afeto tremendo pelo terminal Guadalupe e propõe a caminhada por lá, para mostrar que, nas primeiras vezes que saiu na rua, foi ali que começou e, por isso, desenvolveu um carinho tão grande por aquele espaço da cidade. As pessoas comentam que é um pedaço feio e perigoso da cidade. Ele afirma que é mentira. Não existe o certo e o errado, o bom e o mau, o perigo, tudo isso está na cabeça das pessoas, não existe de fato.

Descem a Rua Conselheiro Laurindo. À frente está a Rua Marechal Deodoro. Ao cruzar a rua, na próxima quadra, passam em frente a um prédio antigo, de três andares. Na parte de baixo, um restaurante muito simples, chamado Vó Rosinha. Na parte de cima, algumas moradias. Aquela construção foi cenário de uma das crônicas escritas por Mariano, enviada para Bia. Quando se vive uma história narrada através de uma obra literária ou cinematográfica e depois tem-se a possibilidade de conhecer os cenários reais, os espaços se transformam. Passa-se a viver as histórias de outrem como se fossem suas próprias, e os espaços nunca mais serão os mesmos. É inevitável passar pelos espaços e não remeter às histórias, sobretudo se foram marcantes.

A Rua André de Barros vira Rua Pedro Ivo. A Nilo Cairo vira outra rua. A José Loureiro vira Benjamin Constant. Ele mostra que tem uma rua que tem só do lado esquerdo, chamada Travessa Itararé. É um exemplo de formas diferentes de conceber os dois lados da rua. Se vem por um lado, não precisa se preocupar com a travessia. Mas se anda pelo outro lado, é preciso se preocupar, para não confundir. Parando na esquina, a Rua Benjamin Constant cruza do lado esquerdo, e a José Loureiro do lado direito. Naquele ponto, a rua muda de nome. É uma quadra aberta, onde não é possível tomar a parede como referência. Há um posto de gasolina. Mariano confunde o nome das ruas, pois estava conversando, contanto histórias e parou de prestar atenção nos nomes das ruas.

Tem guia rebaixada em todas as esquinas, mas não há sinal sonoro. No entanto, as pessoas cegas passam no sinal sem sonorização, enquanto a pessoa cadeirante não consegue subir uma guia que não seja rebaixada. Então, as pessoas cadeirantes precisam de uma acessibilidade maior que as pessoas cegas. A adaptação da cidade para eles é mais morosa, demanda mais planejamento. Já para pessoas cegas, não tem muito o que fazer.

Tem muitas pessoas cegas que se apavoram quando estão no meio da rua, atravessando, e o sinal abre. Ele não se apavora, pois motorista nenhum vai querer matar alguém. Então, continua caminhando com tranquilidade. Na cidade, não dá para se apavorar. Tem que andar sossegado. Então, ele se enfia na frente dos carros mesmo, e os carros que parem.

Na crônica escrita por ele também há um boteco em que seu personagem estava comendo pastel. Ele mostra a Bia. É impossível passar por ali e não lembrar. A cabeça é cheia de lembranças e coisas que se percebe. Ao parar na esquina, um bar toca música muito alta. O som encobre os sons da rua e dificulta a travessia. Mas ele sempre dá um jeito e atravessa.

Dentro do terminal, há vários estabelecimentos que não são nem lanchonetes nem bares, mas estão entre uma coisa e outra. Mariano diz “você já se perguntou o que tem dentro, quem que são estas pessoas? Quem são estas vidas que estão ali? Chegar, conversar, sentar-se na mesa com o cara, puxar assunto. Isso é a cidade! É isso aqui que é a cidade! É aqui que eu cresci, é aqui que eu aprendi ser gente. É esse cheiro que eu me referi. É isso que me fez começar a andar na cidade, tudo começou aqui. Conversando com essas pessoas, conhecendo essas vidas, essas histórias. E depois a gente acaba escrevendo.”

Todos os dias, Mariano sai da casa dele e vai para o centro. É difícil o dia que fica em casa, por gostar de passear e andar pelo centro. E, enquanto estiver vivo, vai buscar conhecer as coisas. Por exemplo, se ele busca um lugar para cortar os cabelos, irá explorar lugares novos, e não os que já conhece, como uma forma de descobrir novos lugares. Tem bairros que não gosta, como por exemplo, o Batel. Ele não se sente à vontade andando por ali porque há poucas pessoas em situação de rua, poucas pessoas para conversar, é um bairro elitista, solitário, deserto, estéril. Não tem a alma da rua, não tem a alma da cidade. Porque a cidade é isso: é gente, é carro, buzina, fumaça, poluição, barulho. O Batel é um paraíso artificial, um cemitério de cimento. Um sonho que ele tem é de vir morar no Centro. No bairro, ele vai dormir, mas o Centro é sua casa, e sempre foi. E ele não gosta do Centro bonito, mas do Centro decadente, o Centro humano, real.

Não o Centro que o prefeito está reformando e dizendo que está fazendo uma grande coisa, cumprindo seu papel social.

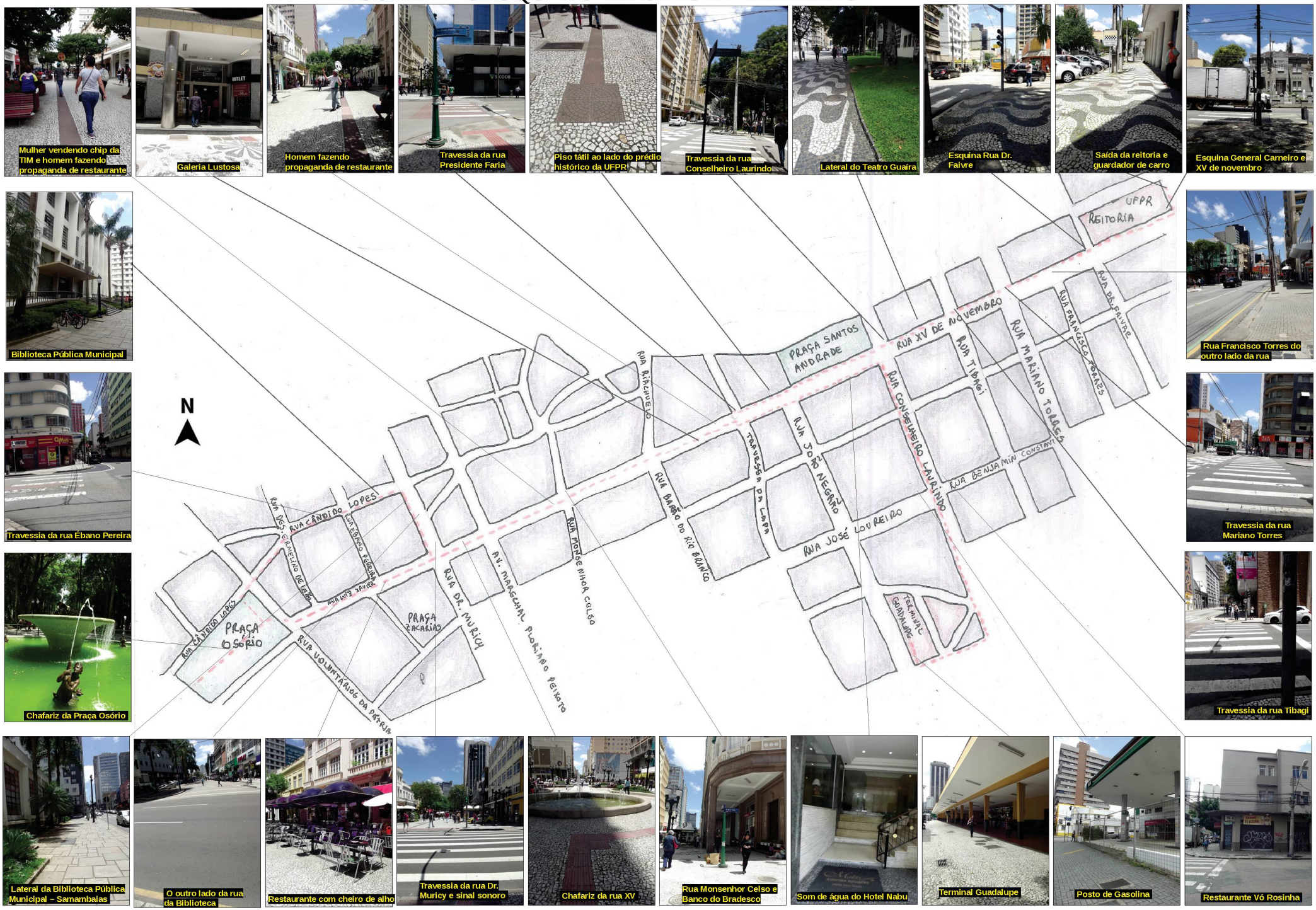
Mariano quer que as pessoas entendam que ser cego é bom. Não é ruim, não é sofrido, e não é menos feliz, perdido nas trevas, na escuridão. Essas concepções só existem na cabeça das pessoas videntes, que não pensam no que falam e só têm frases prontas. As pessoas videntes tentam diminuir as pessoas cegas a todo instante. E, se a pessoa cega não tem uma autoestima boa, ela é derrubada muito facilmente. Ele acha que, se fosse vidente, teria muita criatividade porque iria perceber coisas na cidade, que hoje não percebe. Mas, por outro lado, se fosse vidente, iria deixar de perceber coisas pequenas, que hoje percebe, e que é a alma do que escreve e pensa. Se ele fosse vidente, não teria tanta amizade com moradores de rua, com vendedores, guardas, servidores públicos. Porque a pessoa vidente passa e nem cumprimenta. Às vezes, Mariano cumprimenta e a pessoa vidente nem responde. Então, ele não teria a mesma noção de mundo que tem.

Bia diz que, depois que passou a fazer esse trabalho com pessoas cegas, passou a perceber a cidade de outra forma. Mariano diz que a gente tem que deixar um legado para o mundo, fazer alguma coisa, pois seria muito triste passar pelo mundo e ninguém lembrar de nada. Ele diz: “imagina se perder tudo o que eu vivi?” Segundo ele, mesmo que morra amanhã, o que publicou, já está publicado. E, assim, não morre, mas continua vivo naquilo que escreveu, no que fez e nas lembranças que as pessoas têm dele.

Mas enfim, andar na rua é isso, cada rua tem um certo... uma certa bossa, um certo jeito para andar. Às vezes você se orienta pelo cheiro, às vezes se orienta por uma coisa ali que há no caminho, um vaso de flor que tem ali, uma vitrine, um vidro, tudo serve de referência. As mãos estão sempre prontas para descobrirem aquilo que o olho não tá vendo. Ele é muito orgulhoso de saber andar na rua e ter noção do que está fazendo. Isso é bom, faz bem e eleva a autoestima. Ainda mais quando pessoas videntes vêm lhe pedir informação.

Para melhor compreender o trajeto e os pontos citados por Mariano, é apresentado o croqui, na Figura 7. A linha vermelha pontilhada representa o trajeto, saindo da Reitoria, chegando à Praça Osório, com desvio na Biblioteca Pública Municipal e no Terminal Guadalupe.

FIGURA 7 – CROQUI DO TRAJETO DE MARIANO



FONTE:A autora (2020).

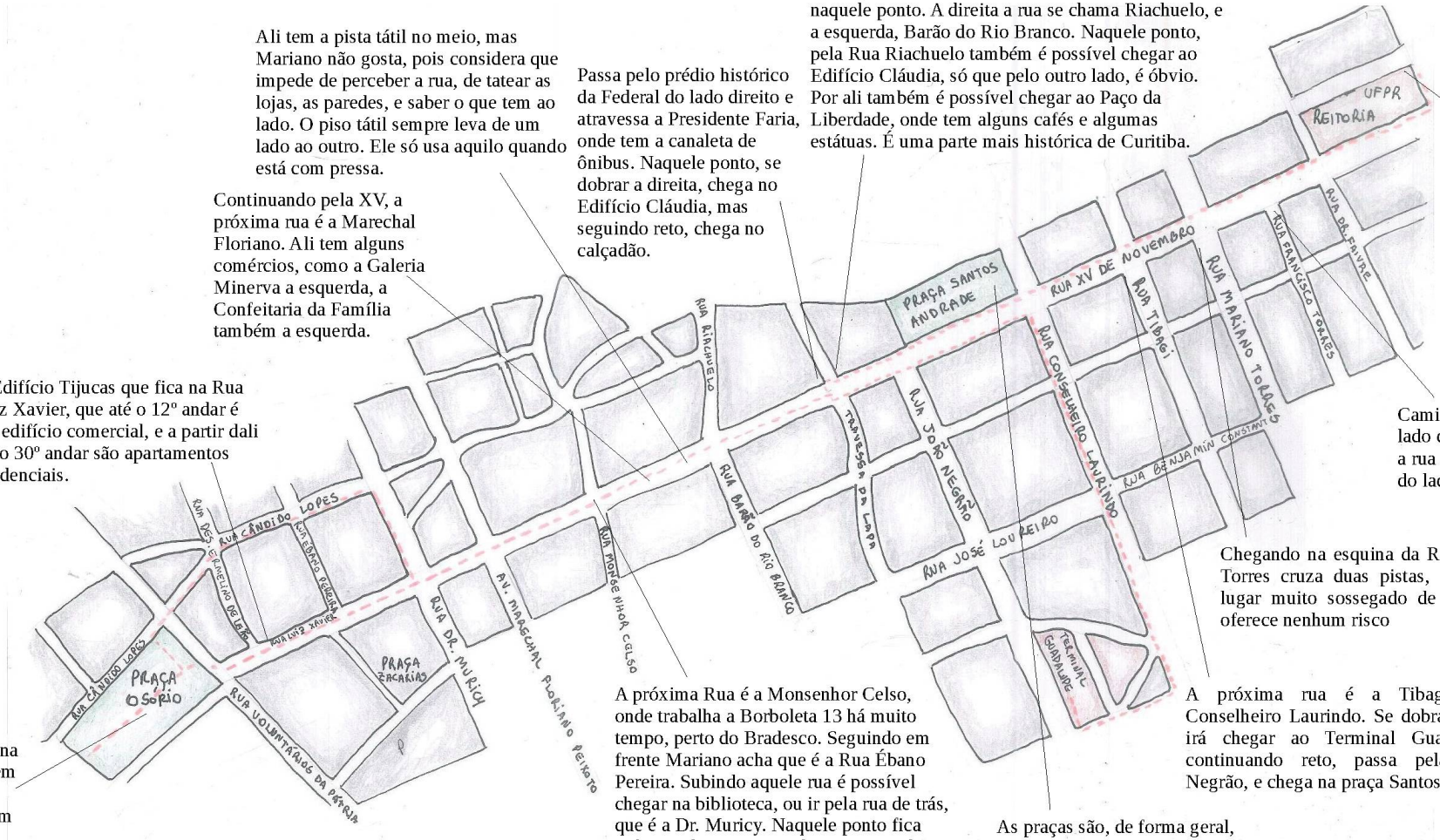
4.2.1 O trajeto mental de Mariano

Ao sair da reitoria pela Rua General Carneiro, dobra à direita, na Rua XV de novembro. Chega à Rua Dr. Faivre. Na outra quadra, do lado esquerdo, está a Rua Francisco Torres, mas do lado direito não dá para perceber. Chegando à esquina da Rua Mariano Torres, cruza duas pistas, e ali é um lugar muito sossegado de andar, não oferece nenhum risco. A próxima rua é a Tibagi, depois, a Conselheiro Laurindo. Se dobrar à esquerda, chegará ao Terminal Guadalupe. Mas, continuando reto, passa pela Rua João Negrão e chega à Praça Santos Andrade. As praças são, de forma geral, problemáticas, apresentam dificuldades para as pessoas cegas, pois não possuem referências, não possuem muros e postes.

Passa pelo prédio histórico da Federal, do lado direito, e atravessa a Presidente Faria, onde há a canaleta de ônibus. Naquele ponto, se dobrar à direita, chega ao Edifício Cláudia, mas, seguindo reto, chega no calçadão. Ali, tem a pista tátil no meio, mas Mariano não gosta, pois considera que impede de perceber a rua, de tatear as lojas, as paredes, e saber o que tem ao lado. O piso tátil sempre leva de um lado ao outro. Ele só usa quando está com pressa.

A próxima rua a atravessar é a presidente Faria e, em seguida, a rua muda de nome. À direita a rua se chama Riachuelo e, à esquerda, Barão do Rio Branco. Naquele ponto, pela Rua Riachuelo também é possível chegar ao Edifício Cláudia, só que pelo outro lado, é óbvio. Por ali também é possível chegar ao Paço da Liberdade, onde há alguns cafés e algumas estátuas. É uma parte mais histórica de Curitiba. Continuando pela XV, a próxima rua é a Marechal Floriano. Ali, há comércios, como a Galeria Minerva, à esquerda, a Confeitaria da Família, também à esquerda. A próxima Rua é a Monsenhor Celso, onde trabalha a Borboleta 13, há muito tempo, perto do Bradesco. Seguindo em frente, Mariano acha que é a Rua Ébano Pereira. Subindo aquela rua é possível chegar na biblioteca, ou ir pela rua de trás, que é a Dr. Muricy. Aquele ponto fica próximo das praças Carlos Gomes e da praça Tiradentes. Também é relativamente perto da Praça Rui Barbosa, se seguir pela Rua Senador Alencar Guimarães, que fica do lado esquerdo. Essa rua é o calçadão que liga a Praça Osório à Praça Rui Barbosa. Ao seguir reto, chega na Praça Osório, onde há um chafariz. Logo à frente da praça, há um supermercado Mercadorama. Existe uma infinidade de cafés, barzinhos, comércios, cuja existência ele conhece, mas não os mencionou, como, por exemplo, o Edifício Tijucas, que, até o 12º andar é um edifício comercial e, a partir dali até o 30º andar, são apartamentos residenciais, e fica na Rua Luiz Xavier. O croqui de sua imagem mental é apresentado na figura 8.

FIGURA 8 – IMAGEM MENTAL DE MARIANO



Ali tem a pista tátil no meio, mas Mariano não gosta, pois considera que impede de perceber a rua, de tatear as lojas, as paredes, e saber o que tem ao lado. O piso tátil sempre leva de um lado ao outro. Ele só usa aquilo quando está com pressa.

Continuando pela XV, a próxima rua é a Marechal Floriano. Ali tem alguns comércios, como a Galeria Minerva a esquerda, a Confeitaria da Família também a esquerda.

O Edifício Tijucas que fica na Rua Luiz Xavier, que até o 12º andar é um edifício comercial, e a partir dali até o 30º andar são apartamentos residenciais.

Ao seguir reto chega na Praça Osório, onde tem um chafariz. Logo à frente da praça tem um supermercado Mercadorama.

Passa pelo prédio histórico da Federal do lado direito e atravessa a Presidente Faria, onde tem a canaleta de ônibus. Naquele ponto, se dobrar a direita, chega no Edifício Cláudia, mas seguindo reto, chega no calçadão.

A próxima rua a atravessar é a presidente Faria, e em seguida, a rua a atravessar muda de nome naquele ponto. A direita a rua se chama Riachuelo, e a esquerda, Barão do Rio Branco. Naquele ponto, pela Rua Riachuelo também é possível chegar ao Edifício Cláudia, só que pelo outro lado, é óbvio. Por ali também é possível chegar ao Paço da Liberdade, onde tem alguns cafés e algumas estátuas. É uma parte mais histórica de Curitiba.

Ao sair da reitoria pela General Carneiro, dobra à direita na Rua XV de novembro

Caminhando pela calçada do lado direito, não dá para perceber a rua Francisco Torres que fica do lado esquerdo

Chegando na esquina da Rua Mariano Torres cruza duas pistas, e ali é um lugar muito sossegado de andar, não oferece nenhum risco

A próxima Rua é a Monsenhor Celso, onde trabalha a Borboleta 13 há muito tempo, perto do Bradesco. Seguindo em frente Mariano acha que é a Rua Ébano Pereira. Subindo aquele rua é possível chegar na biblioteca, ou ir pela rua de trás, que é a Dr. Muricy. Naquele ponto fica próximo das praças Carlos Gomes e da praça Tiradentes. Também é relativamente perto da praça Rui Barbosa, se seguir pela Rua Senador Alencar Guimarães, que fica do lado esquerdo. Esta rua é o calçadão que liga a Praça Osório a Praça Rui Barbosa.

A próxima rua é a Tibagi, depois a Conselheiro Laurindo. Se dobrar a esquerda, irá chegar ao Terminal Guadalupe. Mas continuando reto, passa pela Rua João Negrão, e chega na praça Santos Andrade.

As praças são, de forma geral, problemáticas, apresentam dificuldades para as pessoas cegas pois não possuem referências, pois não possuem muros e postes.

FONTE: A autora (2020)

4.3 NO MEIO DO TRAJETO, UMA BREVE VISITA À IGREJA

Aquele caminho já era seu velho conhecido. Desde que se mudou para Curitiba, Liliane caminha por aquelas ruas onde iniciou sua aprendizagem de autonomia para poder ir e vir pelos espaços da cidade, sem alguém que a acompanhasse. Há, aproximadamente, 30 anos, a paisagem urbana sofreu alterações, que foram por ela percebidas. Comércios deixaram de existir e outros surgiram no lugar. Na Avenida Visconde, transitam muitos ônibus e caminhões, e seu tráfego intensificou, desde aquela época. É um dos trajetos que conduzem para fora dos limites da cidade, em direção a estradas. Às vezes, Liliane consegue distinguir entre o som do motor de ônibus e caminhões. Outras vezes, não. Ela conta que as empresas que produzem os veículos, muitas vezes, são as mesmas, o que torna o som do motor semelhante. A percepção também se dá pelo cheiro ruim da fumaça que saem dos escapamentos de ônibus e caminhões. Já a bicicleta quase não produz som. Quando um ciclista passa por uma pessoa cega, vindo de qualquer direção, passa quase imperceptível.

Liliane mudou-se para o Instituto Paranaense de Cegos aos 23 anos. Naquela época, costumava fazer o trajeto com frequência. Ia caminhando até a Praça Rui Barbosa, onde, até hoje, há um terminal com diversos ônibus, que vão para as regiões mais longínquas da cidade. Ainda hoje, Liliane sempre retorna ao local onde habitou, estudou e teceu amizades. Mas agora, para realizar cursos e atividades socioculturais oferecidas pelo instituto.

Dentre tantas histórias vivenciadas por Liliane, o assunto a fez lembrar de uma engraçada. Certa vez, quando ainda morava no instituto, ela saiu de ônibus. Naquele dia, chovia. Ao retornar, desceu do ônibus e sua bengala estava guardada na bolsa. Distraída, fez do guarda-chuva bengala. Caminhava devagar. Notou que havia algo estranho na vagareza de seus passos, mas não soube decifrar o enigma. Somente após chegar no instituto, percebeu o ocorrido, e riu de sua confusão.

Hoje em dia, não é mais necessário percorrer aquele trajeto de, aproximadamente, 20 minutos a pé. Daquele tempo para cá, foram implementadas linhas de ônibus que passam bem próximo ao IPC e vão até a praça. Liliane admite que, pelo fato de não pagar ônibus, tornou-se mais acomodada. As facilidades alteraram seus antigos hábitos cotidianos. Entretanto, adora fazer caminhadas. Quando Bia propôs as caminhadas semanais, aceitou a proposta de imediato e considerou uma ótima oportunidade para caminhar, ter uma companhia e contar suas histórias e de seus amigos, para que pudessem ser partilhadas com outras pessoas, que passariam a conhecer as aventuras e desventuras de se caminhar pelos espaços públicos sem o sentido da visão.

Liliane considera que o Centro da cidade, há 30 anos, era um local bem chique. Quando alguém falava que residia no Centro da cidade, todos já comentavam enaltecendo o bairro, que obtinha um status de privilégio, já que a pessoa estava próxima a todas as atrações e facilidades da cidade. Com o passar dos anos, houve o aumento da vulnerabilidade social. Muitas pessoas em situação de rua passaram a habitar a região, e assim, foi perdendo seu glamour, que a colocava no topo da hierarquia dos lugares. Naquela época, a população da cidade era bem menor e é claro que, aumentando a população, aumentam os problemas.

Encontram-se na recepção do Instituto e saem para a caminhada. Liliane guarda a bengala na bolsa. Algumas pessoas cegas, ainda que acompanhadas, gostam de utilizá-la. Ela prefere confiar na pessoa que a acompanha. Em suas narrativas, gosta de citar exemplos, de forma geral, sobre alguns contratempos comuns enfrentados pelas pessoas cegas no dia a dia.

Ao sair do instituto e virar à esquerda, quase em frente, há um ponto de ônibus. Naquela ocasião, não era necessário utilizar aquele ponto. Mas, ao passar por ali, Liliane se lembra de relatar que uma das dificuldades é estar em um ponto e não saber qual ônibus vem. Há pontos nos quais passam uma variedade de linhas. Sempre é necessário pedir ajuda a alguém que está no ponto. Mas, tem dias que não há ninguém. Tomando o ônibus, enfrenta um novo embaraço: saber em qual ponto descer. Novamente, é necessário pedir auxílio a algum passageiro, ao cobrador ou ao motorista. Na linha que vai até sua casa, trajeto que embarca com grande frequência, recentemente, identificou uma referência: o ônibus faz uma curvinha para a esquerda. Depois disso conta dois pontos e sabe onde precisa descer, sem precisar pedir ajuda.

O trajeto pela Rua Visconde de Guarapuava, onde Bia e Liliane caminham, é no sentido contrário dos carros, que passam velozes pela avenida movimentada. A cada cruzamento das ruas transversais, o sentido dos carros muda. Alguns, da esquerda para a direita, saem da pequena rua para entrarem na avenida. Outros, da direita para a esquerda, saem da grande avenida para trafegarem mais lentamente. Em outras ruas, de duplo sentido, carros vêm e vão. Da direita para a esquerda, da esquerda para a direita. E em todas as situações, o pedestre cego estabelece diferentes estratégias para a travessia. Quando o carro sai da transversal para entrar na avenida, o motorista para na faixa de pedestre e anda lento. Mesmo que o pedestre não o enxergue, o motorista o enxerga. A pessoa caminhante, mesmo que não enxergue, consegue ouvir o som do motor se aproximando, ou do veículo parado. Já quando o carro sai da avenida para entrar na transversal, aparece repentinamente. Vira em um movimento súbito, tomando de assalto o

pedestre distraído. O som do motor do carro que vira funde-se em meio a tantos motores acelerados, do lado direito, que correm na direção contrária do caminhar. Nas ruas de mão dupla, a atenção também deve ser redobrada. Na primeira faixa, o carro lento, para. Na segunda, o carro veloz, vira. Às vezes, o pedestre necessita parar no meio da rua para atravessar a segunda faixa. O tempo para travessia é curto e se deve acelerar o passo. As cidades, na maioria das vezes, não são construídas para o pedestre. O carro, que gera mais lucro, sempre leva vantagem.

Para chegar ao destino, no total, cruzam seis ruas e dobram na sétima. A primeira rua é a Pasteur, de mão dupla e sem sinal de travessia de pedestre. Após atravessar essa rua, há um canteiro em frente ao estabelecimento, com pequenas pedras brancas, que vão se espalhando pelas calçadas. Liliane sente a textura diferente do chão e questiona o que seria aquilo. É conduzida, então, ao canteiro, em frente à loja chamada Casa da França, para saber a origem daqueles fragmentos de alta granulometria, que causavam o deslizar dos pés sobre o pavimento.

Sobre as lembranças dos sons que existiam antigamente e deixaram de existir, Liliane se lembra que, na Rua Visconde de Guarapuava, esquina com a Rua Pasteur, não sabe bem ao certo, existia uma loja de aparelhos da marca CCE. Sempre que passava em frente, estava tocando música na loja. Nos dias atuais, isso é uma ocorrência comum, mas, naquela época, a inusual música que provinha da loja tornou-se um fato marcante.

A segunda é a Rua Buenos Aires, também de mão dupla e sem sinal para travessia. Após cruzá-la, passando em frente a um sacolão hortifruti, que exalava o cheiro das frutas frescas, Liliane diz que é um outro exemplo de comércio que não existia na década de 80, quando começou a transitar sozinha pelas ruas de Curitiba.

Inesperadamente, ela encontra um ex-colega de trabalho caminhando pela rua. Ambos ficam felizes por se encontrarem. Conversam sobre os antigos tempos de trabalho, atualizam-se sobre o paradeiro dos colegas e Liliane conta sobre a vida de aposentada. Depois que se despedem, comenta “Já tive uma surpresa. O pessoal diz que Curitiba é um ovo”. De fato, o espaço público é, por excelência, o lugar do encontro, em ambos os sentidos. Nos encontros ao acaso, com pessoas conhecidas, que promovem surpresas, e com a alteridade, ainda que não haja interação da conversa, as trocas simbólicas sempre ocorrem de maneira espontânea, intuitiva.

A terceira é a Rua Desembargador Motta, de mão única, no sentido da esquerda para a direita, que entram na Avenida Visconde de Guarapuava, e possui sinal para travessia. Nessa quadra, há um hotel, com entrada e saída de carros na porta da frente, além do estacionamento,

que fica ao lado. Ao passar por lugares abertos, como entradas de prédios, o som ecoa de forma diferente, tornando-se perceptível que se trata de espaços abertos. Esse tipo de percepção tem sua utilidade prática, ao transitar por espaços públicos. Em estacionamentos de edifícios ou estacionamentos particulares, os automóveis cruzam as calçadas para adentrarem ou saírem de espaços particulares. É necessário que se redobre a atenção aos sinais de aproximação dos veículos, como sons, ecos e vibrações. A calçada, que deveria ser considerada o espaço exclusivo do pedestre, é um espaço que não escapa das inconveniências dos veículos que cruzam seu caminho.

Situações semelhantes são os postos de gasolina. Há intenso movimento de entrada e saída de veículos. O revestimento do piso, geralmente de asfalto, faz confundir a textura com a das ruas. Além de ser um espaço aberto, identificável pelo som, os postos de gasolina são reconhecíveis pelo cheiro do combustível, que exala por um extenso espaço, devido a sua intensidade.

A quarta é a Rua Brigadeiro Franco, de mão única, dos carros que entram da Rua Visconde de Guarapuava. Na sua esquina, há um botão em um poste, que o pedestre deve apertar para atravessá-la, caso contrário, o sinal não abre. São parcas as ruas da cidade que oferecem tal artifício. É de praxe que os sinais abram sozinhos. Como as pessoas cegas podem saber que naquela esquina há um botão para se apertar? Não é coerente que, a cada esquina, a pessoa movimente as mãos ao ar na procura por um botão, a não ser que ela conheça o local e saiba de sua existência. Assim, é comum que pare e aguarde por seu momento de atravessar a rua.

Ao atravessar essa rua, passando em frente a uma barbearia, Liliane sente um cheiro diferente, gostoso, mas não sabe identificar. Pergunta à Bia que cheiro é aquele. Bia diz que é uma barbearia. Liliane imagina que devem ser dos produtos que utilizam e comenta que, pelo cheiro, há estabelecimentos fáceis de encontrar: restaurante, panificadora, farmácia e lojas de calçados. Os dois primeiros, pelo cheiro de alimentos. A farmácia, pelo cheiro de perfumes. Mas a percepção de cheiro mais inusitada são as lojas de calçados, cujo couro, borracha, plástico e demais materiais que compõem a sua fabricação acabam por lançar um odor característico, facilmente identificável. É um tipo de cheiro pouco perceptível a pessoas videntes, mas, quando a atenção é focada, torna-se inequívoco.

Nessa quadra, há um prédio em construção. Geralmente, nesses locais, as calçadas são acidentadas, existem materiais de construção nelas, pessoas circulando, caminhões estacionados

ao lado, e muito barulho. Liliane diz que, se estivesse sozinha, andaria mais devagar, para passar por todos esses percalços com mais segurança. Além disso, ressalva que esses espaços são difíceis para grande parte das pessoas, como idosos e crianças.

A quinta, Rua Lamenha Lins também é de mão dupla e não possui sinal para travessia. A sexta, Rua Nunes Machado, de mão dupla e sem sinal para a travessia de pedestre. Na sétima, atravessam a Rua 24 de maio, de mão única da esquerda para a direita, e com sinal para pedestre. Logo após a travessia, viram à esquerda, para acessarem a Praça Rui Barbosa, e caminham por uma quadra. Nesse trecho, encontram-se a universidade FAE e o colégio Bom Jesus. São locais de intenso movimento de saída e entrada de estudantes, com vozes e mochilas de rodinha sendo puxadas. Na entrada dessas instituições de ensino, há o som da roleta por onde passam os estudantes, um som que Liliane gosta. Na universidade, também há uma lanchonete, de onde sentiu cheiro de comida. Do outro lado da rua, há diversos bares, também com intenso movimento e música alta. Liliane considera que, até certo ponto, essas coisas ajudam, pois criam referência. Por outro lado, se o som é muito alto, a pessoa perde a referência dos outros sons do espaço público.

Na Praça Rui Barbosa, está a Paróquia Bom Jesus dos Perdões. Em todo trajeto, é o lugar que Liliane possui maior afetividade. Sempre que passa em frente, entre um compromisso e outro, não deixa de dar uma passadinha, nem que seja rápida. Como ela diz, seu coração a chama. Entra, reza alguns minutos, depois retoma seu trajeto. Era a mesma igreja que costumava frequentar, nos tempos em que se mudou para o IPC. Naquela época, costumada ir sempre pegar ônibus na praça Rui Barbosa. Assim, aproveitava para levantar mais cedo e ir à missa. A igreja, portanto, é de sua dileção antiga. Ao sair de lá, é necessário retornar à esquina para atravessar a rua novamente. Ao chegar à Estação tubo, em apenas um lado há um portão para entrada de pessoas que não pagam a passagem. Do outro lado, há só a catraca aos usuários pagantes.

Pela descrição das ruas de travessia, é possível perceber que, justamente as ruas de mão dupla, que são as mais difíceis atravessar, são as que não possuem sinal para pedestre. Uma delas possui sinal, mas é preciso apertar o botão para que seja acionado. Certa vez, a prefeitura colocou placas em Braille indicando os nomes das ruas, fixadas nos postes. A ideia não teve sucesso, pelo mesmo motivo citado a respeito do botão. Se a pessoa não sabe os locais em que as placas se encontram, não irão procurar a cada esquina. Uma das percepções de Liliane em relação aos automóveis é que, quando o sinal está verde e fica amarelo, todos os carros aceleram para dar

tempo de atravessar. Os carros passam a uma determinada velocidade. Depois, há uma intensificação no som do motor e no sentir do vento passar. Logo em seguida param. O sinal fechou para os carros e abre para o pedestre. Ela sabe que já pode atravessar.

A pista tátil, na Rua Visconde de Guarapuava, está lá, provavelmente, por conta do Instituto Paranaense de Cegos. Gasta pelo tempo, as ondulações que permitem a percepção tátil pelos pés já sofreu o intemperismo natural que o dia a dia provoca: o sol, a dissolução pelas águas pluviais e o caminhar dos pedestres, que, aos poucos, vão erodindo as saliências. Liliane, às vezes, sente dificuldade para encontrá-la, mas quando não encontra, não se empenha tanto pela busca. Continua o caminhar pela calçada. Quando a calçada não é regular, Liliane pisa alto, para não correr o risco de tropeçar. Os pés nunca sabem onde vão pousar. Se na protuberância, no buraco, ou quiçá na junção de ambos, caindo meio torto, um pouco de lado. Ela tem a impressão de que, nos dias atuais, o piso da calçada está mais irregular do que na época em que morava no Instituto. Ela considera que seria bom colocar a pista tátil em praças, por serem lugares sem referências.

Além das impressões sobre o trajeto, Liliane também faz reflexões, conta histórias e cita exemplos, para que Bia possa compreender melhor as percepções das pessoas cegas. Um fato interessante em relação às declividades das ruas: uma situação comum, ao solicitar informações a pessoas videntes, quando se fala em subir uma rua ou descer uma rua, a percepção de Liliane em relação à declividade indicada é o contrário. Pensa que, talvez, as referências de descer e subir possam não estar relacionadas com a declividade, mas sim com a numeração.

As mudanças de temperatura e as variações climáticas são percebidas. Sol, sombra, vento, calor… Os ares de quando a chuva de aproxima. Liliane se recorda de uma história vivida na época em que trabalhava no centro da cidade. Na grande sala em que trabalhava, a janela permanecia sempre aberta. Só era fechada nos momentos em que a chuva começava. Certo dia, ouviu o barulho de chuva, e comentou “começou a chover”.

Uma mulher que estava no local ficou admirada ao notar sua percepção, questionando “como ela sabe que está chovendo?”. Liliane, por sua vez, também ficou surpresa. Como a mulher pode pensar que uma pessoa cega não consegue perceber por outros sentidos? A chuva, ainda que no ambiente externo, produz som, cheiro, vento, e muda a temperatura ambiente. As pessoas videntes costumam generalizar todos os modos de perceber apenas na visão. Dessa forma, ela demonstra que as pessoas menosprezam os outros sentidos.

Liliane diz que, quando utiliza touca para proteger-se do vento enquanto caminha nas ruas, a cobertura das orelhas diminui a sensibilidade auditiva. Hill (1985, p. 102-103) também aponta tal questão. Uma das participantes de sua pesquisa afirma que “quando venta é horrível!” Outro participante diz que o vento modifica as sonoridades percebida nas ruas. Da mesma forma, o guarda-chuva é outro objeto que, além de diminuir a sensibilidade auditiva devido aos pingos de água que caem, produzindo sons próximo à cabeça, a pessoa cega já carrega a bengala. Com o guarda-chuva, fica com as duas mãos ocupadas. E, por falar em chuva, outro contratempo comum durante e após tal evento meteorológico são as poças de água que se formam nas ruas e calçadas. Com a bengala, não é possível detectar. A pessoa cega, quando encontra um buraco ou depressão na calçada pode intuir que ali tem água, além das valetas que se formam ao lado do meio fio.

Quando há um chafariz no caminho, para Liliane, quando ligado, torna-se uma referência, pois o som da água jorrando é possível ouvir de longe. Quando desligado, causa medo, pois já ouviu histórias de colegas que caíram em chafariz. A comunicação nas ruas não se limita à voz humana, advém também de outras sonoridades. Os carros buzinam com diferentes intenções. Dependendo da situação, para sinalizar que o pedestre pode atravessar, para advertir que o pedestre deve esperar, para advertir um outro carro, para chamar alguém ou para agradecer algo. O propósito da buzina depende da interpretação do contexto que, na maior parte das vezes, está relacionado a um cenário visual. Quando se emite tal sinal sonoro, para a pessoa cega é uma difícil interpretação, além de não ter certeza se a comunicação é dirigida a ela. Liliane relata o caso de certa vez que chamou um *Uber*. A pessoa parou e ficou buzinando em vez de chamá-la. Para a pessoa cega, a buzina não é a melhor maneira de transmitir mensagens.

Uma das coisas que notou, ao longo dos anos, especialmente nos últimos dez, foi o aumento do número de pessoas em situação de rua. Na época em que veio morar em Curitiba, quase não existiam pessoas nessa situação. Já ocorreram situações de ela pisar ou tropeçar em pessoas que dormiam nas calçadas. Essa situação já aconteceu com outras pessoas cegas, suas amigas, que já contaram o ocorrido. Uma delas caiu e chegou até a perder os sapatos. Liliane diz que pessoas nessa situação têm mau cheiro por não conseguirem manter seus hábitos de higiene. Assim, quando caminha pelas calçadas e sente mau cheiro, é um indicador de que deve estar mais atenta.

No Centro, há muitos pássaros. Liliane anda pelas calçadas, ouvindo seus cantos. Isso traz um raciocínio lógico: os pássaros, quando estão parados cantando, estão em cima de algum lugar,

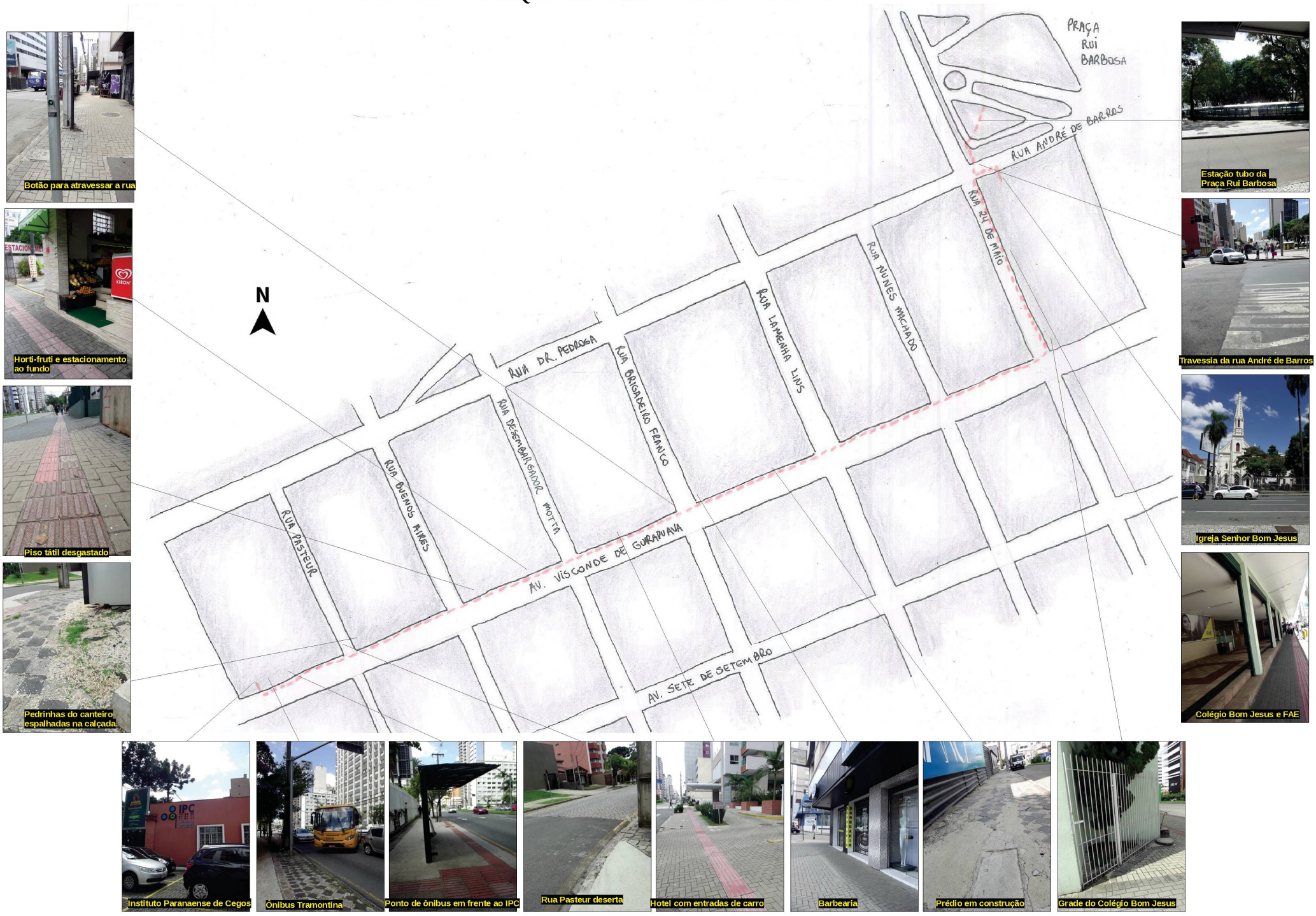
que geralmente são fios de postes ou árvores. O preparo para encontrar um desses obstáculos à frente acaba se tornando um indicador para o caminhar.

Uma pessoa passa com uma mala de rodinha. O som produzido é característico, fácil de identificar, aliás, de todos os objetos que rodam, como skate, patinete, bicicleta. Estas últimas tornaram-se populares na cidade de Curitiba, no último ano, devido à empresa que popularizou o acesso a esses modais de transporte por meio de aplicativo para celular. Existe também um tipo de bengala que tem uma rodinha na ponta. Em vez de utilizar a técnica de bater a bengala, a pessoa encosta no chão e vai girando. O som produzido também é de fácil identificação.

Ela também nota que diminuiu bastante a quantidade de telefones públicos nas ruas. Atualmente, a maior parte das pessoas possui celulares. É comum ocorrerem acidentes em que as pessoas cegas batem a cabeça nos chamados “orelhões”, por não serem detectáveis com a bengala. Por isso, brincavam que era o “chapéu de cego”, todas as pessoas batiam a cabeça. Certa vez, Liliane foi convidada para testar uma bengala que estava sendo desenvolvida por uma empresa, que emitia um apito quando se aproximava dos obstáculos. Entretanto, em meio a tantos sons do ambiente, diz que era difícil de ouvir.

Ela diz que gosta do jeito da cidade de Curitiba e considera que o fato de transitar pelos espaços públicos tem muita relação com o ambiente que a pessoa vive. Conclui que a inteligência espacial não depende da visão. Ela conhece pessoas que enxergam e não têm noção de qual sentido pegar o ônibus. A pessoa que não tem limitação tem mais recursos, portanto, pode “ir pensando na morte da bezerra”. Liliane considera que tem noção de espaço. No entanto, quando está caminhando sozinha, sente que seu corpo fica mais tenso devido à necessidade de prestar mais atenção no ambiente, nos estímulos sensoriais, nos detalhes que possam fornecer pistas para a locomoção. Quando está acompanhada de uma pessoa vidente, sente-se mais leve, pois confia na pessoa. Seu pensamento, assim, pode vagar por histórias do passado, ir e vir no tempo e no espaço, enquanto, na situação anterior, ambos permanecem no presente. O croqui a seguir (Figura 9) mostra os pontos mencionados no trajeto.

FIGURA 9 – CROQUI DO TRAJETO DE LILIANE



FONTE: A autora (2020).

4.3.1 As impressões do trajeto na memória

Ao ser questionada sobre suas lembranças do percurso, antes de iniciar a etapa do passeio acompanhado, Liliane relatou que sai da portaria do instituto, segue a parede à esquerda e tem o ponto de ônibus logo à frente, onde passam as linhas Vila Sandra e Tramontina. Às vezes, tropeça no postezinho do ponto de ônibus, mas, ao mesmo tempo, é uma referência. Geralmente, quando vai ao Instituto, é em horário comercial, por isso, tem bastante criança, bastante gente.

A próxima rua que cruza é a Pasteur, um pouco mais deserta. Antigamente, existia ali a loja dos aparelhos eletrônicos CCE e ela sempre ouvia música, quando passava em frente. Vai seguindo reto pela Visconde, que tem uma mão só. Depois, cruza a Rua Buenos Aires, e a próxima, não se lembra se é a Brigadeiro Franco ou a Desembargador Motta, sempre confunde. Depois, tem a Lamenha Lins e, depois, a Nunes Machado. Ela não sabe dizer a mão dessas ruas, pois só as atravessa. Algumas têm sinal com alarme, outras não. Na verdade, só a Visconde e a Avenida Batel têm, mas não passa por ela. Na Rua 24 de maio, onde vira para ir à Praça Rui Barbosa, há algumas grades, que deve ser do Colégio Bom Jesus. Ela vai batendo a bengala nas grades, e meio que enrosca, mas é uma referência, pois faz o barulho de bater na grade.

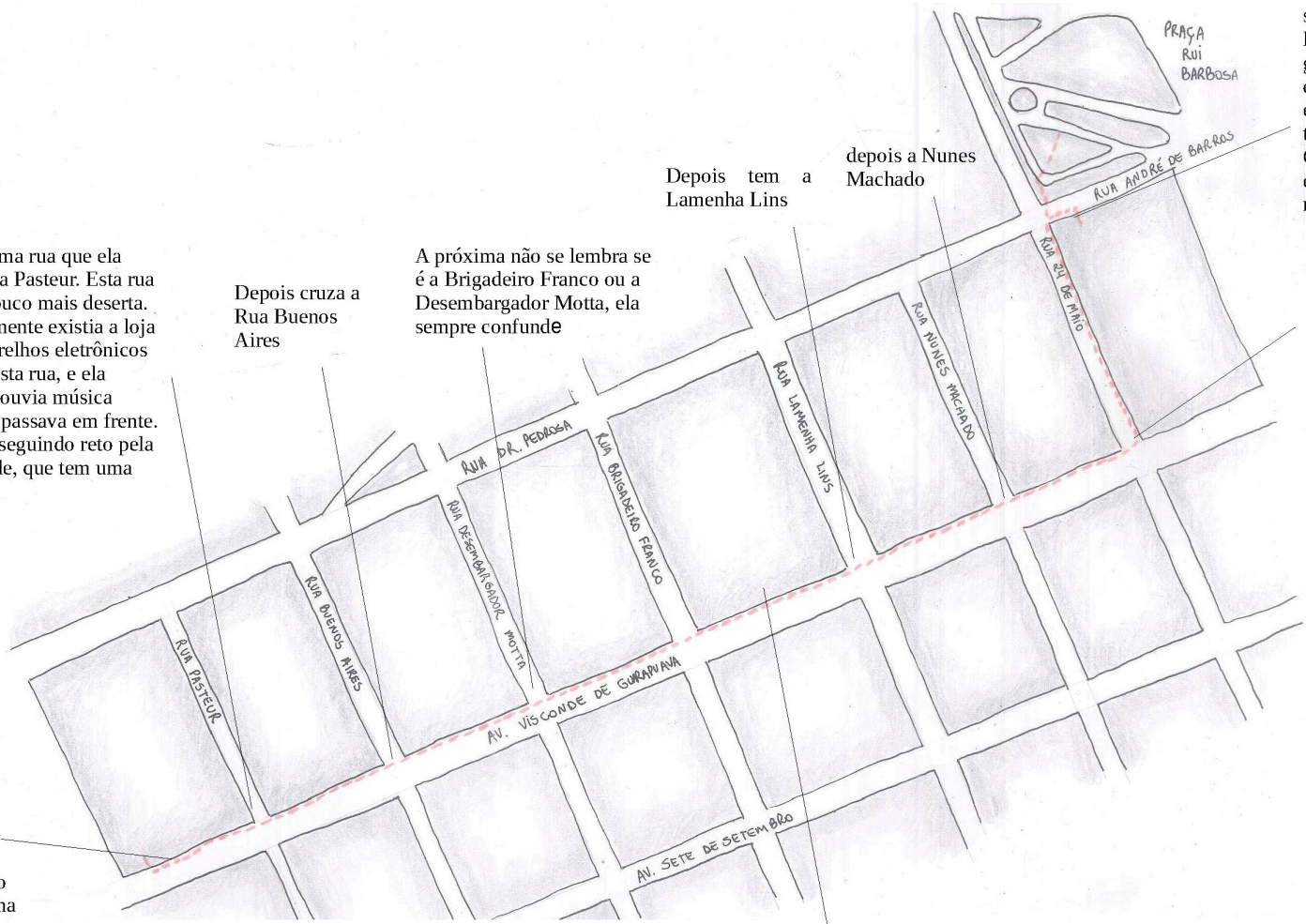
Quando acaba a Rua 24 de maio, vira à direita, na Rua André de Barros, que é a rua da Igreja do Bom Jesus, onde ela sempre passa quando vai à praça. Daí, ela entra no portão, seguindo a grade à direita, e já escuta o barulho de carros, porque ali dentro tem um estacionamento. Aliás, durante o trajeto, na Rua Visconde de Guarapuava, existem diversos estacionamentos, que ela esqueceu de mencionar.

No caminho, também há diversas construções onde, uma vez, ela furou sua bota, outra vez, sujou todo o seu pé de cimento. Nesses pontos, é complicado quando não há alguém que avisa que tem uma obra ou ajuda a desviar.

Há 22 anos, houve uma passeata das pessoas com deficiência, que saíram do Instituto e foram até próximo da Praça Tiradentes, passando pela praça Rui Barbosa. A polícia foi parando o trânsito. Quando passaram em frente ao Colégio Terceiro Milênio, o pessoal fez uma festa, gritando, e batendo palma, como quem diz “são dos nossos!”.

Outra questão que mudou muito foi o significativo aumento das pessoas em situação de rua. Duas de suas amigas já contaram terem tropeçado e caído nas pessoas que dormiam na rua. Quando Liliane se aproxima dessas pessoas, já sente cheiros estranhos, pois não têm condições de manter a devida higiene. O croqui a seguir (Figura 10) mostra os pontos citados na narrativa.

FIGURA 10 – IMAGEM MENTAL DE LILIANE



Quando acaba a Rua 24 de maio, vira à direita na Rua André de Barros, que é a rua da Igreja do Bom Jesus, que ela sempre passa lá quando vai a praça. Daí ela entra no portão, seguindo a grade a direita, e já escuta o barulho de carros, porque ali dentro tem um estacionamento. Aliás, durante o trajeto, na Rua Visconde de Guarapuava, existem diversos estacionamentos, que ela esqueceu de mencionar.

Na Rua 24 de maio, onde vira para ir a praça Rui Barbosa, tem algumas grades, que deve ser do Colégio Bom Jesus. Ela vai batendo a bengala nas grades, e meio que enrosca, mas é uma referência, pois faz o barulho de bater na grade.

Depois a Nunes Machado

Depois tem a Lamenha Lins

A próxima não se lembra se é a Brigadeiro Franco ou a Desembargador Motta, ela sempre confunde

Depois cruza a Rua Buenos Aires

A próxima rua que ela cruza é a Pasteur. Esta rua é um pouco mais deserta. Antigamente existia a loja dos aparelhos eletrônicos CCE nesta rua, e ela sempre ouvia música quando passava em frente. Ela vai seguindo reto pela Visconde, que tem uma mão só.

Sai da portaria do instituto, segue a parede a esquerda, e tem o ponto de ônibus logo à frente, onde passam as linhas Vila Sandra e Tramontina. Às vezes, tropeça no postezinho do ponto de ônibus, mas ao mesmo tempo é uma referência. Geralmente quando vai ao Instituto, é em horário comercia, por isto tem bastante criança, bastante gente.

No caminho também tem diversas construções, e uma vez ela furou sua bota. Outra vez, sujou todo o seu pé de cimento. Nestes pontos é complicado quando não tem alguém que avisa que tem uma obra ou ajuda a desviar.

FONTE: A autora (2020)

4.4 COTIDIANO CRONOMETRADO E O ENCONTRO COM DESCONHECIDOS

Alice é uma pessoa muito pontual e comprometida com seus afazeres. Sabe de cor todos os horários de ônibus e o tempo de cada etapa de seu trajeto. Assim, percorre seu trajeto de quase 2 horas, todos os dias da semana, calculando cada etapa cronometradamente. Ela não se arrisca a andar por ruas que não conhece, pois sente medo. Assim, quando precisa fazer um trajeto cotidiano sozinha, sempre pede para uma pessoa vidente acompanhá-la pela primeira vez. Sentido-se segura, decora o caminho, guarda referências na memória, ambienta-se com os lugares para realizar o trajeto sozinha das próximas vezes. Por isso, muitas vezes, realiza um trajeto mais longo, mesmo sabendo que há alternativas mais rápidas.

Bia propõe que caminhem juntas no percurso a pé, do terminal Guadalupe até a Praça Rui Barbosa. Está à sua espera, no terminal Guadalupe, às 6:40 da manhã. A temperatura média, no início do período da pesquisa de campo, era por volta de 10 graus. Nesse horário, ainda é escuro no período de outono e inverno. Alice desce do ônibus e guarda seu cartão na mochila. Encontram-se e comentam sobre o frio. Iniciam o trajeto e, ao mesmo tempo que caminham, Alice relata para Bia como é seu cotidiano nos dias em que realiza o trajeto só.

Por volta de 6:45 é o momento em que começa a clarear. Com a escuridão, o resquício de visão de Alice diminui consideravelmente. Ela associou que, quando o tempo está escuro, é porque irá chover. Alice comenta que, ao lado dela, no ônibus, havia um homem com cheiro de cigarro e alho ao mesmo tempo. São os dois cheiros que ela mais odeia. Ela abriu a janela, e o homem ficou bravo. Quando ele desceu, a cobradora comentou sobre o mau cheiro.

Ao desembarcar, elas viram à direita, caminham alguns metros e viram à esquerda, passando pelo meio do terminal e contornando por fora de duas colunas. Seguem pela lateral, pelo espaço em que há junção do piso de cerâmica, avermelhado, com o piso branco de pedra. O contraste de cores ajuda a enxergar o caminho a ser seguido. O piso branco, de *petit-pavet*, torna--se escorregadio, principalmente quando chove. Portanto, a preferência de Alice é de caminhar pelo piso de cerâmica vermelho. Certa vez, havia um pequeno trecho do piso em reforma. Foi colocada uma fita alerta zebrada, preta e amarela, para isolar o local. Ela estava caminhando e se enroscou na fita. Duas mulheres viram-na e ficaram preocupadas, dizendo que ela iria se machucar. Alice disse que não era preciso se preocuparem; ela se enroscou, mas já havia resolvido o problema, foi apenas um embaraço, mas já estava tudo bem. As mulheres

continuaram insistindo que seria perigoso para ela continuar o trajeto sozinha, pois poderia se machucar logo à frente. Alice continuou sua caminhada e não lhes deu mais atenção.

No meio desse percurso, a partir do ponto em que se vira à esquerda, estão duas hastes que sustentam três telefones públicos cada. Esse mobiliário urbano fica localizado em um ponto do terminal onde há intenso fluxo de transeuntes. Alice relata que já chegou a bater em um dos telefones públicos. Em alguns pontos, a areia acumulada no chão é perceptível na sola dos pés, ao caminhar. Geralmente, a areia é colocada nos trechos onde é realizada a manutenção do piso, para que ajude a proteger e a secar a obra. Ao chegar na esquina, prefere atravessar primeiro a Rua Pedro Ivo e depois a João Negrão, ou seja, cruza a rua duas vezes por se sentir mais segura. Caso cruzasse primeiro a Rua João Negrão, seriam carros nos dois sentidos: que seguem da direita para a esquerda, na João Negrão, e os que dobram para a esquerda, na Rua Pedro Ivo. Após cruzar a Rua Pedro Ivo, próximo à esquina, há uma lanchonete. Alice percebe um cheiro de fritura, o qual não gostou. Também há um camelô, que vende meias, bem na esquina. Mas ele não tem barraca. Estende uma lona no chão e expõe seus produtos ali em cima. Ela conta que, certa vez, quando passava por ali, pisou sem querer em cima dos produtos. O vendedor reclamou, sendo grosseiro. Alice disse-lhe que deveria estender sua lona em um ponto onde não atrapalhasse a passagem dos pedestres. O homem fez questão de manter-se no mesmo local.

Ao atravessar a Rua João Negrão, na esquina, fica um carrinho de distribuição de jornais gratuitos. Da primeira vez que passou nesse trajeto, conta que se chocou com o carrinho, pois estava escuro e não percebeu o vulto, nem imaginou que poderia haver um obstáculo móvel naquele local. Aprendeu a desviar contornando, ou seja, ao atravessar a rua, em vez de subir imediatamente na calçada, caminha pela parte de baixo do meio fio e sobe alguns metros à frente.

Alice prefere caminhar pelo lado direito, pois há mais regularidade no piso, com poucas imperfeições, ondulações e buracos. As placas, orelhões e lixeiras, do lado direito ficam mais próximas do meio fio e não obstruem a passagem do pedestre, enquanto, do lado esquerdo, ficam próximas ao meio do passeio e há mais ondulações no piso. Apesar disso, mesmo do lado de sua preferência, ela relata já ter trombado algumas vezes com as lixeiras e postes. Algumas quadras à frente, na Praça Carlos Gomes, retorna para o lado esquerdo da calçada. Em frente ao SESC, sempre há pessoas em situação de rua, dormindo embaixo da marquise. Alice também comenta que, nesse local, há cheiro forte de urina, que também foi apontado por Roqué, Ross e Bill (2019). Ela também relata que, quando chove, o local fica com cheiro de esgoto.

Os garis sempre passam na direção contrária, pelo outro lado da rua, geralmente no momento em que Alice passa em frente ao SESC. Ali, na calçada em frente onde hoje é uma universidade particular, antigamente, ficava localizada a Agência do Trabalhador (SINE). Atualmente, o SINE encontra-se na mesma rua, mas do lado direito da calçada. Seu horário é sincronizado também com os ônibus que cruzam seu caminho. A Travessa da Lapa é um corredor exclusivo para a circulação de ônibus. Na maioria dos dias que passa por aquela esquina, há dois ônibus parados no semáforo, nos sentidos opostos. Ela espera os dois ônibus cruzarem para atravessar, mesmo que o semáforo para pedestre esteja aberto, pois não consegue enxergar com seu grau de visão. Quando o barulho fica distante, atravessa com tranquilidade.

Logo que atravessa a rua, há um estacionamento onde os carrinhos de ambulantes guardam suas mercadorias. Segundo Alice, o local, antes, permanecia aberto, mas, atualmente, a porta é fechada todos os dias. Ela acredita que começaram a mexer nas mercadorias e, por isso, passaram a fechar. Todos os dias, quando está passando em frente ao local, os ambulantes estão saindo com seus carrinhos. Alice contou que, certo dia, quando estava sozinha, passava em frente ao local no momento em que o homem saia com um carrinho. Ele bateu com o carrinho nela, e foi empurrando-a para o meio da rua. Ela começou a gritar e fazer um escândalo, mas ele continuou empurrando.

Após o ocorrido, ela discutiu com o ambulante, dizendo que era impossível ele não ter ouvido seus gritos. O homem disse-lhe que, se tivesse uma arma, a mataria. Ela continuou seu trajeto e ligou para a polícia. O atendente disse que não poderia fazer nada e a aconselhou a ligar para o número de reclamações da prefeitura de Curitiba. Ela ligou, e novamente o atendente disse que não poderia fazer nada. Quando chegou em casa, sua mãe disse-lhe que estava cheia de hematomas roxos nos braços e nas costas. No dia seguinte, ela ia passando pelo mesmo local e escutou o ambulante que a atropelou dizendo ao outro homem “lá vem aquela sarna”. Esse tipo de acontecimento pode gerar o sentimento de topofobia nas pessoas, tanto pela recordação do ocorrido quanto pelo receio de acontecer novamente, ou de sofrer novas ameaças ou insultos.

Em grande parte do trajeto, o revestimento da calçada é de pisos intervalados de concreto. Alguns bloquetes estão soltos e podem ser sentidos, quando se caminha sobre eles. Em frente ao citado estacionamento, há uma maior quantidade de bloquetes soltos, concentrado bem no meio do passeio, sendo inevitável caminhar sobre eles. Ao passar por ali, o corpo é desestabilizado pela movimentação do calçamento.

Após a próxima travessia, da Rua Barão do Rio Branco, na esquina, está localizada uma loja de Lingerie. A porta da loja está na diagonal, na esquina das ruas Barão do Rio Branco e Pedro Ivo. Em frente à porta, na entrada da loja, há um piso mais elevado que a calçada, preenchendo o espaço que compreende a esquina da quadra. Ao atravessar a Rua Barão do Rio Branco pela rampa de acesso, se a pessoa continuar o caminho reto, irá em direção a esse citado piso. Certa vez, relata, tropeçou no piso. Assim, ela subiu na parte mais elevada e se perdeu, pois não conseguia encontrar a descida para continuar o caminho. Ao lado desse piso, há um bueiro cuja tampa é mais elevada que o piso do passeio. Logo à frente da tampa, há uma depressão no piso. A pessoa que não enxerga pode pisar em falso, pensando que o piso segue o mesmo nível.

Logo adiante, há uma loja onde, todos os dias, há um rapaz sentado em frente. No horário em que ela faz esse trajeto, a maioria dos estabelecimentos comerciais estão fechados. Alice presume que o rapaz trabalha no local, e fica à espera da pessoa responsável por abrir. Assim, no cotidiano, dois desconhecidos cruzam-se diariamente. Ela percebe a falta dele quando não está.

Um pouco mais à frente, do lado esquerdo da rua, do outro lado da calçada em que Alice caminha habitualmente, há uma academia de ginástica. Às vezes, quando passa em frente, já está funcionando, com o som ligado. A academia fica no segundo piso de uma construção de dois andares. Ela diz que nunca conseguiu distinguir de que lado da rua está localizada a academia. O som, quando é advindo de uma caixa de som, propaga-se no espaço de maneira que é difícil identificar sua fonte. Por isso, quando há palestras com pessoas cegas na plateia, o palestrante, antes de falar ao microfone, fala sem o uso do aparelho para que as pessoas cegas identifiquem a localização pelo som de sua voz.

Logo adiante, em frente à Agência do Trabalhador (SINE), quase sempre, há uma grande fila de pessoas. Em frente ao local, há postes e placas, no meio do passeio. Somando-se às pessoas da fila, tornam difícil a circulação do transeunte pelo pouco espaço. O guarda que toma conta do local está sempre em pé, em frente ao estabelecimento. Todos os dias, quando Alice passa, ele a cumprimenta, dizendo “bom dia” e ela responde.

Para passar pela Praça Carlos Gomes, não há possibilidade de seguir pelo passeio. É necessário subir as escadarias, passar ao lado da estação tubo e, logo após, descer novamente. Assim, ao chegar na Praça Carlos Gomes, Alice atravessa para o outro lado da rua. Há vários ônibus da Rua Lourenço Pinto que viram à esquerda, na Rua Pedro Ivo. Alice escuta o som deles e calcula a distância de aproximação, para saber se dá tempo de atravessar.

No local de travessia da rua utilizado por Alice, está escrita uma palavra na cor branca, que foi apagada com o desgaste do tempo e não é possível ler. Entretanto, como é da mesma cor da faixa de pedestre Alice sempre pensou que estava atravessando pelo local correto. Ela diz à Bia “eu sempre atravesso por esta faixa de pedestre”. Bia informa que estava enganada, não era uma faixa, e ela fica surpresa em descobrir, pois, durante muito tempo, achava que era.

Seguindo em frente, para atravessar a Rua Marechal Floriano Peixoto, há um canteiro central e carros de dois sentidos: os que seguem reto a rua, e os ônibus da Rua Pedro Ivo, que viram à esquerda. Essa é a rua que Alice tem mais medo de atravessar. Nunca sabe o momento correto. Ela não usa a estratégia de atravessar com outras pessoas, quando percebe que estão atravessando, mas, uma vez, tentou fazer isso e a pessoa percebeu que se aproximava um carro rapidamente e saiu correndo. Portanto, é mais fácil atravessar ruas aonde vêm carros de apenas um sentido.

Após atravessar a rua, há três postes na esquina. Alice prefere passar pelo meio deles e utiliza essa estratégia como referência. Ao continuar caminhando pela quadra, relata sempre sentir cheiro de cera de chão. Nessa mesma quadra, uma senhora sempre passeia com um cachorro branco na coleira naquele horário. Uma vez, o cachorro tentou avançar nela, mas a dona o segurou.

Na esquina da Rua Desembargador Westphalen, para atravessar para a Praça Rui Barbosa, não há faixa de pedestre, porém, há rampa de cadeirante. Se o pedestre quiser atravessar pela faixa, é necessário retornar para o lado direito da Rua Pedro Ivo, atravessar Rua Desembargador Westphalen, atravessar novamente a Rua Pedro Ivo e a rua interna da Praça Rui Barbosa, exclusiva para ônibus. Alice relata que, antes, fazia todo o contorno para atravessar pela faixa de pedestre, porém, depois, encorajou-se para atravessar direto, como faz a maioria dos transeuntes.

Ao chegar à Praça Rui Barbosa, no primeiro ponto de ônibus, há sempre um homem vendedor de salgados, que fica sempre com um *cooler* azul, oferecendo aos transeuntes. Um homem que utiliza bengala de rodinha na ponta sempre passa em frente ao ônibus Vila Isabel, que Alice espera no ponto. Para chegar a esse ponto de ônibus, ela conta os pilares de ferro que sustentam a cobertura, a partir do momento que passa para a segunda estrutura. Uma vez, distraiu-se e esqueceu-se de contar. Foi parar mais adiante e teve que pedir ajuda a um rapaz que passava, para conseguir voltar. Uma amiga dela, que estuda na mesma universidade, desce no ponto de ônibus em frente ao do ponto Vila Isabel. No mesmo ônibus, há uma outra mulher cega,

que desce todos os dias para ir trabalhar, porém, seu percurso é para o lado oposto. Quando o ônibus para e Alice escuta as batidas da bengala, sabe identificar se é sua amiga ou a outra mulher, pelo fato de que o som de uma se aproxima e da outra se afasta.

As casas lotéricas que ficam atrás do ponto de ônibus emitem um som da desativação do alarme, ao abrirem. É exatamente no horário que Alice chega no ponto, às 7 da manhã. É nesse mesmo horário que a Paróquia Bom Jesus dos Perdões, localizada atrás da Praça Rui Barbosa, toca o sino. Próximo ao local, também há um colégio, onde as crianças sempre passam carregando uma mala de rodinha, cujo som Alice identifica.

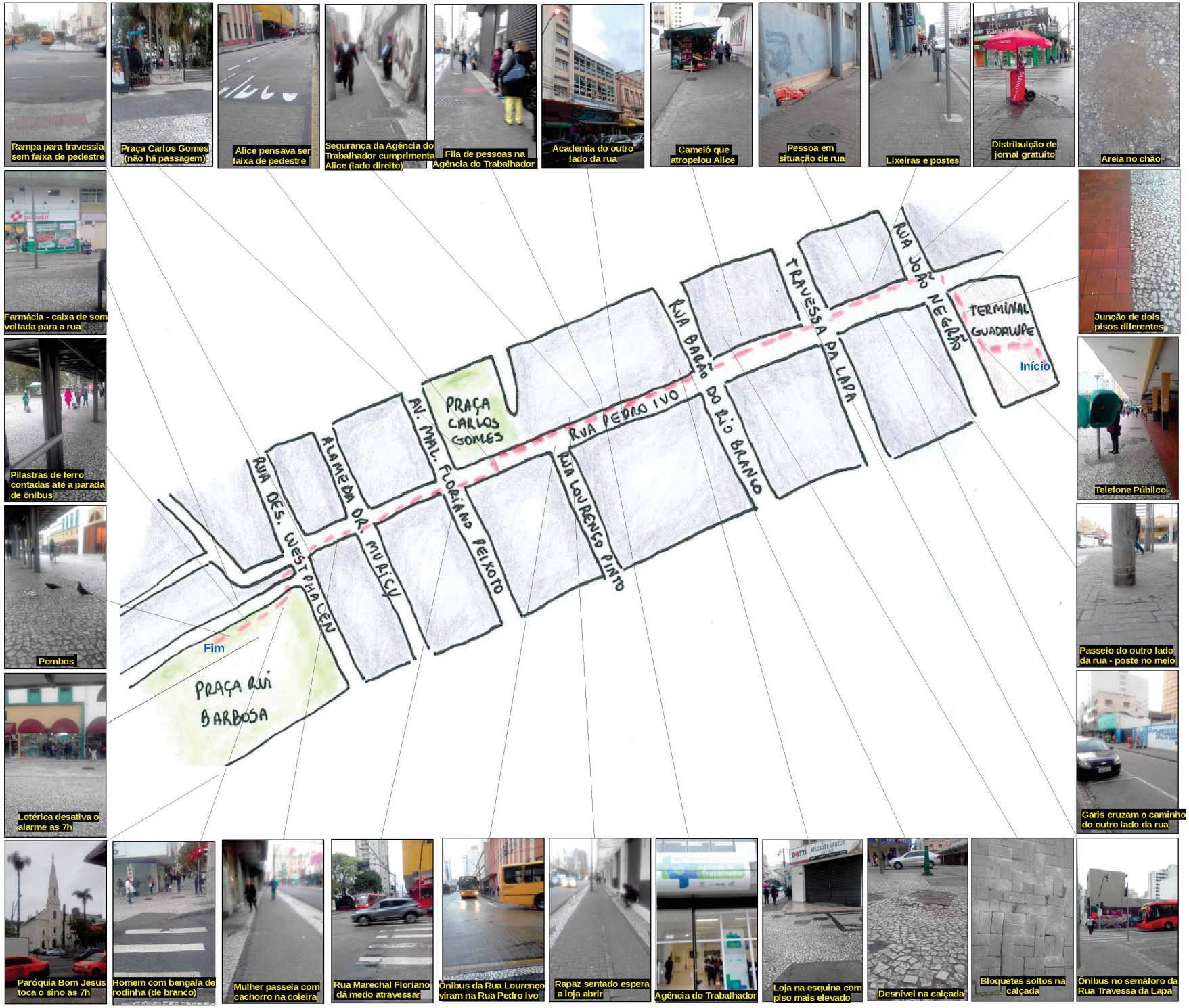
Um outro som comum de animal é o das pombas na praça. Do outro lado da rua, a farmácia, com caixas de som voltadas para o lado de fora da rua, anuncia suas ofertas. Em frente à farmácia, há uma mulher em situação de rua que está sempre acompanhada de seu cachorro. No momento em que alguém se aproxima dela, ele começa a latir, e Alice identifica a direção do som.

Em vários pontos do trajeto são percebidos, diariamente, elementos móveis e efêmeros, que não são possíveis de mapear, como entulhos de lixo, bicicletas estacionadas nas calçadas, presas a postes, patinetes, pessoas desabrigadas deitadas nas calçadas, cheiro de cigarro, carrinhos de bebê, pessoas passando na rua com skate, pessoas ouvindo música com alto som. Certo dia, ao chegar no ponto de ônibus, Alice ouviu o som de um grilo e não sabia identificar a origem.

Algumas pessoas estão sempre no mesmo horário e local, quase todos os dias. O cotidiano das pessoas forma uma teia de relações que, mesmo sem se conhecerem, sem se apresentarem, partilham de um mesmo ambiente, em determinado horário do dia, cruzando seus caminhos e sua existência no mundo, de modo que é percebida a falta delas, quando não estão lá.

Na figura 11, tem-se o croqui do trajeto. As fotografias do trajeto estão ligadas ao croqui por uma linha, mostrando o local de onde foram tiradas. Essas imagens foram capturadas com a câmera de telefone celular, para que as pessoas não percebessem que estavam sendo fotografadas.

FIGURA 11 – CROQUI DE ALICE



FONTE: A autora (2020)

4.4.1 Depois de muito tempo, Alice se lembrou

O trajeto realizado com Alice foi no ano de 2018. Dia 02 de março de 2020, quase dois anos depois, Bia encontrou-se novamente com Alice para perguntar o que ela se lembrava daquele trajeto. Atualmente, ela não percorre mais aquele trajeto cotidianamente, pois estuda e trabalha em outra universidade. Quando presentificou aqueles tempos, em sua resposta, ela foi encadeando alguns itens:

Sempre sentia cheiro de urina das pessoas no terminal. Passava por dentro do terminal, às vezes tinha construções demarcadas com fita no chão, de sinalização (fitas zebradas em preto e amarelo). Uma vez, enroscou-se em uma dessas fitas. Atravessava o sinaleiro, passava o camelô, cheio de muamba.

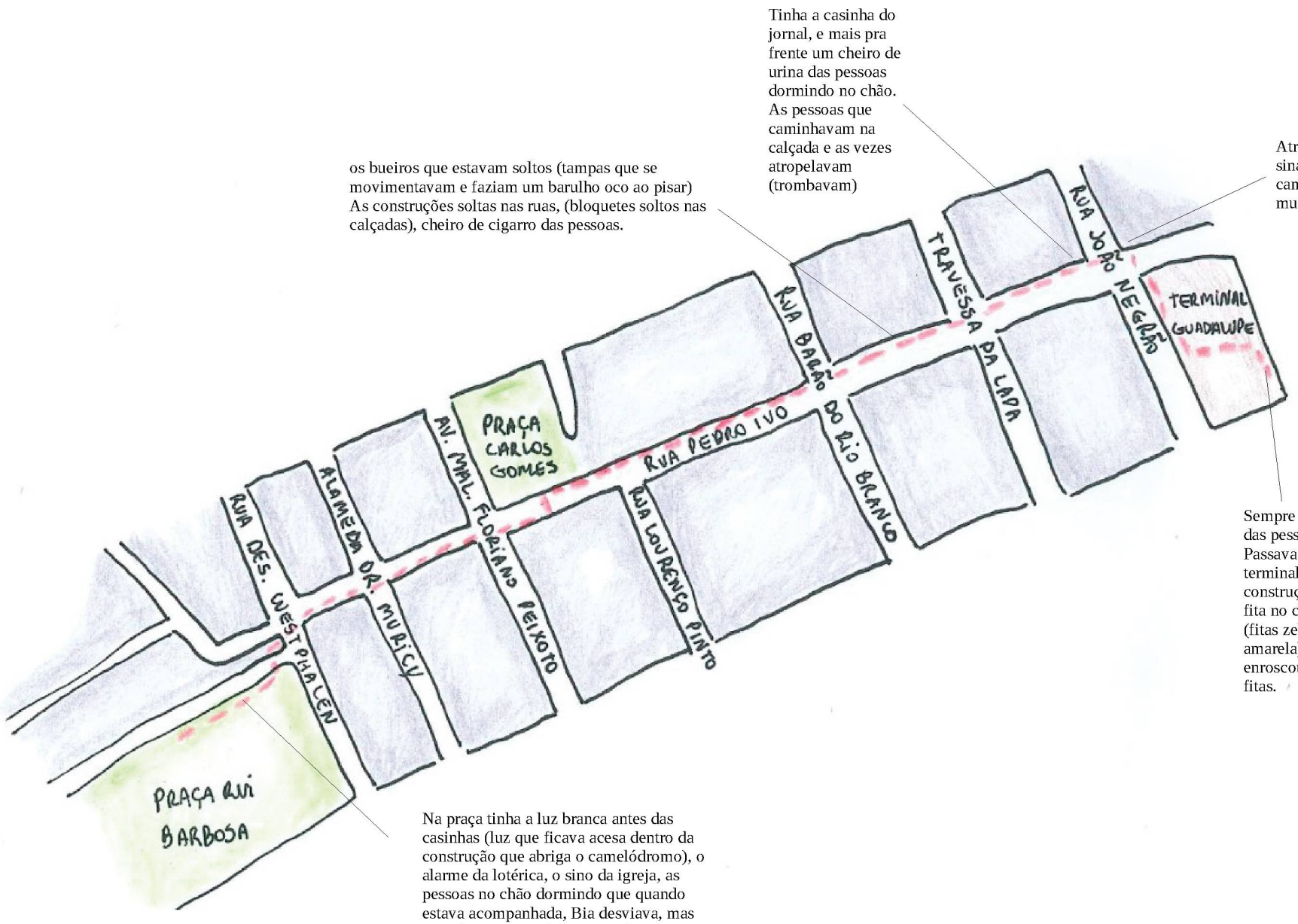
Tinha a casinha do jornal e, mais para frente, um cheiro de urina das pessoas dormindo no chão. As pessoas que caminhavam na calçada e às vezes atropelavam (trombavam), os bueiros que estavam soltos (tampas que se movimentavam e faziam um barulho oco ao pisar), as construções soltas nas ruas, (bloquetes soltos nas calçadas), cheiro de cigarro das pessoas,

Na praça, tinha a luz branca antes das casinhas (luz que ficava acesa dentro da construção que abriga o camelódromo), o alarme da lotérica, o sino da igreja, as pessoas dormindo no chão, que, quando estava acompanhada, desviava, mas quando estava sozinha, atropelava.

Alice também relatou que, depois de ocorrido o incidente com o homem que empurrava o carrinho do camelô, nunca mais passou em frente àquele local. Não porque tenha medo, ou porque tenha raiva do homem, mas porque não gosta de se lembrar do ocorrido. Sempre passa por outra quadra, pela rua paralela, quando necessita fazer aquele trajeto.

Na figura 12 é apresentado o croqui da imagem mental de Alice.

FIGURA 12 – IMAGEM MENTAL DE ALICE



FONTE: A autora (2020).

4.5 TRAJETOS EM ESPAÇOS PÚBLICOS MEDIADOS POR ESPAÇOS VIRTUAIS

É interessante lembrar que, há pouco mais de uma década, as pessoas que necessitavam buscar um endereço desconhecido recorriam à lista telefônica. Os mapas, divididos por quadrantes, possuíam, na lateral, letras e números. Buscava-se o endereço por ordem alfabética, em seguida, era necessário ir à página indicada no mapa, para verificar, no quadrante e nas letras miúdas de nomes de ruas, o endereço desejado. Por seu volume e peso, era inviável caminhar pelas ruas carregando uma lista telefônica para consultar o mapa.

Os tempos mudaram. As tecnologias, definitivamente, alteraram a vida cotidiana. A linguagem necessária para a leitura e interpretação de mapas passou a ser vivenciada, de modo que, atualmente, desde crianças, as pessoas vão aprendendo de modo natural, prático, e a geografia torna-se presente a cada instante. A mobilidade nas cidades ganhou novas formas. As pessoas locomovem-se com destreza em espaços desconhecidos, portando-se como exímios conhecedores. Os taxistas, que antes necessitavam decorar os nomes das ruas das cidades, hoje não necessitam mais. Aliás, já estão perdendo seu lugar no mercado para motoristas de aplicativos. As tecnologias propiciaram facilidade aos transeuntes, de encontrar endereços, buscar caminhos, rotas, saber os ônibus e outros transportes públicos que conduzem ao destino desejado, saber os estabelecimentos próximos como restaurantes, mercados, farmácias, padarias. Assim, as tecnologias também servem às pessoas que caminham sozinhas por espaços públicos.

Assim que foi popularizado o serviço de telefonia móvel, no início dos anos 2000, foram desenvolvidos sistemas para pessoas cegas utilizarem celulares. Um sistema de vozes é capaz de realizar a leitura das teclas apertadas, além de ler as opções do menu, ao acessar os itens que o aparelho disponibiliza. Com o advento dos *smartphones*, novas tecnologias para pessoas cegas foram implementadas. No sistema *touch screen*, a saliência das teclas para que as pessoas cegas se utilizem de seu sentido tátil para manusear o aparelho, foi substituída pelo sentido sonoro. As pessoas cegas deslizam o dedo ao longo de toda a tela do aparelho. Ao passar o dedo em cima de algum ícone, o aparelho faz a leitura. Ao posicionar o dedo em cima do ícone desejado, basta clicar para acessar. Com a prática do manuseio, a pessoa cega memoriza a posição dos ícones na tela e passa a utilizar o aparelho com mais facilidade.

As pessoas, de forma geral, passaram a vivenciar o ato de caminhar por espaços públicos de uma forma mais autônoma a partir dos *smartphones*. Essas ferramentas estão se popularizando

também entre as pessoas cegas. Bárbara está sempre antenada às novidades, que surgem constantemente, e utiliza os aplicativos com destreza. O primeiro que começou a utilizar foi o *Google Maps*. Sempre que percorre trajetos sozinha, a pé ou de ônibus, e não sabe o caminho, coloca o endereço desejado, traça a rota a partir do ponto que se encontra, e ouve, com os fones de ouvido, as indicações do GPS, os momentos que deve virar à direita, à esquerda e seguir reto.

Bárbara conta que, certa vez, estava na rua com uma amiga em um lugar desconhecido, e ambas procuravam por um supermercado. Ela, prontamente, buscou no *Google Maps* o estabelecimento mais próximo e traçou a rota a partir do ponto que estavam. Sua amiga ficou impressionada com a rapidez com que chegaram ao local, sem necessitar pedir informações.

Depois de certo tempo utilizando o aplicativo, passou a explorar outro que oferece novos recursos, o *Moovit*. O diferencial desse aplicativo é a maior precisão de informações em relação ao transporte público. Ao acioná-lo em um ponto de ônibus, ela mostra todas as linhas de ônibus que passam pelo local. Também informa os nomes dos ônibus que se aproximam. Assim, a pessoa cega não necessita pedir ajuda para as pessoas que estejam nas paradas de ônibus para avisarem da aproximação do ônibus desejado. Depois que Bárbara passou a utilizar o aplicativo e o considerou tão prático em sua vida diária, passou a divulgar entre seus amigos e amigas, incentivando-os a também utilizá-lo e oferecendo seus ensinamentos a quem queira aprender.

Em reportagem veiculada no site da M*icrosoft*, Vanessa Ho (2019) aponta “como a *Moovit* aprimorou seu aplicativo para ajudar pessoas com deficiência a transitar com confiança”. Assim, relata experiências de pessoas cegas, em diversos países, que utilizaram o aplicativo, e como a empresa vem aprimorando-o a partir dos relatos de seus usuários. O site Catraca Livre (2016) também publicou uma reportagem que explica seu funcionamento e como é utilizado no Brasil.

Ao embarcar no ônibus, o aplicativo também informa quantas paradas de ônibus faltam para descer, a partir do endereço indicado pelo usuário. Não é necessário solicitar ao motorista, ao cobrador ou a outro passageiro para avisar o ponto de ônibus que se deve descer. Bárbara relata que, antes, dependia muito mais de pessoas que prestassem informações nas ruas, que, nem sempre eram precisas. Atualmente, sente-se muito mais livre e segura com o que a tecnologia pode proporcionar.

Para realizar seu trajeto de casa ao trabalho, todos os dias úteis, o percurso a pé não é muito longo. Ao sair de sua casa, vira à esquerda e desce uma rua pouco movimentada, em um

bairro residencial, por meia quadra. Atravessa a rua à direita, caminhando por mais meia quadra, para chegar até o ponto de ônibus. Na rua de sua casa, é impraticável caminhar pela calçada. Há trechos com grama, outros com mato alto e outros com cimento. A calçada é toda irregular e há muitos desníveis. Além disso, muitos de seus vizinhos costumam estacionar os carros em cima delas. Bárbara conta que sua família já conversou com a vizinhança sobre esse ato. O problema é resolvido sempre no início, mas após algum tempo, volta a se repetir.

Sendo assim, ela diz que se acostumou a andar pelo canto da rua e que não se importa em não caminhar pela calçada. Há dias em que ela atravessa a rua na esquina e outros que atravessa antes. Conforme desce caminhando, escuta o som dos carros. No momento que considera propício atravessar, o faz. Após atravessar a rua e virar a esquina, passa por um gramado que fica entre a calçada e o asfalto. Chega a uma calçada de pedras onde consegue caminhar tranquilamente até a parada de ônibus, já que é regular.

Naquela parada, passa somente uma linha de ônibus, portanto, quando ouve o som do motor do ônibus se aproximando, não há dúvidas. O horário de seu ônibus é sempre o mesmo, por volta de 9:15 da manhã. O motorista, na maioria das vezes, é o mesmo, que trabalha naquele horário. Durante o percurso de ônibus, o aplicativo *Moovit* avisa o número de paradas que faltam para chegar até a que precisa descer. Assim, já sabe quando acionar o sinal de parada do ônibus. No momento em que desce, Bárbara atravessa a rua em frente ao ponto de ônibus, apesar de, no local, não haver faixa de pedestre. Caso optasse por atravessar na faixa de pedestre, teria que caminhar por volta de 20 metros à frente do local que desce do ônibus, atravessar, e depois retornar pelo outro lado da rua, por volta de dez metros.

Aquela rua é sempre movimentada, por isso, sempre pede ajuda para atravessar. Devido ao intenso movimento de carros, há alguns dias em que é necessário aguardar algum tempo até que cesse o tráfego de veículos. Entre uma brecha e outra do movimento dos carros velozes, o tempo para travessia é curto, sendo necessário apressar o passo, antes que o carro se aproxime. Do outro lado da rua, a calçada, revestida por blocos de paralelepípedo quadrados, é bastante irregular. Alguns blocos estão soltos e desencaixados, outros foram removidos formando buracos. Além disso, a rua é bastante arborizada, com árvores antigas cujas raízes deformam os pavimentos das calçadas. Ao descer a rua, há o estacionamento das Casas Bahia. O local que Bárbara trabalha fica na rua paralela à rua que desce do ônibus. Ela conta que, quando começou a trabalhar, costumava entrar no estacionamento, passar por dentro da loja para cortar caminho e

sair ao lado de seu trabalho. Entretanto, o trajeto era conturbado devido aos estreitos corredores deixados entre o mostruário, e o intenso movimento de clientes na loja.

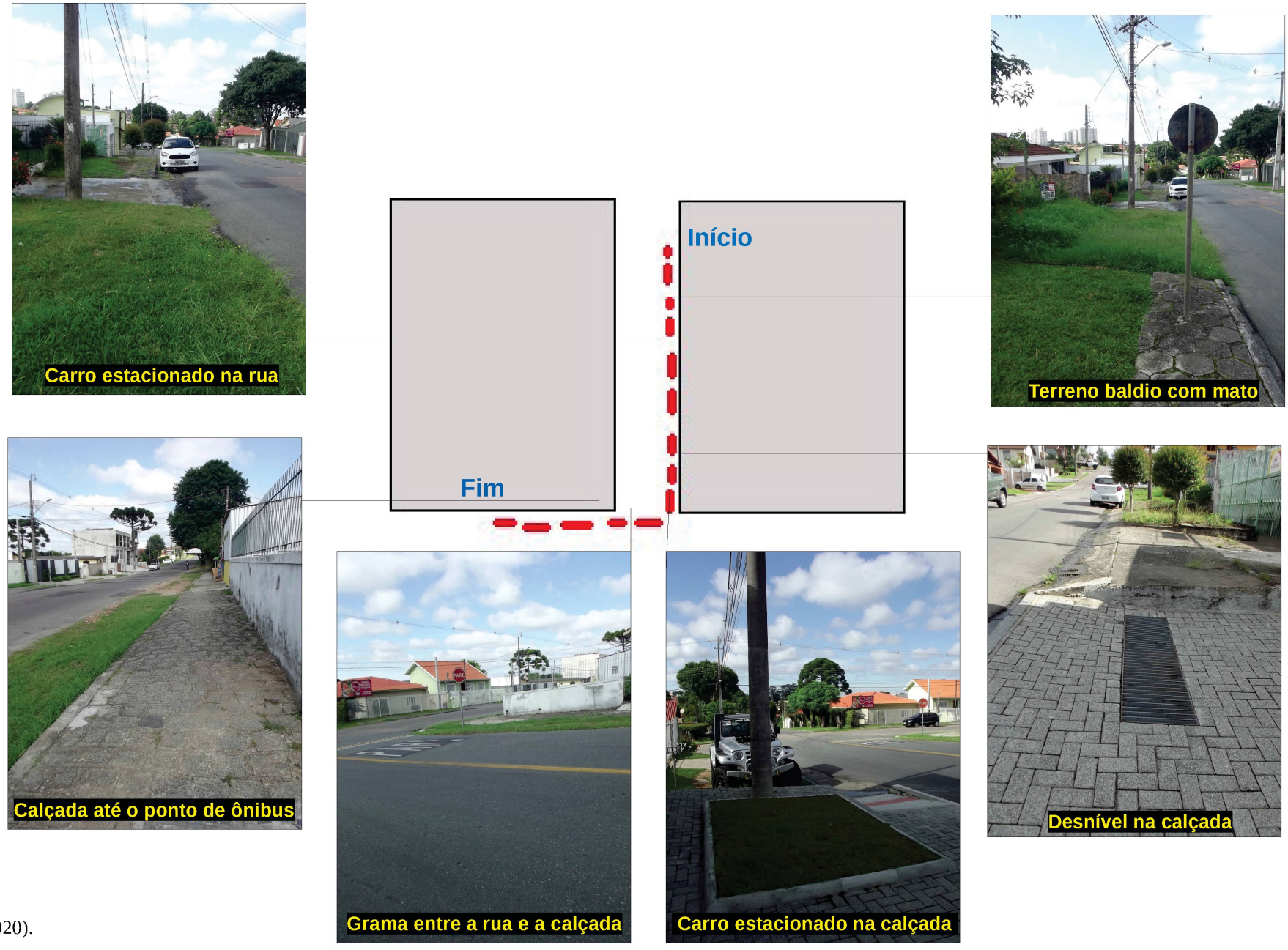
Bárbara então descobriu que, pouco abaixo, há um mini *shopping* com acesso à rua paralela. Para acessar o *shopping*, desce a calçada por mais alguns metros e vira à esquerda. Do lado esquerdo da calçada, antes da entrada do shopping, há algumas plantas, que podem ser sentidas abaixo do joelho, cujas folhas compridas esbarram nas pernas dos pedestres e servem de referência. Ali, o espaço privado confunde-se com o espaço público, pois torna-se um acesso com grande trânsito de pedestres. A rua é coberta e o piso regular. Há lojas dos dois lados e, quando necessita comprar algo, já o faz ali mesmo. Logo na entrada, há uma loja de produtos naturais. Bárbara já comprou alimentos e reconhece a loja pelo cheiro que dela emana.

No meio, há um quiosque que vende alguns lanches, e também uma *lanhouse*. Bárbara já utilizou esses serviços. Em todo o percurso, esse trecho é o seu preferido por ser um lugar agradável e com serviços e facilidades sempre à mão. Ao finalizar a passagem pelo *shopping*, há duas opções para descer para a calçada: seguindo reto, há uma pequena escada com 4 degraus largos, e, do lado esquerdo, há uma rampa. Bárbara costuma descer pela escada, mas também já utilizou a rampa. Antes da escada, há uma caixa de som, na porta do *shopping*, que, quase todos os dias, está tocando música. Virando à esquerda, na rua, há uma loja que vende produtos diversos e, logo em seguida, as Casas Bahia, local onde Bárbara saía, quando entrava por seu estacionamento em rua paralela. Nesse local, também há sempre uma caixa de som tocando música, voltada para a rua. Passando o local, Bárbara chega ao seu trabalho. Nessa rua, um homem guardador de carros, às vezes, oferece-se para acompanhá-la.

Apesar de Bárbara ser uma entusiasta da tecnologia, considera que tais recursos podem tornar a pessoa dependente. Assim, caso algum dia não disponha do recurso por qualquer motivo, poderá sentir mais dificuldades em caminhar sozinha pelas ruas, já que, com o uso do aparelho, não se torna tão necessário prestar atenção em referências sensoriais e físicas. Por outro lado, relata que, antes de utilizar os aplicativos para locomoção, já lhe forneceram informações erradas na rua. Atualmente sente-se mais livre, segura e independente ao caminhar sozinha, por não necessitar pedir informações.

A figura 13 apresenta um croqui do trajeto que Bárbara faz de sua casa ao ponto de ônibus. A figura 14 apresenta o croqui do trajeto a partir do momento que desce do ônibus, até chegar ao seu trabalho. Os nomes das ruas não foram indicados para preservar a identidade.

FIGURA 13 – CROQUI DO TRAJETO DE BÁRBARA ANTES DO ÔNIBUS



FONTE:A autora (2020).

FIGURA 14-CROQUI DO TRAJETO DE BÁRBARA APÓS O ÔNIBUS



FONTE: A autora (2020).

4.5.1 Imagem mental do percurso a pé

Na época em que Bárbara foi convidada a participar da pesquisa, ela ainda não trabalhava no local onde foi realizado o passeio acompanhado. Portanto, relatou o percurso de sua casa até a universidade em que estuda. Esse relato ocorreu dia 21 de março de 2019, antes, portanto, da etapa do passeio acompanhado, na Biblioteca Pública Municipal.

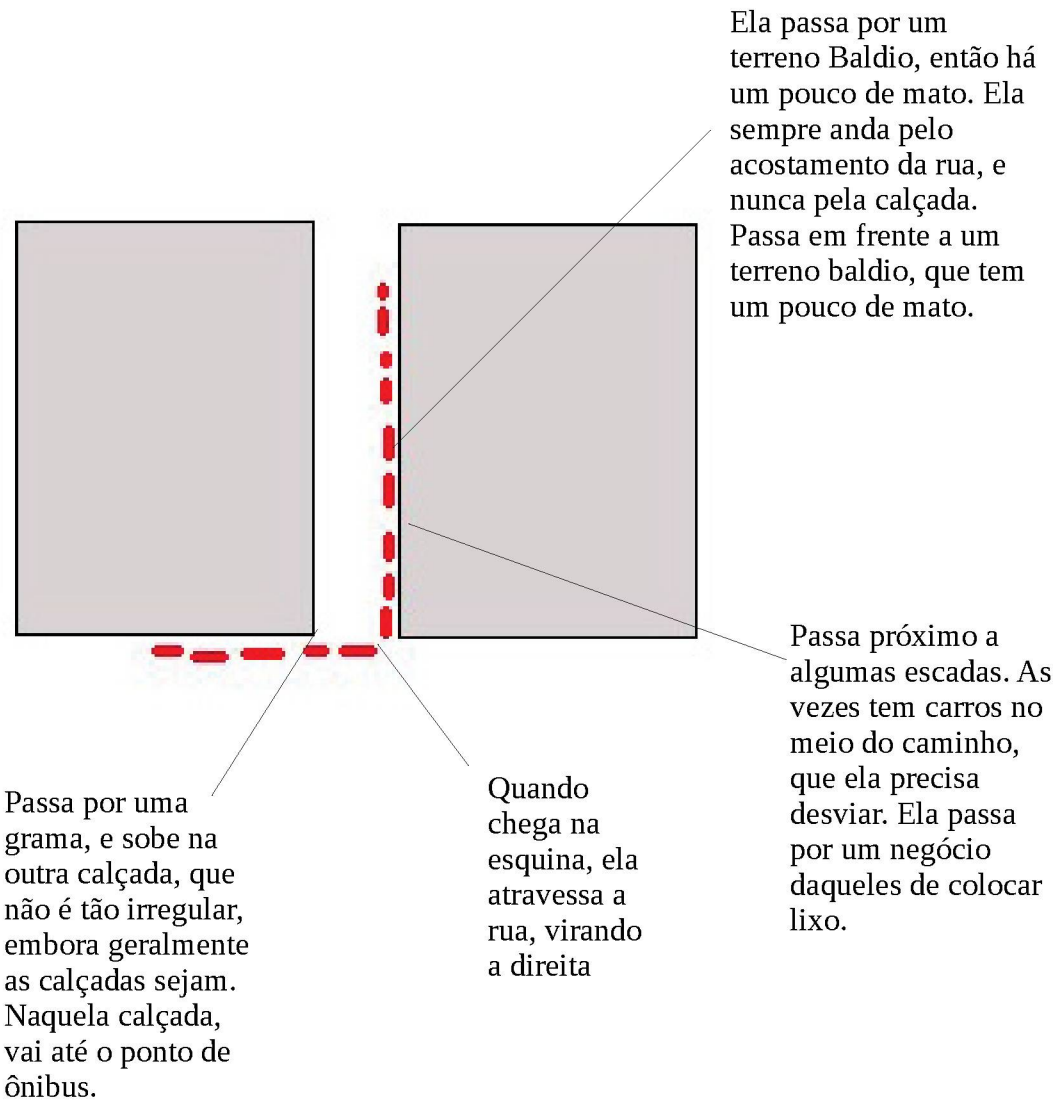
Bárbara relata que, no trajeto que faz de sua casa até o ponto de ônibus, não presta muita atenção na questão olfativa. Às vezes, coincide de algum vizinho estar preparando comida. De sua casa até o ponto de ônibus, é uma descida. Ela passa por um terreno baldio, com um pouco de mato. Ela sempre anda pelo acostamento da rua, nunca pela calçada. Passa em frente a outro terreno baldio, também com um pouco de mato. Passa próximo a algumas escadas. Às vezes, há carros no meio do caminho e ela precisa desviar. Passa por um negócio daqueles de colocar lixo. Quando chega na esquina, atravessa a rua, virando à direita, passa por uma grama e sobe na outra calçada, que não é tão irregular, embora, geralmente, as calçadas sejam. Naquela calçada, vai até o ponto de ônibus.

No momento em que ocorreu a etapa do passeio acompanhado, entre os meses de outubro e dezembro de 2019, Bárbara disse que ainda não havia construído muitas referências para orientação, pois trabalhava naquele local havia pouco tempo. No dia 05 de março de 2020, foi acompanhada novamente para falar sobre as referências que havia construído, três meses depois. Durante os instantes que aguardava o ônibus, foi solicitado que ela relatasse o trajeto até chegar em seu trabalho.

Bárbara disse que, dentro do ônibus, percebeu que, pouco antes de chegar em seu ponto de descida, há uma trepidação, como se estivesse passando por uma rua esburacada e irregular. Antes do ponto, também há uma grande subida na rua. Quando desce do ônibus (de costas para a rua) vira para o seu lado esquerdo, onde há uma rampa na calçada. Geralmente, ali, há alguém que a acompanha em todo seu trajeto ou que a ajuda, ao menos, a atravessar a rua. Em seu trajeto a pé, ela não construiu novas referências.

A figura 15 mostra o croqui com a narrativa de Bárbara em relação à sua imagem mental de sua casa até o ponto de ônibus. Na sua imagem mental do ponto de ônibus até o trabalho, Bárbara ainda não construiu referências significativas.

FIGURA 15 – IMAGEM MENTAL DE BÁRBARA



FONTE: A autora (2020).

4.6 ENTRE EMPIRIA E TEORIA: OS ENTRELAÇAMENTOS

As crônicas apresentadas são baseadas nas narrativas dos participantes da pesquisa, a partir de diversos dias em que foram registrados os passeios acompanhados. Obviamente, ao transformar as falas dos participantes em histórias, a pesquisadora também se coloca como participante. O objetivo dessas histórias foi demonstrar que as pessoas cegas percebem os espaços públicos com seus sentidos remanescentes. A partir dessas percepções, são afetadas pela cidade, concebem imagens mentais e constroem o sentido de lugar. Assim, concorda-se com Hill (985, p. 109) que as interpretações visuais da realidade não são inferiores nem superiores às de pessoas com deficiência visual, mas sim, um meio alternativo.

As questões discutidas no referencial teórico puderam ser identificadas na pesquisa de campo. O conceito de escala perceptiva pode ser identificado quando os participantes exprimem detalhes tão singulares de percepções e referências para orientações. As texturas do piso, como a percepção tátil da faixa de pedestre pela sola dos pés, apresentada por Mariano, ou os coquinhos no chão, apontados por Lua, demonstram percepções que, na maioria das vezes, são negligenciadas por pessoas videntes. Uma das falas de Mariano chamou a atenção para refletir sobre a questão da escala perceptiva. Ele diz que a pessoa vidente consegue enxergar a calçada do outro lado da rua, enquanto a pessoa cega, que apreende o espaço a partir do tato, só consegue perceber a calçada em que está. Assim, a imagem mental da rua formulada pela pessoa vidente compreende todo cenário visível, ou seja, as calçadas de ambos os lados. Já a pessoa cega constrói a imagem mental de um lado da calçada separadamente do outro. É como se fossem duas ruas, completamente diferentes. Ele diz que sincroniza as duas imagens mentais para conceber como uma mesma rua.

Como Mariano evidenciou, as percepções ocorrem de maneira intuitiva, pois, no dia a dia, não se pensa sobre os atos. Da mesma maneira que as pessoas cegas constroem seus referenciais para locomoção, as pessoas videntes também o fazem, de maneira igualmente intuitiva, não pensada. As referências de pessoas videntes, por serem visuais, estão mais distantes do corpo, como, por exemplo, construções, placas, mobiliário urbano.

A familiaridade com os lugares também foi demonstrada por todos os participantes. Alice diz que tem medo de caminhar por lugares desconhecidos. Sendo assim, sempre decora as referências acompanhada de uma pessoa vidente e, depois, percorre o trajeto com tranquilidade. Liliane e Lua percorrem aqueles caminhos há mais de trinta anos e se recordam de elementos que

deixaram de existir, outros que surgiram ou permaneceram. Ao longo do tempo, foram notando as transformações no espaço, imbricando as mudanças da cidade com as de suas próprias vidas. Mariano demonstrou conhecer o centro da cidade como "a palma de sua mão". Sempre demonstrando domínio sobre direções, referências e nomes de ruas. Bárbara mostrou ter grande familiaridade com a rua de sua casa, local onde sempre morou, e estava buscando construir referências no trajeto de seu recente local de trabalho.

A questão dos lugares enquanto trajetos e movimentos também pode ser pensada a partir das experiências de campo. Nas falas dos participantes da pesquisa, foram apontadas questões como direções, pontos de referência, impressões sobre os caminhos, nomes de ruas, sentidos sonoros, táteis, olfativos, referências à imaginação e percepção. Hill (1985, p. 100) considera que "na medida em que eles são capazes de resolver problemas ambientais baseados no espaço sem sugestões visuais, indivíduos cegos demonstram que a visão não é absolutamente necessária para orientação e localização." Todos os participantes conseguiram demonstrar o senso de localização e resolver problemas ambientais, cada um a sua maneira. Destaca-se a fala de Mariano. A cada esquina e a cada rua em que se virava, ele dizia tudo o que estava à sua direita, à esquerda, à frente e atrás. Mencionou que, a todo instante, atualiza o mapa de sua consciência, mas o faz instintivamente. Ele destaca que isso é essencial para a localização espacial e para caminhar com autonomia por espaços públicos. Os demais participantes não destacaram especificamente esse ponto, talvez, por fazerem intuitivamente, ou por considerarem sem importância.

Quando uma pessoa relata alguma experiência, como uma viagem, um filme, um passeio, uma situação, etc., as falas sempre resumem os fatos ocorridos. Caso fossem relatados na íntegra, a narração duraria o mesmo tempo das experiências. A presentificação da experiência, portanto, é uma síntese na qual o que é lembrado são os acontecimentos e percepções mais significativos para a pessoa que os vivenciou. Chama a atenção o fato de alguns participantes destacarem, em suas recordações, percepções que podem parecer supérfluas, a exemplo de quando Lua relatou o som constante de um exaustor em determinado ponto do trajeto, que poderia passar despercebido para a maioria dos transeuntes.

As imagens mentais dos participantes seguiam uma sequência totalmente clara e coerente, cuja capacidade não é trivial ou banal, mas extremamente complexa, como aponta Lynch (1997, p. 141) quando aborda o conceito de "movimento intencional", caracterizado por uma "elaboração de sequências de detalhes distintivos, tão próximos entre si que o seguinte está

sempre muito perto do imediatamente anterior." A pessoa participante imagina o caminho e descreve em palavras o trajeto e direções tomadas para realizar um percurso. Porém, todos os dias, no cotidiano, as pessoas, de forma geral, costumam realizar essa tarefa mentalmente, ainda que de forma inconsciente. Para ir de um lugar ao outro, seja a pé, de carro ou de bicicleta, são imaginadas as diversas possibilidades de caminhos, ponderando as distâncias, dificuldades, facilidades, preferências, para, a partir daí, decidir as direções a tomar. Esse processo é conceituado como *wayfinding*, termo utilizado pela primeira vez por Lynch em 1960, que explica:

> a descoberta do caminho é a função primeira da imagem ambiental e a base sobre a qual talvez se tenham desenvolvido associações emocionais. Mas a imagem é válida não apenas nesse sentido imediato, no qual funciona como um mapa para orientação do movimento; em sentido mais amplo, pode servir como um sistema geral de coordenadas dentro do qual o indivíduo pode agir, ou em relação ao qual pode associar seu conhecimento. Nesse sentido, ela se assemelha a um conjunto de crenças ou de hábitos sociais: é um organizador de fatos e de possibilidades. (LYNCH, 1997, p. 142)

Os nomes e as sequências das ruas mencionados demonstram que a pessoa cega possui memorização do ambiente que frequenta. Ainda que, às vezes, não se lembrem com precisão do nome de alguma rua, ou que troquem a sequência de ruas que atravessam durante o trajeto, os participantes demonstraram se lembrar detalhadamente de nomes e referências. Portanto, "a paisagem também desempenha um papel social. O ambiente conhecido por seus nomes e familiar a todos oferece material para as lembranças e símbolos comuns que unem o grupo e permitem que seus membros se comuniquem entre si" (LYNCH, 1997, p. 143).

Quanto às direções, compreendem-se os momentos que são mencionados: virar à esquerda, virar à direita, seguir reto, seguir em diagonal. Isso demonstra que a memória do movimento não se instaura apenas na consciência, mas resulta em uma memória corporal. Holzer (2011, p. 138; 2008, p. 141), apoiado em Dardel, mostra que as distâncias e direções, analisadas sob uma perspectiva fenomenológica, deram suporte para os conceitos de lugar e paisagem e têm como referência o corpo e o espaço primitivo.

Algumas lembranças, próximas ou distantes, que marcam negativamente, passam a ser associados ao seu local de ocorrência. Lugar (topo) e sentimento de aversão (fobia) fundem-se, tornam-se indissociáveis na consciência e na palavra: topofobia. Assim, mesmo após o passar de muitos anos, o lugar continua assombrado pelo infortúnio que durou apenas alguns instantes, mas

que permaneceu na memória pelo resto da vida, como destaca Freire (1996, p. 32-33) “carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós”. É o caso de Lua e o assédio que sofreu no ponto de ônibus, ou de Alice e a discussão que teve com o homem que empurrava o carrinho de camelô.

Por outro lado, há lembranças que marcam os espaços positivamente e fazem jus à definição de Bachelard (1993, p. 205; 294) do termo topofilia enquanto espaços felizes. É o caso de Mariano e as crônicas urbanas que escreve sobre a cidade, de Liliane e as lembranças do período em que se mudou para o Instituto e começou a desenvolver sua autonomia de caminhar sozinha por aquelas ruas, ou de Lua, que estudava próximo à Biblioteca Pública e sempre comia cachorro quente e pipoca com as amigas.

Em algumas falas dos participantes, é possível destacar aproximações. Todos, de certa forma, falam sobre as relações pessoais com desconhecidos nos espaços públicos. Lua, que solicitou ajuda nos terminais de ônibus e as pessoas insistiam para que ela adentrasse em uma linha que não fazia parte de seu trajeto. Mariano tem amizade com pessoas que estão frequentemente nos espaços públicos: pessoas em situação de rua, trabalhadores informais. Porém, ao solicitar informações, não confia em videntes. Liliane relata diversas histórias de pessoas videntes que lhe causaram desconforto por não saberem como agir no encontro com uma pessoa cega. Bárbara, às vezes solicita ajuda para atravessar a rua, para pedir informações, mas passou a ser muito mais autônoma, desde que passou a utilizar as tecnologias a seu favor.

As praças, de forma geral, são ambientes criados para fornecerem aspectos paisagísticos, local para encontro, descanso e lazer. Entretanto, Mariano, Liliane e Lua concordam que são locais sem referências para pessoas cegas e, por isso, evitam caminhar por seu interior. A mesma percepção foi apontada por Roqué, Ross e Bill (2019).

Bárbara é a única participante que utiliza tecnologias para a locomoção. Mariano menciona que tem aversão a vozes do GPS e prefere explorar caminhos pelo modo tradicional: conhecendo seu traquejo e solicitando informações a pessoas nas ruas. Assim, cada pessoa possui suas preferências em suas relações com os espaços. Alguns recursos podem ser úteis a algumas pessoas, e não ser a outras.

Outra referência para pessoas cegas é o piso tátil, que tem por objetivo oferecer segurança e liberdade no caminhar para a pessoa cega. Há aquelas que não gostam de exclusividades, mas sim de utilizar a mesma estrutura que todas as pessoas. Mariano só utiliza a pista tátil quando está com pressa, enquanto as demais participantes fazem o uso sempre que o encontram em seus trajetos. O espaço para quem enxerga é grande, para quem não enxerga, é reduzido, com apenas 30 centímetros. Concorda-se com Tosin e Ross (2013, p. 175) que

> Não basta adequar uma pequena linha física. É preciso permitir acessibilidade ao 'real complexo'. Não basta tocar a parte. É preciso perceber e navegar sobre o universal. Não basta pisar o chão. As pessoas clamam pelos encontros, as interações que ampliam seus vínculos, suas sensações, seus afetos. A pessoa com deficiência visual já não se limita ao mundo da trilha.

Alguns elementos do espaço público são apropriados como referenciais para localização e locomoção. Assim, são gravadas na memória sua existência e localização aproximada para que a pessoa planeje suas ações, ao se depararem com eles. Existem relatos de pessoas cegas que dizem adotar algum elemento como referencial nas ruas de suas casas, como uma árvore, uma placa, uma saliência no chão. A pessoa sai à procura e, quando encontra, sabe, por exemplo, que está na frente de sua casa, no ponto de ônibus, na esquina. Foi fato mencionado por quase todos os participantes da pesquisa que as pessoas videntes, ao observarem a pessoa cega se deparar com aquele elemento, consideram que é um obstáculo para ela e, assim, retiram-na do local com a intenção de ajudar, mas acabam fazendo com que perca seu referencial.

Para atravessar as ruas, de forma geral, a pessoa cega que tem conhecimento de sua largura e do sentido dos carros sabe o tempo que demorará a travessia. Ouvindo o som do motor, calculam a distância em que o carro se aproxima. Um exemplo é o medo que Lua tem de atravessar a Rua Marechal Deodoro, por conhecer sua largura. Ou o medo que Alice tem de atravessar a Rua Marechal Floriano. Um dos principais desafios para a pessoa com deficiência visual é atravessar as ruas com segurança, pois um acidente pode ser fatal, enquanto outros incidentes, como buracos nas calçadas, não causam tanto medo.

Oliveira (2016, p. 57) utiliza-se da estratégia de “pegar carona” com outras pessoas no momento de atravessar a rua, ou seja, ficar atenta ao momento em que elas irão atravessar para caminhar próximo a elas. Mariano utiliza da mesma estratégia e, assim que ouve os passos das pessoas videntes atravessando, sabe que também pode atravessar. Alice não usa a estratégia, pois, certa vez a pessoa vidente que estava atravessando, ao perceber a aproximação rápida do veículo,

correu para atravessar a rua. À medida que as pessoas se aproximam de esquinas, percebem de modo mais intenso os sons produzidos por carros e ônibus. Os modelos de veículos antigos faziam grande barulho no motor, já os novos são cada vez mais silenciosos. Se, por um lado, causam menos poluição sonora, por outro, dificultam a travessia de ruas pelo referencial sonoro. Mariano e Liliane preveem que, no futuro, quando a maioria dos carros for silenciosa, não haverá mais a referência sonora.

A percepção é formada pelo conjunto de sensações. Evidenciar determinada sensação vinculada a um ponto do trajeto não significa que as demais não estão presentes, mas sim que, naquele instante do caminhar, a atenção foi focada em um ponto específico. Provavelmente, cada vez que o mesmo percurso fosse repetido, seriam percebidos outros odores, sons e sensações táteis. Da mesma forma, diferentes pessoas podem variar suas percepções, ainda que partilhem das mesmas condições biológicas.

A arborização e vegetação do ambiente na praça é um aspecto menos comum nas ruas, que podem criar uma mudança na atmosfera, percebida por todo o corpo. A vegetação propicia um clima de frescor, pela sombra das árvores. O som das folhas, que balançam com o vento, e o orvalho acumulado que goteja. Este último pode trazer uma sensação de desconforto à pessoa cega por provocar a dúvida se as gotas podem ser dejetos de pássaros que estão nas árvores. A questão dos pássaros e das árvores foi apontada por Lua e por Liliane.

A percepção tátil nos espaços públicos é, majoritariamente, através da sola dos pés, com o ato de caminhar. Mesmo com a utilização de calçados, é possível perceber texturas lisas, escorregadias, ondulações no piso, buracos, arenosas. A percepção dos sons aponta para o referencial teórico: a localização, discriminação e alinhamento auxiliam no processo de locomoção, principalmente no que tange à questão de veículos e ruas.

As repartições públicas, que atendem a um grande número de pessoas, resultam em filas que extrapolam os limites das dependências privadas (ainda que sejam públicas, possuem restrição no acesso e adentram o alinhamento predial). Assim, são formadas filas nas calçadas, e o grande número de pessoas acaba gerando transtornos aos transeuntes, como o caso de Lua, que passa pela farmácia de alto custo do SUS, e Alice, que passa pela Agência do Trabalhador.

Durante um longo período de tempo caminhando no mesmo lugar, ocorrem mudanças de estabelecimentos que, em outros tempos, estavam em determinado local, e altera a dinâmica do ambiente. Isso foi apontado por Alice, ao dizer que a Agência do trabalhador mudou de lugar, por

Lua, que mostra que no lugar onde estudou o Ensino Médio virou uma universidade, por Liliane, que relatou ouvir música na loja da CCE, que não existe mais, e por Mariano, que não citou um exemplo concreto, mas mencionou que muitos estabelecimentos que conhecia mudaram de lugar.

No final de cada crônica, foram apresentadas as imagens mentais, ou seja, aquilo que cada participante lembrava do trajeto. Com alguns participantes, essa etapa ocorreu antes do passeio acompanhado, com outros, ocorreu depois. É certo que, em cada momento, as presentificações são diferentes. Todavia, o objetivo não foi fazer uma comparação, mas mostrar que os espaços estão formados na consciência de pessoas cegas e, à medida que são constituídos de sentidos e significados, é construído o sentido de lugar.

Para finalizar, foi possível compreender que as pessoas cegas percebem os espaços através de seus sentidos remanescentes. Algumas sensações podem ser agradáveis, como o cheiro de comida, de perfume, o som de músicos de rua, da movimentação de pessoas, da água do chafariz. As texturas do chão, o clima ameno. Outras sensações podem ser desagradáveis, como os sons, o cheiro de cigarro, de esgoto, de urina, sons estridentes, música advinda das lojas, calçadas irregulares e obstáculos. Tais sensações causam sentimentos e afetam as pessoas de diversas formas. Umas causam marcas profundas, outras são rapidamente esquecidas.

O sentido de lugar constrói-se a partir de sensações e sentimentos e também a partir de outras questões, como a familiaridade, que se dá através do tempo, as relações com as pessoas e suas trocas simbólicas, as vivências e experiências nos espaços públicos. Assim, pode-se concluir que topofilia, topofobia e lugar sem lugaridade coexistem no amálgama de sentimentos, laços e afetações que tecem o sentido de lugar.

ESSÊNCIAS DA EXPERIÊNCIA DE UMA TESE

Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto
(Novos Baianos, 1972)

A Geografia Sensível, conceito proposto como tradução do termo em inglês *Sensuous Geography*, vem sendo tangenciada por autoras e autores que, desde os primórdios da disciplina, já apontavam para uma concepção do espaço que considerasse todos os sentidos que compõem a dimensão espacial. Alguns autores privilegiavam a linha ambiental, como se o ambiente fosse dotado de sons, cheiros, sensações táteis e visuais, e coubesse às pessoas apenas sua análise de forma passiva. Outros autores abordaram a questão dos sentidos por uma perspectiva mais subjetiva, de pessoas que percebem os ambientes a partir de seus órgãos dos sentidos e passam a atribuir significados às suas percepções.

Ao conhecer alguns exemplos de trabalhos desenvolvidos na Geografia e áreas afins que refletem sobre os sons, os cheiros, as percepções táteis sob uma análise espacial, é possível pensar nas possibilidades de avanços nessas temáticas. A partir de pesquisas já realizadas, ampliar horizontes em busca de novas teorias e métodos capazes de enriquecer a Geografia Sensível. Diferentes culturas privilegiam distintos sentidos na percepção do espaço. Na cultura ocidental, principalmente no modo de vida urbano, é privilegiado o sentido da visão, e essa hegemonia é refletida na ciência. Daí surge a importância de investigar os demais sentidos e suas relações espaciais.

O conceito filosófico de estética é caracterizado pela apreciação através dos sentidos, que provoca os sentimentos de atração ou repulsão, sendo seu principal objeto de estudo as obras de arte. Assim, a primeira contribuição desta tese implica na proposta de análise dos espaços a partir da estética. Desse modo, o sentimento de atração estaria relacionado ao conceito de topofilia, de Tuan, ou geograficidade, de Dardel, e o de repulsão ao conceito de topofobia. Entre um extremo e outro, estaria o sentimento de indiferença, que Relph conceitua como p*lacelessness*, cuja tradução mais aceita para a língua portuguesa seria lugar em lugaridade.

A partir da compreensão do conceito de Geografia Sensível e seus antecedentes teóricos, foi proposto que a essência do sentido de lugar pode ser apreendida a partir da imagem mental que cada pessoa guarda dos lugares. As imagens mentais, ao serem recordadas, são presentificadas, ou seja, trazidas para o momento presente e ressignificadas. As imagens mentais são construídas a partir das percepções de experiências anteriores e adquirem sentido e significado a partir da imaginação de cada pessoa. Ainda existe uma lacuna na Geografia, concernente às discussões sobre como se constrói o sentido de lugar. Aqui, foram apresentados e discutidos alguns elementos que fornecem pistas para as discussões. Com o mundo em constante mudança, as concepções teóricas também sofrem transformações de acordo com as práticas sociais vigentes.

Sendo assim, outra contribuição desta tese foi demonstrar que existem escalas de percepção e escalas de imagens mentais, sendo a escala um conceito geográfico que permeia os demais conceitos, que permite uma análise mais focada ou mais ampla do objeto de estudo. Foi demonstrado também que mesmo as pessoas cegas congênitas elaboram imagens mentais, já que a imagem não possui uma conotação visual, mas sim, aquilo que está no imaginário, ou na consciência.

Ao discutir alguns elementos que podem estar presentes na construção do sentido de lugar, é possível (re)pensar o conceito para além das formulações de autores clássicos da Geografia Humanista. A ideia de fixidez do lugar e da habitação enquanto lugar de maiores elos afetivos pôde ser desconstruída, demonstrando que as pessoas podem estabelecer maiores vínculos afetivos por trajetos da cidade que não sejam, necessariamente, próximos às suas residências.

Outra discussão pertinente foi a questão da topofilia, topofobia e lugar sem lugaridade. É comum encontrar, na literatura, menções do conceito de Lugar vinculado a espaços felizes. Foi apontado que os elos e afetações não se restringem ao sentido positivo, mas podem ser também negativos, neutros, e os diversos tipos de afetações podem coexistir na construção do Sentido de Lugar.

As contribuições desta tese também abrangem a construção metodológica. Na fenomenologia, as práticas de pesquisa ainda carecem consolidar enquanto um método rigoroso de imersão na realidade. Ao se embasar na fenomenologia, o método denominado passeio acompanhado foi uma escolha estratégica na compreensão das percepções. Considerando que as

percepções são referentes ao momento presente, imediato, a única maneira de compreender as percepções acerca do espaço público é caminhar junto aos participantes da pesquisa. Os dados coletados em campo, portanto, não constituem entrevistas, mas sim, conversas informais, uma verdadeira imersão no cotidiano e no mundo dos participantes, que permite aprofundar as investigações de maneira que não se crie um distanciamento, uma hierarquia entre pesquisador e participante da pesquisa.

Ao transpor o conceito de linha do tempo, da História, para a linha do espaço, da Geografia, as percepções que ocorreram em dias diferentes foram sequenciadas em ordem espacial, ao longo do trajeto. Com isso, foi possível criar crônicas a partir das percepções dos participantes da pesquisa e reflexões da pesquisadora, durante o processo do campo. As crônicas permitiram articular as formulações teóricas com as práticas. Os croquis também ajudaram na visualização dos pontos citados pelas pessoas cegas, durante a caminhada. Constitui em um recurso para complementar a crônica, demonstrando o trajeto percorrido, ilustrado por fotografias tiradas durante os percursos.

Quais são as contribuições de caminhantes cegos para a Geografia Humanista? Ao descrever os sentidos percebidos em determinado ambiente, espera-se sensibilizar os leitores tanto em relação ao espaço, quanto em relação à alteridade, ao ampliar a capacidade da sociedade em compreender as dificuldades e facilidades das pessoas cegas em utilizarem o espaço público; demonstrar que o ambiente pode ser percebido por meio de outros sentidos, não somente pela visão, fazendo com que as pessoas, ao caminharem por espaços públicos, tenham novas sensações ao focarem e direcionarem suas percepções ao leque mais variado de estímulos que o ambiente possa proporcionar.

A pesquisa revelou surpresas a cada instante. A sinestesia de Lua, por exemplo, poderia ter sido uma questão aprofundada. Porém, mesmo estando aberta a uma pesquisa fenomenológica, não é possível abarcar e investigar profundamente todos os fenômenos que se revelam.

Pretende-se, para além de alcançar os objetivos propostos, dar voz às pessoas cegas para que a sociedade possa compreender como é a experiência vivida do mundo nessa condição, uma perspectiva da alteridade. A deficiência visual proporciona um modo diferente de percepção, revelando novas formas de conhecimento e uma escala de análise dos objetos mais aproximada. O senso comum não valoriza a pessoa com deficiência visual, considerando-a inferior às

videntes, pois a palavra deficiência remete à falta, ausência. Colocando-se no lugar do outro: pensar, refletir e buscar compreender suas percepções, faz com que as pessoas reformulem suas (pré)concepções, desconstruindo a imagem social atual.

Esta pesquisa poderá fornecer suporte para embasar outras pesquisas. Na área de Educação, é possível explorar aspectos históricos e paisagísticos da cidade, levando os educandos a conhecerem e explorarem a cidade que habitam. É o caso de Lua, quando questionou as espécies de árvores que havia na Praça Carlos Gomes, ou a história do Bondinho da Leitura. Ao conhecer a cidade, é possível a apropriação e a identificação com os espaços, fortalecendo, assim, os vínculos afetivos.

Na área da Cartografia Tátil, é possível pensar em formas de construção de mapas em alto relevo, para que as próprias pessoas cegas construam seus mapas, como foi o caso do mapa de palitos de sorvete, construído por Lua. Ao criar cartografias das experiências e vivências, pôde-se pensar em utilizar e aprimorar esse recurso em diversos tipos de trabalho, demonstrando que a Cartografia também pode ser um meio de expressar subjetividades e partilhar cenas do cotidiano de pessoas comuns, que percebem as sutilezas do mundo.

Nos estudos Humanistas e Culturais em Geografia e Fenomenologia, ainda carece pensar formas de transpor das questões teóricas e filosóficas para as questões práticas de pesquisa de campo. Os métodos ditos objetivos de realização da pesquisa científica já estão consolidados, bastando a escolha do mais adequado, a aplicação e a análise de dados. Já em pesquisas fenomenológicas, é preciso, muitas vezes, criar um método próprio, capaz de abarcar o fenômeno que se deseja estudar. Esse processo é, muitas vezes, moroso, mas, a partir de trabalhos semelhantes, desenvolvidos anteriormente, é possível pensar em limites e possibilidades, para aprimorar em trabalhos futuros.

No planejamento urbano, esta tese cria um mote para pensar e planejar a cidade considerando seus usuários, pois possibilita compreender a vida a partir de outras perspectivas, perceber detalhes que não seriam possíveis a partir de uma visão individual. Concorda-se com Hill (1985, p. 100-101) que

> A valorização ampliada da ligação não visual ao meio ambiente pode, da mesma forma, melhorar o ajustamento e favorecer um desempenho mais satisfatório. para todas as pessoas cegas ou com visão. Tal entendimento pode auxiliar na desenvolvimento de melhores técnicas de educação ambiental e guia planejadores e designers na criação de lugares que promovem a interação humana e experiências agradáveis e estimulantes.

Sendo assim, esta tese não teve por objetivo promover intervenções ou políticas públicas para os espaços públicos, mas demonstrou, por exemplo, que a instalação de pisos podotáteis em praças poderia promover a melhor circulação de usuários cegos por esses espaços, aumentando as possibilidades de lazer e de apropriação da cidade. Ou, talvez, buscar locais da cidade com constante cheiro de esgoto para intervir no problema e tornar o ambiente olfativo mais agradável. Assim, o método do passeio acompanhado torna-se uma alternativa a planejadores urbanos que queiram ouvir os usuários das cidades, a fim de humanizar suas intervenções.

A Geografia Urbana, em grande parte dos trabalhos acadêmicos, é abordada pelo paradigma da Geografia Crítica, criando uma falsa ideia de associação direta entre delimitação espacial e paradigma. Sendo assim, outra contribuição deste trabalho foi demonstrar que o espaço urbano pode ser estudado a partir da Geografia Humanista e Cultural.

Portanto, os objetivos almejados com a presente pesquisa foram alcançados. O primeiro, de investigar as origens da Geografia sensível e apresentar exemplos de trabalhos já desenvolvidos, abrangeu o primeiro capítulo, que finaliza com a proposta de analisar os espaços por uma perspectiva estética e propõe a tradução do termo para a língua portuguesa.

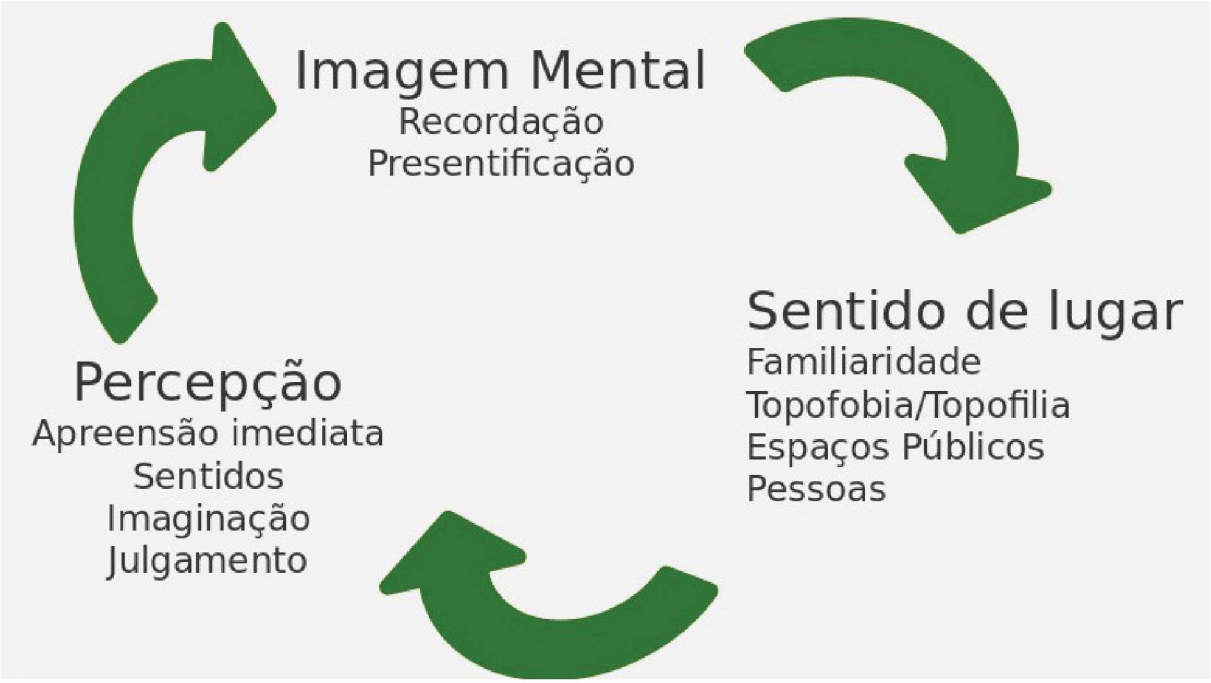
O segundo, de compreender como as pessoas formulam imagens mentais e constroem o sentido de lugar, abrangeu o segundo capítulo e aponta elementos que são basilares nessa composição: os caminhos percorridos na cidade, a familiaridade, a topofilia, topofobia e lugar sem lugaridade e as experiências de caminhar por espaços públicos.

O terceiro, de propor metodologias para compreender as percepções e imagens mentais formuladas sobre os espaços públicos, foi suprido com a metodologia denominada passeio acompanhado, adaptada de Kevin Lynch, a construção de crônicas que abarcam as experiências dos participantes e a confecção de croquis dos trajetos relacionados a fotografias dos locais.

Com a apresentação das pesquisas empíricas, foi possível embarcar nas vivências de quatro caminhantes cegos e de um com baixa visão, a fim de se envolver com seus laços afetivos pela cidade. É claro que, a partir de cinco participantes, não é possível generalizar resultados para um grupo de pessoas com deficiência visual. Mas, a partir da presente pesquisa, é possível aprimorar métodos, técnicas e discussões teóricas para esmerar as reflexões do conceito de sentido de lugar.

Por fim, para sintetizar as reflexões teóricas apresentadas nessa tese, é apresentada a figura 16, na qual se expressam as relações entre a percepção, as imagens mentais e a construção do sentido de lugar:

FIGURA 16 – PERCEPÇÃO, IMAGEM MENTAL E SENTIDO DE LUGAR



FONTE: A autora (2020).

A percepção é a relação imediata com o objeto, que se dá através dos sentidos, da imaginação e do julgamento. Ao recordar as percepções, se tem uma imagem mental, na qual ocorre a presentificação, isto é, trazer as percepções para o momento presente e ressignificar. Assim se constrói o sentido de lugar, que envolve questões que lhe são basilares: a familiaridade, a topofilia/topofobia, os espaços públicos das cidades e as relações com as pessoas. Assim, a percepção transforma a imagem mental, que por sua vez transforma o sentido de lugar, e novamente transforma a percepção, em um constante movimento.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Constancio de Castro. Mapas cognitivos. Que son y cómo explorarlos. **Scripta nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.** Barcelona, v. 3 n. 33, fev. 1999. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-33.htm>. Acesso em: 10 mar. 2018.

A JANELA DA ALMA. Direção: Walter Carvalho, João Jardim. (documentário). Brasil: Copacabana Filmes, 2001. 1 **DVD** (73 min.). sonoro, legenda, color.

ALÉM DA LUZ. Direção: Yves Goulart (documentário). França, EUA, Brasil: 2012. 1 **DVD** (1h 02min) sonoro, legenda, color.

ALES BELLO, Angela. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006.

ALMEIDA, Aires. O que é arte? Três teorias sobre um problema central da estética. In Crítica na rede. 2000. Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_tresteoriasdaarte.html.>. Acesso em: 31 jul. 2020.

ALMEIDA, Luciana Cristina; LOCH, Ruth. Emília Nogueira. Mapa tátil: passaporte para a inclusão. **Extensio – revista eletrônica de extensão**, Florianópolis, v. 2 n. 3, 2005. p. 3-36. Disponível em: <http://www.extensio.ufsc. br/20052/Direitos_Humanos_CFH_147.pdf> . Acesso em: 4 mai 2017.

ALVES, Rubem. **Aprendiz de mim**: um bairro que virou escola. Campinas: Papirus, 2008.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: OLIVEIRA, Lívia de; DEL RIO, Vicente. **Percepção Ambiental**: A experiência brasileira. São Carlos, SP: Editora Universidade Federal de São Carlos, 1996. p. 139-152.

APPLETON, Jay. Nature as Honorary Art. **Environmental Values**, Cambridge, UK, n. 7, p. 255-266, 1998.

_____. Running Before We Can Walk: are we ready to map 'beauty'? **Landscape Research**, v. 19, n. 3, p. 112-119, 1994.

_____. **The symbolism of habitat:** an interpretation of landscape in the arts. Seatle: University of Washington Press, 1990.

_____. **The Experience of Landscape**. London: John Wiley & Sons Inc, 1975.

ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de. O encontro de pessoas cegas e não cegas pelas ruas do Recife. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p.97-117, jan/jun. 2015.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BELLACASA, Maria Puig. Touching technologies, touching visions. The reclaiming of sensorial experience and the politics of speculative thinking. **Subjectivity**, Palgrave Macmillan UK, v. 28, n. 1, p. 297-315, Sept. 2009.

BARROS, José D'Assunção. A perspectiva multifatorial da cidade. In: **Cidade e História**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p 49-105.

BESSE, Jean Marc. **O gosto do mundo**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Tradução de Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

BONNEIMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni. **Geografia cultural**: um século. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p.83-132.

BRUM, Jean Lucas da Silva. Por uma interpretação humanista da relação entre lugar e mobilidade. **Geousp** – Espaço e Tempo (Online), v. 21, n. 1, p. 102-119, abril. 2017.

BUNKSE, Edmunds V. **Humboldt and an Aesthetic Tradition in Geography.** Geographical Review v. 71, n. 2, p. 127-146, 1981.

BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n.1, p. 4-19, 2015 [1970].

_____. Poetics Aesthetics and Humboldtean Science. In: Gamerith, W. MESSERLI, P.; MEUBURGER,P.; WANNER, H. (orgs). Alpenwelt Gebirgwelten, 54. Deutscher, Geographentag, Berne, Geographisches Institut, University of Bern reichischen MAB-Programms 10, Innsbruck, UniversiTatsverlag Wagner. 2004. p. 63-78.

_____. Beyond Humboldtean science and Goethe's way of science: Enduring themes in Alexander von Humboldt's geography. **Erdkunde Band**, n. 55 p. 105–120, 2001.

_____. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido in CHRISTOFOLETTI, Antonio (org). **Perspectivas da geografia.** São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-194.

_____. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTIMER, Anne & SEAMON, David (eds.) The human experience of space and place. London: Croom Helm, 1980. p.166-187.

_____. Nature, water symbols, and the human quest for wholeness. In: SEAMON, David; MUGERAUER, Robert. **Dwelling, place and environment towards a phenomenology of person and world**. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985. p. 259-280.

_____. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66 n. 2, p. 277–292, 1976.

CAMARGO, Eder Pires de. O Perceber e o não perceber: algumas reflexões acercado que conhecemos por meio de diferentes formas de percepção. In: MASINI, Elcie Aparecida Fortes Salzano. **Perceber:** raiz do conhecimento. Cubatão SP: Vetor Editora, 2012. p. 220-234.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Aparecida SP: Ideias e Letras, 2008.

CAPALBO, Creusa. A subjetividade e a experiência do outro: Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl. **Revista Abordagem Gestaltica,** v.13 n.1, Goiânia jun. 2007.

CARERI, Francesco. **Walkscapes:** o caminhar como prática estética. Tradução: Frederico Bonaldo. São Paulo: GG Brasil Editora, 2013.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem:** uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana., São Paulo: Ed: Martins Fontes, 1994.

CATRACA LIVRE. Aplicativo inclui recursos de acessibilidade para deficientes visuais em seu app. 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/moovit-inclui-recursos-de-acessibilidade-para-deficientes-visuais-em-seu-app/>. Acesso em: 07 jan. 2020

CAVALCANTE, Sylvia.; ELIAS, Terezinha Façanha. Apropriação. In: CAVALCANTE, Sylvia.; ELALI, Gleice Azambuja (orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. tradução de Caesar Souza. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CESCON, Everaldo. **Fenomenologia da Consciência e da mente**. Caxias do Sul RS: Educs, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CLASSEN, Constance. **The deepest sense:** a cultural history of touch. Urbana, Ill.: University of Illinois Press, 2012.

CLASSEN, Constance. **The book of touch**. Oxford; New York: Berg, 2005.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane Rose de S. Afeto e emoção - sentimentos e sensorialidade: as pessoas com deficiência em seus trajetos urbanos por algumas cidades – a realidade brasileira **Revista do centro de pesquisa e formação.** n. 6, junho 2018, p. 86-103.

CORNISH, Vaughan. **Scenery and the Sense of Sight**. Cambridge: Cambridge University Press, 1935.

_____. On a method of cultivating the æsthetic sense in the study of nature, **Geographical Association**, v. 18, n. 4, p. 305-306, 1933a.

_____. Aesthetic principles of Town and Country Planning. **Journal Scottish Geographical Magazine,** v. 49, 1933b.

_____. Harmonies of scenery. An Outline of Aesthetic Geography. **Geographical Association**, v. 14, n. 5, p. 383-394, 1928a.

_____. The Preservation of Scenic Beauty in Town and Country. **The Scientific Monthly**, v. 27, n. 4, 1928b, p. 349-354.

CORREIA, Luiz Gustavo Pereira de Souza. "**A pupila dos cegos é o seu corpo inteiro**": compreendendo as sensibilidades de indivíduos cegos através de suas tessituras narrativas. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGAS. Porto Alegre, 2007.

COSGROVE, Denis. **Social Formation and Symbolic Landscape**. London: Croom Helm, 1984.

COSTA, Rafael Rodrigues. Pesquisadora elabora mapa com os sons de Curitiba. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 17 jun. 2016, Caderno G – Projeto. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/pesquisadora-elabora-mapa-com-os-sons-de-curitiba-15h4qctnyupycxjwjgc01zn7c>. Acesso em: 14 jun. 2018

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

DALHUISEN, Fernanda Areias Pereira. **A percepção háptica e olfativa da pessoa com cegueira**: contribuições para a criação em design. 2017. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, Eugênia M.; MORAIS, Ione R. D. Geografia: entre o sensível e o científico, um conhecimento complexo. **GEOgraphia**, vol. 20, n. 44, p. 51-59, 2018.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 10ª ed. São Paulo: Centauro, 2008.

DEL RIO, Vicente. Cidade da Mente, Cidade Real: Percepção Ambiental e Revitalização da Área Portuária do Rio de Janeiro . In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Percepção Ambiental**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DEL RIO, Vicente. Paisagens, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano. **Revista Paisagem Ambiente Ensaios,** São Paulo, n. 7, p. 93 -101, jun. 1995.

DENCKER, Ada. de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisas em turismo**. 4. ed. São Paulo: Futura, 2000.

DENK,Ericksson. "Buraco engole banco na Praça Carlos Gomes e não para de aumentar" **Jornal Gazeta do Povo** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/buraco-engole-banco-na-praca-carlos-gomes-e-nao-para-de-aumentar-2f49gejth64cju5egx21n5m8c/> 22/06/2016. Acesso em: 3 nov. 2019

DE PAULA, Luiz Tiago. **Cartografia da experiência urbana:** as imagens e formas de Campinas. 2011. 123 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências,Campinas, 2011.

DIDEROT, Denis. **Carta Sobre os Cegos / Carta Sobre os Surdos e Mudos**. Tradução: Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, 2006.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas:** o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

DINIZ, Débora. Ética na pesquisa em ciências humanas - novos desafios. **Revista Ciências e saúde coletiva,** v. 2, n. 13, Rio de Janeiro, 2008.

DISCHINGER, Marta. **Designing for all senses:** accessible spaces for visually impaired citizens. 2000. 260f. Tese (doutorado). Department of Space and Process, School of Architecture, Chalmers University of Technology, Göteborg, Suécia, 2000.

DIXON, Deborah P.; HAWKINS, Harriet; STRAUGHAN, Elizabeth R. Wonder-full geomorphology: Sublime aesthetics and the place of art. **Progress in Physical Geography,** v. 37 n. 2, p. 227–247, 2013.

DOMAKOSKI, Mariana. As 11 personalidades que se escondem na Santos Andrade. **Jornal Gazeta do Povo**. Curitiba, 04 out. 2016, Haus, Estilo & Culltura. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/haus/estilo-cultura/as-11-personalidades-que-se-escondem-na-santos-andrade/>. Acesso em: 15 jan. 2018.

DORNELLES, Tarso Germany; NOGUEIRA, Ruth. Barreiras conceituais na Geografia: o problema visual da paisagem. **Anais… XI Enanpege**, Presidente Prudente SP, 2015, p. 5139-5150. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/482.pdf>. Acesso em: 18 mar 2019.

DOWNEY, Chris. Chris Downey: Projetar com os cegos em mente. **TedTalks**. Tradução: Julio Senra. Nov. 2013. Disponível em:

<https://pt.tiny.ted.org/talks/chris_downey_design_with_the_blind_in_mind>. Acesso em: 23 jul 2016

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira ; COHEN, R. Afeto e Lugar: A Construção de uma Experiência Afetiva por Pessoas com Dificuldade de Locomoção. In Anais do Seminário Acessibilidade no Cotidiano. Versão em CD. Rio de Janeiro, 2004.

DUNEIER, M.; HASAN, H.; CARTER, O. Sidewalk. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2000.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó. Apego a Lugar (Vínculo com o Lugar – Place ataccment). In: CAVALCANTE, Sylvia.; ELALI, Gleice Azambuja (Orgs.) **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ELDEN, Stuart. Reintroducing Kant's Geography. In: ELDEN, Stuart; MENDIETA, Eduardo. **Reading Kant's Geography**. Albany: SUNY Press, p. 1-15, 2011.

ESTRATÉGIA XAVANTE. Direção: Belisário Franca. 2007. 1 **DVD** Brasil: 86 min., sonoro, legenda, color.

FERRARA, Lucrecia d Alessio. **Ver a cidade:** cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988.

FIGUEIRA, Emílio. **Ser autor**: uma jornada de vários caminhos. São Paulo: Figueira Digital/Agbook, 2016.

FIGURELLI, Roberto. **Estética& Crítica**. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

FRIAS, Aníbal. "Une Introduction à la Ville Sensible." Recherches en Anthropologie au Portugal v. 7 p. 11-36, 2001.

FUKS, Julián. **Histórias de Literatura e cegueira**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GARDOU, Charles. Quais os contributos da Antropologia. para a compreensão das situações de deficiência? **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 8, n. 8, p. 53-61, 2006.

GASPAR, Jorge. O retorno da paisagem à geografia. **Finistera**, v. 36, n. 72, p. 83-99, 2001.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. Tradução Anita Di Marco. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GEHL, Jan. **Life Between Buildings**: Using Public Space. Washington - Covelo - London: Island Press, 2011.

GEHL, Jan. **La humanización del espacio urbano:** la vida social entre los edificios. Barcelona: Reverte, 2006.

GIL, Antônio Carlos. O projeto na pesquisa fenomenológica. In: Seminário Internacional de Pesquisa em Estudos Qualitativos. IV, 2010, **Anais …** Rio Claro, UNESP, 2010. p. 11-11. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/44.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GILES, Thomas R. **Historia do existencialismo e da fenomenologia.** São Paulo: EPU: EDUSP, 1975.

GOLIN, Geisa; NOGUEIRA, Ruth; ALEXANDRE, Gabriela C.; CABRAL, Josiane M. Mapas mentais de deficientes visuais como suporte ao design da informação urbana na Web. **InfoDesign Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 6, n. 1, p. 15-25, 2009. Disponível em: <https:// infodesign.emnuvens.com.br/public/journals/1/No.1-Vol.6-2009/ ID_v6_n1_2009_15_25_Golin_et_al.pdf?download=1>. Acesso em: 08 jun. 2017

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar:** elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 19-42.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GOUDIE, Andrew. Vaughan Cornish: Geographer (With a Bibliography of His Published Works). **Transactions of the Institute of British Geographers**, n. 55, p. 1-16, 1972.

GRATÃO, Lúcia H. B.; MARANDOLA JR., Eduardo. Sabor da, na e para Geografia. **Geosul,** v. 26, p. 59-74, 2011.

GREGORY, Richar Langton. **Olho e Cérebro**: psicologia da visão. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.

GUERRA, Karla Bilharinho. MEMÓRIA, ESPAÇO E AFETO: outras cartografias possíveis de Belo Horizonte. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Revista Geosul** , Florianópolis, v.17, n. 33, p 117-141, jan./jun. 2002.

GÜNTER, Hartmut; ELALI, Gleice Azambuja.; PINHEIRO, José Q. Multimétodos. In: CAVALCANTE, Sylvia.; ELALI, Gleice Azambuja (Orgs.) **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011, p. 239-249.

GURZA LAVALLE, Adrian. As dimensões constitutivas do espaço público - Uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. **Espaço & Debates**, São Paulo, v. 25, n. 46, p. 33 -44, jan./jul. 2005.

HALL, Edward Twitchell. **A dimensão oculta.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HAWKINS, Harriet; STRAUGHAN, Elizabeth. **Geographical Aesthetics** Imagining Space, Staging Encounters. New York and London: Routlage, 2015.

HENSHAW, Victoria. **Urban Smellscapes:** Understanding and Designing City Smell Environments. New York: Routledge, 2014.

HILL, Miriam Helen. Bound to the environment: Towards a phenomenology of sightlessness. In: SEAMON, David; MUGERAUER, Robert. **dwelling, place and environment towards a phenomenology of person and world**. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985. p. 99-111.

HILLMAN, James. **Cidade & alma.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HISSA, Cássio E. Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magualhães. Cidade-corpo. **Revista UFMG,** Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2013.

HO, Vanessa. Como a Moovit aprimorou seu aplicativo para ajudar pessoas com deficiência a transitar com confiança. 2019 Disponível em: <https://news.microsoft.com/pt-br/features/moovit-aprimorou-aplicativo-ajudar-pessoas-com-deficiencia-transitar-confianca/>. Acesso em: 07 jan. 2020

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista:** sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.

_____. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra:** natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 141-153.

_____. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia. In: ROZENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato. **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 37-72.

_____. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, n° 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

_____. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio-ambiente. **Território / LAGET, UFRJ**, ano II, n. 3, Rio de Janeiro: Garamond, 1997. p. 77-85.

HUME, David. **Tratado da natureza humana**: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. Tradução: Débora Danowski. São Paulo: Ed. UNESP: Imprensa Oficial, 2001.

HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Unesp, 2004. p. 15–146.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.** São Paulo: Idéias e Letras, 2006 [1913].

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JAQUES, Paola. B. Corpografias urbanas. Vitruvius. **Arquitextos**, v. 8. 2008. Disponível em: < http://www.vitru-vius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 31 ago. 2019

JERÔNIMO, Tatiana Aparecida Pereira. **Caminhadas na "escuridão"**: (re)descobrindo a cidade de Campina Grande através das percepções sensoriais dos deficientes visuais (1989-2011). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande PB, 2014. 96p.

KANASHIRO, Milena. A cidade e os sentidos: sentir a cidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente,** Curitiba, v. 7, p. 155-160, jan./jun. 2003.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** 4.ed São Paulo: Nova Cultural, 1991 [1781].

KASTRUP, Virginia. Será que os cegos sonham? O caso das imagens táteis distais. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 431-440, jul./set. 2013.

KENNEDY, Christina B.,SELL, James L.; ZUBE, Ervin H. Landscape Aesthetics and Geography. Arizona: **Environmental Review**, v. 12, n. 3, p. 31-55, 1988.

KOZEL, Salete. Um panorama sobre as geografias marginais no Brasil. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz et al. (orgs). **Maneiras de ler**: geografia e cultura. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 12-27.

KOZEL, Salete Teixeira. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, Salete Teixeira; GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs). **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem – EDUFRO, 2007. p. 114-138.

KOZEL , Salete Teixeira.; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. **Revista do Departamento de Geografia da USP,** São Paulo, v. 13, p. 239-257, 1999.

KRAUSE, Bernie. **A grande orquestra da Natureza:** Descobrindo as origens da música no mundo selvagem. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

KRAUSE, Bernie. **Wild Soundscapes**: Discovering the voice of the natural Word. Berkeley: Wilderness Press, 2002.

LAW, Lisa. Home cooking: Filipino women and geographies of senses in Hong Kong. **Ecumene**, v. 8 n. 3, p. 264-283, 2001.

LIMA, Antonio Balbino Marçal. A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: LIMA, ABM., (org) **Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, p. 77-102.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LOWENTHAL, David; Geography, Experience, and Imaginat ion: Towards a Geographical Epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.

LUIJPEN, Wilhelmus. **Introduçao a fenomenologia existencial.** São Paulo: EDUSP, 1973.

LUSSEYRAN, Jacques. **Cegueira, uma nova visão do mundo e o cego na sociedade**. Tradução de Heinz Wilda. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1983.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

LYNCH, Kevin. **Site planning.** 3. ed. Cambridge, Mass.: MIT, 1986.

LYNCH, Kevin. **La buena forma de la ciudad.** Barcelona: G. Gili, 1985.

LYNCH, Kevin. **De que tiempo es este lugar?:** para una nueva definicion del ambiente. Barcelona: G. Gili, 1972.

MADENFORT, DUKE. **The Aesthetic as Immediately Sensuous**: An Historical Perspective. Studies in Art Education, v. 16, n. 1, p. 5-17, 1974.

MAGNANI. José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MALANSKI, Lawrence Mayer. **Os sons do cotidiano**: interpretação geográfica das sonoridades do calçadão de Londrina, Paraná. 2018. 206f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curitiba, 2018.

MALARD, Maria Lucia. **As aparências em arquitetura.** Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

MALNIC, Bettina. **O cheiro das coisas**. O sentido do olfato: paladar, emoções e comportamentos. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. O gosto da morte na vida dos lugares. **Geografias** Edição Especial Sabores Geográficos, Belo Horizonte, v. 0, p. 71-82, 2018.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena. Do sonho à memória: Lívia de Oliveira e a geografia humanista no Brasil **Revista GEOGRAFIA LONDRINA,** v. 12, n. 2, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/issue/view/540>. Acesso em: 06 ago. 2018.

MARANDOLA JR., Eduardo. Geografias do porvir: a fenomenologia como abertura para o saber geográfico. In: SPÓSITO, Eliseu Savério. et. al. **A diversidade da Geografia Brasileira**: Escalas e dimensões da análise e da ação. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.p. 451-466.

MARANDOLA JR., Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and Placelessness, de Edward Relph. **Revista Geografia (Rio Claro)**. v. 41, n. 1, 2016, p. 5-15.

MARANDOLA JR., Eduardo. Viagens por paisagens: experiências do sentir e do querer. In: Ida Alves; Masé Lemos; Carmem Negreiros. (Org.). **Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural**. 1ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014. p. 53-63.

MARANDOLA JR, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-248.

MARANDOLA JR. Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 278f. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia**, v. 15, n. 24, p. 49-67, 2005.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e abordagem cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, set./dez. p. 393-419, 2005.

MARAN DOLA JR ., Eduardo; MELLO, Leonardo Freire de. "Lugar" e "espaço de vida": novos enfoques para o planejamento e a participação? **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

MARQUES, Sarah Barreto. Sinestesia das pessoas cegas: novas possibilidades de informação. Orientador: Ivan Capeller. 112f. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2016.

MARTINS, Bruno Sena. **"E se eu fosse cego?"**: narrativas silenciadas da deficiência. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

MASINI, Elcie Aparecida Fortes Salzano. O Perceber: A fenomenologia como caminho. In: MASINI, Elcie Aparecida Fortes Salzano. **Perceber:** raiz do conhecimento. Cubatão SP: Vetor Editora, 2012. p. 16-27.

MATSUURA, Sérgio. Cego desde a infância, americano aprende a 'enxergar' usando o som. **Jornal O globo**. 2017. Disponível em:< http://blogs.oglobo.globo.com/to-dentro/post/cego-desde-infancia-americano-aprende-enxergar-usando-o-som.html?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo>. Acesso em: 04 nov. 2017

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty.** São Paulo: Vozes, 2010.

MEINIG, Donald W. O olhar que observa: dez versões da mesma cena. **Revista Espaço e Cultura,** Rio de Janeiro, n. 13, p. 35-46, jan./jun.2002.

MELLO, João B. Geografia humanística: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.

MELO, Fernanda. **Cegueira e Normatividade Social**: a reconstrução da subjetividade frente à perda tardia da visão. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o Espírito**. Tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 5ª reimpr. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas** – 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012.** Regulamento sobre pesquisa com seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 12 dez. de 2012.

MONTAGU, Ashley. **Tocar:** significado humano da pele. São Paulo: Summus, 1988.

MONTEIRO, Janete Lopes. Os desafios dos cegos nos espaços sociais: um olhar sobre a acessibilidade. IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da região sul. 2012 Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1081/649>. Acesso em: 17 abr. 2018.

NAKAHODO, Lilian. **Cartografias Sonoras**: um estudo sobre a produção de lugares através de práticas sonoras contemporâneas. 2014. 163f.Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Curitiba, 2014.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, p. 163-186, 2010.

NEVES, Thiago Tavares das; SOBRAL, Gustavo Leite. Os sentidos da cidade. **Verso e Reverso**, v. 33 n. 82, p. 49-57, 2019.

NOTES ON BLINDNESS. Direção: Peter Middleton, James Spinney. Reino Unido: Jo-Jo Ellison, 2016. 1 filme (86 min). sonoro, legenda, color.

NOVI, Rosa Maria. **Orientação e Mobilidade para Deficientes Visuais**. Londrina PR: Editora Cotação da Construção, 1996.

NUNES, Camila Xavier; REGO, Nelson. As geografias do corpo e a educação (do) sensível no ensino de Geografia. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 86-107, 2011.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento:** visao holística da percepçao ambiental na arquitetura e na comunicaçao. São Paulo: Mackenzie, 2002.

OLIVEIRA, Francisco de. Intelectuais, conhecimento e espaço público. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.18, p. 125-132. set/out/nov/dez, 2001.

OLIVEIRA, Kelita. **Alcançando além da visão**: Kelita decidiu vencer. Fortaleza: Premius, 2016.

OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia**: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. MARANDOLA JR, Eduardo; CAVALCANTE, Tiago Vieira (orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

OLIVEIRA, Lívia de. O Sentido de lugar. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.

OLIVEIRA, Lívia de. Percepção ambiental. **Revista Geografia & Pesquisa**. Ourinhos, v.6, n. 2, p. 56-72 jul./dez 2012.

OLIVEIRA, Lívia de. Os mapas na Geografia. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 31, n. 2, p. 219-239, mai/ago. 2006.

OLIVEIRA, Lívia de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia. In: MENDONÇA, Francisco. **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Editora UFPR: Curitiba, 2004a, p. 189-196.

OLIVEIRA, Lívia de. Os estudos de percepção do meio ambiente no Brasil. **Revista OLAM – Ciência e Tecnologia. Rio Claro SP,** v. 4 n. 1, p. 22-26, 2004b.

OLIVEIRA, Lívia de. Sertão Rosiniano: Percepção, cognição e afetividade Geográfica. **SCRIPTA,** Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 234-242, 1o sem. 2002.

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS. Direção: Jamie Uys África do Sul/Botswana, 20th Century Fox, 1980. 1 filme (109 min). sonoro, legenda, color.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências.** 2013. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Geografia, São Paulo, 2013.

PALHARES, Virgínia. Para além da literatura: outras linguagens. **Metamorfoses possíveis compartilhadas** Leituras em Geografia Cultural. 2019, p. 38-46.

PALLASMAA, Juhani. **Los ojos de la piel**. La arquitectura y los sentidos. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

PEARCE, Joseph Chilton. **A criança mágica**: a redescoberta do plano da natureza para nossas crianças. Tradução de Cinthia Barki. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

PERFUME DE MULHER. Direção: Martin Brest. EUA: City Light Films, Universal Pictures 1993. 1 **DVD** (2h 37m), sonoro, legenda, color.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. Cidades visíveis , cidades sensíveis, cidades imaginárias. Dossiê: cidades abertura. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v. 27 n. 53, p. 11-23 Jan./Jun. 2007. Disponívem em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002>. Acesso em: 17 abr. 2018

_____. Sensibilidades no tempo, tempo as sensibilidades. In: Colóquios Novo Mundo Mundos Novos 2004. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229>. Acesso em:14 mar. 2020.

PILE, Steve; THIRFT, Nigel. **Mapping the Subject**: Geographies of Cultural Transformation. London: Routledge, 1995.

PINTO, Teresa Santos. Sobre a problemática da forma urbana: o método de pesquisa de Kevin Lynch. **Análise Social**, Lisboa, Portugal, v. 9 n. 33, p. 191-202, 1972.

POCOCK, Douglas. The Senses in Focus**. Area.** v. 25, n. 1, p. 11-16, 1993.

_____. Sound and the Geographer. **Journal of the Geographical Association**. n. 324, v. 74, 1989.

PORTEOUS, John D. Smellscape. **Progress in Human Geography**, v. 9 n. 3, p. 356-378, 1985.

_____. **Enviromental Aesthetics**: Ideas, Politics and Planning. USA and Canada: Routlege, 1996.

_____. **Landscapes of the Mind: Worlds of Sense and Metaphor**. Toronto: Toronto University Press, 1990.

_____. 'Bodyscape: the body-landscape metaphor'. **Canadian Geographer,** v. 30, n. 1, p. 2-12, 1986a.

_____'Intimate sensing'. **Area,** n. 18 v. 3, p. 250–251, 1986b.

_____; MASTIN, J. F. 'Soundscape'. **Journal of Architectural Planning Research**, v. 2, p. 69–186, 1985.

POZZANA, Laura; KASTRUP, Virgínia. Da propriocepção à apropriação da experiência: uma prática corporal com pessoas com deficiência visual. **Revista Periferia**, v. 9, n. 1, jan./jun. 2017 - Dossiê: Educação Especial e Inclusiva.

POW, C. P. Sense and sensibility: social-spatial experiences of the visually-impaired in Singapore. **Singapore Journal of Tropical Geography**, n. 21, v. 2, 2000, 166-182.

POWELL, Willian Richard. Percepção da realidade: uma teoria neurológica plausível.In: MASINI, Elcie Aparecida Fortes Salzano. **Perceber:** raiz do conhecimento. Cubatão SP: Vetor Editora, 2012. p. 187-219.

QUEIROZ, Marco Antônio de. **Sopro no Corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

RAMACHANDRAN, V. S. **O que o cérebro tem para contar**: desvendando os mistérios da natureza humana. Tradução: Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

RELPH, Edward Reflexões sobre a emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4 n. 7, p. 1-25, abr. 1979.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. *et. Al.* **Observando a qualidade do lugar** Procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura. Coleção Proarq. Rio de Janeiro: Proarq/FAU/UFRJ, 2009.

RIBAS, Alexandre Domingues; VITTE, Antônio Carlos. O Curso de Geografia Física de Immanuel Kant (1724-1804): Cosmologia e Estética na construção epistemológica da Ciência Geográfica. **RA´E GA,** Curitiba, n. 17, p. 103-111, 2009.

ROÇA, Luciana Santos. **Ouvir outros espaços: entornos híbridos, interfaces sonoras em espaços públicos**. 2014. 174f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014.

RODAWAY, Paul. **Sensuous Geographies:** Body, sense and place. London: Taylor & Francis e-Library, 2002.

RODRIGUES, Kelly. O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo. **Anais do XI Enanpege**, 2015. p. 5036-5047.

ROQUÉ, Bianca Beatriz; ROSS, Paulo Ricardo; BILL, Leomir Barbosa. Cartografando sentidos: percepções de pessoas cegas nos caminhos da cidade. In: Rosaneli, A. Fi. (org.) **Olhares pelo espaço público**. Curitiba: Setor de Tecnologia da UFPR, 2019. p. 176-202.

ROQUÉ, Bianca Beatriz. Recursos e práticas pedagógicas em Cartografia Tátil. In: NOAL, Roasa Elena; PITANO, Sandro de Castro. (orgs). **Formação de Professores e Cartografia Tátil**: a Geografia inclusiva. Pelotas: Ed. UFPel, 2014. p. 26-47.

RYKWERT, Joseph. **A seduçao do lugar:** a história e o futuro da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SÁ, Sérgio. **Feche os olhos para ver melhor**. Barueri SP: Sá Editora, 2004.

SACKS, Oliver. **O olhar da mente**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. **Um antropólogo em Marte**: sete histórias paradoxais. Tradução de Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SAES, Sílvia Faustino de Assis. **Percepção e imaginação.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** Tradução por Dom Marcos Barbosa. 26ª ed. Rio de Janeiro, Editora Agir, 1983.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação** (Reação), São Paulo, Ano XII, p. 10-16, mar./abr. 2009.

SANTOS, Admilson. O cego, o espaço, o corpo e o movimento. **Revista Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, p. 09-11, 1999.Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/viewFile/2904/2071>Acesso em: 19 mar. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3ª ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: espaço e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SAUER, Carl. The morfology of landscape. In: LEYGHLY, John (Ed.) **Land and Life**: a selection from the wrightings of Carl Sauer. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 315-350.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante.** 2ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 4-18, 2013.

SEEMAN, Jorn. Cartografias culturais na geografia cultural: entre mapas da cultura e a cultura dos mapas. **Boletim Goiano de Geografia,** v. 21, n. 2, p. 61-82, jul./dez. 2001.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos A. Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SENSÍVEL. In: **Michaelis dicionário**. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1998, p. 1919.

SENSORIAL. In: **Michaelis dicionário**. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1998, p. 1919.

SENSUAL. In: **Michaelis dicionário**. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1998, p. 1919.

SENTIDOS A FLOR DA PELE. Direção: Evaldo Mocarzel. Brasil: 24 VPS Filmes, Casa Azul, Superfilmes, TV Cultura e SESC TV, 2008. 1 **DVD** (80 min), sonoro, legenda, color.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVA, João Alberto da, et al. Sensação e percepção no contexto dos estudos em Epistemologia Genética. **Revista Eletrônica de Epistemologia e Psicologia Genéticas,** Marília, v. 6, n. 2, p. 51-67, ago/dez 2014.

SILVA, Maria Alice Moreira. Percepção: diretriz de uma pesquisa empírica sobre identidade. In: MASINI, Elcie Aparecida Fortes Salzano. **Perceber:** raiz do conhecimento. Cubatão SP: Vetor Editora, 2012. p. 153-163.

SILVA, Renato Fonseca Livramento da. Percepção Ambiental, orientação espacial e deficientes visuais. **Revista Idea**. Uberlândia, v. 2, n. 1. p. 36-47, Jul./Dez. 2010.

SKULNI, Élcio Cleverson. **A paisagem sonora dos músicos de rua em Curitiba/PR**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curitiba, 2018.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SOUSA, Joana Belarmino de. O que percebemos quando não vemos? **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 21, n. 1, p. 179-184, Jan./Abr. 2009.

SOUZA, Marcelo. J. Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. Da C; CORRÊA, R. L. **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 77-116.

TAFALLA, Marta. Paisaje y sensorialidad. In: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. **Teoría y paisaje II**: paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales. Observatorio del Paisaje de Cataluña. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, 2015. p. 115-135.

TAVARES, Maria da Consolação G. Cunha F. **Imagem Corporal**: Conceito e desenvolvimento. Barueri SP: Manole editora, 2003.

TEIXEIRA, Dario. Husserl e a especificidade da valoração. **Ethic@,** Florianópolis v. 12, n. 2, p. 256-271, Dez. 2013.

THIBAUD, Jean Paul. Ambiências de passagem – figuras, condutas, medidas. In: DUARTE, R. C.; VILLANOVA, R. **Novos olhares sobre o lugar**: ferramentas, metodologias, da arquitetura à antropologia. Rio de Janeiro: ContraCapa: FAPERJ, 2013. p. 101-127.

THIBAUD, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. **Revista Cadernos PROARQ do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 2-16, 2012.

TORRES, Marcos Alberto**. Os sons que unem: a paisagem sonora e a identidade religiosa**. 2014. 231 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

TORRES, Marcos Alberto. **A paisagem sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço.** 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

TOSIN, Paulo Vinicus da Silva; ROSS, Paulo Ricardo. O senso de pertencimento de deficientes visuais em relação aos pisos táteis. **Revista Ibero-Americana de estudos em educação.** Marília, v. 8, n. 1, p. 161-179, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v.8, n.1, 2018, p. 4-15.

TUAN, Yi-Fu. Space and place 2013. **Geograficidade**, v. 4, n. 1, 2014, p. 4-13.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia.** Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu **Passing Strange and Wonderful**: Aesthetics, Nature, and Culture. Washington: Island Press, 1993.

TUAN, Yi-Fu. Images and mental maps. **Annals Association American Geographers**. v. 65, n. 2, p.205-213, 1975.

VALENTINI, Silvia R. M. **Sentidos da Paisagem**. 2012. 310 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

VICENTE, Marcos Xavier. Petit-pavé é a pedra da discórdia no calçamento curitibano. **Jornal Gazeta dopovo**. 02 nov. 2006. Vida e Cidadania. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/petit-pave-e-a-pedra-da-discordia-do-calcamento-curitibano-a8zv7row1phqlxkmse5i2lk5q/>. Acesso em: 28 out. 2019.

VIEZZER, Jeniffer, BIONDI, Daniela; MARTINI, Angeline; GRISE; Mayssa Mascarenhas. A vegetação no paisagismo das praças de Curitiba – PR. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 28, n. 1, p. 369-383, mar. 2018.

VIRILIO, Paul. **O espaço critico:** e as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

VITTE, Antônio Carlos. Da sensibilidade à representação da paisagem: considerações sobre a Estética da natureza como um recurso para a sensibilização ambiental. **RA´E GA,** Curitiba, n. 20, p. 7-17, 2010.

VITTE, Antônio C. SILVEIRA, Roberison. Kant, Goethe e Alexander Humboldt: Estética e paisagem na gênese da geografia física moderna. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v. 4, n. 8, p.07-14, 2010a.

VITTE, Antonio C.; SILVEIRA, Roberison W. Considerações sobre os conceitos de natureza, espaço e morfologia em Alexander von Humboldt e a gênese da geografia física moderna. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 607-626, 2010b.

YAMAKI, Humberto Tetsuya. Cheiros da cidade: paisagem olfativa. In: FUSCALDO, W.; MARANDOLA, E. (Org.) **Quem tem medo do interior?** Urbano-rural: que espaço é esse? Londrina: Ed. da UEL, 2001. p. 205-207.

WEHMANN, Hulda Erna. A pesquisa qualitativa fenomenológica: olhos para ver a criatividade cotidiana. **Revista Risco** v. 14. n. 2, p. 56-66, 2018.

WELLS, Herbert George. **O país dos cegos e outras histórias**. Tradução de Braulio Tavares. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade,** Niterói, v. 4, n. 2, p. 4-18, Inverno 2014 [1947].

YAMAKI, Humberto Tetsuya. Cheiros da cidade: paisagem olfativa. In: FUSCALDO, W.; MARANDOLA, E. (Org.) **Quem tem medo do interior?** Urbano-rural: que espaço é esse? Londrina: Ed. da UEL, 2001, p. 205-207.